



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

SUZENALSON DA SILVA SANTOS

**UM MUSEU INDÍGENA COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR DE
FORMAÇÃO ENTRE OS KANINDÉ NO CEARÁ**

**REDENÇÃO
2021**

SUZENALSON DA SILVA SANTOS

**UM MUSEU INDÍGENA COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR DE
FORMAÇÃO ENTRE OS KANINDÉ NO CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Humanidades como requisito para obtenção do título de mestre em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, Redenção – CE, sob a orientação do professor Dr. **Roberto Kennedy Gomes Franco**. Coorientador: Professor Dr: **Rhuan Carlos dos Santos Lopes**.
Linha de Pesquisa: **Trabalho, Desenvolvimento e Migrações**.

**REDENÇÃO
2021**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Suzenilson da Silva.

S233m

Um museu indígena como estratégia interdisciplinar de formação entre os Kanindé no Ceará / Suzenilson da Silva Santos. - Redenção, 2021.

207f: il.

Dissertação - Curso de , Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Profº. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco.

Coorientador: Profº. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes.

1. Museologia Indígena. 2. Ancestralidade. 3. Resistência Étnica. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 980.4131

SUZENALSON DA SILVA SANTOS

**UM MUSEU INDÍGENA COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR DE
FORMAÇÃO ENTRE OS KANINDÉ NO CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Humanidades como requisito para obtenção do título de mestre em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Redenção – CE, sob a orientação do professor Dr. **Roberto Kennedy Gomes Franco**. Coorientador: Professor Dr. **Rhuan Carlos dos Santos Lopes**.
Linha de Pesquisa: **Trabalho, Desenvolvimento e Migrações**.

Aprovada em 27/ 10/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB



Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes (Coorientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB



Prof.^a. Dr.^a. Marília Xavier Cury (Examinador Externo à Instituição)
Universidade de São Paulo – USP.



Prof. Dr. Alexandre Oliveira Gomes (Examinador Externo à Instituição)
Universidade Federal de Pernambuco – NEPE - UFPE

Redenção – Ceará - 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo ao grande mestre da museologia indígena no Brasil e da cultura no estado do Ceará; ativador de sonhos coletivos: mestre cacique Sotero meu pai.

A minha esposa Inês Santos e as minhas preciosidades, Suziany e Suyane Kanindé, minhas filhas, com muito amor e dedicação, que este trabalho possa servir aos sonhos de vocês.

A todo povo Kanindé, que possamos dá continuidade à nossa luta e à preservação da nossa identidade, e reexistir a cada geração. Vamos lutar, pois só a luta muda a vida!!!

AGRADECIMENTOS

A caminhada acadêmica é longa, muitas dificuldades se foram, muitos sacrifícios se revelaram ao longo da luta travada neste período, mas são essencialmente os entraves do dia a dia que fortaleceram esse processo intelectual na pesquisa, que motivaram a caminhada como pesquisador em busca do horizonte maior, que seria os fatos pesquisados. É neste momento que venho aqui agradecer a cada um que fez parte desse processo e que faço questão de agradecer pelo apoio e pelas contribuições da minha caminhada.

Inicialmente gostaria de agradecer e cultuar aqueles que sempre estiveram ao meu lado me protegendo nas horas difíceis da minha trajetória. Sou muito grato aos nossos encantados de luz, que sempre me protegeram na minha caminhada de ida e vinda das aulas de redenção a nossa aldeia, quando muitas vezes estive à mercê do tempo chuvoso, relâmpagos, trovões, assaltos que aconteciam muita das vezes depois que eu passava. Diante disso, tenho certeza, foram eles que me protegeram.

Agradecer também a duas pessoas que foram especiais nesse momento, agradeço a meu pai, cacique Sotero, e minha mãe, Tereza Santos, sem essas duas pessoas eu teria desistido desse mestrado antes mesmo de começar, foram eles dois meus financiadores durante minhas idas e vindas das aulas tirando o pouco que tinha do seu bolso e me dando para o custeio da gasolina. Pai e Mãe: meu muito obrigado. O único pagamento que posso dar a vocês é o orgulho de terem lutado para ver um filho de vocês mestre formado na academia.

Agradeço também a meu irmão, Suzenilton Santos, que sempre foi um incentivador para que eu pudesse ir sempre longe nos meus estudos; devo muito dos conhecimentos da luta indígena a ele por ter sido um dos primeiros a começar o movimento indígena kanindé na perspectiva da educação escolar diferenciada de nosso povo.

Aos colegas de luta da escola indígena Manoel Francisco dos santos, nas pessoas do professor Elenilson Kanindé, Nilton Kanindé, Evânia Pitaguary/Kanindé e aos demais professores Kanindé que fazem desta luta diária uma busca de dias melhores para as novas gerações, os mesmos tem se doado a cada dia para que essa possibilidade seja realizada e sonhada.

A todos os monitores e monitoras da primeira, segunda e terceira geração do museu indígena Kanindé pelo esforço e empenho de manter nossa memória social viva, a todos vocês meus parabéns e meu muito obrigado.

As lideranças kanindé que sempre nos ensinaram o poder da luta diária com muita humildade que deveremos ter para conseguir nossos objetivos na luta diária sou muito grato ao: Cacique Sotero, Cicero Pereira, Pajé Maciel, Senhor Bernardo, Valdo Teodósio; esses são construtores de uma resistência muito grande ao longo dos anos de resistência do povo kanindé e que insistem em resistir em manter a memória viva para as gerações contemporâneas.

Estender meus agradecimentos a dois incansáveis lutadores e defensores do movimento museológico indígena no Brasil, João Paulo Vieira Neto e Alexandre Oliveira Gomes, duas pessoas especiais que se tornaram ao longo desses anos de luta camaradas fortes de inspiração do movimento. Considero como irmãos do peito, nos acostumamos a viver em luta pelo movimento. Estendo meus agradecimentos também a Mário Chagas, Marília Xavier Cury e Rhuan Carlos pelas orientações da banca deste trabalho.

Em especial ao meu orientador, Roberto Kennedy Gomes Franco, que tem se dedicado a cada dia na luta dos povos indígenas e também tem ajudado muito na construção de orientações de minha pesquisa. Gratidão, meu camarada, muito obrigado pela força na caminhada.

Aos parentes indígenas que juntos começamos o movimento de museus indígenas e que ao longo dos anos temos construído uma rede de aproximação entre diversos povos indígenas no Brasil. Não poderia esquecer meu mano, Heraldo Alves, o famoso preá do povo Jenipapo Kanindé; a Rosa Pitaguary, Janiel Tremembé, a Rosinha Potiguara, a dona Dirce e suas filhas Lucilene e Susilene ambas Kaingang de São Paulo. Ao meu grande amigo Ronaldo Kapinawá, sua mãe dona Socorro Kapinawá e seu pai seu Audalio Kapinawá, a todos vocês muito obrigado.

O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu o tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque ali tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do peba, tem a imagem do pote que foi feito antigamente. Tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de que construiu aquela história. (Cícero Pereira – Liderança Indígena Kanindé).

RESUMO

Nos últimos anos, o povo indígena Kanindé tem atuado na apropriação de um processo museológico, protagonizando a construção de um museu, um espaço de memória e centro de documentação em seu território onde este espaço tem assumido um importante papel na luta e resistências do povo ao se constituírem em um potente espaço de reivindicação de uma educação diferenciada, de valorização dos processos tradicionais de transmissão de conhecimento, de afirmação étnica, de construção de autorrepresentação e contra narrativas, de produção, difusão cultural e de luta pela demarcação do território, produzindo um processo de autonomia. Atualmente o envolvimento do povo Kanindé nesse projeto de construção de um espaço específico que represente a sua cultura, tem sido em torno de uma consciência sobre a importância de se preservar seus ritos, saberes, fazeres e ecossistemas presentes em seu território. O presente trabalho pretende demonstrar as experiências que se entrelaçam diretamente aos processos museológicos próprios dos Kanindé em Aratuba no Ceará em busca do direito a uma memória indígena preservada.

Palavras – Chaves: Museologia Indígena, Ancestralidade, Resistência Étnica.

Abstract:

In recent years, the Kanindé indigenous people have been involved in the appropriation of a museological process, leading to the construction of a museum, a memory space and documentation center in their territory where this space has assumed an important role in the struggle and resistance of the people to constitute a powerful space for demanding differentiated education, valuing the traditional processes of knowledge transmission, ethnic affirmation, self-representation and counter-narrative construction, production, cultural diffusion and struggle to demarcate the territory, producing a process of autonomy. Currently the Kanindé people's involvement in this project of building a specific space that represents their culture, has been around an awareness of the importance of preserving their rites, knowledge, practices and ecosystems present in their territory. The present work intends to demonstrate the experiences that intertwine directly to the museological processes typical of the Kanindé in Aratuba in Ceará in search of the right to a preserved indigenous memory.

Key Words: Indigenous Museology, Ancestry, Ethnic Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1** – ÁREA EXPOSITIVA DO MUSEU KANINDÉ.....Pág. 21
- FIGURA 2** – PARTICIPAÇÃO DE SUZENALSON KANINDÉ E CACIQUE SOTERO NO III FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS INDÍGENAS REALIZADO EM OUTUBRO DE 2017 – NA COMUNIDADE NAZARÉ, POVO TABAJARA, ESTADO DO PIAUÍ.....Pág. 26
- FIGURA 3** – MESTRE CACIQUE SOTERO DURANTE O III FÓRUM DE MUSEUS INDÍGENAS NO CEARÁ – ALDEIA JUCÁS – POVO POTYGUARA – MONSENHOR TABOSA – CEARÁ – SETEMBRO 2018.....Pág. 28
- FIGURA 4.** CACIQUE SOTERO NO MUSEU KANINDÉ E O PRIMEIRO OBJETO DO MK: A PEDRA PRETA.....Pág.30
- FIGURA 5** – PARTICIPAÇÃO DOS MUSEUS INDÍGENAS DO CEARÁ – PONTOS DE MEMÓRIA NO 5º FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS IBRAM – PETROPÓLIS – RIO DE JANEIRO – NOVEMBRO DE 2012. NA IMAGEM: JOÃO PAULO VIEIRA NETO – ASSESSOR DA REDE INDÍGENA DE MUSEUS; SUZENALSON KANINDÉ – MUSEU INDÍGENA KANINDÉ; MÁRIO CHAGAS – MUSEU DA REPÚBLICA; HERALDO ALVES “PREÁ” – MUSEU JENIPAPO KANINDÉ; E ROSA PITAGUARY – MUSEU PITAGUARY.....Pág.33
- FIGURA 6**– PARTICIPAÇÃO DOS MUSEUS INDÍGENAS DO NORDESTE NO ENCONTRO PAULISTA “QUESTÕES INDÍGENAS E MUSEUS”, NO MUSEU ÍNDIA VANUÍRE NA CIDADE DE TUPÂ, SÃO PAULO. NESTA COMITIVA ESTIVA: ALEXANDRE GOMES – ASSESSOR DA REDE DE MUSEUS INDÍGENAS; ANTÔNIA KANINDÉ – MUSEU KANINDÉ/CE; SUZENALSON KANINDÉ – MUSEU KANINDÉ/CE; SOCORRO JUCÁ – MUSEU KAPINAWÁ/PE; RONALDO SIQUEIRA – MUSEU KAPINAWÁ/PE; DAVIDSON KASEKER – SISEM/SP; HERALDO ALVES “PREÁ” – MUSEU JENIPAPO KANINDÉ/CE; SUZY SANTOS – ESTUDANTE/SP; E JOÃO PAULO VIEIRA – ASSESSOR DA REDE DE MUSEUS INDÍGENAS.....Pág. 37
- FIGURA 7** – MESA DE ABERTURA NO I FÓRUM DE MUSEUS INDÍGENAS DO CEARÁ – I FÓRUM DE MUSEUS INDÍGENAS DO BRASIL – NESTA MESA ESTÃO PRESENTES: CACIQUE JONAS – POVO ANACÉ/CE; PAJÉ LUIZ CABOCLO – POVO TREMEMBÉ/CE; CACIQUE SOTERO – POVO KANINDÉ/CE; CACIQUE JOÃO VENANCIO – POVO TREMEMBÉ/CE; ROSA VERAS – POVO POTYGUARA/CE; E HERALDO ALVES “PREÁ” – POVO JENIPAPO KANINDÉ/CE.....Pág. 39
- FIGURA 8** – PRIMEIRA SEDE DO MUSEU KANINDÉ CRIADO NA SALA DO CACIQUE SOTERO. NESTA IMAGEM ESTÁ A EQUIPE DE PINTURA DO MK, GRAFISMO E COLOCAÇÃO DO NOME DO MUSEU, NELA ESTÁ PRESENTE: EVANILSON KANINDÉ, MONITOR MK; SUZIANY KANINDÉ, MONITORA MK, NETA DE CACIQUE SOTERO E FILHA DE SUZENALSON KANINDÉ; CACIQUE SOTERO – CRIADOR DO MUSEU KANINDÉ; ALEXANDRE GOMES – ANTROPÓLOGO ESTUDANTE/PESQUISADOR DO MUSEU KANINDÉ; E SUZENALSON KANINDÉ – PROFESSOR KANINDÉ.....Pág. 42
- FIGURA 9** – CENTENÁRIO DO POVO KANINDÉ – IDEALIZADO PELO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ COM AS ESCOLAS INDÍGENAS: MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, LOCALIZADA NA ALDEIA SÍTIO FERNANDES, MUNICÍPIO DE ARATUBA; E A ESCOLA INDÍGENA EXPEDITO OLIVEIRA ROCHA DA ALDEIA GAMELEIRA, MUNICÍPIO DE CANINDÉ NO ESTADO DO CEARÁ. O

CENTENÁRIO FOI REALIZADO COM UMA MARCHA NO CENTRO DA CIDADE DE ARATUBA COM O INTUITO DE PEDIR O RECONHECIMENTO OFICIAL DA TERRA INDÍGENA KANINDÉ.....	Pág. 45
FIGURA 10 – MESTRE CACIQUE SOTERO NA ABERTURA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ EM SUA AULA MAGNA: MUSEOLOGIA INDÍGENA: AUTOGESTÃO MUSEOLÓGICA, NARRATIVAS DA MEMÓRIA E HISTÓRIA KANINDÉ. CARD DE INÍCIO DAS ATIVIDADES – 10/03/2021.....	Pág. 48
FIGURA 11 – AULA DE SABERES – A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR, COMUNITÁRIA E RELIGIOSA DO POVO KANINDÉ MINISTRADA PELA LIDERANÇA SINHOR BERNARDO KANINDÉ.....	Pág. 49
FIGURA 12 – AULA DE SABERES – “DO MUSEU AO MONDÉ”: A MATERIALIDADE DA MEMÓRIA DA CAÇA E DOS ENCANTADOS NOS CONHECIMENTOS KANINDÉ COM MANOEL CONSTANTINO DOS SANTOS - PAJÉ MACIEL KANINDÉ.....	Pág. 50
FIGURA 13 – AULA DE SABERES – “PEDAGOGIAS DA FOGUEIRA” – PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E O MOVIMENTO INDÍGENA KANINDÉ – COM A LIDERANÇA CÍCERO KANINDÉ.....	Pág. 51
FIGURA 14 – AULA DE SABERES– MOVIMENTOS POLÍTICOS, AGRICULTURA FAMILIAR E SABERES DE PLANTAR ENTRE O POVO KANINDÉ COM VALDO TEÓDOSIO KANINDÉ.....	Pág. 52
FIGURA 15 – AULA DE SABERES – O QUE OS MAIS NOVOS PODEM APRENDER COM OS MAIS VELHOS? HISTÓRIAS E NARRATIVAS DAS VELHAS GERAÇÕES DO POVO KANINDÉ – FERNANDES E GAMELEIRA DE ANTIGAMENTE – COM TIA LUZIA APRÍGIO KANINDÉ.....	Pág. 53
FIGURA 16 – DONA TEREZA SOARES KANINDÉ, ESPOSA DO CACIQUE SOTERO DURANTE SUA ATIVIDADE AULA/OFICINA DE SABERES: SABERES TRADICIONAIS E MODOS DE FAZER DAS ARTES KANINDÉ.....	Pág. 54
FIGURA 17 – MESTRE CACIQUE SOTERO KANINDÉ EM SUA CASA COM SUA COLEÇÃO DE OBJETOS NA PAREDE QUE DEMONSTRA SUA ARTE E CULTURA DE COLECIONAR E QUE TRAZ NO SEU SEMBLANTE AS ESTRATÉGIAS DOS CALADOS E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA.....	Pág. 59
FIGURA 18 – RODA DE CONVERSA DE INDÍGENAS PRESENTES NA I ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ, REALIZADA DE 26 A 29 DE AGOSTO DE 1994 NO MUNICÍPIO DE PORANGA, TERRA DOS TABAJARAS E KALABAÇAS /CE.....	Pág. 62
FIGURA 19 – IMAGEM DA PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ DURANTE A II ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ, QUE ACONTECEU NO POVO PITAGUARY. NESTA IMAGEM ESTÃO PRESENTES LIDERANÇAS INDÍGENAS DOS POVOS: KANINDÉ DE ARATUBA, JENIPAPO KANINDÉ DE AQUIRAZ E KALABAÇA DE CRATEÚS. NESTA IMAGEM DESTACAMOS ALGUNS PERSONAGENS CONHECIDOS COMO: CACIQUE SOTERO KANINDÉ E CACIQUE PEQUENA, AMBOS HOJE MESTRES DA CULTURA INDÍGENA NO CEARÁ E CACIQUES NO SEU POVO.....	Pág. 65
FIGURA 20 – LIDERANÇAS INDÍGENAS DURANTE A II ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ, REALIZADA EM MARACANAÚ, NO POVO PITAGUARY. DENTRE AS FIGURAS NESTA IMAGEM, PODEMOS RECONHECER O CACIQUE JOÃO VENANCIO DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA E O SAUDOSO DANIEL PITAGUARY QUE SE ENCANTOU LUTANDO PELO MOVIMENTO INDÍGENA.....	Pág. 66

FIGURA – 21 – DEBATE DOS GRUPOS DE TRABALHO DURANTE A II ASSEMBLEIA ESTADUAL DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ, NO POVO PITAGUARY, SÍTIO SÃO BENTO, EM MARACANAÚ, EM CIMA DE UMA SERRA. NA IMAGEM PODEMOS VERIFICAR O VELHO POTE DE CERÂMICA DEBAIXO DA ARVÓRE ONDE OS INDÍGENAS MATAVAM SUA SEDE TOMANDO ÁGUA.....**Pág. 67**

FIGURA 22- FOLDER EXPLICATIVO FRENTE DA PROGRAMAÇÃO DA 4ª ASSEMBLEIA INDÍGENA NO CEARÁ, REALIZADA DE 18 A 21 DE NOVEMBRO DE 1998, NO POVO TAPEBA DE CAUCAIA. NESTE MESMO EVENTO SERIA INCORPORADA A FESTA TRADICIONAL DO POVO “A FESTA DA CARNAÚBA”.....**Pág. 69**

FIGURA 23- FOLDER EXPLICATIVO VERSO DA PROGRAMAÇÃO DA 4ª ASSEMBLEIA INDÍGENA NO CEARÁ, REALIZADA DE 18 A 21 DE NOVEMBRO DE 1998, NO POVO TAPEBA DE CAUCAIA. NESTE MESMO EVENTO SERIA INCORPORADA A FESTA TRADICIONAL DO POVO “A FESTA DA CARNAÚBA”.....**Pág. 70**

FIGURA 24 – REPORTAGEM JORNALÍSTICA: “ÍNDIOS DO CEARÁ REINICIAM CAMPANHA DE DEMARCAÇÃO”. O ANO DE 2000 É MARCADO PELOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ PELA CAMPANHA DE DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS – INTITULADA “TERRA DEMARCADA VIDA GARANTIDA – ESTA TERRA TEM DONO”.....**Pág. 71**

FIGURA 25 – REPORTAGEM JORNALÍSTICA: LUTA PELA TERRA. LIDERANÇAS DOURADO TAPEBA E DANIEL PITAGUARY FALAM DA PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ NA 4ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO, EM 2000.....**Pág. 72**

FIGURA 26 – MAPA DAS ETNIAS INDÍGENAS NO ESTADO DO CEARÁ – PROJETO URUCUM – FORTALECENDO A AUTONOMIA POLÍTICO E ORGANIZATIVA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ – DIAGNÓSTICO E ESTUDO DE LINHA DE BASE REALIZADO PELA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL COPRODUZIDO – ADELCO.....**Pág. 77**

FIGURA 27 – REUNIÃO DOS KANINDÉ DE ARATUBA, EM 1995, DURANTE EVENTO DE ORGANIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS FAMÍLIAS A SE AUTO RECONHECEREM NA ALDEIA SÍTIO FERNANDES, NO MUNICÍPIO DE ARATUBA. NESTA IMAGEM APARECE ALGUMAS FIGURAS FUNDAMENTAIS NESSE PROCESSO COMO: CACIQUE SOTERO, TIA NENEM, CÍCERO PEREIRA, MANOEL MACIEL, LUÍS PEREIRA, TIA DUVIGEM, ENTRE OUTROS.....**Pág. 88**

FIGURA 28 - ENCONTRO DE CACIQUE SOTERO DO POVO KANINDÉ E DE JOÃO VENÂNCIO DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA EM 1995.....**Pág. 90**

FIGURA 29 – CACIQUE SOTERO EM SUAS TÉCNICAS DE COLECIONAR OBJETOS NO MUSEU KANINDÉ – NESTA IMAGEM ESTÁ A SUA CRIATIVIDADE E TRABALHO DE SUAS COLEÇÕES DAS COISAS DAS MATAS. IMPORTANTE E SIGNIFICATIVA COLEÇÃO DAS COISAS PROVINDAS DA NATUREZA. DURANTE A LUTA PELA TERRA DA GIA.....**Pág. 103**

FIGURA 30 – CACIQUE SOTERO NA ANTIGA SEDE DO MUSEU KANINDÉ, EM 2011, DURANTE A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO, LIMPEZA DOS OBJETOS EXISTENTES NO LOCAL DENTRE OS QUAIS PODEMOS DESTACAR: JARRA DE CERÂMICA, TELHAS DE CERÂMICA E AS VELHAS BOLSAS DE PALHA. OBJETOS QUE POR MUITO TEMPO FIZERAM PARTE DAS ARTES E OFÍCIOS DO POVO KANINDÉ.....**Pág. 105**

FIGURA 31 – REPRESENTANTES DE MUSEUS INDÍGENAS NO I ENCONTRO DE MUSEUS INDÍGENAS DE PERNAMBUCO, REALIZADO DURANTE OS DIAS 13 A 15 DE DEZEMBRO DE 2012. NESTA OPORTUNIDADE FOI O PRIMEIRO ENCONTRO ENTRE OS CRIADORES DO PRIMEIRO E SEGUNDO MUSEU INDÍGENA DO BRASIL. NESTA MESA ESTÃO OS REPRESENTANTES INDÍGENAS: VASCO PANKARARU – CASA DE MEMÓRIA TRONCO VELHO PANKARARU; HAGUGE PATAXÓ – MUSEU MUKA MUKAU; HERALDO ALVES “PREÁ” – MUSEU INDÍGENA JENIPAPO KANINDÉ; NINO FERNANDES – MUSEU MAGUTA DO AMAZONAS – PRIMEIRO MUSEU INDÍGENA DO BRASIL; E CACIQUE SOTERO – MUSEU INDÍGENA KANINDÉ - SEGUNDO MUSEU INDÍGENA DO BRASIL.....**Pág. 107**

FIGURA 32 – MESA COM OS PRIMEIROS OBJETOS QUE SOTERO COLOCOU NO QUARTO DO MUSEU KANINDÉ, DENTRE ELAS EXPOSTA A PRIMEIRA PEÇA/OBJETO, A PEDRA PRETA, QUE A MÃE DO CACIQUE SOTERO PEDIU QUE ELE GUARDASSE PARA BOTAR NO MUSEU O QUE VIRIA A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO MUSEU INDÍGENA NO CEARÁ E O SEGUNDO MUSEU INDÍGENA NO BRASIL: O MUSEU KANINDÉ.....**Pág. 109**

FIGURA 33 – IMAGEM DA CAPA DO PORTFÓLIO DO CACIQUE SOTERO ELABORADO PARA APRECIÇÃO SOBRE SUA HISTÓRIA PARA CONCORRER COMO TESOURO VIVO NO CEARÁ, EM 2018, E SE TORNAR MESTRE DA CULTURA NO ESTADO.....**Pág. 112**

FIGURA 34 – FALA DO CACIQUE SOTERO NA ENTREGA DO TÍTULO DE NOTÓRIO SABER AOS MESTRES E MESTRAS DA CULTURA. O CACIQUE FOI ESCOLHIDO POR TODOS OS OUTROS MESTRES E MESTRAS DA CULTURA PARA REPRESENTÁ-LOS NA FALA DE RECEBIMENTO COM A REITORIA DA UECE.....**Pág. 113**

FIGURA 35 – PINTURA DA FRENTE DA PRIMEIRA SEDE DO MUSEU KANINDÉ QUANDO FICAVA NA CASA DO MESTRE CACIQUE SOTERO. ERA EM UM PEQUENO QUARTO QUE ACOMODAVA TODO O ACERVO KANINDÉ – NESTA IMAGEM É UMA PINTURA REALIZADA NO ANO DE 2011 APÓS O ESPAÇO PASSAR POR UMA ORGANIZAÇÃO**Pág. 115**

FIGURA 36 – CACIQUE SOTERO NA ANTIGA SALA DE EXPOSIÇÃO DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ COM SUAS TÉCNICAS DE PRESEVARÇÃO E SALVAGUARDA DOS SEUS OBJETOS QUE REPRESENTAM AS COISAS DA NATUREZA, DOS ENCANTADOS, DAS SUAS COSMOLOGIAS.....**Pág. 117**

FIGURA 37 – FACHADA DA ATUAL SEDE DO MUSEU DOS KANINDÉ, DESENHOS REALIZADOS EM PINTURA PELOS PRÓPRIOS JOVENS MONITORES DO NÚCLEO EDUCATIVO, ESSES OBJETOS EM DESTAQUE SÃO MAIS UMA AÇÃO DE EXPOSIÇÃO DO CACIQUE SOTERO, QUE NÃO SE CONTEVE EM EXPOR OBJETOS SÓ DENTRO DO ESPAÇO FEZ UMA EXPOSIÇÃO POR FORA TAMBÉM.....**Pág. 119**

FIGURA 38 – VISTA DA ENTRADA DO MUSEU DOS KANINDÉ, AO LADO A OCA QUE FOI CONSTRUÍDA PARA RECEPÇÃO DOS VISITANTES QUE VEM DE OUTROS LUGARES VISITAR A COMUNIDADE E QUE A MESMA SERVE TAMBÉM COMO APOIO AOS PROFESSORES KANINDÉ QUE DESENVOLVEM SUAS AULAS NESTE LOCAL.....**Pág. 120**

FIGURA 39 – TRABALHO DA ELABORAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DOS OBJETOS DO MUSEU DOS KANINDÉ REALIZADO PELA PRIMEIRA TURMA DE FORMAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU DOS KANINDÉ. NESTA IMAGEM ESTÃO: EVANILSON KANINDÉ – VALDERLAN

KANINDÉ – WAGNER KANINDÉ – RITA KANINDÉ – NAYARA KANINDÉ – JOSUELDO KANINDÉ E ANTONIA KANINDÉ.....**Pág. 121**

FIGURA 40 – COMPONENTES MONITORES DA PRIMEIRA TURMA DOS MONITORES DO MUSEU KANINDÉ, EM 2011, NA ANTIGA SEDE DO MUSEU DOS KANINDÉ, AO LADO DA CASA DO CACIQUE SOTERO. ESTE ERA UM TRABALHO DE PESQUISA DO ACERVO. NA IMAGEM ESTÃO: RITINHA KANINDÉ, RILDELENE KANINDÉ, CAMILA KANINDÉ, BRENO KANINDÉ, ALEXANDRE GOMES, JOSUELDO KANINDÉ, JASIEL KANINDÉ, ANTONIA KANINDÉ E NAYARA KANINDÉ.....**Pág. 123**

FIGURA 41 – FORMAÇÃO SOBRE OBJETOS DO MUSEU DOS KANINDÉ REALIZADA PELO ANTROPÓLOGO ALEXANDRE OLIVEIRA GOMES COM A TURMA DE MONITORES: ANTONIA KANINDÉ, NAYARA KANINDÉ, CAMILA KANINDÉ, RITA KANINDÉ. NESTA IMAGEM ESTÃO PRESENTES PARTE DOS MONITORES, POIS OS OUTROS ESTAVAM EM OUTRO GRUPO.....**Pág. 124**

FIGURA 42 – SAÍDA DO CACIQUE SOTERO PARA UM ENCONTRO DO MOVIMENTO INDÍGENA, EM 2011. ESTA IMAGEM MOSTRA A PASSAGEM DELE NO MUSEU PARA SE DESPEDIR DOS MONITORES QUE ESTAVAM REALIZANDO SEUS PROCESSOS DE PESQUISAS.....**Pág. 125**

FIGURA 43 – PESQUISA SOBRE O ACERVO, COM OS SIGNIFICADOS DOS OBJETOS – ESTA PREPARAÇÃO FOI REALIZADA NA ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM 2011. COMEÇÁVAMOS OS PRIMEIROS TRABALHOS EM RUMO A UMA DISCUSSÃO EM TORNO DE PROCESSOS PRÓPRIOS DE CONHECIMENTO SOBRE OS OBJETOS DA MEMÓRIA.....**Pág. 128**

FIGURA 44 – PROCESSO DE LIMPEZA DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ. NESTA IMAGEM A MONITORA, ANTONIA KANINDÉ, SE PREPARA PARA DAR ÍNICIO AO SEU PROCESSO DE TRABALHO, NO ACERVO QUE CULMINOU NA INVENTARIAÇÃO DOS OBJETOS. NESTA IMAGEM A MESMA SE PREPARA PARA COMEÇAR O ACERVO FOTOGRÁFICO DO MK.....**Pág. 129**

FIGURA 45 – PROCESSO DE LIMPEZA DOS OBJETOS.....**Pág. 129**

FIGURA 46 - FORMAÇÃO DA SEGUNDA GERAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU KANINDÉ COM ANTONIA KANINDÉ RELATANDO AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO, COMPARTILHANDO SEUS SABERES SOBRE A MUSEOLOGIA. EVENTO REALIZADO NA OCA AO LADO DO MK.....**Pág. 131**

FIGURA 47 – FORMAÇÃO DA SEGUNDA GERAÇÃO DO MUSEU KANINDÉ COM O FACILITADOR JOÃO PAULO VIEIRA NETO ASSESSOR DA REDE INDÍGENA DE MUSEUS. NA OCASIÃO REALIZÁVAMOS UMA FORMAÇÃO SOBRE PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NA OCA DO MUSEU KANINDÉ COM A PRESENÇA ALÉM DOS MONITORES DE PROFESSORES DA ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, GESTÃO DA ESCOLA E AS LIDERANÇAS INDÍGENAS LOCAIS.....**Pág. 133**

FIGURA 48 – DIÁLOGO NA ESCOLA INDÍGENA**Pág. 133**

FIGURA 49 – REPRESENTANTES DO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ E DO MUSEU INDÍGENA PITAGUARY NO INTERCÂMBIO SABERES INDÍGENAS E SABERES MUSEOLÓGICOS, REALIZADO NA ALDEIA MUNGUBA, PACATUBA, CEARÁ, POVO PITAGUARY EM JANEIRO DE 2017.....**Pág. 139**

FIGURA 50 - FORMAÇÃO SABERES INDÍGENAS E SABERES MUSEOLÓGICOS. FOI UMA FORMAÇÃO REALIZADA COM OS MONITORES DO MK SEGUNDA GERAÇÃO. NESTA IMAGEM TEMOS A RODA DE SABERES INDÍGENAS COM

O PAJÉ MACIEL E COM A LIDERANÇA SINHÔ BERNARDO NA OCA DO MUSEU KANINDÉ. AO FUNDO PODEMOS VER OUTROS ALUNOS REALIZANDO A PINTURA DA FACHADA DO MUSEU.....Pág. 144

FIGURA 51 - FORMAÇÃO SABERES INDÍGENAS E SABERES MUSEOLÓGICOS FOI UMA FORMAÇÃO REALIZADA COM OS MONITORES DO MK, SEGUNDA GERAÇÃO. NESTA IMAGEM TEMOS A RODA DE SABERES INDÍGENAS COM AS LIDERANÇAS SINHÔ BERNARDO, CACIQUE SOTERO E PAJÉ.....Pág. 145

FIGURA 52 – EXPOSIÇÃO NO MUSEU KANINDÉ NA REABERTURA DE REINAUGURAÇÃO DEPOIS DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO TER PASSADO POR UMA REFORMA NA SUA ARÉA EXPOSITIVA. NESTA ABERTURA ESTIVERAM PRESENTES TODA A COMUNIDADE KANINDÉ ENVOLVENDO ALUNOS, PROFESSORES, LIDERANÇAS, PAIS DE ALUNOS, JOVENS E TAMBÉM PESSOAS NÃO INDÍGENAS DA REGIÃO DE ARATUBA.....Pág. 148

FIGURA 53 – MESTRE CACIQUE SOTERO NA ABERTURA DE SUA AULA DE SABERES NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DA TERCEIRA GERAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU KANINDÉ INTITULADA: GESTÃO MUSEOLÓGICA INDÍGENA.....Pág. 150

FIGURA 54 – PAJÉ MACIEL ATENTO NA ABERTURA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOS MONITORES TERCEIRA GERAÇÃO DO MUSEU KANINDÉ. SUA PARTICIPAÇÃO NA ABERTURA FOI FUNDAMENTAL PARA O ENVOLVIMENTO DA TURMA NO ENTENDIMENTO DOS SABERES.....Pág. 152

FIGURA 55 – PARTICIPAÇÃO DA LIDERANÇA INDÍGENA CÍCERO KANINDÉ DURANTE SUA PARTICIPAÇÃO NA ABERTURA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DO MUSEU KANINDÉ RELATANDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS SABERES DO POVO NO PROCESSO DE FORTALECIMENTO DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS.....Pág. 154

FIGURA 56 – AULA DE SABERES I COM O GUARDIÃO DA MEMÓRIA SINHÔ BERNARDO COM O TEMA: A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR, COMUNITÁRIA E RELIGIOSA DO POVO KANINDÉ. COMEÇAMOS COM ESSA ATIVIDADE POR CAUSA DO MÊS DE MARÇO SER UM MÊS RELIGIOSO ENTRE OS KANINDÉ. DENTRE OS CONTEÚDOS ESTUDADOS FORAM: OS TRONCOS VELHOS: FRANCISCO E OS BERNARDO; ORIGEM DAS FAMÍLIAS DO POVO KANINDÉ; CASAMENTOS ENTRE FAMÍLIAS; FAMÍLIAS ATUAIS E A LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO; MOVIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE/CEB’S EM ARATUBA; CALENDÁRIO E FESTEJOS RELIGIOSOS DA ALDEIA: A FESTA DE SÃO JOSÉ, NOVENAS, ROUBO DA SANTA, FESTEJOS EM DEVOÇÃO À SANTA MARIA E OUTROS; ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E RELIGIOSIDADE.....Pág. 157

FIGURA 57 - AULA DE SABERES II, QUE ACONTECEU NO DIA 31 DE MARÇO, INTITULADA “DO MUSEU AO MONDÉ”: A MATERIALIDADE DA CAÇA E DOS ENCANTADOS NOS CONHECIMENTOS KANINDÉ TEVE COMO MINISTRANTE: PAJÉ MACIEL. NESTA RODA DE SABERES BUSCAMOS CONHECER NOS CONHECIMENTOS DO PAJÉ SOBRE OS SEGUINTE CONHECIMENTOS: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E TERRITÓRIO; ENCANTOS DAS MATAS E ENCANTOS DOS BICHOS; ARTES DE FAZER DO ARTESANATO EM MADEIRA; PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZADO; TIPOS DE MADEIRA E DE OBJETOS FABRICADOS; TÉCNICAS ARTESANAIS PARA A FABRICAÇÃO DOS OBJETOS; MATERIALIDADE, MEMÓRIA E ARMADILHAS DA CAÇA; ENCANTADOS E CONHECIMENTOS A FAUNA E A

FLORA; MEDICINA TRADICIONAL; PLANTAS MEDICINAIS: NOMES E UTILIDADES.....**Pág. 159**

FIGURA 58 - AULA DE SABERES III: “PEDAGOGIAS DA FOGUEIRA” - PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E O MOVIMENTO INDÍGENA KANINDÉ. MINISTRANTE: CÍCERO KANINDÉ, QUE DESENVOLVEU ATRAVÉS DE UMA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ASSUNTOS COMO: TRADIÇÕES ORAIS: MODOS PRÓPRIOS DE NARRAÇÃO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DO POVO KANINDÉ; MOVIMENTOS SOCIAIS, SINDICALISMO RURAL E MOVIMENTO INDÍGENA NO SÍTIO FERNANDES; LUTAS E CONQUISTAS DO POVO KANINDÉ: A TERRA DA GIA; ORGANIZAÇÃO DA AIKA; EDUCAÇÃO DIFERENCIADA E A ESCOLA INDÍGENA; MUSEU DOS KANINDÉ; HISTÓRIA E AFIRMAÇÃO ÉTNICA: PASSADO, PRESENTE E OS DESAFIOS PARA O FUTURO DAS NOVAS GERAÇÕES.....**Pág. 160**

FIGURA 59 - AULA DE SABERES: O QUE OS NOVOS PODEM APRENDER COM OS MAIS VELHOS? HISTÓRIAS E NARRATIVAS DAS VELHAS GERAÇÕES DO POVO KANINDÉ - FERNANDES E GAMELEIRA DE ANTIGAMENTE, REALIZADA EM ABRIL DE 2021, COM A MINISTRANTE LIDERANÇA KANINDÉ: TIA LUZIA BERNARDO, QUE ESTABELECEU SUAS NARRATIVAS PELOS SEGUINTE SABERES: HISTÓRIAS E NARRATIVAS DAS VELHAS GERAÇÕES DO POVO KANINDÉ: FERNANDES E GAMELEIRA DE ANTIGAMENTE; HISTÓRIA DOS ANTIGOS INTEGRANTES DAS FAMÍLIAS FRANCISCO E BERNARDO; A CHEGADA DE NOVAS FAMÍLIAS NO SÍTIO FERNANDES; CASAMENTOS, TERRITÓRIO E A OCUPAÇÃO DO SÍTIO FERNANDES; MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: MODOS DE VIDA E A RELAÇÃO ENTRE AS VELHAS E AS NOVAS GERAÇÕES; O QUE OS NOVOS PODEM APRENDER COM OS MAIS VELHOS?.....**Pág. 163**

FIGURA 60 - MINI-CURSO: “CUIDADOS COM A MEMÓRIA”: SALVAGUARDA E CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ MINISTRANTE: ANTÔNIA KANINDÉ CONTEÚDOS TEMÁTICOS: INTRODUÇÃO AOS MUSEUS E A MUSEOLOGIA – NO BRASIL E NO MUNDO; MUSEOLOGIA INDÍGENA, MUSEOLOGIA TRADICIONAL E NOVA MUSEOLOGIA; MUSEOLOGIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO; MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA; SALVAGUARDA MUSEOLÓGICA E PRESERVAÇÃO DE ACERVOS; NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO PREVENTIVA: MATERIAIS BÁSICOS E PRINCIPAIS PATOLOGIAS; INCIDÊNCIA SOLAR, UMIDADE RELATIVA DO AR, VARIAÇÃO CLIMÁTICA E VENTILAÇÃO.....**Pág. 164**

FIGURA 61- IMAGEM DOS COMPONENTES DA 3ª GERAÇÃO DOS MONITORES DO MUSEU DOS KANINDÉ QUE PARTICIPARAM E ESTÃO PARTICIPANDO DAS FORMAÇÕES JUNTO AO PROGRAMA DE FORMAÇÃO MK.....**Pág. 167**

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1** - ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO PARA ACOMPANHAMENTO DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA AO MINISTRAREM SUAS AULAS DE SABERES NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DA 3ª GERAÇÃO DOS MONITORES DO MUSEU KANINDÉ 2021.....**Pág. 55**
- TABELA 2** - LISTA DOS ACADÊMICOS INDÍGENAS KANINDÉ QUE DESENVOLVERAM MINICURSOS EM VÁRIAS ARÉAS DO CONHECIMENTO KANINDÉ NA FORMAÇÃO DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ, 2021.....**Pág. 56**
- TABELA 3** - ASSEMBLEIAS REALIZADAS PELOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ DURANTE OS ANOS DE 1994 A 2018.....**Pág. 63**
- TABELA 4** - SITUAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS NO CEARÁ.....**Pág. 75**
- TABELA 5** – TEMAS DE ESTUDO SOBRE A CRIAÇÃO DO IVENTARIO PARTICIPATIVO DO MUSEU KANINDÉ.....**Pág. 149**

LISTA DE SIGLAS

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

CEBS – Comunidades Eclesiais de Base.

AMIT – Associação Missão Tremembé.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

AIKA – Associação Indígena Kanindé de Aratuba.

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.

SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

CREDE – Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação.

RCMC – Rede Cearense de Museus Comunitários.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.

LABOCART – Laboratório de Cartografia.

UFC – Universidade Federal do Ceará.

IFCE – Instituto Federal do Ceará.

ADELCO – Associação para o Desenvolvimento Local Có Produzido.

CDPDH – Centro de Defesa em Promoção dos Direitos Humanos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	CONTEXTUALIZANDO – O QUE NOS FAZ PESQUISAR A MUSEOLOGIA INDÍGENA KANINDÉ.....	21
1.2	“OBJETIVOS – “PORQUE” CONTAR A HISTÓRIA E EXPERIÊNCIA DO POVO KANINDÉ”	41
1.3	METODOLOGIA – “COMO” REALIZAR UMA PESQUISA DO PONTO DE VISTA KANINDÉ?	47
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO – “PARA QUE” O ESQUECIMENTO POSSA SE TRANSFORMAR EM LEMBRANÇA DO QUE FOI PROIBIDO DIZER, MAIS QUE PERMANECEU GUARDADO NA MEMÓRIA	57
2	DO SILÊNCIO ROMPIDO AOS NOVOS CAPÍTULOS DA HISTÓRIA ESCRITA PELOS KANINDÉ	59
2.1	“O ANÔNIMATO” – E EXISTE ÍNDIOS NO CEARÁ?	59
2.2	OS KANINDÉ NO PASSADO – TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA	78
2.3	NOSSAS FAMÍLIAS, NOSSAS HISTÓRIAS – ANCESTRALIDADE EM ROTA ATÉ A QUEBRADA DOS FERNANDES “A LUTA PELA TERRA”	81
3	MUSEU KANINDÉ: NARRATIVAS DA MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA ÉTNICA	102
3.1	CACIQUE SOTERO UM MESTRE DA CULTURA KANINDÉ E DA MUSEOLOGIA INDÍGENA	102
3.2	A CRIAÇÃO DO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ	114
3.3	TRAJETÓRIAS DO NÚCLEO EDUCATIVO E SUAS RELAÇÕES ENTRE MUSEU E ESCOLA	121
3.3.1	A PRIMEIRA GERAÇÃO MK (2011 – 2016)	121
3.3.2	A SEGUNDA GERAÇÃO MK (2017 – 2019)	130
3.3.3	A TERCEIRA GERAÇÃO MK (PROGRAMA DE FORMAÇÃO 2020 – 2021)	150
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
	REFERÊNCIAS	177
	ANEXOS	184
	ANEXO 1 – FICHAS DE INVENTÁRIO PARTICIPATIVO E CLASSIFICAÇÃO DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ	184
	ANEXO 2 – CARTA DE SESMARIA DOADA AOS KANINDÉ EM 1731	189
	ANEXO 3 – ESCRITURA DA TERRA DO POVO KANINDÉ 1884 – 1885	192
	ANEXO 4 – RELATÓRIO DA 6ª ASSEMBLÉIA INDÍGENA NO CEARÁ REALIZADA NA TERRA KANINDÉ DE ARATUBA EM NOVEMBRO DE 2000	201

1. INTRODUÇÃO

FIGURA - 1 – ÁREA EXPOSITIVA DO MUSEU KANINDÉ



Foto: Suzenilson Kanindé – 2019

O museu indígena é um grande alimento para nós todos no Brasil... Nós estamos se alimentando por ele e vamos cada vez mais nos alimentar. (Cacique Sotero).

(...) Pois uma museologia que não serve para a vida, não serve para nada. (Mario Chagas)

1.1. CONTEXTUALIZANDO – O QUE NOS FAZ PESQUISAR A MUSEOLOGIA INDÍGENA KANINDÉ?

Este trabalho será uma das formas de reafirmação da existência do pensamento de um povo indígena localizado nas quebradas da serra no Maciço de Baturité, no estado do Ceará, que durante muitas décadas, sofreu com as barreiras do silenciamento e da opressão do colonizador, que não cansa de avançar com a sua perversidade em querer nos exterminar e nos afastar da nossa vida, do nosso bem viver: “A relação espiritual com a terra e o contato com nossos ancestrais”.

Estou no meu lugar de fala, sou um Kanindé e pretendo estabelecer as questões da subalternidade ao qual fui sempre vítima. Me coloco na posição de construir também uma narrativa própria, com saberes, epistemologias e interrogações, pois sei que, depois de mim, virão outros Kanindé e espero que traduzam também uma fala decolonial, que respeite o nosso jeito de ser, de aprender de estar em contato com nossos próprios pares, de viver coletivamente em comunidade. Pretendo contribuir com a academia para que possam nos ver também como construtores de histórias.

Nesta pesquisa, busco descrever como os kanindé de Aratuba, no Ceará, reativam, através da memória social, estabelecimentos próprios com os significados dos objetos que circulam ao redor de um museu indígena criado na aldeia, formando relações diretas com a reafirmação de sua identidade; construindo relações diante da sociedade; e buscando estratégias de afirmação étnica enquanto povo indígena.

Nosso contato com o museu Kanindé se deu diretamente, em 2011, quando começamos a articulação para formar a primeira geração do núcleo educativo do museu. Na época, eu já atuava como professor da escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, na aldeia Sítio Fernandes, na qual leciono e atuo há 14 anos da minha existência como militante do movimento indígena.

O lugar que falo é um lugar de formação entre as gerações dos guardiões da memória¹ e as gerações mais contemporâneas do povo Kanindé. Dessa forma, a compreensão do museu deve se dar como espaço de luta, resistência, reafirmação étnica e sem normativas, pois o museu Kanindé é um local de difusão da memória, rememoração de saberes, construção de coletividades. Saliento, que cacique Sotero faz isso muito bem quando compartilha suas narrativas e saberes da museologia indígena para as várias gerações de Kanindé, que se apropriam desse mecanismo para desenvolverem suas estratégias de luta diária e de existência como povo indígena.

Assim, me pergunto: o que me faria pesquisar a história, o patrimônio e a memória do povo Kanindé através dos sentidos percorridos no museu enquanto projeto de pesquisa? Dessa maneira, justifico-me que, na infância, nunca soube o significado daqueles objetos que o cacique Sotero, o criador e fundador do museu Kanindé, colocava nas paredes daquele quartinho² de um modo tão organizado, tão cuidadoso e tão especial durante as minhas idas e vindas da escola. Posto isso, acabei descobrindo, após longos anos, que eu estava perdido no tempo e que era um desconhecedor da minha própria identidade, ou seja, da nossa história indígena. Apesar do cacique Sotero ser o meu pai, que eu pensava que estávamos próximos, mas ao contrário percebi que estávamos distantes e muito.

¹ Guardiões da Memória são os indígenas mais velhos, considerados os com mais conhecimento das informações da história e da memória do passado. São os que detêm mais experiência e que contribuíram em todo o processo de fortalecimento e no resgate da memória dos antepassados para as gerações mais novas.

² Quartinho é um modo carinhoso para explicar a maneira como o cacique Sotero criou o museu dos Kanindé em sua grande e enorme caleidoscópica exposição dos objetos na sua maneira de curadoria.

Posso destacar, que a não oportunidade de estudo, relacionado à história indígena, foi fator crucial nesse momento em minha formação, pois sempre ouvia uma fala na qual não podia falar na história indígena na nossa comunidade, pois podíamos ser perseguidos e mortos. Nunca tive a oportunidade de estudar em uma escola diferenciada, como nossas lideranças falam: “uma escola do próprio índio”, “uma escola do nosso jeito”. Meus estudos foram em escolas de “brancos”, “não índios”, uma escola em que sofremos muito preconceito e racismo. Lá nunca respeitaram o sujeito indígena como construtor da história social, dessa forma, tenho traumas até hoje desse mundo e daquela época, mas, apesar das dificuldades, aqui chegamos à construção de um grande sonho.

As saídas, às cinco da manhã, e as chegadas, às treze horas da tarde, da escola, que ficava na cidade de Aratuba, a cinco quilômetro da aldeia Fernandes, fez-me aprender as cláusulas da vida, na qual a realidade social da nossa comunidade poderia mudar um dia, pois o que vivenciamos sempre foi uma grande gama de dificuldades longínquas de desprezo, desigualdades sociais e preconceitos do próprio município de Aratuba.

Com isso, o contato com toda essa história se fez pensar trajetórias na área da pesquisa para que pudesse compreender aquela vontade do cacique Sotero em guardar objetos materiais e imateriais da cultura kanindé para orientar em saber histórico-cultural a partir de então os saberes da história do povo envolvendo-me nesse entendimento. Em dois mil, Sotero me convidou para ir a um encontro em Brasília, era uma edição do acampamento terra livre (ATL). Com isso, pude perceber que o mesmo guardava um momento certo na sua memória para voltar ao tempo e reencontrar com a nossa geração uma rememoração da história indígena Kanindé.

Essa memória, a qual me refiro, viria através do museu Kanindé, meu maior desejo de estudo e pesquisa, criado pelo Cacique Sotero, em 1995, e que entendi o porquê de tanto anonimato na história do povo, pois o próprio cacique nos explica “A gente não podia falar na história indígena, pois se a gente falasse que era índio, vinha o branco e matava”, esse foi a maneira de silenciar e calar os Kanindé em torno de sua identidade durante muito tempo. Saber que o cacique era uma voz dos Kanindé, presente na construção social do museu através dos objetos e seus significados, fez-me entender o porquê de Sotero e seus ancestrais não poderem falar que eram Kanindé. Isso, foi uma extraordinária estratégia de nossos guardiões da memória, que se mantiveram calados para salvar a sobrevivência das gerações atuais dos kanindé e dar prosseguimento a história.

Falo aqui das várias estratégias que o povo Kanindé tem realizado, ao longo de gerações, para que a identidade permaneça viva. Os guardiões da memória tem papel fundamental nesse percurso, desde as estratégias do rei Kanindé, em meados do século XVII, quando tentou um acordo de paz com o rei de Portugal, até as gerações contemporâneas do cacique Sotero, que coletivamente tem estabelecido muitas relações por vezes políticas ou até mesmo diplomáticas para entendermos que se no passado era o silenciamento hoje é a busca por visibilidade, mesmo que a hegemonia continue sendo a do opressor, que só tem mudado as roupagens e as formas, mas a tentativa continua a mesma, tendo sempre os indígenas que buscar, através da luta, a garantia por direitos.

O movimento museológico Kanindé fez com que pudesse sentir outras realidades, formas, pensamentos e estratégias. Dessa forma, a relação com outras iniciativas faria então a construção de uma gama de saberes em torno dos povos indígenas. Com isso, em 2011, chegou, na aldeia Fernandes, o Antropólogo Alexandre Oliveira Gomes³, na época realizava sua pesquisa de mestrado na área de antropologia e que veio a Aratuba, na aldeia dos Kanindé, fazer um estudo sobre o museu dos Kanindé. Tínhamos conhecido Alexandre Gomes e um outro colega dele, em meados de março de 2009, quando os mesmos realizaram na aldeia um trabalho do projeto historiando⁴, a construção de oficinas de diagnósticos dos processos museológicos indígenas realizado com o povo sobre o museu dos Kanindé.

³ Alexandre Oliveira Gomes, indigenista, historiador, antropólogo e militante da causa indígena, sua primeira vinda aos Kanindé no ano de 2009 quando na realização da oficina diagnóstica sobre museus e memória indígena no Ceará. Voltaria ao território kanindé em 2011, para realizar seu estudo de dissertação de mestrado sobre o museu Kanindé intitulado: Aquilo é uma Coisa de Índio: Objetos, Memória e Etnicidade entre os Kanindé no Ceará. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19110>.

⁴ O Projeto Historiando surgiu em 2002, a partir da iniciativa de um grupo de profissionais de história comprometidos com a educação enquanto arma de transformação social, que visa historiar comunidades a partir de pesquisas coletivas sobre história e patrimônio locais junto aos moradores dos lugares. Com a utilização de metodologias que estimulam a participação e a autonomia, buscamos extrapolar os conteúdos escolares e experimentar outras maneiras de pensar, aprender e vivenciar o processo de ensino-aprendizagem em história, através da educação para o patrimônio cultural. O envolvimento do Projeto Historiando com a questão indígena no Ceará aconteceu a partir de 2007, com a realização do curso “Historiando os Tapeba”, em parceria com a Ong ADELCO e a ACITA (Associação das comunidades dos índios Tapeba). Entre os objetivos do Projeto Historiando, está a utilização da pesquisa em história local enquanto metodologia para incrementar o processo de ensino-aprendizagem da história e da educação para o patrimônio, investigando, identificando, analisando e se apropriando dos diversos bens culturais comunitários. Identificamos coletivamente o patrimônio cultural e seus significados e, junto aos moradores, realizamos ações educativas que dialogam sobre a memória local, a partir de questões relativas à identificação, conservação, salvaguarda e apropriação dos bens culturais significativos para as comunidades.

Nesta oficina de diagnóstico, estavam presentes algumas lideranças do povo Kanindé, dentre elas o Cacique Sotero, o Valdo Teodósio, o Senhor Bernardo e uns jovens professores indígenas. Eu também estive nesta reunião ouvindo, “escorado” no canto da parede, sem saber e sem entender nada do que estava acontecendo ou o que viria a acontecer, o que só depois de muito tempo, com a envoltura deste trabalho desenvolvido por nós durante anos de organização étnica, chegou aos encaixes.

Comecei a acompanhar de perto os saberes museológicos próprios do cacique Sotero, diretamente, no museu. Com meu envolvimento, fui escolhido pra coordenar o núcleo educativo do museu, em 2011, onde atuo até hoje. Com o passar dos trabalhos e com meu grande envolvimento no movimento indígena a nível local, estadual e nacional, o cacique Sotero começou realizar um processo de formação, para mim, visando ser seu sucessor para exercer a sua sucessão no cacicado Kanindé, futuramente. Então entendi que além da minha participação direta na construção social de atividades do museu, tinha sido escolhido para ser o futuro cacique kanindé e suceder a ancestralidade do cacique Sotero através de seus saberes tradicionais da cultura.

Os saberes ancestrais apreendidos ao longo do tempo tem feito com que nossos conhecimentos tenham sido apreendidos em consonâncias com a nossa ancestralidade, pois as encantarias estiveram a todo o momento, dinamizando as nossas formas de ver e sentir, em busca do bem está em coletividade, na detenção da realização dos processos de afirmação dos nossos territórios.

Nossa vida importa e tem sentido, precisamos assegurar que tudo não desabe e saia por água abaixo, precisamos contar histórias, das memórias, assegurar que o céu não caia, não desabe, precisamos adiar o fim do mundo. Aprendi que lá fora existe um mundo ganancioso, preconceituoso, e que são minhas atitudes aqui dentro junto com meus parentes que temos que transformar um mundo mais humano. Nossas memórias estão vivas ainda para contar e recontar para as nossas futuras gerações que somos frutos de nossa mãe terra e que estamos vivendo por causa de um ser maravilhoso conjuntamente com outros seres que habitam conosco neste universo pluricultural de diversidades linguísticas e especificidades de viver coletivamente entre os mundos nosso e de nossos encantados.

FIGURA 2 – PARTICIPAÇÃO DE SUZENALSON KANINDÉ E CACIQUE SOTERO NO III FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS INDÍGENAS REALIZADO EM OUTUBRO DE 2017 – NA COMUNIDADE NAZARÉ, POVO TABAJARA, ESTADO DO PIAUÍ.



Foto: Carlinhos Melo – Museu CEVACI - 2017

A primeira experiência vivida realmente que pude ver essa vontade de pesquisar outras histórias, artes e os conhecimentos sobre a museologia indígena. Em 2013, um ano após termos começado os nossos trabalhos com o museu Kanindé, aqui no Ceará, recebemos um convite dos nossos parentes vizinhos do estado de Pernambuco para participar do II Seminário de planejamento das ações e atividades do projeto Museus indígenas em Pernambuco⁵ que aconteceu no dia 06 de julho de 2013 na aldeia Funiô em Águas Belas no interior do estado de Pernambuco. Esta se torna também muito importante

⁵ O Projeto Museus Indígenas em Pernambuco (NEPE/UFPE) faz parte das ações e atividades realizadas através de uma parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade/NEPE e os povos indígenas no estado de Pernambuco, para o apoio e fortalecimento dos processos museológicos protagonizados entre as comunidades/povos indígenas. A iniciativa de formação em torno da criação de uma rede de museus indígenas como resultado da mobilização das várias lideranças indígenas que reivindicavam a gestão das políticas culturais no uso de suas tradições e espaços da memória.

no meu processo de pesquisa com a museologia indígena, pois além de ser a primeira viagem que fazia para representar os trabalhos e projetos educativos do Museu Kanindé, eu conheci muitos colegas que fiz amizade ao longo dos anos de luta no movimento indígena nacional como: Caboquinho Potiguara⁶, Zé de Santa Xucuru⁷, Vasco Pankararú⁸, Wilker Funiô⁹, e tantos outros, que com o tempo acabei por perder na memória e, até mesmo pela organização do movimento, não tivemos outras oportunidades de nos reencontrar.

No encontro, em Águas Belas, pude reconhecer o papel fundamental do conhecimento sobre os museus indígenas que naquela época já começávamos a discutir. Minha ida aos Funiô foi justamente para isso, apresentar o nosso processo de formação, que havíamos começado com um grupo de estudo no museu Kanindé que era, naquela época, o começo da formação da primeira geração do Museu Kanindé, na qual abordamos mais a frente nessa dissertação.

Dessa maneira, apresentando nosso processo de formação, saí para ensinar como o Cacique Sotero tinha criado um museu aqui no interior do Ceará e como essa ação seria tão importante no desenvolvimento e na construção social da identidade indígena. Com isso, acabei voltando com outras vivências, outros conhecimentos, outras formas de pensar esses aspectos museológicos, de tal forma que o que cada guardião falava, no encontro, era um saber e uma ancestralidade, um modo próprio de fazer também um museu com uma coletividade de vozes, saberes, imagens em que só alguns deles tinham no seu pensamento esses conhecimentos. Desse modo, isso me fez refletir que aquilo era só o começo e que eu precisava aprender mais dessa museologia e contribuir com a realidade social dos povos indígenas, pois há saberes emergentes que nascem da força espiritual, que contribuem com as ações culturais indígenas e que estabelecem relações de comunhão em torno das interpretações do próprio sentido da vida indígena.

Mais o que significa estes espaços museológicos para os povos indígenas? O que eles dizem? Para que servem? De que modo essas ações podem contribuir com a materialidade da cultura, da memória, dos objetos e de tantas outras coisas que são fundamentais no nosso pensamento próprio. Para pensarmos essas formas, no que busco

⁶ Caboquinho Potiguara, liderança do povo Potiguara da Paraíba, foi um dos fundadores articuladores do movimento indígena no Brasil, em especial no Nordeste Brasileiro através das articulações da APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo) desde as décadas de 1990.

⁷ Zé de Santa, liderança indígena do povo Xucuru de Ororubá do município de Pesqueira em Pernambuco.

⁸ Vasco Pankararu, indígena do povo Pankararu de Pernambuco, um dos articuladores da APOINME.

⁹ Wilker Funiô, indígena, antropólogo Funiô de Águas Belas Pernambuco.

conhecer a museologia indígena entre os povos indígenas, podemos fazer uma reflexão sobre algumas vozes que vamos identificar a partir de agora. Vejamos o que fala cacique Sotero, sobre sua percepção do que seria museu indígena na sua visão Kanindé:

O Museu Indígena é um grande alimento para Nós todos no Brasil... Isso aqui é um descobrimento, cada vez mais que conta a história. É uma alimentação... Museu é um grande alimento para nós todos, nós estamos se alimentando por ele e vamos cada vez mais nos alimentar. (Mestre da cultura indígena: Cacique Sotero – Cacique do Povo Kanindé – Aratuba).

FIGURA 3 – MESTRE CACIQUE SOTERO DURANTE O III FÓRUM DE MUSEUS INDÍGENAS NO CEARÁ – ALDEIA JUCÁS – POVO POTYGUARA – MONSENHOR TABOSA – CEARÁ – SETEMBRO 2018.



Foto – Carlinhos Melo – Museu CEVACI – 2018

Percebemos o quanto a fala do mestre Cacique Sotero do povo Kanindé estabelece relações na memória. Se um dia tivemos que nos calar, nos esconder e silenciar nossa história, Sotero nos revela o quanto o museu pode ser importante na prática social do povo, pois o museu que o Cacique nos revela é diferente de qualquer outra coisa que podemos imaginar. Essa narrativa nos propõe, por meio do alimento, que temos que realizar formas entre esses saberes e dinâmicas da memória construtora de sentidos. Mas o alimento que o Sotero nos revela não é comer os objetos como as pedras e as cerâmicas, mas presenciar a espiritualidade da encantaria para um contato com os antepassados e com a natureza, que são visões e percepções que o próprio cacique carrega dos seus ancestrais, pois essas imagens atravessadas no cotidiano museológico clássico tradicional certamente são muito difíceis de entender e compreender nas relações de fato, o que é se alimentar do museu.

Além da prática de formação do cacicado, tenho me dedicado diretamente às atividades do museu kanindé, desde 2011 até os dias contemporâneos, expandindo o sonho do cacique Sotero diretamente aos processos interdisciplinares ao qual o museu tem desenvolvido nas várias gerações de jovens da aldeia Fernandes. Assim, elevando este espaço como formador de conhecedores de saberes tradicionais que perpassam de geração em geração, o que tem estabelecido a formação de três gerações de jovens, o que tratamos mais à frente neste trabalho de pesquisa.

Dessa maneira, passei a ver o espaço de um museu, que nos representa, assim como Sotero sempre fala na sua narrativa com outros olhos, sentidos e múltiplos significados. Pude perceber que esse espaço poderia se tornar não somente uma dinâmica educacional dentro de um olhar dos kanindé, mas uma grande estratégia de luta no fortalecimento e na resistência do povo capaz de reunir uma população no maciço de Baturité e estabelecer relações dinâmicas identitárias em suas gerações, na força da ancestralidade indígena e voltar a se orgulhar da sua identidade Kanindé.

Motivado com o trabalho do museu, depois de revigorar a minha memória, através dos saberes do mestre da museologia indígena cacique Sotero, percebi que o sonho do Sotero era o museu que estava adormecido e precisava acordar. Com isso, descobrimos que o museu para Sotero era um grande alimento, que precisava se deter a esses saberes e condicioná-los à academia. Foi então que propus o museu dos kanindé como ferramenta de formação interdisciplinar entre os kanindé como pesquisa para colocar na prática da pesquisa todos esses conhecimentos e contribuir com a formação do

nosso povo, o que deixou Sotero muito alegre quando falei que iria ser estudante no mestrado e que nossa pesquisa iria ser o nosso grande sonho, o Museu Kanindé.

Havia algo que precisávamos estabelecer através do Museu Kanindé, que ainda estava muito tímido diante da visibilidade dos Kanindé. Se para o cacique sempre tivemos que calar para o homem branco não nos matar, agora era a vez de trazer à tona as coisas e as novidades categóricas nas falas dos guardiões da memória para, assim, dá sentido à nossa história de contato com nossos antepassados. É aí que essa vontade pelos museus se envolve em outros percursos para “mostrar a nossa história” e então começar a divulgar o nosso trabalho para a sociedade e, com isso, aprender as coisas boas para dinamizar e ajudar o nosso conhecimento para a luta.

FIGURA 4. CACIQUE SOTERO NO MUSEU KANINDÉ E O PRIMEIRO OBJETO DO MK: A PEDRA PRETA.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes - 2011

Dessa maneira, colocamos que os trabalhos de pesquisas com a turma da primeira geração de monitores do museu Kanindé foram fundamentais, não somente para que hoje eu seja um pesquisador, mas para colocar o papel dos indígenas Kanindé, protagonistas de seus próprios processos museais, na história. Dessa forma, quis os encantados, que a gente pudesse começar pela museologia indígena Kanindé, na aldeia,

com um descobrimento de um museu que trouxe várias outras ações dentro da comunidade. Salientamos que o espaço sempre existiu, porém a partir da pesquisa da primeira geração percebemos que o gosto do alimento era principalmente para ser compartilhado entre nós próprios. Com isso, a reestruturação do museu Kanindé foi fundamental nessas ações. Com a chegada de um pesquisador não índio dentro da aldeia, tornou-se importante, pois não conhecíamos as técnicas da museologia. A partir de então tudo começaria a se organizar, se classificar, se inventariar na formação de uma geração que junto com o cacique Sotero renascia para compreender que os silenciados e calados precisavam rememorar o passado e dá voz e sentido à vida do povo através da museologia indígena Kanindé.

Com a chegada dos historiadores, Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto¹⁰, com o projeto Historiando, iniciado com os Kanindé em 2009, reforçou ainda mais essa caminhada de luta e resistência nas várias atividades que aconteceram durante todos esses anos com os processos museológicos indígenas. Se por um lado, no começo, os dois pesquisadores iniciaram suas lutas militantes como articuladores para além da pesquisa; nos dias atuais, os mesmos se constituem como dois assessores da rede indígena de memória e museologia social no Brasil, atuando ao lado dos povos indígenas em várias atividades em torno do papel social que existe além e para além desses espaços dinâmicos e propícios aos povos indígenas.

Foi através das figuras dos historiadores do projeto Historiando que fomos instigados a sentir e a pesquisar o que tinha em torno da museologia indígena. Com todas as percepções do cacique Sotero, um momento que a partir do ano de 2002, começaríamos a entender cada vez mais as metodologias de estabelecimento nesta camada de construção entre os povos indígenas, partindo do Kanindé; sendo ponto forte para continuar a luta dos museus e estabelecer relações entre os próprios indígenas. Porém, para chegar a essas viagens de conhecimentos, retorno ao ano de 2011, quando Alexandre Gomes tem, como contrapartida de suas ações de pesquisa na comunidade, um projeto de reestruturação do espaço físico do museu Kanindé. Desde então, encabeçaríamos uma estratégia para ampliar a formação interdisciplinar entre os Kanindé, no Ceará, e a partir de então nos inscreveríamos no Projeto Pontos de Memória, edição 2011, do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

¹⁰ Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto, Historiadores, Indigenistas, coordenadores do projeto Historiando e assessores da Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil.

Fomos premiados com o tão sonhado projeto, que desde então começaríamos a discutir o programa de formação do núcleo educativo do museu Kanindé, bem como a sua infraestrutura de salas de exposição. Volto essas lembranças porque se não fosse o projeto ter ganhado no prêmio pontos de memória não teríamos talvez ido onde a gente foi ao longo desses anos de luta, pois a partir da hora que fomos premiados, passamos a fazer parte de um grupo maior de espaços comunitários de diversas magnitudes, desde aldeias, quilombos e favelas. Passamos a partir de então fazer parte de uma rede maior de conhecimentos na pesquisa, o que foi fundamental também pra instigar com o que nos faz pesquisar a museologia e suas práticas entre os povos indígenas e em especial o povo Kanindé, aqui no Ceará.

Ressalto dentro desse processo de descoberta dos museus pelos índios meu engajamento no movimento indígena museológico a nível local, estadual e nacional, o que proporcionou uma larga escala de conhecimento, que foram fundamentais para rememorar a importância dos aspectos dessa pesquisa ao longo dos anos e também fazer com que me tornasse um dos articuladores desse movimento.

A partir de então as atividades realizadas pelo museu dos Kanindé começaram a se destacar e a ganhar força em um contexto no qual começamos a participar de eventos de grande porte, a nível nacional, com outros povos indígenas, no Ceará, no Nordeste e no Brasil, discutindo o que se chama de museologia indígena e a formação idealizada a partir da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Ceará, estudando os Kanindé e suas organizações sociais em torno de sua afirmação étnica.

O museu dos Kanindé foi convidado a participar do 5º Fórum Nacional de Museus realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus em novembro de 2012, evento este que estavam presentes além do representante Kanindé; Rosa Pitaguary – Representante do Museu Indígena Pitaguary; Heraldo Alves – Preá – Representante do Museu Indígena Jenipapo Kanindé; Nino Tikuna – Museu Indígena Maguta – AM; Paty Pataxó – Representante do Museu Indígena virtual Muká – Mukaú Pataxó da BA; e Papiõn Karipuna, indígena do Rio de Janeiro, que nos ajudou muito nesta empreitada. Além dos indígenas, estavam presentes os historiadores Alexandre Gomes e João Paulo Vieira.

As vozes indígenas que representavam os museus indígenas neste evento ainda estavam muito tímidas e a grande maioria dos museus que estiveram naquela oportunidade foram museus grandes e tradicionais dos estados brasileiros e que de começo, a gente enquanto movimento de calados e miúdos no meio dos grandes, trouxemos grandes articulações daquele fórum, que foi a representação indígena dentro

de uma comissão que discutia o Programa Pontos de Memória no Brasil, pois, em 2012, começava a discussão de uma política pública em torno dos Pontos de Memória. Nela englobava além dos museus indígenas, os museus de favela, terreiros, quilombos entre outros. Desta reunião foi decidido entre os parentes indígenas que, Suzenilson Kanindé do estado do Ceará, seria o representante a está dialogando com outros representantes de outras iniciativas junto ao IBRAM.

FIGURA 5 – PARTICIPAÇÃO DOS MUSEUS INDÍGENAS DO CEARÁ – PONTOS DE MEMÓRIA NO 5º FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS IBRAM – PETROPÓLIS – RIO DE JANEIRO – NOVEMBRO DE 2012. NA IMAGEM: JOÃO PAULO VIEIRA NETO – ASSESSOR DA REDE INDÍGENA DE MUSEUS; SUZENALSON KANINDÉ – MUSEU INDÍGENA KANINDÉ; MÁRIO CHAGAS – MUSEU DA REPÚBLICA; HERALDO ALVES “PREÁ” – MUSEU JENIPAPO KANINDÉ E ROSA PITAGUARY – MUSEU PITAGUARY.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes – 2012

Neste encontro do 5º Fórum Nacional de Museus conhecemos por intermédio de João Paulo Vieira e Alexandre Gomes um senhor muito simpático, alegre e descontraído, não entendíamos a língua dele muito bem mais pelos semblantes que ele colocava, era um sabedor. Falo aqui de Hugues de Varine, um palestrante neste fórum que, mais tarde na nossa volta ao estado do Ceará, nos visitaria se reunindo junto às vozes dos museus indígenas, no II Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas no Ceará, que

aconteceu na aldeia Lagoa da Encantada, no povo Jenipapo Kanindé, no dia 04 de dezembro de 2012.

Sempre foi nítida a vontade de nos organizarmos e aprofundarmos cada vez mais os conhecimentos práticos sobre essa museologia indígena cheia de saberes e formas que iluminava e contagiava a todos e em todos os momentos, pois era de fato a vontade de pesquisar as estratégias dos museus indígenas e se apropriar de estratégias em desenvolvimento, sobretudo a partir da organização dos próprios indígenas em querer criar os seus espaços de manutenção das identidades.

A partir da museologia indígena existe uma museologia Kanindé, que é própria criada e estabelecida pelo seu maior incentivador, o mestre da museologia indígena Cacique Sotero, tendo se destacado como forma própria de um povo que estabelece suas relações de acordo com suas formas de ser. Cacique Sotero tem se constituído como um curador de suas artes de classificar e manter relações com os objetos existentes no museu desenvolvendo uma forma coletiva na sua forma de ser e conviver com seu povo.

A museologia Kanindé é uma museologia que encanta, traz exuberância, percorre as coisas dos Kanindé, seja dos índios, dos velhos ou das matas, é um modo próprio de entender a vida dos pais e das mães, pois possui várias imagens da caça do mato, forma de existência que aconteceu com os antepassados como um retrato de tudo aquilo que as gerações de hoje podem saber para fortalecer a identidade.

São nessas ações e vontades de pesquisar a museologia Kanindé, que nasceu um novo momento para perfazer os museus indígenas, que a cada dia nos dá mais vontade de conhecer, de se organizar nas bases, de debater políticas em torno desses processos, programas e projetos de formação, que fazem desta pesquisa um alimento de vontade que mostra para a sociedade um processo sobre esses métodos e ferramentas que relaciona toda as vontades e formas próprias indígenas de aprender coletivamente.

A museologia que se constrói é uma forma de entender realidades indígenas diversas em torno de suas memórias indígenas, seus ecossistemas, seus territórios e suas cosmovisões dentro e fora do mundo. A experiência dos Kanindé é viva, cheia de cores e de sabores, de interpretações e de maneiras de pensar a relação do povo com seus ancestrais, seus objetos, suas formas e maneiras de se vê no mundo em relação a si e os outros. São formas como esta que a pesquisa sobre a museologia indígena nos faz entender os processos realizados pelo museu Kanindé como um espaço decolonizador/descolonizador, pois, na imagem traduzida nos próprios sentidos, nos revela formas de pensar do modo próprio dos indígenas, como podemos ver na fala abaixo:

O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu o tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque aí tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do peba, tem a imagem do pote que foi feito antigamente. Tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de quem construiu aquela história. (Cícero Pereira – Liderança indígena Kanindé)

Essa fala da liderança, Cícero Kanindé, nos deseja estabelecer relações em elementos essenciais para entendermos como a museologia indígena presente no museu Kanindé é importante para a vida do próprio povo. Essa filosofia indígena, em seus modos de pensar, está presente em todas as visões, desde a imagem que se tem de um pote à imagem de um peba; até as próprias famílias, pois além de representar a memória como era antes, nos deixa sentir, na sua reflexão, termos que são levados às práticas da caça, do artesanato e das lembranças da memória estabelecidas pelas vozes do museu ante a um objeto que pode representar várias outras formas de ser, crer e sentir a existência do povo nesse território.

Os museus indígenas do estado do Ceará se tornaram referência a nível nacional, ao longo dos anos, estabelecendo interlocuções internacionais com outras iniciativas que se tornaram fundamentais nestas articulações em torno da discussão da museologia indígena. Essas também foram formas de aprimorar o conhecimento de saberes entre os povos e difundir cada vez mais a relação com os espaços museológicos indígenas. Foi nessa mistura de saberes que também culminou toda a discussão da criação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social¹¹, em 2014.

Ao se tornar um espaço muito mais amplo entre os povos indígenas, a museologia indígena tem papel essencial na pesquisa e no conhecimento de diversos outros setores da sociedade brasileira, nas universidades e instituições museológicas. Como uma dessas interlocuções e parcerias, entre os dias 29 de abril a 01 de maio do ano de 2014, o Museu Kanindé foi convidado pelo museu índia Vanuíre que fica sediado na cidade de Tupã, no estado de São Paulo, para participar do IV Seminário: Museus,

¹¹ A Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil, organização entre os povos que constituem museus indígenas. É uma articulação entre os diversos povos indígenas, criada em 2014 durante o II Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco, tornando-se uma articulação em rede, aberta e descentralizada, protagonizada pelos povos indígenas, criada com o intuito de fortalecer as ações comunitárias relacionadas às memórias, o patrimônio e a diversidade de conhecimento relativo aos povos indígenas e suas diversidades. A rede está presente em vários estados brasileiro dentre eles podemos destacar: Ceará, Piauí, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, Amazonas, Acre, Mato Grosso, Tocantins, entre outros.

Identidades e Patrimônio Cultural¹², nesta participação fomos convidados a apresentar um trabalho sobre a classificação dos objetos do Museu dos Kanindé, nesta mesma data, que ocorrera esta mesa de participação, estiveram presentes também o parente Wilker Funiô, de Águas Belas em Pernambuco, e o Antropólogo Alexandre Oliveira Gomes.

A partir deste encontro tivemos uma aproximação maior com a museologia indígena dos povos indígenas do oeste de São Paulo, principalmente, da terra indígena Vanuíre, que, nesta época, estavam começando também a discutir processos museológicos indígenas. Hoje, existem dois processos museológicos interessantíssimos nesta área, que são os espaços museológicos dos museus indígenas - Museu Worinkg Sol Nascente¹³, coordenado pelos Kaingang da família de dona Dirce Jorge e de suas filhas Susilene e Lucilene Kaingang; e também o museu indígena Akãm Orãm Krenak¹⁴, que é coordenado pela família de Lidiane Damasceno Krenak.

¹² IV Seminário: Museus, Identidades e Patrimônio Cultural – Evento realizado pelo museu índia Vanuíre, localizado na cidade de Tupã, região oeste do estado de São Paulo.

¹³ O Museu Indígena Worinkg Sol Nascente é uma iniciativa criada por três mulheres indígenas Kaingang: Dona Dirce Jorge Lipu Pereira (Kujã – Pajé Kaingang, Gestora e Curadora do Museu) e Suas filhas Susilene Melo (é assistente da Kujã sua mãe e gestora e curadora do museu) e Lucilene Kaingang. Criaram o museu com o propósito de lutar pela vida e divulgar a cultura Kaingang. O museu está localizado na terra indígena Vanuíre, no Município de Arco – Íris, oeste do estado de São Paulo.

¹⁴ O museu indígena AKÂM ORÂM KRENAK foi idealizado por guerreiros Krenak, idealizado para revitalizar a cultura e costumes do povo na produção de artefatos e artesanatos do povo, Criado em 2016 pelas lideranças: João Batista, conhecido como sr. Burum Rim e sua esposa dona Liah, Luiák. O museu hoje tem em sua excêlcia a curadora e gestora Lidiane Krenak que é filha dos criadores.

FIGURA 6– PARTICIPAÇÃO DOS MUSEUS INDÍGENAS DO NORDESTE NO ENCONTRO PAULISTA “QUESTÕES INDÍGENAS E MUSEUS”, NO MUSEU ÍNDIA VANUIRE, NA CIDADE DE TUPÂ, SÃO PAULO. NESTA COMITIVA ESTIVA: ALEXANDRE GOMES – ASSESSOR DA REDE DE MUSEUS INDÍGENAS; ANTÔNIA KANINDÉ – MUSEU KANINDÉ/CE; SUZENALSON KANINDÉ – MUSEU KANINDÉ/CE; SOCORRO JUCÁ – MUSEU KAPINAWÁ/PE; RONALDO SIQUEIRA – MUSEU KAPINAWÁ/PE; DAVIDSON KASEKER – SISEM/SP; HERALDO ALVES “PREÁ” – MUSEU JENIPAPO KANINDÉ/CE; SUZY SANTOS – ESTUDANTE/SP; JOÃO PAULO VIEIRA – ASSESSOR DA REDE DE MUSEUS INDÍGENAS.



Foto: Monitora Museu Índia Vanuíre - 2013

Os povos indígenas de São Paulo se tornaram importantes nessa caminhada, pois participaram também, em 2014, durante o II Encontro de Museus Indígenas de Pernambuco, da criação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil, organização criada coletivamente entre os povos, que a partir de então passou a ser o ponto forte para a troca de experiências e o fortalecimento dos processos museológicos indígenas existentes em seus territórios.

Esses acontecimentos, ao longo dos anos, têm sido importantes para nossa própria construção ao entender o que seria a museologia indígena e o porquê elevar um processo de pesquisa neste caminho entendendo que cada espaço se constrói

coletivamente e atua para além do espaço físico, trazendo ampla conexão com os encantados, realizando ações interpretativas através das vozes que aparecem a cada instante na fala dos guardiões da memória, difundindo todo um conhecimento epistemológico indígena, que cria saberes e fazeres de significados em torno das memórias ancestrais.

Um marco histórico para entendermos como os espaços museológicos indígenas são importantes nesse trajeto foi a realização do I Fórum de Museus Indígenas do Brasil, realizado durante os dias 16 e 17 de maio de 2015, interligado ao I Fórum de Museus Indígenas do Ceará na aldeia sítio Fernandes, em Aratuba, no Maciço de Baturité, na terra indígena dos Kanindé. Nesta oportunidade, juntaram-se várias etnias do estado do Ceará e de Parentes de outros estados. Começou a partir de então um movimento em rede entre várias etnias do Brasil que puderam colocar suas experiências, dificuldades e busca por autonomia.

Estiveram presentes neste encontro, além dos Kanindé, anfitriões do evento, representantes dos povos Pitaguary, Tremembé, Potiguara, Jenipapo Kanindé, Tapeba, Anacé do estado do Ceará; além do Kapinawá de Pernambuco, Os Kaingang de São Paulo, Os Karipuna do Amapá. Sendo o motivo para se juntarem, em Aratuba, nesta edição do I Fórum Nacional envolvendo os povos indígenas em termos museológicos entre os mesmos, o que viria a ser fundamental na continuidade dos processos museológicos indígenas a níveis nacional. A procura, a partir de então, por uma política pública que estabelecesse uma maior visibilidade entre esses povos surgiu.

FIGURA 7 – MESA DE ABERTURA NO I FÓRUM DE MUSEUS INDÍGENAS DO CEARÁ – I FÓRUM DE MUSEUS INDÍGENAS DO BRASIL; NESTA MESA ESTÃO PRESENTES: CACIQUE JONAS – POVO ANACÉ/CE; PAJÉ LUIZ CABOCLO – POVO TREMEMBÉ/CE; CACIQUE SOTERO – POVO KANINDÉ/CE; CACIQUE JOÃO VENANCIO – POVO TREMEMBÉ/CE; ROSA VERAS – POVO POTYGUARA/CE; E HERALDO ALVES “PREÁ” – POVO JENIPAPO KANINDÉ/CE.



Foto: Carlinhos Melo – Museu CEVACI – 2015.

Pesquisar os processos museológicos indígenas entendendo a museologia indígena é fundamental, pois esse processo de organização caracterizam como um modo próprio de pensar, agir e estabelecer relações com a natureza, os encantados e os objetos; de entender as formas de interação com a vida e com o meio, constituindo saberes para garantir o próprio pensamento indígena pois como preconiza a própria constituinte de 1988 no seu ART. 231: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a união demarca-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

A museologia indígena Kanindé se constitui como espaços de discussão, para além da apropriação de objetos, sendo um espaço de resistência, de contato direto com os ancestrais, com suas formas de ensinar e aprender com os mais velhos, na qual as gerações indígenas contemporâneas tem a oportunidade de se conectar com as vozes identitárias e assumir uma condição social de profícua relação no futuro, pois o museu

produz toda esse reavivamento entre as memórias, com suas formas de pensar, tornando-se essenciais para demarcar esse território ancestral.

A museologia indígena tem se revelado como uma grande qualificadora de diversos processos, que a envolvem em torno de projetos que englobam a prática da memória, do patrimônio e diretamente a da preservação da identidade dos povos indígenas, fazendo com que essas mesmas experiências possam assumir sua prática de musealização. Para tanto, é importante enfatizar também o conhecimento das populações indígenas sobre a prática da museologia e suas diversas áreas do saber, entendendo e rememorando ressignificações em torno de saberes diversos dos povos.

Do silêncio ao silenciamento, do esquecido ao esquecimento, o olhar Kanindé estabelece interpretações de como os mais antigos, que são os guardiões da memória, de uma memória que um dia foi silenciada “calada”, se constituíram e mantiveram entre segredos as narrativas desses protagonistas; assim, diante de uma nova descoberta, que esperavam por um momento para tudo voltar à tona para que assim essas memórias se permaneçam vivas.

As memórias presentes na museologia indígena Kanindé são interpretadas de forma a conduzir no presente as ações do povo, em assumir e fazer parte de uma ancestralidade e tradição, que não conseguiu se romper no tempo. Essa utilização de percepções são sinais diacríticos que se reconstituem através da reapropriação de objetos que se fundamentalizam nas metáforas de identidade dos Kanindé.

As reflexões que resultam na construção desse estudo atravessam uma área interdisciplinar que envolve desde a museologia à antropologia, geografia, ciências, entre outras áreas que diversificam os modos próprios de reinterpretar a existência indígena Kanindé, no presente. Com isso, constrói um encontro epistemológico que podemos chamar de museologia indígena, elencada com a experiência dos Kanindé na constituição e interpretação sobre os museus indígenas.

As ações aqui pesquisadas são de suma importância no desenvolvimento de várias estratégias que giram em torno das percepções do povo Kanindé, ao se estabelecer como formas de pensar e agir, experimentando suas formas de estabelecer como prática de um movimento maior que envolve outras populações em torno das lutas dos povos indígenas brasileiros, estabelecendo trajetórias do passado como ponto de partida para pensar o futuro entre as várias gerações.

1.2 – OBJETIVOS – “POR QUE” CONTAR A HISTÓRIA E A EXPERIÊNCIA DE NOSSO POVO.

Pesquisar sobre a experiência do povo Kanindé é fundamental para entender o processo de musealização de objetos que possuem significados simbólicos, históricos e identitários em nossa cultura. Dessa forma, o costume dos mais velhos, “Guardiões da Memória”, em colecionar objetos que surgem no movimento da aldeia, em torno do reavivamento da memória coletiva a partir da história contida em cada objeto e da necessidade de criação de um museu. É partindo desta ação do reavivamento que o museu Kanindé passa a fazer parte dos processos educativos da juventude.

O museu indígena é um espaço de transformação, de afirmação étnica e identitária para os povos indígenas, de estratégia política pelos seus direitos, pois “Manter a história somente na memória não foi o suficiente para garantir sua perpetuação. Foi pensando assim que o cacique do povo Kanindé, José Maria Pereira dos Santos, o Sotero, organizou por volta de 1996 o museu dos Kanindé”. (SANTOS,2016, p.156).

A apropriação do museu pelos Kanindé tem mostrado várias experiências na contemporaneidade, remetendo-nos a reflexões sobre a criação deste espaço diante dos povos indígena, principalmente, no campo da memória e da organização social do povo. Tornando-se fundamental para a compreensão do papel do museu indígena, já que criado e gerido pela própria etnia indígena.

Essa experiência do Museu Kanindé, em torno de uma formação interdisciplinar, tem se tornado referência no Brasil e fora do Brasil também diante das crescentes práticas museológicas de cunho social, não somente dos povos indígenas, mas de outros sujeitos e instituições, como as próprias universidades públicas e até outros museus que procuram essa iniciativa. Os Museus Indígenas¹⁵ podem ser entendidos como espaços de relevância para a apropriação da memória e fortalecimento da identidade étnica, particularmente, na relação com crianças e jovens, pois, através do museu, podem salvaguardar e usufruir dos

¹⁵ Para o Antropólogo Alexandre Oliveira Gomes, Consideram-se museus indígenas como os espaços construídos no interior de (e por) comunidades onde a identidade étnica é ressignificada através da memória dos/nos objetos, que se tornam espaços relacionados com processos educacionais, mobilização política e de organização sócio – comunitária, não se constituindo como um museu “sobre” os índios, mas “dos” índios. Assumem um claro posicionamento na construção de seus discursos e narrativas. Organizam a memória indígena em primeira pessoa, como espaço de representação de si, vinculados a processos de organização e mobilização política, as suas demandas sociais e ao seu patrimônio.

objetos da história que se tem no presente, em consonância com o passado, para poder afirmar no futuro a sua identidade e relações étnicas.

FIGURA 8 – PRIMEIRA SEDE DO MUSEU KANINDÉ, CRIADO NA SALA DO CACIQUE SOTERO. NESTA IMAGEM ESTÁ A EQUIPE DE PINTURA DO MK, GRAFISMO E COLOCAÇÃO DO NOME DO MUSEU, NELA ESTÁ PRESENTE: EVANILSON KANINDÉ, MONITOR MK; SUZIANY KANINDÉ, MONITORA MK, NETA DE CACIQUE SOTERO E FILHA DE SUZENALSON KANINDÉ; CACIQUE SOTERO – CRIADOR DO MUSEU KANINDÉ; ALEXANDRE GOMES – ANTROPOLOGO ESTUDANTE/PESQUISADOR DO MUSEU KANINDÉ; E SUZENALSON KANINDÉ – PROFESSOR KANINDÉ.



Foto: Breno Kanindé – Monitor I Geração MK - 2011

Compreendemos que o museu indígena Kanindé se configura como espaço propício para a educação indígena, integralizando ações educacionais para as diferentes

gerações na luta pelos direitos e fortalecimento da identidade. Portanto, partindo deste princípio, a memória se torna fundamental conjuntamente a escrita de sua história, se constituindo como um espaço de afirmação da identidade e da etnicidade, se tornando um lugar com um grande potencial de estratégia de afirmação étnica, se auto afirmando sobre si, trazendo à tona a força nas lutas pela terra, educação e saúde.

A presente proposta de pesquisa gira em torno do Museu Kanindé como espaço de discussão em torno da identidade. Para isso, partirá de uma análise a partir de uma perspectiva contemporânea envolvendo a interdisciplinaridade que pretende entender a questão do fortalecimento da identidade Kanindé como projeto político de resistência e protagonismo na história e na luta pela demarcação dos territórios e pelo reconhecimento da nossa diferença sociocultural.

Entender também a museologia Kanindé podendo contá-la como arte de aprender, é uma experiência do povo. Senti-la como ciência dos processos de ensino para apreensão da cosmovisão indígena percebendo a importância que têm caciques e pajés em torno de seus saberes ancestrais dos antepassados, assim estabelecendo suas relações com as encantarias de prática de sentir e recordar práticas e sentidos.

Nos últimos anos, o povo kanindé tem atuado na apropriação da construção de um processo museológico próprio, que com o protagonismo dos indígenas tem se tornado, além de um espaço de memória, um centro de documentação que reflete sobre as ações diretas com o território, pois “a partir do momento em que povos indígenas formam suas próprias coleções, atribuem sentido e criam museus, o antigo discurso colonialista dos museus tradicionais cede espaço para uma representação sobre si” (GOMES, 2011, p.143).

O museu dos kanindé tem assumido um importante papel na luta e na resistência do povo, ao ter se constituído em forte potencial nas ações do movimento indígena, pois os museus indígenas se tornam “instrumento da chamada causa indígena” (CHAGAS, 2007, p.81) quando são capazes de tornar os povos indígenas para assumirem seu local social em construção de suas narrativas. Atualmente, o envolvimento dos kanindé neste projeto de construção de um espaço específico, que representa a sua cultura, tem estabelecido um contato em torno da consciência e da importância de preservar seus saberes e fazeres presentes em seu território, tornando um espaço específico que se

constitui “regime de memória”¹⁶, pois nele busca-se “expressar a condição dos indígenas com grande exuberância e beleza” (OLIVEIRA, 2011, p.14).

O museu indígena Kanindé sendo um local de memória, possui uma grande relação e contribuição na educação diferenciada do povo Kanindé. Desde sua criação tem dialogado sobre o fortalecimento e a consolidação de relações identitárias, comungando projetos e ações no campo da memória e do patrimônio cultural, atuando para além e paralelamente a educação escolar indígena, no fortalecimento dos cantos, danças, dos elementos da espiritualidade, valorizando os modos de fazer na relação com os guardiões da memória.

¹⁶ No livro *A Presença Indígena no Nordeste*, o Antropólogo João Pacheco de Oliveira, traz como exemplo quatro regimes de memória que podemos estabelecer ao longo dos tempos sobre os indígenas, sendo o quarto regime de memória o que mais se assemelha com os indígenas no contemporâneo: **Primeiro Regime de Memória** é um regime discursivo que trata os indígenas como nações indígenas, apresentando-os como coletividades que ocupam territórios específicos. **O segundo Regime de memória** procede a uma rigorosa separação entre o índio colonial e o índio bravo, e aponta nitidamente os cenários e contextos sociais em que cada um deles seria encontrado. O índio colonial só aparece em fazendas ou aldeias missionárias, ou seja, em via, portanto, de tornar-se indistinto de trabalhadores e de cristãos. O Bravio por sua vez é representado em incursões militares, chamadas de guerras justas, ou conduzido como cativo para o uso, dito temporário, da escravidão indígena. **O terceiro regime de memória** opera com uma imagem do indígena em duas temporalidades distintas. O índio do passado, que precedeu o colonizador português, é fortemente estetizado e enobrecido em seus costumes, transformando-se em personagem trágico da literatura indianista e das artes românticas. Já o indígena real se caracteriza pela perda cultural e pela condição de miséria. Trata-se de alguém que chama muito pouca atenção de artistas e intelectuais, ou é um personagem insólito, tal como visto em charges políticas. Por último, **o quarto regime**, constituído pela memória que movimentos e organizações indígenas tentam construir na contemporaneidade, é muito diferente dos demais, uma vez que busca expressar a condição de indígena com grande exuberância e beleza. Os elementos diacríticos da condição de indígena, em especial pinturas corporais e cocares, tornam-se muito valorizados e circulam, com intensidade e de modo livre, entre os diferentes povos, independentemente de tradições específicas. As ações culturais e performances rituais deixam de ser um saber restrito aos mais velhos e passam não só a envolver crescentemente os jovens, como também a incorporar contextos cotidianos, como as atividades escolares e mobilizações políticas, com forte presença feminina.

FIGURA 9 – CENTENÁRIO DO POVO KANINDÉ – IDEALIZADO PELO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ COM AS ESCOLAS INDÍGENAS: MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, LOCALIZADA NA ALDEIA SÍTIO FERNANDES, MUNICÍPIO DE ARATUBA; E A ESCOLA INDÍGENA EXPEDITO OLIVEIRA ROCHA DA ALDEIA GAMELEIRA, MUNICÍPIO DE CANINDÉ NO ESTADO DO CEARÁ. O CENTENÁRIO FOI REALIZADO COM UMA MARCHA, NO CENTRO DA CIDADE DE ARATUBA, COM O INTUITO DE PEDIR O RECONHECIMENTO OFICIAL DA TERRA INDÍGENA KANINDÉ.



Foto: Alexandre Gomes – 20 de novembro de 2015

Realizamos um estudo interdisciplinar teórico e metodológico da criação de museus pelos índios através da experiência dos kanindé, analisando sua relação com a educação diferenciada sobre os sentidos e as formas de (re)significar a memória, trazendo para o debate a história e antropologia com novos sentidos, superando as teorias da “aculturação e do assimilacionismo”. (SILVA, 2005).

A construção social da memória tem relação direta com a identidade de um povo para mostrar o que deve ser “lembrado” e o que deve ser “esquecido” na história. Nesta pesquisa, analisamos as práticas da museologia indígena dos kanindé, da Aldeia Sítio Fernandes (Aratuba – Ceará) através da problematização dos processos de formação dos Kanindé por meio do processo de musealização de seus objetos museológicos em um

sistema de construção de uma museologia própria dos kanindé existentes no museu dos kanindé, criado em 1995.

A possibilidade de (re)escrita da história pode fazer com que o museu indígena seja um potencial articulador nos traçados das lutas diárias estabelecidas através dos povos indígenas e suas organizações, nos dias atuais, podendo fortalecer a luta pelos direitos originários. A descoberta dos museus pelos índios no estado do Ceará se deu em meados de 1995, quando o povo kanindé, por iniciativa de seu cacique, José Maria Pereira dos Santos (Cacique Sotero,) resolveu criar o museu Kanindé, ao seu modo, que segundo o mesmo seria “para mostrar a história do índio na sociedade”.

O museu indígena Kanindé se tornou assim como a escola diferenciada, um espaço de aprendizagem e formação para a aldeia. Com suas coleções de objetos, tem se tornado, ao longo dos anos de existência, uma referência nos processos sócio culturais da juventude Kanindé, em torno dos aspectos relevantes da identidade na qual as narrativas sobre esses objetos estão diretamente ligadas às relações cotidianas dos guardiões da memória, sendo um dos principais o seu criador, Cacique Sotero.

O museu Kanindé representa mais uma forma do pensar dos Kanindé, renova e guarda a memória através das narrativas dos próprios Kanindé e está relacionado com seus saberes sobre território, coisas e pessoas; sendo uma forma de concretizar o ser indígena Kanindé, transgredido na terra como ponte de fortalecimento para a relação com os mais velhos, conhecido por troncos velhos ou guardiões da memória

A construção da identidade indígena Kanindé passa por lugares que se constituem da materialidade do povo desde o museu à escola, às matas, aos roçados, às dinâmicas sociais das reuniões, dos seres das matas, das encantarias e das memórias que estejam no presente e que sejam capazes de difundir uma reflexão sobre o tempo passado e o tempo futuro.

A museologia indígena dos kanindé tem chamado atenção nos últimos anos, pois tem se tornado uma ferramenta em torno da (re)construção da etnicidade, fundamental nas suas mobilizações políticas que culminou principalmente na busca pelo reconhecimento da sua presença indígena como povo kanindé, na região do maciço de Baturité, como na sociedade cearense. Poderíamos enfatizar que a museologia kanindé são formas de (re)escrita de sua própria história através de seu espaço museológico, ou seja, o museu kanindé, que torna possível os próprios índios contarem sua história, dando ênfase ao seu protagonismo, deixando na contra mão o diálogo do silenciamento trazido ao longo dos anos na historiografia, pois quando os indígenas eram mencionados em

museu chamados tradicionais, eram sempre taxados como “subalternos”, “coadjuvantes”, “primitivos” ou “exóticos” na população brasileira. (FREIRE, 1998; SANTOS, 2005).

Podemos entender esse processo do museu Kanindé como uma retomada do protagonismo dos próprios Kanindé em ter a experiência de contar a sua própria história. O museu se torna além de um centro de documentação, um núcleo educativo onde as gerações mais novas podem aprender com as gerações mais velhas, promovendo autonomia do próprio povo, subvertendo a ideologia de um espaço chamado museu, que historicamente renegou aos povos indígenas suas próprias formas de ser.

1.3 – METODOLOGIA – “COMO” REALIZAR UMA PESQUISA DO PONTO DE VISTA KANINDÉ?

Com a chegada da COVID na aldeia ficou difícil realizar algumas metodologias, como entrevistas, pois mesmo sendo pesquisador da própria aldeia temos um regramento aqui de isolamento social entre as famílias principalmente para resguardar as nossas lideranças tradicionais, que são foco direto de entrevistas nessa pesquisa.

A forma que encontramos para dialogarmos mais de perto com os guardiões da memória, nessa pesquisa, foi interligar a mesma ao programa de formação da 3ª geração de monitores do museu Kanindé, a qual contribuiu muito neste processo, pois foi realizada oficinas de formação com os guardiões e com o grupo núcleo MUKA – museologia Kanindé, e alguns professores, filhos e netos dos guardiões deram suporte na tecnologia da informação durante todas as formações virtuais ao qual participamos. Neste campo da pesquisa idealizamos como aula de saberes – momentos virtuais de aprendizado tanto para contribuir com a escrita da mesma como para contribuir com o processo de formação da 3ª Geração de monitoria do MK. Dentro desta metodologia nos conectamos as seguintes atividades do programa de formação:

FIGURA 10 – CARD DE ABERTURA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ, QUE TEVE COMO AULA MAGNA: “MUSEOLOGIA INDÍGENA: AUTO GESTÃO MUSEOLÓGICA, NARRATIVAS DA MEMÓRIA E HISTÓRIA KANINDÉ. CARD DE INÍCIO DAS ATIVIDADES – 10/03/2021

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ
"Multiplicadores de Saberes Ancestrais"

Abertura do Programa de Formação de Monitoria do Museu Kanindé

Programação:

Lideranças Kanindé
 Representantes Institucionais
 Equipe Gestora do Museu
 Turma de Monitoria

Aula Inaugural de Saberes:

« **Museologia Indígena: Auto Gestão Museológica, Narrativas da Memória & História Kanindé** »

Com Cacique Sotero
 Fundador do Museu Kanindé e
 Mestre da Cultura Indígena no Ceará

Data: 10/03/2021
Local: Meet
Horário: 13:30h

Realização:

Apoio:

PONTO DE MEMÓRIA & CULTURA
MUSEU KANINDÉ
 ALDEIA SÍTIO FERNANDES - ARATUBA - CEARÁ

LEI ALEJIO BLANC CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
 SECRETARIA DA CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA INVESTIMENTOS TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 14.097, de 29 de junho de 2020.

I Prêmio Culturas Indígenas do Ceará 2019

Foto/Card – Samuel Gomes - 10 de março de 2021

A presente pesquisa girou em torno do Museu Kanindé como espaço de discussão em torno identidade. Para isso partimos da análise com uma perspectiva contemporânea que envolve a interdisciplinaridade, que pretende entender a questão do fortalecimento da identidade Kanindé como projeto político de resistência e protagonismo dos indígenas na história e na luta pela demarcação dos territórios e pelo reconhecimento da nossa diferença sociocultural.

FIGURA 11 – AULA DE SABERES – A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR, COMUNITÁRIA E RELIGIOSA DO POVO KANINDÉ MINISTRADA PELA LIDERANÇA SINHOR BERNARDO KANINDÉ.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ
“Multiplicadores de Saberes Ancestrais”

Convida para a “Roda de Saberes em Diálogos Interdisciplinares”
COM:

Sinhor Bernardo Kanindé
 “Organização Familiar, Comunitária e Religiosa no Povo Kanindé”.
 Data: 17/03/2021
 Local: Google Meet
 Horário: 14:00 as 15:00 horas.

Realização: **MUSEU KANINDÉ**
 PONTO DE MEMÓRIA & CULTURA
 ALDEIA SÍTIO FERNANDES - ARATUZA - CEARÁ

Apoio: **AIKA**, UFF, GOVERNO DO CEARÁ, BRASIL

Assim pretende o edital para o Prêmio Estadual de Cultura, através do Prêmio Estadual de Cultura, como iniciativa promovida da Lei Federal nº 7.907, de 19 de junho de 2009.

1º Prêmio Lulipas Indígenas
 de 2021

Foto/Card – Suzenilson Kanindé – 17/03/2021

O museu dos kanindé tem assumido um importante papel na luta e resistência do povo ao ter se constituído em forte potencial nas ações do movimento indígena, pois os museus indígenas se tornam “instrumento da chamada causa indígena” (CHAGAS, 2007, p.81) quando são capazes de tornar os povos indígenas para assumirem seu local social em construção de suas narrativas. Atualmente o envolvimento dos kanindé neste projeto de construção de um espaço específico que representa a sua cultura, tem estabelecido um contato em torno de uma consciência da importância de preservar seus saberes e fazeres presentes em seu território, tornando um espaço específico e se constituindo “regime de memória” pois nele busca-se “expressar a condição dos indígenas com grande exuberância e beleza” (OLIVEIRA, 2011, p.14).

Realizamos um estudo interdisciplinar teórico e metodológico da criação de museus pelos índios através da experiência dos kanindé, analisando sua relação com a educação diferenciada, sobre os sentidos e as formas de (re)significar a memória trazendo

para o debate da história e da antropologia com novos sentidos, superando as teorias da “aculturação e do assimilacionismo”. (SILVA, 2005).

FIGURA 12 – AULA DE SABERES – “DO MUSEU AO MONDÉ”: A MATERIALIDADE DA MEMÓRIA DA CAÇA E DOS ENCANTADOS NOS CONHECIMENTOS KANINDÉ, COM MANOEL CONSTANTINO DOS SANTOS - PAJÉ MACIEL KANINDÉ.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ
“Multiplicadores de Saberes Ancestrais”

RODA DE SABERES

“Do Museu ao Mondé” – A Materialidade da Memória da Caça e dos Encantados nos Conhecimentos Kanindé

Local: **Google Meet**
 Data: **31/03/2021**
 Horário: **14:00**

Realização: **MUSEU KANINDÉ**
 ALDEIA SÍTIO FERNANDES - ARATUBA - CEARÁ

Apoio: **AKA**, GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, **BRASIL**

Foto/Card – Suzenilson Kanindé – 31/03/2021

A construção social da memória tem relação direta com a identidade de um povo para mostrar o que deve ser “lembrado” e o que deve ser “esquecido” na história. Nesta pesquisa analisamos as práticas da museologia indígena dos kanindé da Aldeia Sítio Fernandes (Aratuba – Ceará) através da problematização dos processos de formação dos Kanindé por meio da musealização de seus objetos museológicos em um sistema de construção de uma museologia própria dos kanindé existentes no museu dos kanindé criado em 1995.

A possibilidade de (re)escrita da história pode fazer com que o museu indígena seja um potencial articulador nos traçados da luta diária, estabelecidas através do povo Kanindé, com organização social nos dias atuais fortalecendo a luta pelos direitos originários. A descoberta dos museus pelos índios no estado do Ceará se deu em meados de 1995, quando o povo kanindé, por iniciativa de seu cacique, José Maria Pereira dos

Santos (Cacique Sotero), resolveu criar o museu Kanindé ao seu modo que segundo o mesmo seria “para mostrar a história do índio na sociedade”.

FIGURA 13 – AULA DE SABERES – “PEDAGOGIAS DA FOGUEIRA” – PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E O MOVIMENTO INDÍGENA KANINDÉ – COM A LIDERANÇA CÍCERO KANINDÉ.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ
“Multiplicadores de Saberes Ancestrais”

Roda de Saberes:
Pedagogias da Fogueira:
 Processos de Comunicação
 e o Movimento Indígena
 Kanindé.

Facilitação:
Cícero Pereira Kanindé
 Liderança Indígena Comunitária

Data: 07/04/2021
Local: Meef
Horário: 14:00-16:00h

Com **Cícero Kanindé**
 Presidente da Associação
 Indígena Kanindé de Aratuba - AIKA.

Realização: **MUSEU KANINDÉ**
 ALDEIA SÍTIO FERNANDES - ARATUBA - CEARÁ

Apoio: **GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ**
 SECRETARIA ESPECIAL DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual de Cultura, através do Fundo Estadual de Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 14.017, de 29 de junho de 2010.

Prêmio Culturais Indígenas do Ceará 2019

Figura/Card – Samuel Gomes – 07/04/2021

Foi através da arte de contar, que nos debruçamos sobre a interdisciplinaridade existente em torno do museu Kanindé, compartilhando e buscando fragmentos existentes na história, que nos fez perceber, através das narrativas da memória dos ancestrais uma museologia de aspectos as relações com as encantarias. Os encantados existem, reexistem e se reinventam através das gerações contemporâneas.

Neste trabalho de pesquisa, nos debruçamos não somente aos sentidos da cosmologia ancestral, mas também nas narrativas que continuam vivas e rememorando as gerações que por muito tempo se mantiveram no silenciamento ocultado, porque não

podia falar que eram ou existiam indígenas nesta região, pois seríamos exterminados das fontes mais cruel da humanidade, perto ou longe de nossos encantados.

Aqui ouvimos as vozes da memória sagrada, que são falas da sabedoria de um povo que jamais se esqueceu dos seus traços identitários, apesar de todo silenciamento. São vozes dos mestres da aldeia Kanindé que buscam, através da conexão com os mais jovens, dá continuidade a uma luta diária em torno da demarcação do território.

FIGURA 14 – AULA DE SABERES – MOVIMENTOS POLÍTICOS, AGRICULTURA FAMILIAR E SABERES DE PLANTAR ENTRE O POVO KANINDÉ COM VALDO TEÓDOSIO KANINDÉ.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORES DO NÚCLEO EDUCATIVO DO MUSEU DOS KANINDÉ
“Multiplicadores de saberes ancestrais”

Aula de Saberes 4:
 Movimentos Políticos, Agricultura Familiar e Saberes do Plantar entre o povo Kanindé.

Facilitação:
 Valdo Teodósio - Valdo Kanindé
 Liderança Indígena Comunitária

Data: 15/05/2021
Local: Meet
Horário: 14:00 - 16:00h

Com Valdo Teodósio - Valdo Kanindé
 Guardião da Memória Kanindé de saberes ancestrais, histórias e tradições dos ancestrais

Realização:  **Apoio:** 

Este projeto é apoiado pela Secretária Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI ALDIR BLANC CEARÁ  GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO 

Foto/Card – Antônia Santos Kanindé – 15/05/2021

Buscamos perceber, através das narrativas dos guardiões da memória, os inúmeros rastros e os diversos caminhos de significados da sabedoria e das ciências, que

preservam aquilo que é vida, vital para nossa existência, enquanto indígena, e que estabelecem nossa relação com a mãe natureza.

O museu Kanindé não traz apenas a memória do passado, pois a memória sempre existe no presente. Tal que não é algo do passado, ela se torna algo do presente quando o museu Kanindé projeta futuros e ocupa futuros nas relações dinâmicas de seus construtores, pois este aspecto tem uma lógica muito forte no pensamento indígena dos Kanindé.

FIGURA 15 – AULA DE SABERES – O QUE OS MAIS NOVOS PODEM APRENDER COM OS MAIS VELHOS? HISTÓRIAS E NARRATIVAS DAS VELHAS GERAÇÕES DO POVO KANINDÉ – FERNANDES E GAMELEIRA DE ANTIGAMENTE – COM TIA LUZIA APRÍGIO KANINDÉ.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORES DO NÚCLEO EDUCATIVO DO MUSEU DOS KANINDÉ
"Multiplicadores de saberes ancestrais"

Aula de Saberes 5:
 O que os novos podem aprender com os mais velhos? Histórias e Narrativas das velhas gerações do povo Kanindé - Fernandes e Gameleira de antigamente.

Facilitação:
 Luzia Aprígio, "Tia Luzia".
 Guardiã da Memória.

Data: 22/05/2021.
Local: Google Meet.
Horário: 14:00 - 16:00h.

Realização:  **Apoio:** 

Com Luzia Aprígio, "Tia Luzia".
Guardiã de memórias, saberes e ofícios ancestrais do povo Kanindé.

Foto/Card – Antônia Santos Kanindé – 22/05/2021

Neste processo de pesquisa foram realizados doze encontros de formação junto com os guardiões da memória Kanindé que descrevemos junto ao processo de formação da 3ª Geração neste trabalho. As atividades foram realizadas via google meet, onde cada liderança pôde narrar seus saberes de excelência com os conhecimentos Kanindé. Esta foi uma ação educativa que culminou com muito aprendizado e desdobramento, tal como a construção deste trabalho.

Além das rodas aulas de saberes com os guardiões, trabalhamos com as fontes documentais e bibliográficas, desde muito antigas até as mais contemporâneas, que registram a existência e a ocupação do povo Kanindé nesta região. Analisamos os documentos como cartas de sesmarias, acordo de pazes do rei Canindé e documentos de compra da terra que estão no acervo do museu indígena Kanindé.

FIGURA 16 – DONA TEREZA SOARES KANINDÉ, ESPOSA DO CACIQUE SOTERO, DURANTE SUA ATIVIDADE AULA/OFICINA DE SABERES: SABERES TRADICIONAIS E MODOS DE FAZER DAS ARTES KANINDÉ.



Foto: Suzenilson Santos Kanindé – 19/06/2021

Escrevemos, portanto, a partir de um olhar indígena comprometido com a construção de uma narrativa do próprio indígena sobre a presença indígena neste território. Uma oportunidade que presencia a fundamentação e a oportunidade de narrar as memórias, difundir as experiências e estabelecer relações com construtores da realidade da história, numa perspectiva indígena e coletiva.

Esta metodologia das aulas de saberes e oficinas foi uma maneira de driblarmos o momento pandêmico da covid-19 dentro da comunidade, tendo em vista o isolamento social dos indígenas, em especial das lideranças tradicionais do povo. Foi pensada uma forma que pudesse contribuir com este trabalho, já que não podíamos ir a casa das lideranças para fazer entrevista, a solução foi pegar um representante próximo àquele guardião para que pudesse contribuir com a ação tecnológica e fazer com que a liderança participasse, então principiamos um diagnóstico para quem poderia ficar no monitoramento dos mesmos ficando organizado como vemos na tabela abaixo:

TABELA 1 – ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO PARA ACOMPANHAMENTO DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA PARA MINISTRAREM SUAS AULAS DE SABERES NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DA 3ª GERAÇÃO DOS MONITORES DO MUSEU KANINDÉ 2021.

Guardião	Responsável por levar a mídia.
José Maria – Cacique Sotero	Suzenilson Kanindé, filho do Cacique Sotero.
Francisco Bernardo - “Sinhô Kanindé”	Ivonês Kanindé, professora da escola indígena Manoel Francisco dos Santos e filha de Sinhô Kanindé.
Manoel Constantino – Pajé Maciel	Antônia Kanindé, estudante de Museologia e Neta do pajé Maciel.
Cícero Pereira – Cícero Kanindé	Rildelene Kanindé, neta da liderança Cicero Pereira.

Valdo Teodósio – Valdo Kanindé	Rita Kanindé, professora da escola indígena Manoel Francisco dos Santos e filha de Valdo Kanindé.
Luzia Aprígio – Luzia Kanindé	Antônia Kanindé, estudante de museologia e neta de dona Luzia Kanindé.
José Constantino – José Maciel Kanindé	Jucelina Kanindé, liderança e esposa de José Maciel.
Tereza Soares – Tereza Kanindé	Suzenilson Kanindé – Filho de Tereza Kanindé.

Fonte: Equipe gestora do museu Kanindé – 2021.

Além das aulas de saberes realizadas com os mestres da memória, idealizamos também minicursos de Saberes com a geração mais nova, que são Kanindé e que realizam trabalhos de pesquisas junto ao povo Kanindé; que têm estabelecido condições diretas com o tema do museu Kanindé dentro da estrutura do conhecimento. Para tanto, levando uma discussão interdisciplinar para o nosso estudo, realizamos na mesma sistemática virtual as seguintes atividades metodológicas para contribuir neste processo de pesquisa.

TABELA 2 – LISTA DOS ACADÊMICOS INDÍGENAS KANINDÉ QUE DESENVOLVERAM MINICURSOS EM VÁRIAS ÁREAS DO CONHECIMENTO KANINDÉ NA FORMAÇÃO DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ, 2021.

Suzenilson Kanindé	Mestrando em Humanidade pela UNILAB – CE
Antônia Kanindé	Graduanda em Museologia pela UFRB - BA
Reginaldo Kanindé	Mestrando em Antropologia UFC/UNILAB - CE
Nilton Kanindé	Mestrando em Humanidade UNILAB- CE
Elenilson Kanindé	Graduando em Licenciatura Intercultura KUABA UFC - CE

Fonte: Equipe gestora do museu Kanindé – 2021.

A oralidade como arte da escuta foi nossa base para estabelecer um conhecimento sobre diversos experimentos que transpassam no cotidiano do museu Kanindé, seus saberes, ofícios, cosmologias e lutas diárias de um povo que tem estabelecido suas relações étnicas com dinâmicas sociais que fundam suas narrativas da memória em torno de sua consciência étnica.

1.4 -. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO – “PARA QUE” O ESQUECIMENTO POSSA SE TRANSFORMAR EM LEMBRANÇA DO QUE FOI PROIBIDO DIZER, MAS QUE PERMANECEU GUARDADO NA MEMÓRIA.

Esta proposta de dissertação está organizada a princípio em três capítulos, ao quais se delineiam em subtítulos que expressam a formação contextual de significância neste processo da pesquisa. Esta estrutura perpassa por um eixo de lógica temporal que explica toda a historicidade e importância ao qual demonstramos a seguir.

Nosso **Capítulo I** está organizado dentro da introdução que se conecta a quatro subitem que explica as interfaces da estruturação do que propomos encadear no propósito, são eles: **1.1 – Contextualização – o que nos faz pesquisar a museologia indígena?** Nosso primeiro subitem é voltado ao desenvolvimento do pensamento do autor em desenvolvimento com a temática proposta, como adentramos para perceber como esses fatos foram e são dentro de uma perspectiva indígena e como ela se desenvolveu em torno da participação do movimento museológico indígena, em todos os âmbitos.

Nesta mesma lógica de construção, segue na sequência o subitem **1.2 – intitulado: “Objetivos – “por que” contar a história e experiência do povo Kanindé”** Destacamos neste tópico as várias interfaces de idealizações que queremos com esta pesquisa, até onde podemos fazer ponte com os conhecimentos do povo kanindé e porque seria importante colocar isso em prática dentro da academia e nas condições idealizadas em processo e em destaque.

No subitem **1.3 destacado como metodologia discutiremos como fazer uma pesquisa do ponto de vista Kanindé?** Iremos buscar neste tópico as estratégias de pesquisa na escrita e como podemos desenvolver num ponto de vista do olhar próprio, buscar maneiras de interação e vivências próprias para discutir um processo acadêmico de pesquisa dinâmico, e ao mesmo tempo, que respeite e busque desenvolver ações dinâmicas conceituais de estabilidade formativa do próprio indígena. No último subitem deste capítulo primeiro é a estrutura da dissertação intitulada no subitem **1.4 “para que”**

o esquecimento possa se transformar em lembrança do que foi proibido dizer, mas que permaneceu guardado na memória. São as faces dinâmicas de todo o processo da dissertação, que precisam estar em práticas cotidianas para que não possamos voltar ao silenciamento da luta e da vida diária.

O **Capítulo II** está intitulado: **Do Silêncio aos novos capítulos da história escrita pelos Kanindé** é organizado nos seguintes subitens: **2.1 “O anonimato” e existe índios no Ceará?** Neste buscamos refletir sobre as várias tentativas de esquecimento e eliminação dos indígenas no Ceará por parte das elites colonizadoras, dando ênfase as teorias do desaparecimento por parte de decreto governamental e do reavivamento dessas memórias por parte dos povos indígenas no Ceará em seus processos de reafirmação étnica neste estado de autoafirmação.

No subitem **2.2** intitulado: **Os Kanindé no passado trajetórias de resistências** buscaremos descrever um histórico sobre os kanindé, focando nas suas lutas, vivências, acordos de paz, buscas e garantias por terras, trazendo conquistas de sesmarias e estabelecendo relações com os colonizadores em tempos atrás. No Item **2.3** intitulado: **Nossas Famílias, Nossas Histórias – Ancestralidade em Rota até a Quebrada dos Fernandes – “A Luta pela Terra”**, neste buscaremos descrever como os kanindé chegaram a esta aldeia, refletindo sobre suas migrações de aldeamentos missionários, até a compra de terras de irmãos herdeiros que se anexaram neste território para se formarem os kanindé, nesta também refletimos o processo de luta e demarcação dos kanindé em Aratuba, que perfaz desde a luta do próprio território físico com moradores não indígenas das redondezas até processos judiciais na justiça federal.

Nosso **III Capítulo** é dedicado ao museu Kanindé, objeto de pesquisa nesta dissertação e que nele está intitulado: **3. Museu Kanindé: Narrativas da Memória e Consciência Étnica**, organizado em subtítulo onde em seu primeiro **3.1 Cacique Sotero: Um Mestre da Cultura Kanindé e da Museologia Indígena**, tendo continuidade do item **3.2 A Criação do Museu Indígena Kanindé**, seguido do próximo item **3.3 Trajetórias do Núcleo Educativo e suas Relações entre Museu e Escola** onde está interligado a três subitem a este título sendo: **3.3.1 – A Primeira Geração MK (2011 – 2016)**, o item **3.3.2 – A Segunda Geração MK (2017 – 2019)** e o subitem **3.3.3 – A Terceira Geração MK (Programa de Formação 2020 – 2021)**, nestes buscaremos descrever toda a trajetória educativa de formação em torno do museu kanindé, suas relações interdisciplinares em torno da memória, da etnicidade e da identidade indígena. Por fim descrevemos as disposições finais, as referências bibliográficas e os anexos.

2 - DO SILÊNCIO ROMPIDO AOS NOVOS CAPÍTULOS DA HISTÓRIA ESCRITA PELOS KANINDÉ.

2.1 - “O ANONIMATO” – E EXISTE INDIO NO CEARÁ?

Eu me lembro que meu avô tinha medo de falar da história indígena, porque dizia que o branco matava os índios. Minha mãe e meu pai passavam isso pra mim. Quando eu saía pros encontros lá fora, eles diziam: Sotero tem cuidado com isso aí porque o povo matava os índios e vocês tão se declarando os índios, aí eles vão matar vocês. Vocês são índios mais fiquem calados. (Cacique Sotero)

FIGURA 17 – MESTRE CACIQUE SOTERO KANINDÉ EM SUA CASA COM SUA COLEÇÃO DE OBJETOS NA PAREDE QUE DEMONSTRA SUA ARTE E CULTURA DE COLECIONAR E QUE TRAZ NO SEU SEMBLANTE AS ESTRATÉGIAS DOS CALADOS E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA.



Foto: Suzenilson Santos Kanindé – junho/2021

Pai nosso que estás no céu, santificado seja vosso nome, veio a nós a vosso reino, seja feito a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixei em cair em tentação mais livrai-nos do mal amém. Avemaria cheia de graça o senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto em vosso ventre, jesus. Santa Maria mãe de deus rogais por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém. (Cacique Sotero,2021).

Quem deu esse nó não soube dá, quem deu esse nó não soube dá, esse nó tá dado eu desato já. Oi desenrola essa corrente e deixa os índios trabalhar (Cacique Sotero, 2021).

Kanindé de Aratuba chama ele que ele vem, para dançar o toré chama ele que vem. Bem que eu não queria vim pra que mandaram mim chamar, Kanindé de Aratuba vai até barra quebrar. (Entoar de Cacique Sotero Kanindé – em reunião comunitária na aldeia Fernandes – julho de 2021).

Os povos indígenas no Ceará, a partir do ano de 1982, iniciaram sua movimentação no sentido de se organizarem e recuperarem seus espaços vitais no meio da sociedade Cearense. Nesse movimento de busca por visibilidade e reconhecimento, os Tapeba de Caucaia foram apoiados publicamente pela arquidiocese de Fortaleza, na pessoa do arcebispo metropolitano na época, Dom Aloisio Lorscheider.

As primeiras mobilizações por visibilidade e reconhecimento, além do povo Tapeba, nasce com os povos: Tremembé, Pitaguary e Jenipapo Kanindé, e logo depois se tem uma crescente organização étnica de povos indígenas no Ceará, dentre eles os Kanindé de Aratuba, ao qual faz parte esta pesquisa.

O Ceará sempre foi e sempre será indígena. O Ceará é antes de tudo um projeto “indígena”. Conseguimos resistir há mais de quinhentos anos com muita luta a tentativa da assimilação. Vários de nós já se foram mais ainda continuamos a existência para contar a história de nosso território.

Das serras, sertão, litoral até as periferias estamos vivos e presentes. Podemos ter nos integrados a sociedade, mas não assimilada na grande massa, pois não deixamos de ser o que somos, indígenas “Diferenciados”.

A tentativa de nos silenciar continua ainda nos dias contemporâneos, nos eliminar seria talvez a palavra para traduzir o silenciamento. Estamos sendo sufocados, eliminados pela bala ou pela canetada. Os povos têm sofrido as mesmas consequências dos nossos antepassados, continuamos sendo mortos simplesmente porque lutamos pela vida, nosso bem maior, a natureza.

A província do Ceará, no século XIX, chegou a decretar que não existiam mais índios no estado do Ceará e que os mesmos estavam dispersos no meio da massa civilizada, ou seja, a sociedade colonizadora. Como podemos ver no texto abaixo.

Já não existem aqui índios aldeados ou bravios. Das antigas tribus de Tabjaras, Cariris e Potiguaris, que habitavam a província, uma parte foi destruída, outra

emigrou e o resto constituiu os aldeamentos da Serra da Ibiapaba, que os Jesuítas no princípio do século passado formaram em Villa Viçosa, S. Pedro de Ibiapina, e S. Benedicto com os índios chamados Camussis, Anacaz, Ararius e Acaracú, todos da grande família Tabajara. Com a extinção dos Jesuítas, que os governavam theocraticamente, decahiram esses aldeamentos, e já em 1818 informava um ouvidor ao governador Sampaio que os índios iam-se extinguindo na Ibiapaba, onde tinham aqueles religiosos um celebre hospício no lugar denominado Villa Viçosa, que com os outros acima indicados abrangem a comarca deste nome. E nelles que ainda hoje se encontram maior número de descendentes das antigas raças; mas andam-se hoje misturados na massa geral da população. – Trecho do decreto da extinção dos índios no Ceará. (Trecho do relatório provincial de 1863 quando a Assembléa provincial declarou que não existia mais índios no estado do Ceará).

O silenciamento de nossa identidade foi, durante muito tempo, para os povos indígenas uma questão de sobrevivência. Comumente ouvíamos das lideranças tradicionais que não podia falar que era índio, pois “o branco matava o índio”.

A escravidão, no Brasil, teve início, no século XVI, com a escravização dos povos indígenas e logo depois com a vinda dos negros africanos para o Brasil para a utilização dos mesmos na mão de obra da colônia. Esse processo teve duração durante os anos de 1550 até 1888.

A este respeito, Ailton Krenak, comenta que,

Eu acho que teve uma descoberta do Brasil pelos Brancos em 1500, e depois uma descoberta do Brasil pelos índios na década de 1970 e 1980. A que está valendo é a última. Os índios descobriram que, apesar de eles serem simbolicamente os donos do Brasil, eles não tem lugar nenhum para viver nesse país. Terão que fazer esse lugar existir dia a dia. Não é uma conquista pronta e feita. Vão ter que fazer isso dia a dia, e fazer isso expressando sua visão do mundo, sua potência como seres humanos, sua pluralidade, sua vontade de ser e viver. (Ailton Krenak, 2015, p.249)

A mobilização indígena volta ao cenário cearense depois de muito tempo no anonimato. A partir principalmente da década de 1980 a reviravolta em torno da história indígena por esse território vem à tona com a reafirmação dos movimentos em torno de sua identidade pela busca de reconhecimento político para garantir direitos que estariam garantidos principalmente em 1988 com a nova constituinte.

A luta e a resistência são processos que têm marcado a história dos povos indígenas cearenses na busca por direitos. A luta e resistência por visibilidade tem buscado desconstruir todo o processo de apagamento e invisibilidade. Dessa maneira, tem entrado, sempre na pauta das reivindicações dos diversos povos, que trazem em torno de suas mobilizações e manifestações, a busca do reconhecimento pela identidade colocando na retomada as lutas ancestrais pela terra.

Essa mobilização foi principalmente alavancada na década de oitenta inicialmente com o Povo Tapeba (Caucaia), Seguido dos Tremembé (Itarema), dos Pitaguary (Maracanaú) e dos Jenipapo Kanindé (Aquiraz), sendo estes os quatro povos primeiros a levantar bandeiras de luta por suas etnicidades históricas indígenas no Estado do Ceará.

É na década de 1990, que sacode um levante em torno de outros povos indígenas, no estado do Ceará, que, através das suas fortes organizações em torno do movimento indígena, abrem um leque na discussão para com os povos indígenas neste estado, com os povos da região do sertão principalmente dos municípios de: Poranga, Crateús, Monsenhor Tabosa, Quiterianópolis, Tamboril e Novo Oriente. Esta organização destes povos resulta na aparição e auto reconhecimento de outras etnias na luta da garantia dos direitos.

FIGURA 18 – RODA DE CONVERSA DE INDÍGENAS PRESENTES NA I ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ, REALIZADA DE 26 A 29 DE AGOSTO DE 1994, NO MUNICÍPIO DE PORANGA, TERRA DOS TABAJARAS E KALABAÇAS /CE.

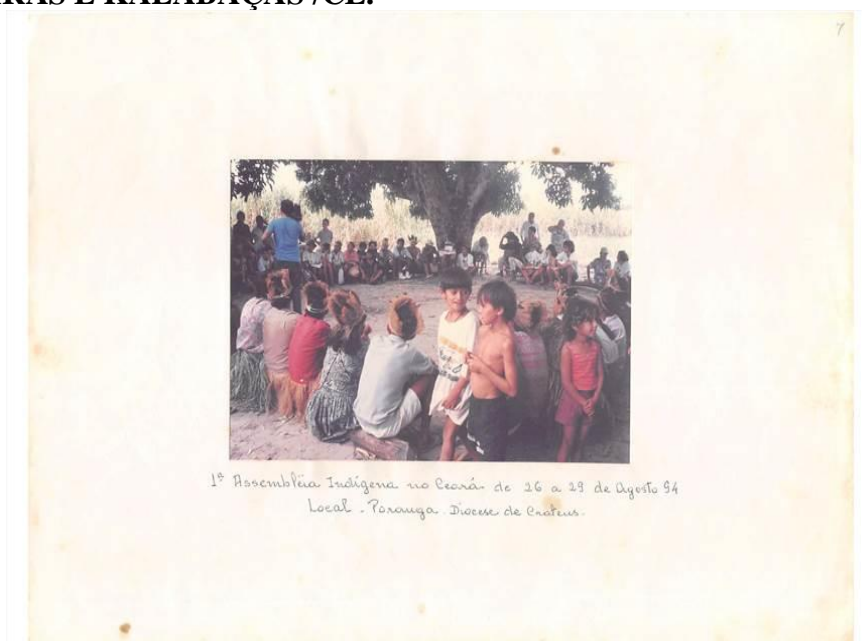


Foto: Arquivo Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, disponível em: <https://www.cdpdh.org.br/acervomemoria>

A I Assembleia Estadual foi para os povos indígenas do Ceará um marco histórico em termos de organização política e social em busca dos direitos originários.

Neste movimento, começaria, a partir de então, um marco fundamental na existência dos diversos povos que começaram a se autoafirmarem e a dizerem novamente que sempre estiveram vivos e que o silenciamento tinha sido uma estratégia dos calados que ressurgiram para pedir reconhecimento da sociedade ao mesmo tempo que buscaram garantir direitos relacionado à sua sobrevivência como: Educação, Saúde e Terra, o que tem sido os pontos fortes dessa luta ao longo dos anos de luta indígena.

Já foram realizadas, no estado do Ceará, 21 Assembleias dos povos indígenas no estado do Ceará, desde 1994, com seu início no povo Tabajara e Kalabaça de Poranga. Nesses encontros, as deliberações coletivas dos povos foram se tornando cada vez mais importantes, nestas Assembleias, que dentre suas discussões e debates entre os povos, são discutidas muitas ações relevantes ao movimento indígena Cearense.

TABELA 3 – ASSEMBLÉIAS REALIZADAS PELOS POVOS INDIGENAS NO CEARÁ DURANTE OS ANOS DE 1994 A 2018

Assembleia	Ano	Aldeia	Município	Povo
I	1994	Imburana	Poranga	Tabajara Kalabaça
II	1995	Santo Antônio	Maracanaú	Pitaguary
III	1997	Lagoa da Encantada	Aquiraz	Jenipapo Kanindé
IV	1998	Lagoa dos Tapeba	Caucaia	Tapeba
V	1999	Almofala	Itarema	Tremembé
VI	2000	Fernandes	Aratuba	Kanindé
VII	2001	Almofala	Itarema	Tremembé
VIII	2003	Lagoa da Encantada	Aquiraz	Jenipapo Kanindé
IX	2004	Tapeba do Trilho	Caucaia	Tapeba

X	2004	Saquinho	Itarema	Tremembé
XI	2005	Fernandes	Aratuba	Kanindé
XII	2006	Nazário	Crateús	Potiguara.
XIII	2007	Buriti	Itapipoca	Tremembé
XIV	2008	Cajueiro	Poranga	Tabajara Kalabaça.
XV	2010	Matões	Caucaia	Anacé
XVI	2010	Mundo Novo	Monsenhor Tabosa	Potiguara
XVII	2011	Gameleira	São Benedito	Tapuia Kariri
XVII	2013	Fidélis	Quiterianópolis	Tabajara
XIX	2014	Lagoa dos Tapeba	Caucaia	Tapeba
XX	2015	Varjota	Itarema	Tremembé
XXI	2017	Ocupação FUNAI	Fortaleza	-----
XXII	2017	Lagoinha	Novo Oriente	Potiguara
XXIII	2018	Viração	Tamboril	Potiguara
XXIV	2019	Lagoa da Encantada	Aquiraz	Jenipapo Kanindé
XXV	2021	Olho D'água	Maracanaú	Pitaguary

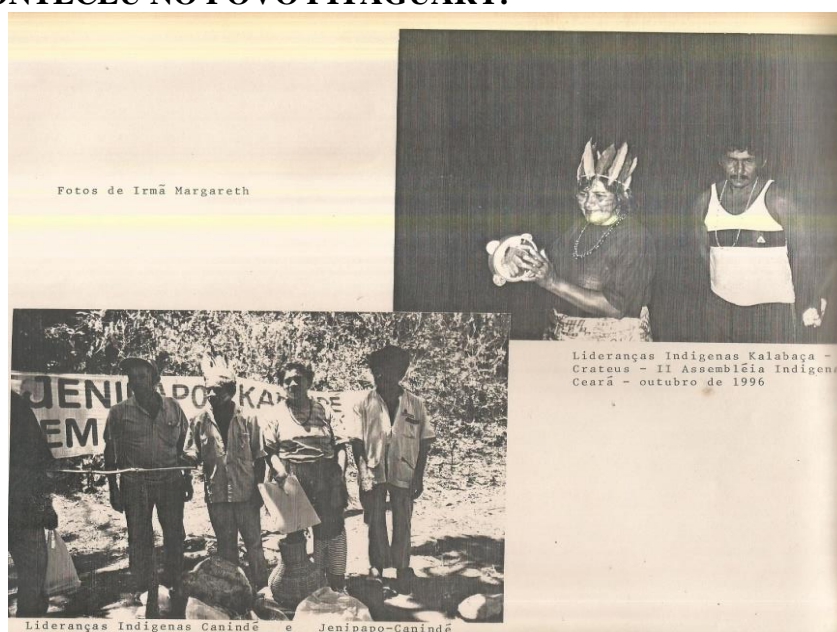
Fonte: Relatório do Projeto Urucum – Fortalecendo a Autonomia Político Organizativa dos Povos Indígenas no Ceará, elaborado pela Associação para o Desenvolvimento Local Có Produzido – ADELCO – em parceria com os povos indígenas no Ceará.

As Assembleias para os povos indígenas são espaços políticos, que são realizadas discussões sobre os direitos dos diversos povos e que se tornam um momento onde todos podem se reunir para refletir sobre as demandas e fortalecer a espiritualidade. É através das assembleias que os povos indígenas conseguem suas vitórias e fortalecem a luta pela regularização fundiária, foi por meio delas que o movimento indígena se organizou para conseguir suas conquistas.

Nestas assembleias existem uma programação diversa construída pelos próprios povos indígenas com temáticas sobre a Terra, a Saúde, a Educação, a Espiritualidade, a cultura, dentre vários outros temas importantes que perpassam pela lógica vivida pelas populações em suas múltiplas dinâmicas.

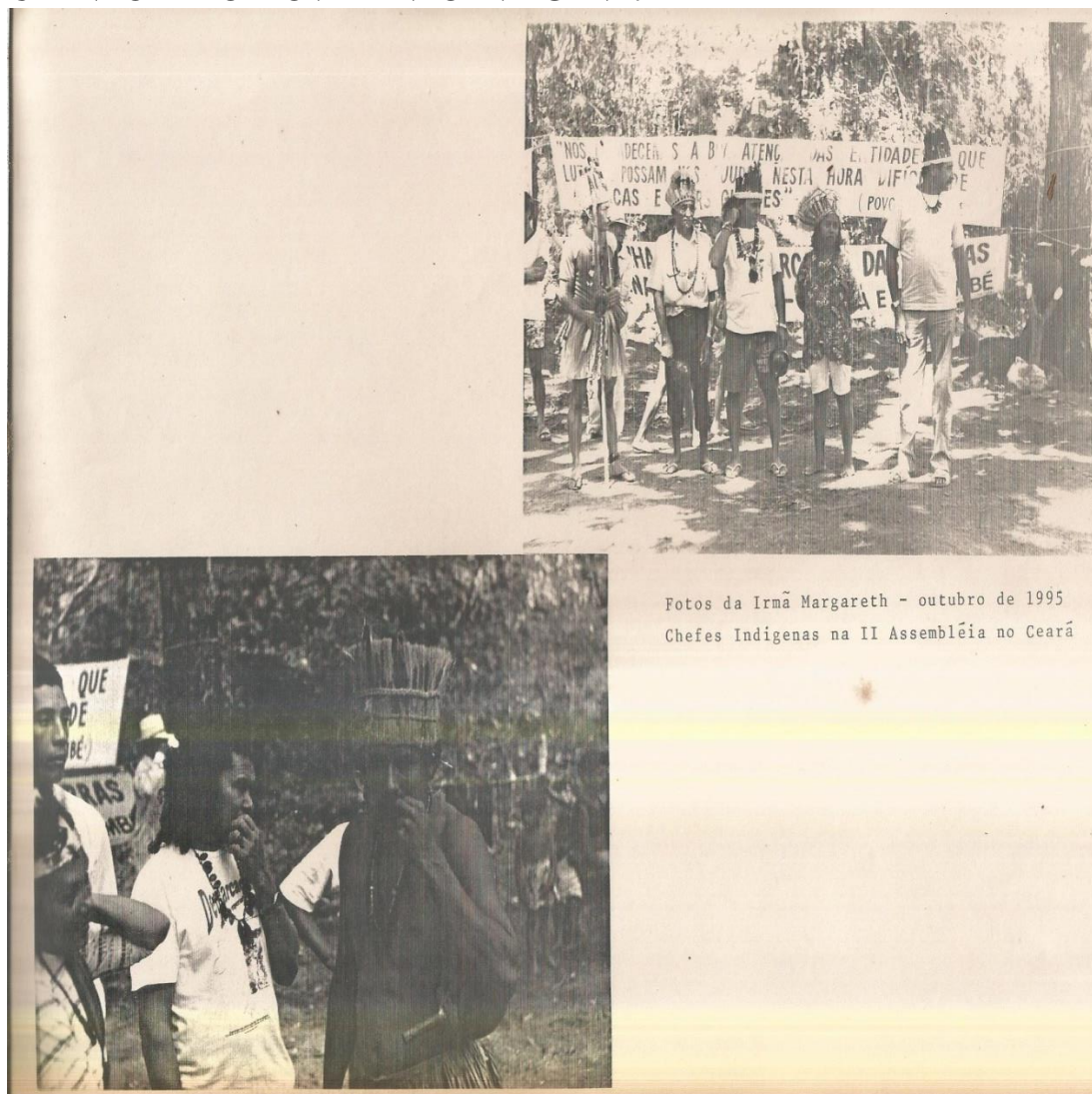
O movimento indígena no Ceará se caracteriza, como em todo o Nordeste Brasileiro, na luta pela identidade étnica e principalmente pela luta da terra. Essa luta pela reivindicação dos direitos tradicionais e originários é garantida na constituição Federativa do Brasil. As assembleias são para os povos indígenas um espaço de organização e uma forma de ocupar espaço diante das discussões. Desde a sua primeira realização, o espaço tem sido fundamental para os povos indígenas Cearenses. A Segunda edição Realizada, em 1995, na aldeia do povo Pitaguary, já era bem mais estruturada entre os povos indígenas, que se organizavam ainda mais em torno de suas lutas.

FIGURA 19 – IMAGEM DA PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ DURANTE A II ASSEMBLEIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ QUE ACONTECEU NO POVO PITAGUARY.



Foto/Imagem: Impressão encontrada no Acervo do Museu Kanindé doado pela Associação Missão Tremembé em 2017

FIGURA 20 – LIDERANÇAS INDÍGENAS DURANTE A II ASSEMBLÉIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ REALIZADA EM MARACANAÚ NO POVO PITAGUARY. DENTRE AS FIGURAS NESTA IMAGEM PODEMOS RECONHECER O CACIQUE JOÃO VENANCIO DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA E O SAUDOSO DANIEL PITAGUARY QUE SE ENCANTOU LUTANDO PELO MOVIMENTO INDÍGENA.



Foto/Imagem: Impressão encontrada no Acervo do Museu Kanindé doado pela Associação Missão Tremembé em 2017

As primeiras assembleias realizadas nas décadas de 90 foram uma experiência das primeiras instituições dos povos indígenas, além dos parceiros e organizações que apoiavam a causa indígena no Ceará. A APOINME – (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo), era a organização na época, que conjuntamente aos povos indígenas, começava também a dialogar sobre suas organizações locais para representar os povos indígenas nos seus municípios de origem, o que facilitaria muito, ao longo dos anos, no desenvolvimento social e

organizacional dos povos, na realização de projetos que ajudava o movimento indígena cearense a se organizar em torno de suas mobilizações étnicas.

FIGURA – 21 – DEBATE DOS GRUPOS DE TRABALHO DURANTE A II ASSEMBLEIA ESTADUAL DOS POVOS INDÍGENAS, NO CEARÁ, NO POVO PITAGUARY, SÍTIO SÃO BENTO, EM MARACANAÚ, EM CIMA DE UMA SERRA. NA IMAGEM PODEMOS VERIFICAR O VELHO POTE DE CERÂMICA DEBAIXO DA ÁRVORE ONDE OS INDÍGENAS MATAVAM SUA SEDE TOMANDO ÁGUA.



Foto/Imagem: Impressão encontrada no Acervo do Museu Kanindé doado pela Associação Missão Tremembé em 2017

Era embaixo das árvores que os indígenas se reuniam e se reúnem até hoje para discutirem sobre seus direitos. É deste modo que sente as forças das encantarias para se ter contato com a ancestralidade. É com uma grande reunião dentro da mata que deliberam

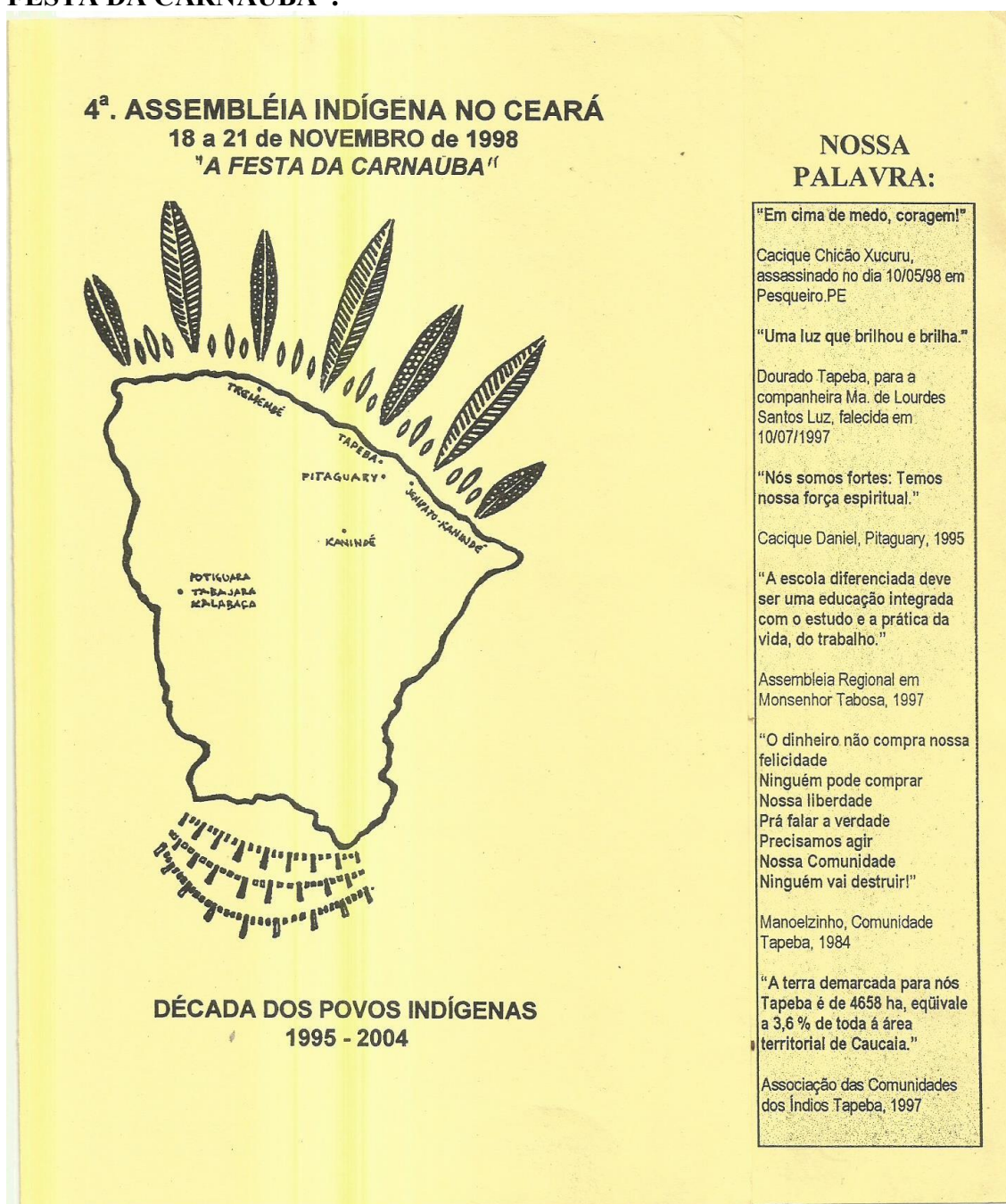
questões do movimento indígena para levar à sociedade e à luta, por vários direitos que reúnem, através do envolvimento dos diversos povos, o contato entre si e para além de si, construindo suas narrativas e desafios através das conquistas, pois a luta indígena é uma ação coletiva que envolve todos. Apesar das especificidades é na hora da luta que todos se juntam e se unem cada vez mais para viver a vida.

Assim, a cultura dos povos indígenas é uma grande expressão da resistência que faz parte da grande ênfase dos marcadores culturais dos povos, que podemos encontrar nas diversas manifestações do artesanato, das comidas e das bebidas típicas. A luta dos povos também está ligada à educação diferenciada, à luta pela saúde, ao envolvimento na espiritualidade e principalmente à luta pela terra, que se tornou um marco referencial na luta dos povos indígenas e ao mesmo tempo um gargalo que tem criado um esforço de compreensão muito forte na luta desses povos. Dessa forma, vincula suas lutas políticas ao que se tornou muito forte na luta dos povos indígenas, no movimento para além de busca de reconhecimento, a garantia dos direitos.

A juventude indígena tem desempenhado um papel fundamental nesta constituição do movimento indígena, pois, dentro das várias intergerações, tem sido assumido o caminho das lutas dos mais velhos principalmente no que se refere a condição das habilidades no conhecimento da escrita e da leitura. Enquanto muita das lideranças não tiveram oportunidade de estudo, os mais novos com essa capacidade, tem a oportunidade de assumir a função de interagir diante das políticas indigenistas ao qual se desenvolvem, tendo assim a função também da juventude como ações coletivas dos povos indígenas.

O movimento dos povos indígenas no Ceará não poderia ser diferente do movimento indígena brasileiro, pois a luta pela autonomia sempre foi o foco principal deste movimento na busca da garantia pelos direitos à saúde, territoriais, educacionais, entre vários outros que faz a luta dos povos indígenas ter sentido e formas de sentir e estabelecer relações de conhecimento e aprendizado para dignamente ter direitos a uma vida expressa por suas escolhas, que referencia sua qualidade e seus modos de conhecimentos e organização próprios desse movimento.

FIGURA 22- FOLDER EXPLICATIVO FRENTE DA PROGRAMAÇÃO DA 4ª ASSEMBLEIA INDÍGENA NO CEARÁ, REALIZADA DE 18 A 21 DE NOVEMBRO DE 1998, NO POVO TAPEBA DE CAUCAIA. NESTE MESMO EVENTO SERIA INCORPORADA A FESTA TRADICIONAL DO POVO “A FESTA DA CARNAÚBA”.



Foto/Imagem: Acervo AMIT doado ao Museu Kanindé em 2017.

FIGURA 23- FOLDER EXPLICATIVO VERSO DA PROGRAMAÇÃO DA 4ª ASSEMBLÉIA INDÍGENA NO CEARÁ, REALIZADA DE 18 A 21 DE NOVEMBRO DE 1998, NO POVO TAPEBA DE CAUCAIA. NESTE MESMO EVENTO SERIA INCORPORADA A FESTA TRADICIONAL DO POVO “A FESTA DA CARNAÚBA”.

4ª ASSEMBLÉIA INDÍGENA NO CEARÁ – 1998 – TERRA DOS TAPEBA
“A FESTA DA CARNAÚBA”

PROGRAMAÇÃO:

Dias 18 e 19 de novembro:

“A Festa da Carnaúba”

Local: Área Indígena Tapeba - Lagoa dos Tapeba, Capuan

Lideranças e professores de Povos e Organizações Indígenas no Ceará, com a assessoria do Professor José Augusto Laranjeiras Sampaio da Universidade Federal da Bahia e da ANAI – Bahia (Salvador) e Entidades Indigenistas no Ceará

Dia 20 de novembro:

II. Seminário de Educação Indígena no Ceará
Promovido pela SEDUC

Local: Centro de Treinamento Prof. Antônio de Albuquerque Souza Filho, Rua Adolfo Moreira de Carvalho s/n, Bairro Edson Queiroz/Fortaleza

9:00 horas: Conferência

“Identidade e Resistência dos Povos Indígenas no Nordeste”

Professor José Augusto Laranjeiras Sampaio

11:00 horas: Debate

12:30 horas: Almoço

14:00 horas:

Depoimentos dos Professores e Lideranças dos Povos e Organizações Indígenas no Ceará

15:00 horas: Mesa Redonda

“Identidade, Etnia e Política de Educação”

Professor José Augusto Laranjeiras Sampaio
 Professora Marivânia Leonor Furtado, Socióloga pela UFMA e Mestranda em Ciências Sociais na UFC
 Professor Rui Aguiar, Coordenador de Política de Educação e Planejamento
 Professora Lindalva Pereira do Carmo, Coordenadora de Técnicas Pedagógicas da SEDUC

Dia 21 de novembro:

Propostas e Decisões:

1. *Estatuto dos Direitos Indígenas*
2. *Novo Milênio*
3. *Eleição do representante regional na APOINME – Articulação dos Povos e Organizações Indígenas no Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo*

Local: Área Indígena Tapeba – Lagoa dos Tapeba, Capuan

Lideranças e Professores de Povos e Organizações Indígenas no Ceará

NOSSA PALAVRA:

“Em cima de medo, coragem!”

Cacique Chicão Xucuru, assassinado no dia 10/05/98 em Pesqueiro PE

“Uma luz que brilhou e brilha.”

Dourado Tapeba, para a compenheira Ma de Lourdes Santos Luz, falecida em 10/07/1997

“Nós somos fortes: Temos nossa força espiritual.”

Cacique Daniel, Pitaquary, 1995

“A escola diferenciada deve ser uma educação integrada com o estudo e a prática da vida, do trabalho.”

Assembleia Regional em Monsenhor Tabosa, 1997

“O dinheiro não compra nossa felicidade
 Ninguém pode comprar
 Nossa liberdade
 Prá falar a verdade
 Precisamos agir
 Nossa Comunidade
 Ninguém vai destruir!”

Mancelzinho, Comunidade Tapeba, 1984

“A terra demarcada para nós Tapeba é de 4658 ha, equivalente a 3,6 % de toda a área territorial de Caucaia.”

Associação das Comunidades dos Índios Tapeba, 1997

<p>ASSEMBLÉIAS INDÍGENAS NO CEARÁ:</p> <p>NOSSOS PASSOS:</p>	<p>1ª. Assembléia – 1994 Sítio em Poranga Terra dos Kalabaça “NOSSA HISTÓRIA”</p>	<p>2ª. Assembléia – 1995 Sítio São Bento / Maracanaú Terra dos Pitaquary “SAÚDE INDÍGENA”</p>	<p>3ª. Assembléia – 1997 Lagoa da Encantada / Aquiraz Terra dos Jenipapo-Kanindé “ORGANIZAÇÃO INDÍGENA”</p>
--	--	--	--

Foto/Imagem: Acervo AMIT doado ao Museu Kanindé em 2017.

FIGURA 24 – REPORTAGEM JORNALÍSTICA: “ÍNDIOS DO CEARÁ REINICIAM CAMPANHA DE DEMARCAÇÃO”. O ANO DE 2000 É MARCADO PELOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ PELA CAMPANHA DE DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS – INTITULADA “TERRA DEMARCADA VIDA GARANTIDA – ESTA TERRA TEM DONO”



Foto: reportagem jornalística Diário do Nordeste, 15 de outubro de 2000 – Acervo: Museu Kanindé.

FIGURA 25 – REPORTAGEM JORNALISTICA: LUTA PELA TERRA. LIDERANÇAS DOURADO TAPEBA E DANIEL PITAGUARY FALAM DA PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ NA 4ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO 2000.



Foto: reportagem jornalística Diário do Nordeste, 15 de outubro de 2000 – Acervo: Museu Kanindé.

No ano de 2020, foi aprovada, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, a lei 17.165 de autoria do deputado estadual Renato Roseno, sancionada pelo governador Camilo Santana e publicada no diário oficial do estado, em 02 de janeiro de 2020, com o dizer que “Reconhece a existência, a contribuição e os direitos dos povos indígenas no estado do Ceará”, como podemos ver abaixo:

LEI N.º 17.165, 02.01.2020 (D.O. 02.01.2020)

RECONHECE A EXISTÊNCIA, A CONTRIBUIÇÃO E OS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS NO ESTADO DO CEARÁ.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º Na forma do Capítulo VIII da Constituição Federal, em acordo com a Lei Federal n.º 6.001, de 19 de dezembro de 1973, o Decreto n.º 1.775, de 8 de janeiro de 1996, e o art. 282 da Constituição do Estado do Ceará, ficam reconhecidos a existência, a contribuição e os direitos dos povos indígenas no Estado do Ceará.

Parágrafo único. Fica declarada a inestimável contribuição da cultura indígena para a formação da sociedade cearense, notadamente no que se refere à formação do nosso patrimônio cultural, conforme o art. 216 da Constituição Federal.

Art. 2.º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, aos 02 de janeiro de 2020.

Camilo Sobreira de Santana

GOVERNADOR DO ESTADO

Atualmente o movimento indígena cearense se constitui 16 povos indígenas, situados em 106 aldeias, distribuídos em 18 municípios, totalizando cerca de 27.128 indígenas (Dados do Distrito Especial de Saúde Indígena – DESAI – CE, da Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI). Em âmbito estadual, os povos estão organizados através de suas organizações que compõem a Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará (FEPOINCE). A nível das mobilizações na região Nordeste estão representados juntos a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME) e a nível nacional se mobilizam em torno da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

O Ceará é o estado mais atrasado quando falamos em demarcação de terras indígenas, no quadro dos processos encontramos: 25 terras indígenas reivindicadas, 11 terras indígenas sem providências tomadas, 01 terra indígena delimitada, 05 terras indígenas declaradas e 01 terra indígena homologada. Tendo início com a luta dos Tapeba (1995), Tremembé (1986), Pitaguary (1993), Jenipapo Kanindé (1995), Kanindé (2001), Anacé, Potiguara, Tabajara, Gavião, Tubiba Tapuia, Tremembé de Queimadas e Barra do Mundaú (2003), Kalabaça e Tapuia Kariri (2007).

Os povos indígenas no Ceará estão distribuídos entre 18 municípios dentre os quais estão localizados os Tremembé (Itarema, Itapipoca e Acaraú), Anacé (Caucaia), Tapeba (Caucaia), Pitaguary (Maracanaú e Pacatuba), Jenipapo Kanindé (Aquiraz), Kanindé (Aratuba e Canindé), Tapuia Kariri (São Benedito), Tabajara (Crateús, Monsenhor Tabosa, Poranga, Quiterianópolis e Tamboril), Potiguara (Monsenhor Tabosa, Novo Oriente, Crateús e Tamboril), Gavião (Monsenhor Tabosa), Kalabaça (Crateús), Tupinambá (Crateús), Kariri (Crateús e Crato), Tubiba Tapuia (Monsenhor Tabosa e Boa Viagem), Karão Jaguaribara (Aratuba e Canindé).

A regularização dos processos de demarcação das terras indígenas tem sido na atual conjuntura política dos povos indígenas a principal luta do movimento indígena no Ceará. Uma das principais estratégias do movimento indígena em torno da autonomia da demarcação dos povos indígenas tem sido as retomadas que tem fortalecido a luta e a organização interna dos povos indígenas.

TABELA 4- SITUAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS NO CEARÁ			
TERRA INDÍGENA	ETNIA	MUNICÍPIO	SITUAÇÃO DO PROCEDIMENTO DEMARCATÓRIO
Tremembé da Barra do Mundaú	Tremembé	Itapipoca	Identificada e Delimitada
Tremembé de Almofala	Tremembé	Itarema	Identificada e Delimitada Sub judice
Córrego do João Pereira	Tremembé	Itarema e Acaraú	Homologada
Tremembé de queimadas	Tremembé	Acaraú	Demarcada
Tremembé de Aroeira	Tremembé	Itarema e Acaraú	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Tremembé de Santo Antônio e Camundongo.	Tremembé	Itarema	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Taba dos Anacé	Anacé	Caucaia	Em processo de implantação
Anacé	Anacé	Caucaia	Aguardando publicação do relatório circunstanciado de identificação e delimitação
Tapeba	Tapeba	Caucaia	Identificada e delimitada aguardando publicação de portaria declaratória
Pitaguary	Pitaguary	Maracanaú e Pacatuba	Demarcada aguardando extrusão e publicação do decreto de homologação.
Lagoa Encantada da	Jenipapo Kanindé	Aquiraz	Identificada e delimitada aguardando publicação de portaria declaratória Subjúdice
Kanindé de Gameleira	Kanindé	Canindé	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Sítio Fernandes	Kanindé	Aratuba	Já qualificada a reivindicação aguardando constituição de GT para a realização da identificação e delimitação
Serra das Matas	Potiguara, Tabajara,	Monsenhor	Aguardando publicação da portaria de identificação e delimitação

	Gavião e Tubiba Tapuia.	Tabosa, Tamboril e Boa Viagem	
Periferias de Crateús: Aldeia São José, Vila Vitória, Maratoã, Terra Livre, Nova Terra, Planaltina, Altamira.	Potiguara, Tabajara, Kalabaça, Kariri e Tupinambá.	Crateús	Sem Providências
Nazário	Potiguara	Crateús	Aguardando constituição de GT para a realização da identificação e delimitação. Transferência do INCRA para a FUNAI.
Tapuia Kariri de Gameleira.	Tapuia Kariri	São Benedito	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Imburana	Tabajara e Kalabaça	Poranga	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Cajueiro	Tabajara	Poranga	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Potiguara Lagoinha	Potiguara	Novo Oriente	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Croatá/Fidélis /Quiterianópolis	Tabajara	Quiterianópolis	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação
Kariri de Umari	Kariri	Crato	Aguardando constituição de GT para realização da identificação e delimitação

Fonte: DOSSIÊ: Denúncias sobre a Situação Territorial dos povos indígenas no Ceará realizado pelo Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza, CDPDH, 2015.

FIGURA 26 – MAPA DAS ETNIAS INDÍGENAS NO ESTADO DO CEARÁ – PROJETO URUCUM – FORTALECENDO A AUTONOMIA POLÍTICA E ORGANIZATIVA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ – DIAGNÓSTICO E ESTUDO DE LINHA DE BASE REALIZADO PELA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL CO PRODUZIDO - ADELCO



Foto/Imagem: ADELCO – 2017 – Projeto URUCUM.

2.2 - OS KANINDÉ NO PASSADO – TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIA.

Na história dos Kanindé, três aldeias formam o povo, uma localizada no sertão de Canindé (Aldeia Gameleira) e as outras duas na descida da serra de Baturité, no município de Aratuba, (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança), atualmente totalizam 1.268 indígenas distribuídos em 168 famílias (Dados Associação Indígena Kanindé de Aratuba – AIKA – 2021). “Todas elas se caracterizam por ter uma relação muito forte de consanguinidade que demonstra uma genealogia comum ao longo de sua existência, principalmente física e cultural” (GOMES, 2011).

Os Kanindé são considerados na historiografia como sendo um povo nômade da grande nação dos Tarairiú, chamados em muitas fontes de Tapuias, que ocupavam diversas áreas do sertão das capitânicas de Pernambuco, Paraíba, Itamaracá e Rio Grande do Norte. Entraram definitivamente na História do Brasil Colonial quando um de seus principais, o chefe indígena Canindé, que liderava os Janduís, aos quais faziam parte deste grupo também os Kariri, no século XVII, forçou a assinatura de um tratado de paz com o rei de Portugal, Dom Pedro I.

Em os cinco de abril deste referente ano, chegaram a esta cidade da Bahia José de Abreu Vidal, tio do Canindé, rei dos Janduís, maioral de três aldeias sujeitas ao mesmo rei, e Miguel Pereira Guajiru Pequeno, maioral de três aldeias sujeitas também ao mesmo Canindé, e com eles o capitão João Pais Florião, português, em nome de seu sogro putativo, chamado Nhangujé, maioral da aldeia Sucuru da mesma nação janduí e cunhado recíproco do dito rei Canindé, a cuja obediência e poder objetivo está sujeita a toda nação janduí, difundida em vinte e duas aldeias, sitas no sertão que cobre a capitania de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, em que há treze para quatorze mil almas e cinco mil homens de arco, destros nas armas de fogo. E vindo estes maiorais nomeados com mais quinze índios e índias que os acompanhavam a presença do senhor Luís Gonsalves da Câmara Coutinho, do conselho d’el – rei nosso senhor, comendador das comendas de São Miguel de Bobadela, Santiago de Benfê, São Salvador de Maiorca, almontacé – mor do reino e governador – geral e capitão – general do estado do Brasil, lhe representou o principal José de Abreu Vidal, em língua portuguesa não bem falada, e pelo capitão João Pais Florião, seu interprete, que eles vinham de trezentas e oitenta léguas a pedir e estabelecer com o dito senhor, em nome do rei dos Janduís, Canindé, uma paz perpetua para viver essa nação e a portuguesa como amigos. E mandados levarem para depois se conferirem as condições da proposta de paz cinco dias, a trouxeram vocalmente as proposições seguintes, de modo que mandamos proferir na sua língua e explicaram-nas nossos interpretes. Primeiramente. Que o dito rei Canindé e os três maiorais, José de Abreu Vidal, Miguel Pereira Guajiru Pequeno e Nhangujé, em seu nome, reconhecem ao senhor rei de Portugal, dom Pedro, nosso

senhor por seu rei natural e senhor de todo o Brasil e dos territórios que as ditas 22 aldeias ocupavam; e lhe prometem agir como submissos vassallos com obediência para sempre, e aos mais senhores que mandava a coroa de Portugal, e o dito rei Canindé, e os outros maioraes, e todos os mais desta nação prometem e juram, em nome de todos os seus descendentes, a tal obediência, vassalagem e sujeição a suas leis, como a seu rei e senhor. 2^a. Que o dito senhor rei d. Pedro, e seus sucessores, sejam obrigados a guarda-lhe e fazer-lhe guardar por seus governadores e capitães – generais a liberdade natural em que nasceram e em que pelo direito das gentes devem ser mantidos, como os mais vassallos portugueses, e do mesmo modo a liberdade de suas aldeias, e que nenhuma em tempo algum possa ser pessoa alguma de qualquer sexo, maior ou menor, da nação janduí, escrava nem vendida por qualquer título, motivo ou ocasião que seja passada, presente ou futura. 3^a. Que ele dito rei Canindé e todos os principais de sua nação e gente de todas as ditas aldeias desejam ser batizados e seguir a lei cristã dos portugueses, sendo para esse fim tratados como gente livre, e não oprimidos contra sua vontade. 4^a. Que o dito rei Canindé e os ditos maioraes e todos os mais principais das outras aldeias se obrigam a guardar toda a fidelidade ao senhor rei de Portugal e sucessores de sua coroa, como os mais vassallos. E que sendo caso que alguma armada inimiga venha invadir essa praça da Bahia ou a de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba ou Rio Grande, porão em defesa dos portugueses cinco mil homens de armas, todas a ordem do senhor governador e capitão – general que for deste estado, para com aviso seu marcharem a qualquer hora e tempo aquela praça a que ele os mandar, e para esse efeito estarão sempre bem prevenidos de frecharia e arcos. 5^a. Que do mesmo modo se obrigam a fazer guerra a todos os gentios de qualquer nação que seja a quem os portugueses a fizerem por ordem do governador do estado, e prometem ser amigos das nações de que os portugueses o forem, e inimigo das contrarias a nação dos portugueses, o que também guardaram reciprocamente os governadores gerais, mandando os ajudar contra seus inimigos por ser benefício dos portugueses. 6^a. Que também se obrigam a que aparecendo nos serros das terras que possuem alguma que formou com os ditos principais José de Abreu Vidal, Miguel Pereira e João Pais Florião, português, genro putativo do principal Nhangujé e as mais pessoas que se acharam presentes a este ato. E eu, Bernardo Vieira Ravasco, fidalgo da casa de sua majestade, alcaide-mor da capitania de cabo frio, secretário do estado e guerra do Brasil. O fiz e escrevi nesta cidade do Salvador, Bahia de todos os santos, em os dez dias do mês de abril, ano de mil seiscentos e noventa e dois. Antônio Luís Gonsalves da Câmara Coutinho, cruz do maioral José Vidal, cruz do maioral Miguel Pereira Guajiru Pequeno, João Pais Florião, Brás da Rocha Cardoso, André Cusaio. Bernardo Vieira Ravasco [assinado]. – Assento de pazes com os Janduí, 10/4/1692 – publicado no livro: A Guerra dos Bárbaros – Pedro Puntoni.

Referências históricas nos permitem esboçar uma reflexão sobre a resistência dos Kanindé durante seu processo de ocupação do território nessa região. Dentre elas destacamos uma concessão de Sesmaria com data de 17 de agosto de 1734. Trata-se, na

verdade, de um registro de data e sesmaria aos tapuios da nação dos Canindé. O mencionado documento revela que o pedido teria sido feito três anos antes, em 1731, quando, “através de uma petição, o principal da nação Canindé recorreu ao governador de Pernambuco solicitando duas léguas de terras para se aldearem”. (GOMES, 2012, p. 88).

Nos arquivos do Museu Kanindé, temos o seguinte trecho da carta de sesmaria datada de 27 de fevereiro de 1731,

Registro de data e sesmaria dos tapuios da nação Canindé, posso pello governador de Pernambuco, de uma sorte de terra de duas léguas, em oxoju, concedida pelo Duarte Sodre Pereira Sibão, em 17 de agosto de 1734 das páginas 81 a 82, do livro n.11 das sesmarias. Rezisto de data e sismaria dos tapuyos da nação canindes, posso do pello governador de pernco. Duarte Sodre Pra. Tibão donatário da villa de agoas Bellas do conselho de sua magde. Qe. Deos gde. Governador e capitão gnl. De Pernambuco e mais capitánias anexas etta. Fasso saber aos qe. Esta carta de doaçam e sismaria, virem qe por parte dos índios da nação caninde se me representou a petição do thior seguinte; snr. General, diz o principal da naçam canindês, qe está vivendo no grêmio da igreja a mais de vinte annos sem terem tido missionário e qe por ôra recorrem a vxca e a Illmo sr. Bispo pa. Lhe permitirem dar missionário pa se aldiarem nas cabesseiras do xoro donde tem terras de plantas, dizertas e desaproveitadas donde morarão os olandezes, paragem chamada muchio, conceder-lhe huã legoa de terra, fazendo piam em hun olho de agoa, na dita paragem oxoju, pa fazerem a sua aldeya e viverem com o seu missionário, outro sy por detras da serra dos macacos está hum olho de agoa que fas campos com palmeiral capas de poderem aldeyar, e ter campos de sustentaçam pa o gado do seu missionário no dito olho de agoa pedem outra legoa, por tanto; pedem a vexca lhe faça mce em nome de sua magde conceder duas legoas de terra nas partes confrontadas por estarem dezertas e desaproveitadas pa se aldiarem em qualquer das partes, onde for mais conveniente ao seu missionário pa eles e toda a sua dessendencia e recebeam mce. Despacho informe o capitão mor Joan de Barros Braga declarando a capitania mor, a que pertence estas terras, se estam vagas, e que calidade de gentio hê este e se foi já aldeado, Olinda vinte e sete de fevereiro de 1773.

Existe uma cópia desse documento nos arquivos do Museu dos Kanindé, que serve como referência para os próprios Kanindé, e também pesquisadores, estudantes e monitores do núcleo educativo, perceberem as diferentes estratégias de luta esboçadas pelo povo Kanindé ao longo de sua História. O acordo de paz e as negociações em torno da concessão de uma carta de sesmaria podem demonstrar a astúcia e as estratégias delineadas pelos Kanindé numa época em que sua sobrevivência física e cultural estava ameaçada depois de tantas batalhas contra o colonizador.

Quem sabe diante de tantas guerras e perseguições a única saída possível para sobrevivência do grupo seria se pacificar. Surgia daí uma nova possibilidade de vida “para uma população provinda de décadas de conflitos bélicos, esse era o novo caminho a ser trilhado: morar com os padres, trabalhar para os brancos, se deixar aldear”. (GOMES, 2012, p. 91).

Sobre esse processo histórico vivido pelos Kanindé, Alexandre Gomes nos diz que,

Os vestígios da trajetória histórica da nação Kanindé permitem acompanhar interações e contatos realizados no território da capitania do Siará no século XVIII, as datas de sesmarias e sua distribuição permitem-nos acompanhar o processo de ocupação por dois caminhos. Para a chegada na região de Canindé, através da serra de Baturité; e para a ocupação do sertão de Quixeramobim, pelos rios Jaguaribe e Banabuiú. Nesta confluência de frentes colonizadoras, os Kanindé se deslocaram, territorialização e migraram até chegarem em Baturité, em 1764. (GOMES, 2012, p. 78).

2.3 - NOSSAS FAMILIAS, NOSSAS HISTÓRIAS – ANCESTRALIDADE EM ROTA ATÉ A QUEBRADA DOS FERNANDES – “A LUTA PELA TERRA”.

Os antepassados dos atuais Kanindé narram e rememoram, através da sua oralidade, que são provindos da região de Mombaça e que migraram historicamente pelos municípios de Quixadá, Quixeramobim e Banabuiú até se fixarem na serra do Pindá (sertão de Canindé), onde ainda hoje reside uma fração dos índios Kanindé na aldeia Gameleira. Na memória dos mais velhos registra-se uma enorme luta contra os invasores colonizadores que expulsavam suas famílias da terra em diferentes momentos.

Os Kanindé que teve seu deslocamento rumo a serra de Aratuba, como temos registros, que por volta de 1873, compraram um pedaço de terra no local conhecido hoje por Sítio Fernandes. Seus primeiros habitantes foram os três irmãos: Joaquim Francisco dos Santos, Raimundo Francisco dos Santos e João Francisco dos Santos como podemos ver no trecho abaixo de um arquivo encontrado no museu kanindé.

Escritura pública de compra e venda que faz e assinam JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS e sua mulher FRANCISCA CLARA DE AZEVEDO de um pedaço de terra no lugar denominação Fernandes destrito de Cuité termo de Baturité do que pagou siza e tudo como abaixo os instrumentos de escritura pública. De compra e venda verem que sendo no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de 1874 aos 15 dias do mês de abril, do dito ano neste sitio marés destrito de Cuité termo de Baturité, província do Ceará, em casa de Joaquim

Rodrigues dos Santos, onde EU escrivão de paz servindo de tabelião fiz visita por ser chamado, em minha presença compareceram partes justas e contratada a saber de uma como venda JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS e sua mulher FRANCISCA CLARA DE AZEVEDO e de outra como compradores JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, RAIMUNDO FRANCISCO DOS SANTOS E JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, todos conhecidos de mim tabelião e das testemunhas abaixo nomeados, no fim assinados do que dou fé por eles e das testemunhas que são senhores e possuidores de um pedaço de terra de plantar nas quebradas da serra do Baturité no lugar denominado Fernandes no distrito de Cuité do termo de Baturité província do Ceará cujo pedaço de terra estrema da forma seguinte: para o nascente extrema no riacho denominado ALBINO, acima do olho d'água que tem no mesmo riacho na confrontação de uma Massaranduba que tem no aceiro do roçado do falecido Manoel dos Santos. Para o norte extrema com as terras dos mesmos vendedores MAJOR SIMÃO BARBOSA CORDEIRO, ficando os compradores com um roçado que ali tem um. Para o poente extrema por detras da serra do Rajado, daí extrema na barra do riacho Albino e Cassundé, torna para o nascente de onde começarão as referidas extremas. Assim extremados, vendem como de fato tenham de hoje para sempre aos senhores JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, RAIMUNDO FRANCISCO DOS SANTOS E JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, pelo preço e quantia de um conto de réis em moeda corrente que declaram já haver recebido dos compradores, portanto disso passavam-se de todo direito por posse que em dito pedaço de terra tenham transferido na pessoa dos compradores para si, seus herdeiros e que dela podiam tomar posse corporal, civil natural e judicial como constituíam possuidores em nome dos compradores pela clausula constituinte que contra esse instrumento não vinham em tempo algum com dúvidas ou embaraços e vindo não queiram ser atendidos em juízo ou fora dele e que se obrigavam em todo tempo fazerem esta venda firme e valiosa e defendiam os compradores em juízo ou fora deles sendo chamados autoria em ação nos últimos julgados e se para a validade deste público instrumento lhe faltarem algumas cláusulas todas as haviam por os preços como se cada uma o fizessem declarada mensão pelos compradores por dito que o escrito vão este instrumento com todas as cláusulas e condições nele estipulado e logo pelos compradores me foi pelos compradores apresentado o bilhete de siza o qual é do teor seguinte: nº- 93 coletoria do município de Canindé, imposto de transmissão de propriedade em exercício de 1873 a 1874 a folha do livro de receita fica lançado um debito ao atual coletor a quantia de 60 mil réis que pagou JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS do imposto de transmissão de propriedade na razão de 6% correspondente a um conto de réis , importância porque comprou a Joaquim Rodrigues dos Santos e sua mulher a um pedaço de terra no lugar denominado Fernandes deste município, em 02 de abril de 1874. Coletor JOSÉ CORDEIRO DA CRUZ. É o que consta do dito bilhete de siza ao qual mim reporto e dou fé em testemunhas assinando a rogo dos compradores JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, por não saberem escrever. JOÃO FRANCISCO DE SOUZA com as testemunhas MANOEL SEVERIANO DA SILVA E JOSÉ RIBEIRO DE FREITAS todos maiores da exceção conhecidos de mim escrivão da paz servindo de tabelião LUIZ FRANCISCO DE MELO SILVA que o escrevi. JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS a rogo de FRANCISCA

CLARA DE AZEVEDO. JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS a rogo de JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, JOÃO FRANCISCO DE SOUZA a rogo JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, JOÃO FRANCISCO DE SOUZA, RAIMUNDO FRANCISCO DOS SANTOS, MANOEL SEVERIANO DA SILVA e JOSÉ RIBEIRO DE FREITAS. E não mais nem menos se consistem em dita escritura a qual mim reporto copiei do próprio original e neste mim assino com o meu sinal público e dou fé que em uso o qual é. Em fé e testemunho de. (Escritura de compra da terra indígena Fernandes em 1874 pelos irmãos Francisco – Arquivo: Museu Kanindé).

A verdade é que os indígenas sempre estiveram presentes nessa região,

pois esta presença no maciço de Baturité é, até hoje, extremamente difundida, seja através das tradições orais, seja na identificação de populações declaradas e reconhecidamente descendentes, mesmos que não mobilizadas etnicamente pelo reconhecimento enquanto povos indígenas. (GOMES, 2011. p. 95).

A chegada dos primeiros habitantes Kanindé ao Sítio Fernandes nos possibilita refletir sobre as várias migrações provindas dos sertões de Canindé e de Mombaça para a região do Maciço de Baturité. O que levaram as famílias até essa região? Por que escolheram o Sítio Fernandes? Como se estabeleceram as primeiras famílias? Todas essas questões são fundamentais para compreendermos as transformações no modo de vida dos Kanindé ao longo das gerações.

Sobre isso, Alzira Gomes dos Santos em entrevista datada de 02/02/2003, comente que,

Nasci no sertão de Canindé. Na Gameleira. Na serra da Gameleira. Na serra do Pindá é... que antigamente era habitada pelos índios. Que o meu pai mais a minha mãe falava que os bisavôs deles aonde tinha ...tem lá uma pedrona. Uma pedra muito grande, muito linda. Ela é assim quase redonda. Que a vida da gente quando criança era assim. Que o papai mais a mamãe dizia: esse menino... essas meninas mais esses meninos daqui são índio puro mesmo, porque eles só vivem na morada dos índios. Aí nós dizíamos: porque é que o papai e a mamãe diz que nós só vive na morada dos índios? Porque ali menino, aquela pedra ali, era antigamente no tempo dos índios é que eles moravam lá. Eles dormiam lá. Faziam a comida naquelas cachoeiras e iam dormir lá naquela pedra. (Depoimento de Alzira Gomes dos Santos em 02/02/2003 – Arquivo MK)

Em 1915, uma fração dos Kanindé chegou ao Sítio Fernandes, onde já estavam estabelecidos os três irmãos Francisco, que tinham comprado um pedaço de terra em 1874. Para analisar esse processo, buscamos saber, através da oralidade, como os kanindé se alocaram neste território buscando seu direito ancestral a terra. Depoimentos de anciões

são fundamentais e para entendermos essa relação ouvimos algumas vozes que falam de como os Kanindé se conectam a esse território ancestral.

Nesse sentido, destacamos o depoimento de Eudes Francisco dos Santos, ao afirmar assim,

Eu conversava muito com meu avô. O nome dele era Raimundo Ferreira. Ele mim dizia que na serra do Pindá era uma aldeia só de índios Kanindé. Um tempo veio uns homens com uns cachorros para expulsar os índios de lá. Houve muitas brigas e muitas mortes. Os índios mataram e morreram também. No meio da briga, os cachorros acuram uma menina índia numa loca de pedra, os homens tiraram ela e levaram para casa e foram amansando ela devagar. (Depoimento de Eudes Francisco dos Santos – nascido em 1945 – em entrevista cedida ao missionário da AMIT José Martins e ao Cacique Sotero em 1996 – Arquivos Museu Kanindé).

O território e a sua posse permanente sempre foram uma busca ativa da memória de direito da ancestralidade. Nessa trajetória permanente pela terra, fugindo dos colonizadores e opressores, realizando deslocamento em várias rotas, com o mesmo objetivo, se juntar aos seus irmãos para viverem em comunidade.

Vejamos o relato da tia Judite, já falecida, mais que encontramos nos arquivos do museu Kanindé:

Esse pessoal que mora aqui na Balança veio de Mombaça, em 1914 para morar no sitio Currimboque, que fica vizinho a Balança, no tempo de uma grande seca. Em 1916 se passaram para a Balança, onde ficaram morando e onde moravam os mais velhos da nossa família. (Depoimento da tia Judite - em entrevista cedida ao missionário da AMIT José Martins e ao Cacique Sotero em 1996 – Arquivo Museu Kanindé).

No ano de 1995, houve uma grande seca no estado do Ceará, assolando toda essa região, fazendo com que muitos dos Kanindé, que se deslocavam em busca de terra, chegasse até o Sítio Fernandes, local onde muito dos parentes Kanindé já haviam se fixado, pois até então era uma região de fartura de água e comida e abundância de árvores frutíferas, o que chamaria a atenção dos primeiros Kanindé, em 1874, quando os três irmãos Francisco dos Santos compraram este pedaço de terra para que todos pudessem viver em paz e harmonia.

Sobre estas migrações, temos o seguinte depoimento de Francisco Silva,

Eu conheci muitas pessoas antigas que se mudaram daqui para a serra de Aratuba, conheci demais. Conheci muito o Pedro Bernardo, Aprígio Bernardo, Manoel Bernardo e outros. O Aprígio Bernardo mudou-se daqui pra lá no quinze (1915) aí ele enricou por lá e andou comprando umas terras. Conheci muito o Manoel Bernardo na seca de 1887. Não teve quem arrancasse ele daqui da serra do Pindá, outros foram e ele ficou. Foi muita gente daqui pra serra da Aratuba, pra quebrada dos Fernandes. Os mais velhos de lá foram daqui por causa das secas. Aqui era tudo cheio de índio, era uma aldeia só, daqui até o Canindé”. (Depoimento de Francisco Silva – Nascido na aldeia Gameleira município de Canindé - em entrevista cedida ao missionário da AMIT José Martins e ao Cacique Sotero em 1996 – Arquivo Museu Kanindé).

O que podemos denotar nestas rotas migratórias é que os Kanindé acabaram se dispersando aos vários caminhos para se fixarem ao seu local. Dessa forma, se reencontrando esses vários núcleos novamente, no Sítio Fernandes, para ocuparem seu espaço territorial. Encontramos no arquivo do museu Kanindé uma relação com o nome dos primeiros kanindé moradores em Sítio Fernandes a partir destas rotas de construção da etnicidade kanindé, vejamos;

João Canina, João Francisco, Joana Francisca Dos Santos, Joaquim Izabel, José Gadelha, José Lourenço, Zeca Izabel, Julho Bernardo, Raimundo Francisco, Raimundo Pedro, Raimundo Tavares, Raimundo Cadete, Raimundo Bernardo Da Silva, Chico Lúcio, Chico Joaquim, Chico Chaga, Chico Medeiro, Chico Alexandrino, Chico Barroso, Chiquinha Bernardo, Aprígio Bernardo, Antônio Vicente, Alexandrino Carapino, Alexandre Barroso, Alexandre Candido, Assis Bernardo, Alzira Pereira, Antônio Francisco Dos Santos, Albertino Graúna, Joaquim Bernardo, Francisca Dos Santos, Peú Onorato, Prequeté, Profira Dos Santos, Isabel Francisca Dos Santos, Adelina Bernardo, Manoel Rosa, Maria Bezerra, Elisa Bezerra, Maria Brasilina, Chico Brasilino, Chaga Lúcio, Manoel Francisco Dos Santos, Luiz Domingo, Nel Calado, Antônia Francisca Dos Santos, José Marino, Maria Consoelha Soares, Chiquinha Joaquim, Raimunda Bernardo Nascimento, Joaquina Francisca Dos Santos, Marcelina Barroso, Joaquim Barroso, Joaquim Francisco Dos Santos, Assis Francisco Dos Santos, Ester Francisca Dos Santos. (Pesquisa realizada por professores indígenas em 1999 junto às lideranças mais velhas do povo kanindé – Arquivo Museu Kanindé).

Os Kanindé tiveram uma relação muito forte em seus processos de organização social na comunidade Fernandes junto com o sindicato dos trabalhadores Rurais de Aratuba. O cacique Sotero, por exemplo, passou mais de quarenta anos na militância do sindicato, chegando a fundar uma delegacia sindical na comunidade para atender as necessidades da população que, nas décadas de 1980 e 1990, ainda não assumiam a sua

identidade étnica. Ele também atuou na construção das Comunidades Eclesiais de Base – CEBS, onde os Kanindé tiveram participação ativa.

Somente iniciaram seu processo de (re)afirmação da identidade indígena em meados de 1995. José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, nos conta que foi depois de sua primeira ida a um encontro indígena, no município de Maracanaú, à Assembleia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará, que ocorreu na aldeia Santo Antônio do povo Pitaguary. Na ocasião trataram de vários temas relacionados à saúde indígena, como podemos observar na pauta que consta no convite:

1. Como está a saúde nas nossas áreas indígenas? 2. Como nossos troncos velhos nos ensinaram a combater as doenças? 3. E nós hoje como estamos combatendo as doenças nas nossas áreas? 4. Como se juntamos na nossa força espiritual? (Carta Convite para Assembléia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará, 1995 – Arquivo MK).

As memórias do processo de (re)afirmação étnica dos Kanindé estão diretamente associadas à participação ativa de seus representantes na II Assembleia Estadual dos Povos Indígena do Ceará. Na ocasião estiveram presentes diferentes etnias de todo o estado dentre elas: os Pitaguary, Jenipapos Kanindé, Kariri, Tapeba, Tabajara, Tremembé, Potiguara de Monte Nebo, Kanindé, entre outros. Sotero participou da referida assembleia a convite dos povos indígenas, que já participavam do movimento no Ceará, em especial da Associação Missão Tremembé - AMIT. Segundo Sotero tudo começou a partir de sua participação neste evento: “vivemos da agricultura, muitos de nós nem se reconhece como índios, ainda somos desorganizados”. (Fala de Cacique Sotero durante a II Assembleia Estadual dos Povos Indígena do Ceará, em 1995, em entrevista ao Jornal o Povo, em 27 de outubro de 1995). O convite dizia o seguinte:

CARTA CONVITE – II ASSEMBLÉIA DOS POVOS INDÍGENAS DO CEARÁ – Pitaguary, Genipapo – Canindé, Kariri, Tapeba, Tabajara, Tremembé, Potiguara de monte Nebo, Tremembé e outros. Queremos convidar vocês para se fazer presente II Assembleia Indígena nos dias 27 e 28 de outubro deste ano de 95 na cidade de Maracanaú. Depois da bonita experiência que tivemos em Poranga, de onde falamos de nós mesmo e do profundo conhecimento que tivemos uns dos outros, das nossas histórias, de nosso medo, da nossa coragem e força é que resolvemos novamente voltar a se encontrar e ver o que mudou. Esse ano seria bom que pudéssemos discutir na nossa assembleia: 1. Como está a saúde nas nossas áreas indígenas? 2. Como nossos troncos velhos nos ensinaram a combater as doenças? 3. E nós hoje como estamos

combatendo as doenças nas nossas áreas? 4. Como se juntamos na nossa força espiritual? Nossa assembleia será na serra do Pitaguary, o lugar é muito bonito, tem muito de nós, é nossa terra, nosso chão. Há um grande açude para tomar banho, cascatas e muitos de nossos troncos veios. Há uma grande mangueira que serviu para amarrar o nosso povo na escravidão. É lugar sagrado, nela está os espíritos de muitos de nossos povos que queria liberdade. Há também como em Poranga uma igrejinha no alto onde muita gente faz oração. Haverá tempo para a gente fazer muita coisa junto. Na quinta feira dia 27, na chegada nos encontraremos na casa paroquial no centro do Maracanaú, e de lá vamos para a serra onde iremos se arranchar nas casas das famílias de lá. Depois de arranchados iremos todos nos encontrar na igrejinha, e fazer um conhecimento pela manhã do lugar, a tarde iremos ter um momento em cima da serra para conversar nossas coisas, e a noite terá um vídeo na escola sobre os Tremembé e Tapeba e outros. Na sexta feira dia 28 pela manhã continuaremos nossa conversa e a tarde haverá um momento para avaliar e fazer um relatório de como foi o nosso encontro. Ao final teremos um momento embaixo da mangueira sagrada, onde iremos fazer nossas danças e oração particular. Nós gostaria muito que mandassem avisar quantos vem e se vier trazer rede, lençol, material de cada um. Desde já ficamos contentes com a vinda de vocês, aguardamos resposta assim que vocês receberem a carta: Assina: Lideranças Pitaguary – Trecho da Carta convite a participação dos Kanindé na II Assembléia indígena dos povos do Ceará em 1995.

Sotero nos revela que sempre mantiveram a história do povo Kanindé no anonimato, não podiam revelar que eram índios, pois segundo seus pais os brancos matavam os índios. Ao ver a história indígena de outros povos na Assembléia de Maracanaú, acabou recordando das memórias contadas pelos mais velhos e decidiu que a história dos Kanindé não podia ficar mais silenciada, tinha de ser lembrada pelas gerações mais novas.

Deste modo, a partir de 1995 inicia na comunidade um processo de luta, mobilização e reconhecimento étnico. A princípio os próprios indígenas resistiram, pois eram preconceituosos consigo mesmo, não aceitavam a indianidade, apesar de serem da mesma família. Com o passar do tempo o processo de afirmação de uma identidade indígena começa a se fortalecer em toda comunidade, e os Kanindé assumem conjuntamente, a partir das próprias lembranças e memória de seus antepassados, sua etnicidade enquanto povo indígena.

O processo de reconhecimento étnico do povo indígena Kanindé foi construído através de muitas superações e resistências principalmente quando a afirmação étnica do povo se desenrolou na luta pela demarcação da terra. Um dos principais conflitos relacionados a disputa pela terra ficou conhecido na memória do povo Kanindé como a

“luta pela Terra da Gia”, quando em 1996, os Kanindé tiveram um grave conflito pela posse de suas terras com trabalhadores rurais da fazenda Alegre, que fica vizinho a aldeia dos Kanindé.

FIGURA 27 – REUNIÃO DOS KANINDÉ DE ARATUBA, EM 1995, DURANTE EVENTO DE ORGANIZAÇÃO DAS PRIMEIRAS FAMÍLIAS A SE AUTORRECONHECEREM NA ALDEIA SÍTIO FERNANDES, NO MUNICÍPIO DE ARATUBA. NESTA IMAGEM APARECE ALGUMAS FIGURAS FUNDAMENTAIS NESSE PROCESSO COMO: CACIQUE SOTERO, TIA NENEM, CÍCERO PEREIRA, MANOEL MACIEL, LUÍS PEREIRA, TIA DUVIGEM, ENTRE OUTROS.



Foto/Imagem: Acervo do Museu Kanindé

A disputa em torno da Terra da Gia envolveu todo o povo Kanindé e teve início quando um grupo de trabalhadores rurais quiseram incluir parte da terra indígena nas suas áreas de cultivo. No entanto, a área em questão já era tradicionalmente dos Kanindé, que a utilizavam para a caça e agricultura familiar, conforme podemos constatar no depoimento do Pajé Maciel:

Gia é um terreno que nós sabe que tem uns 300 hectares, fica situada na quebrada da serra de Aratuba, entre a Balança e o Régio. É a continuação do sitio Fernandes. Lá é onde nós tem costume de caçar e trabalhar para nosso sustento. Lá não mora ninguém. (Manoel Constantino – Pajé Maciel).

O conflito quase tomou proporções irreversíveis e a questão teve de ser levada para a justiça, onde os Kanindé ganharam a causa.

Sobre o caso podemos ler a seguinte versão das lideranças Kanindé,

Nós Kanindé sabe da nossa história indígena, mas não publicava porque nós não tinha conhecimento dos direitos que existe hoje ao lado dos povos indígenas. Agora chegou ao nosso saber e queremos garantir a nossa terra indígena, os nossos costumes e as nossas tradições. nós não quer nem desunião, nem confronto com nossos vizinhos da fazenda Alegre com quem nós sempre nos juntamos para conversar, apoiar, trabalhar . eles são da mesma família que nós. Nossa terra é sagrada, ela vem dos nossos antepassados e todos que moram nessa região tem conhecimento disso, nós não quer ser prejudicado na nossa terra, que já é pequena demais e nem dar pra nós viver. (Depoimento de lideranças Kanindé em carta / Relatório elaborado durante reunião com assessores da questão indígena da Gia em 28 de fevereiro de 1998).

O problema da terra da Gia se deu quando os índios Kanindé do Sitio Fernandes foram convidados pelos trabalhadores rurais da fazenda alegre, em 1996, para ajudá-los na luta pela desapropriação da terra, em troca disso, os indígenas ficavam com o terreno da Gia. Nesta época, 30 famílias de Kanindé se juntaram aos assentados na organização pela desapropriação. Todo o trabalho foi feito em coletividade, conforme combinado e acordado entre as duas comunidades, os Kanindé chegaram até a participar de acampamentos junto aos assentados.

Os Índios Tremembé de Almofala participaram ativamente do movimento pela luta da terra da Gia junto com os Kanindé, em 1996. Essa grandiosa e importante participação aparece registrada em vários documentos nos quais os Kanindé mencionam agradecimento aos apoiadores que ajudaram naquele difícil momento.

Uma dessas passagens é encontrada em outra carta de agradecimento dirigida ao administrador regional da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, na época, Marco Clemente, onde lemos o seguinte,

Nós índios Canindé estamos agradecendo o apoio que o senhor deu em nossa luta, já comemoramos a vitória da nossa terra indígena da Gia, foi dia 23 de novembro, comemoramos com dramatizações sobre nossa luta e em seguida com a dança do torém dos índios Tremembé de Almofala. Nós estamos muito satisfeitos porque ganhamos a área que lutamos por ela, são as 265 há. Já está em nossas mãos, por isso

queremos agradecer por tudo que fez por nós. Agora só precisamos ser reconhecidos como índios kanindé. Nossos agradecimentos. Ass: José Maria Pereira dos Santos – Cacique Canindé. (Carta de agradecimento enviada pelos Kanindé ao administrador da FUNAI em 30 de novembro de 1996).

FIGURA – 28 ENCONTRO DE CACIQUE SOTERO DO POVO KANINDÉ E DE JOÃO VENÂNCIO DO POVO TREMEMBÉ DE ALMOFALA, EM 1995, DURANTE A LUTA PELA TERRA DA GIA.



Foto/Imagem: Acervo Museu Kanindé

Vivendo na luta pelo território que tem a atividade de subsistência predominante, na aldeia indígena dos Kanindé, como a agricultura familiar, herança herdada de seus antepassados. O local do plantio é chamado de roçado, pois ele é uma das fontes mais ricas de sobrevivência para as famílias. Essa atividade é desenvolvida coletivamente entre homens, mulheres e crianças, nas quais as mulheres geralmente é a responsável pelo

preparo do almoço no próprio roçado, pois passam o dia inteiro trabalhando. Na roça é retirada o milho, o feijão, a fava, o jerimum, a mamona, a batata, o pepino, o maxixe, a macaxeira, a melancia e a Cácia. Esses alimentos são consumidos no dia-a-dia pelos índios da aldeia.

Sobre a experiência de produzir os meios de alimentação, o depoimento da Liderança e Agricultor Kanindé Cícero Pereira, diz assim,

Em primeiro momento observamos se o terreno está descansado para dar um bom ligume. Depois fazemos uma broca e em seguida queimamos o mato para fazer a limpeza do terreno. Depois de todo esse processo é necessário esperarmos por bom inverno. Chegando à chuva é hora certa de plantar, e depois de alguns dias dependendo do terreno começamos as limpas do mato. Se tudo acorre como esperado aí sim temos uma boa safra de ligume para todas as famílias da aldeia”. (Depoimento da Liderança e Agricultor Kanindé Cícero Pereira).

Habitando tradicionalmente a serra que é conhecida como Sítio Fernandes, quebrada entre serra e sertão, que tem, devido a divisa, diversas formas de sobreviver no território. Uma delas é a caça de animais, atividade essa considerada de subsistência para o povo local, desde muitos anos, essa tradição vem sendo repassada de geração a geração. A atividade da caça dos índios Kanindé é realizada, preferencialmente, nos meses da estação seca (agosto a dezembro).

Há uma redução do número de caçadas durante a estação chuvosa e em noites de lua cheia, pois consideram tais períodos menos favoráveis para a captura de animais. Os principais animais caçados na aldeia são: Punaré, preá, mocó, gato do mato, tejo, giritá, cassaco, gato maracajá, raposa, peba, tatu, onça, tamanduá, camaleão, cobra de veado, avoante, nambu, cericória, rolinha, juriti, seriema, gavião e jacu.

Para a captura desses animais é preciso experiência e muita técnica. As armadilhas são construídas por eles no dia-a-dia e para voltarem para casa com muita comida é necessário saber o comportamento dos animais: hábitos, comida, cheiro, forma de organização e etc. As principais armadilhas artesanais são: Quixó, mundé, gaiola, chiqueiro, arapuca e o fojo.

Neste mesmo território, é o local onde os kanindé produzem diversos artefatos para atender suas necessidades cotidianas. Esta atividade não representa uma fonte de renda forte, mas para os artesões ajuda e muito nas despesas do dia-a-dia. Os artesanatos geralmente são utilizados para seus usos diários. São diversas as variedades de artes produzidas na aldeia com: Cipó - cestos, caçuá, balai e decorações; com penas - saiotes,

brincos, colares, tiaras, chaveiros e palitos decorados; com madeira - colheres, garfos, travessas, pratos, budunas, flechas, maracas, palitos e peças de decorações; com sementes - colares, pulseiras, brincos e chaveiros. Essas atividades artesanais são desenvolvidas por homens, mulheres e crianças. Uma das características das mulheres kanindé é o traçado de linhas e pinturas em tecidos, na qual essas atividades são desenvolvidas coletivamente.

Dessa maneira, também sobrevivem de frutas, que são ricas em vitaminas. A terra e o clima serrano são propícios para o cultivo de frutas. Cada família tem seu pedacinho de terra para esse tipo de plantio que é: manga, banana, jaca, pitomba, laranja, mamão, seriguela, abacate, cajá, cajarana, azeitona, ingá, acerola, coco, pitanga, limão, tangerina, ata e caju.

A terra é uma mãe para os Kanindé, pois toda a sobrevivência é tirada diretamente com sua sabedoria ancestral de diversas formas na construção social dos indígenas, pois aprenderam a respeitá-la de maneira fundamental. A luta pela terra para os kanindé quase teve um final trágico quando, em 1995, teve um sério conflito pela terra da Gia, um lugar de tradicionalidade dos antigos kanindé em contato com sua ancestralidade.

O território faz parte da luta e da vida dos kanindé e de todos os povos indígenas. No decorrer do processo de autoafirmação dos kanindé começaram a participar ativamente do movimento indígena Cearense. Após o ano de 1995, começaria um grande desafio na luta pela terra. Além do reconhecimento político, os kanindé queriam a demarcação de seu território como garantia dos direitos originários nessa região. Começava um conflito com um assentamento vizinho a área indígena que durava todo um tempo e que mudava o contexto dos kanindé.

No decorrer dos conflitos começou uma série de ações ocorrentes na organização étnica dos Kanindé, que almejavam o reconhecimento da comunidade como povo indígena; a partir de então seria junto às instituições governamentais e sociedade envolvente. O primeiro passo já tinha sido dado para o reconhecimento dos Kanindé, para com o movimento indígena cearense, quando o cacique Sotero e seu irmão Cicero Participou da Assembleia indígena, em Maracanaú, na aldeia dos índios Pitaguary, em 1995.

Em julho de 1996 a sociedade indígena Kanindé – CIKA¹⁷ – que era a organização do povo kanindé, criada para suas organizações, envia um documento FAX endereçado ao Secretário do Trabalho e Ação Social do estado do Ceará, na época, o senhor José Rosa de Abreu Vale, sobre um relatório da situação da terra Kanindé, cujo teor podemos ver no trecho abaixo,

Senhor secretario estamos enviando para seu conhecimento o relatório da situação que estamos enfrentando na nossa terra. Foi uma pena nós não poder se reunir hoje no grupo de trabalho indígena para se poder discutir junto uma possível ajuda nessa questão. Nós agradecemos a atenção de vossa excelência: José Maria Pereira dos Santos – Cacique Canindé; Edgar Aprígio da Silva – Liderança Canindé; Valdeci Gomes Alexandre – Liderança Indígena Canindé (– Fax enviado pelo povo kanindé em 30 de julho de 1996 – Arquivo Museu Kanindé).

Neste mesmo dia, o conselho do povo kanindé enviou para o Presidente da Fundação Nacional do Índio – em Brasília, o senhor Júlio Geiger, um ofício relatando assim,

Senhor presidente: Nós índios Canindé, estamos muito preocupados com a situação criada na nossa localidade, a área indígena Fernandes, em Aratuba, onde nós se situemos desde nossos tempos passados. Nesse terreno nós sempre plantou, caçou, colhe mel de abelha. É da nossa tradição. Nós precisamos urgente do acompanhamento da FUNAI de João Pessoa, que responde pelos povos Indígenas dos Ceará e Paraíba, e as providências da FUNAI DE Brasília, para resolver os problemas de nossa terra indígena. Nós escrevemos um relatório contando esses fatos e estamos enviando junto a essa carta. Aguardamos com urgência que dê a nós uma orientação e determine as providencias que precisamos para resolver esse problema que ainda está pacifico mais ninguém sabe o que pode acontecer. Estamos em Fortaleza, vamos aguardar aqui uma notícia, uma orientação, uma providência urgente. Nossos agradecimentos, José Maria Pereira dos Santos – Cacique Canindé, Edgar Aprígio da Silva – Liderança Canindé, Valdeci Gomes dos Santos – Liderança Canindé – (Arquivo Museu Kanindé.)

¹⁷ CIKA significa Conselho Indígena Kanindé de Aratuba, foi o nome dado a primeira organização do povo Kanindé criado em 1996, logo depois com a organização do povo e com a nova estrutura do conselho, foi dado uma nova denominação, que passou a ser conhecida por AIKA – Associação Indígena Kanindé de Aratuba, que seguiu com seus mesmos objetivos de representação do povo Kanindé.

No dia 06 de agosto de 1996, a Associação Missão Tremembé¹⁸ – AMIT – organização indigenista missionária, que ajudou muito na luta de reconhecimento do povo Kanindé, em especial Maria Amélia Leite, envia um documento carta para o então senador da república, Lucio Alcântara, dando ciência ao problema enfrentado pelos povos indígenas do Ceará, incluindo os Kanindé, na qual continha:

PREZADO DR. LUCIO ALCANTARA. Estamos enviando para conhecimento de vossa excelência, os relatos anexos, referentes a problemas que estão afetando diretamente os povos indígenas no Ceará: Tapeba e Canindé. Não conseguimos até agora nenhum encaminhamento através da FUNAI, apesar dos inúmeros contatos mantidos tanto em nível de João Pessoa – Paraíba a quem os povos indígenas no Ceará são vinculados, como em Brasília, inclusive junto da presidência e diretoria fundiária. Solicitamos o apoio de vossa excelência no sentido de pressionar a FUNAI, a procuradoria da república, o próprio governo estadual, para uma solução urgente e pacífica. Tomamos conhecimento do pronunciamento que vossa excelência fez no senado em favor dos povos indígenas, em face do mapa da fome recentemente editado. É muito importante para a campanha em que todos estamos envolvidos esse apoio, essa palavra de força e solidariedade. Nossos agradecimentos desde já. Saudações cordiais; Maria Amélia Leite – Secretária Geral da Missão.

Maria Amélia através da missão Tremembé era quem enviava as solicitações para os órgãos de governo pedindo o reconhecimento do povo e contando sempre como estavam as articulações do povo, sempre a pedido dos kanindé, principalmente do Cacique Sotero, a qual a mesma tinha uma maior afinidade. Sempre ela mandava as novidades para os kanindé. No dia 09 de agosto de 1996, ela envia uma carta endereçada aos Kanindé na qual diz,

José Valter, Sotero e companheiros; estou enviando copias das cartas que foram passadas por fax sobre os problemas da área daí. Vai também a segunda folha da primeira carta que foi enviada para a FUNAI em Brasília e João Pessoa. Nós mudamos um pouco do conteúdo da primeira folha. Como vocês podem ver com as copias que estão seguindo para os três que vinheram primeiro, assinarem em todas as folhas. São 50 copias. Coloquem a rubrica na primeira folha como vocês fizeram aqui. Lembram-se? Se quiserem ficar com umas copias podem tirar. Mandem o restante que é pra nós enviarmos as entidades pedindo apoio junto a FUNAI. Se quiserem fazer uma cartinha aí,

¹⁸ A Associação Missão Tremembé – AMIT - é uma associação privada sem fins lucrativos localizada em Fortaleza – CE. Foi fundada em 10/11/1995 com o objetivo de garantir a defesa dos direitos sociais Indígenas. Na época trabalhava com os indígenas no Ceará e em especial com os Tremembé de Almofala e os Kanindé de Aratuba. A Associação Missão Tremembé teve uma grande importância na reafirmação étnica do povo indígena Kanindé, foi uma das articuladoras do movimento indígena Kanindé, envolvendo vários outros povos indígenas do Ceará também na luta.

assinarem e nos enviarem é bom para a gente juntar com esse relato, se não entenderem, telefonem que eu explico melhor de viva voz. Bom fico por aqui. Lembranças para vocês todos. Maria – Trecho da carta enviada por Maria Amélia aos Kanindé em 1996 – Arquivo Museu Kanindé.

Em 27 de agosto de 1996, a pedido do Kanindé a Associação Missão Tremembé envia um documento via FAX ao Diretor de Assuntos Fundiários da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, na época, o Dr. Áureo Araújo Falheiro, dando ciência da situação territorial dos kanindé com os assentados da fazenda alegre sobre um conflito que estava acontecendo e que fossem tomadas providências por parte do órgão, o documento continha o seguinte,

Senhor diretor: estamos nos dirigindo a essa diretoria fundiária a pedido das lideranças do povo CANINDÉ, localizado no município de Aratuba, no Ceará, distante 140 km de Fortaleza. Esse povo está constituído de 115 famílias, num total aproximado de 950 pessoas e ocupam uma área de 150 ha onde todos residem juntos, com seus pequenos plantios de roça e hortaliças, vivem também da caça e do plantio de legumes numa área vizinha, tradicionalmente ocupadas por essas famílias num total de mais ou menos 300 ha. Esse terreno vinha sendo reivindicado em conjunto com os trabalhadores rurais dessa mesma região, já no sertão, para fins de reforma agrária. Partilharam em conjunto durante todo o desenvolvimento dessa reivindicação, tendo a garantia por parte dos trabalhadores de que esse terreno ficaria para eles, os referidos 300 ha. Na carta que foi escrita pelo grupo indígena em 27 de julho passado, eles contam as dificuldades que estão enfrentando e pedem as providências por parte da FUNAI tendo em vista que recentemente é que começaram a se identificar publicamente e a reivindicar sua identidade indígena Canindé. Ontem à tarde fomos informados através da secretaria de ação social do estado do Ceará, onde funciona um GRUPO DE TRABALHO INDÍGENA – GTI para fins de apoio e assistência aos povos indígenas no Ceará, sobre uma reunião convocada pelo técnico do INCRA no Ceará, Dr. Marco Aurélio que se realizará em Aratuba próxima quinta feira dia 29 deste as 14 horas. Fomos informados também que participará dessa reunião: o MST, o sindicato dos trabalhadores rurais de Aratuba e Canindé, a representante do GTI na secretaria de assistência social. Os Canindés não foram convocados para essa reunião que está acertada para o salão paroquial em Aratuba. Nós da missão reforçamos essa reivindicação dos Canindé porque compreendemos a importância da vinculação da FUNAI com o direito dos povos indígenas, garantia para que o encaminhamento dessas dificuldades se realize com absoluta segurança para o povo indígena Canindé. Nós ficamos ao dispor dessa diretoria para as informações que julgar necessária. Agradecemos. Maria Amélia.

A presente solicitação dos Kanindé, por meio da missão Tremembé, era para que viesse um representante da FUNAI para participar da reunião, em Aratuba, que estava marcada e que nem os Kanindé e nem suas representações tinham sido convidadas.

Da ação desta reunião foi feita uma visita técnica na área da terra da Gia para verificar a situação do território, como podemos ver no relatório de viagem realizado pela equipe do INCRA, em visita realizada durante os dias 18 a 20 de setembro de 1996. Essa ação desencadeou em outras várias ações que viria a construir o movimento indígena dos Kanindé em torno da luta pela terra. Essa visita teve como objetivo moderar um acordo conciliatório entre os assentados do Alegre e da comunidade dos Fernandes, a qual já tinha sido motivada pela ocupação do território, que ambas as partes faziam contestar. E nesta visita foram acordadas algumas ações, como fica descrito no trecho do relatório a seguir,

Ficou previamente marcada uma reunião e na mesma se fizeram presentes os presidentes do STR de Canindé e Aratuba, representante do IBAMA, FUNAI E INCRA além das partes envolvidas. Antes de começarmos a reunião, foi decidido que iríamos fazer um reconhecimento da área em questão, ocupada por 30 famílias da comunidade dos Fernandes. Após o reconhecimento da área, iniciamos a reunião e fomos escolhidos para coordenar os trabalhos. Como forma de nivelamento fizemos um relato histórico dos fatos que ocasionaram o problema, ressaltando a oportunidade franqueada a comunidade dos Fernandes (30 famílias) de serem cadastradas no assentamento Alegre ou em novas áreas desapropriadas na região, oportunidade esta não foi aceita. O representante da FUNAI administrador da região nordeste foi categórico em afirmar que a comunidade dos Fernandes oficialmente não é remanescente de povos indígenas, merecendo, portanto, um estudo antropológico para confirmar tal hipótese. Com toda a argumentação da comunidade Fernandes fica baseada nossa hipótese, amenizou os ânimos e com isso facilitou para chegarmos a um acordo. Após as colocações de todos os participantes chegamos a um acordo. Ficou acertado que as famílias da comunidade Fernandes e assentados construísse uma cerca para garantir o acordo. (Relatório de técnico do INCRA – Arquivo Museu Kanindé).

Desta reunião dos Kanindé residente na comunidade indígena dos Fernandes com o assentamento alegre e demais órgão que mediarão a situação foi acordado entre as duas comunidades a assinatura de um termo de compromisso que por fim estavam chegando a um acordo para o impasse no território:

O termo de compromisso de 01/10/1996, traz o seguinte,

TERMO DE COMPROMISSO: Aos dias 01 do mês de outubro do ano de 1996, na sede da associação do P.A Alegre, a Associação dos assentados do P.A Alegres, representada pela sua diretoria e comunidade dos Fernandes, em presença dos sindicatos de trabalhadores rurais de Canindé e Aratuba e do representante do INCRA assinam o presente termo de compromisso: 1. A comunidade do P.A Alegres concordou em encaminhar junto ao INCRA, o cadastramento de nove famílias pertencentes a comunidade Fernandes. 2. Essas nove famílias cadastradas deverão ocupar a localidade denominada buraco da Gia pertencentes ao imóvel Alegres e perfazendo uma área de 265 ha, responsabilizando-se pelo pagamento da mesma junto ao INCRA. 3. As nove famílias da comunidade Fernandes comprometeu-se a explorar a área de forma a não causar danos ao meio ambiente responsabilizando-se perante o IBAMA e o INCRA pelo uso indevido da mesma. 5. Os assentados do P.A Alegres e as famílias cadastradas da comunidade dos Fernandes comprometem-se a desenvolver uma convivência pacífica e solidária de forma a favorecer o desenvolvimento de todo o assentamento.

As famílias indígenas dos kanindé não se cadastraram no assentamento, por entender que o grupo estava fortalecidos com a luta pelo território, pois a autoafirmação étnica do povo já se expandia em toda a comunidade. Dessa forma, já tinham feito uma cerca pra separar o seu lado da terra que tinha sido questão de conflito. Assim, resolveram lutar pra ter a tradicionalidade do terreno em questão, a terra da Gia, com vários diálogos e negociações com os assentados do P.A Alegre, os mesmos abriram mão dos 300 hectares da terra, ficando assim propriedade do grupo indígena, que o preserva até hoje. As duas comunidades fizeram uma negociação para cada uma ficar com seu lado da terra. Começa então a luta pela reivindicação da demarcação pela terra.

No dia 02 de agosto de 2011, foi dada entrada um memorando nº 773/2011, pela CTL FUNAI Fortaleza, com encaminhamento do relatório da qualificação da terra indígena Kanindé Localizada no município de Aratuba – Maciço de Baturité e encaminhada a Coordenadora substituta – CGID/DPT/FUNAI – BRASILIA, Giovana Acácia Tempesta, o presente afirmava:

Senhora Coordenadora, em atenção ao Memo. Nº 424/CGID/2011 encaminhamos em anexo para efeitos de planejamento a fim de viabilizar a instalação do Grupo – GT, qualificação da reivindicação da terra indígena Kanindé, localizada no município de Aratuba – CE – Região do maciço de Baturité, Realizada por servidores lotados nessa Coordenação Regional através de trabalhos de campo na referida terra indígena. Atenciosamente; PAULO FERNANDO BARBOSA DA SILVA – Coordenador Regional de Fortaleza. – Arquivo Museu Kanindé.

A presente reivindicação da terra Kanindé foi apresentada pela justiça Federal do Estado do Ceará através de uma ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal, com pedido de liminar objetivando a demarcação da área tradicionalmente ocupada pelos indígenas do povo Kanindé de Aratuba.

O Ministério Público do estado do Ceará já tinha recomendado a FUNAI, em 08 de outubro de 2003, que a mesma iniciasse os trabalhos e atendesse a regularização fundiária do povo Kanindé de Aratuba, no Prazo máximo de noventa dias, sob pena da adoção de medidas judiciais, pois já tinham passado mais de dez anos e a FUNAI não tinha se planejado para cumprir o que determina a constituição federal em seu artigo 231, onde diz que, “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Merece atenção, a reprodução de nossa parte da Apelação Cível, onde temos o seguinte,

APELAÇÃO CÍVEL (AC593789-CE) AUTUADO EM 13/03/2017
 ORGÃO: Primeira Turma
 PROC. ORIGINÁRIO
 Nº: 00094309520104058100 - Justiça Federal –
 CE
 VARA: 2ª Vara Federal do Ceará
 ASSUNTO: Terras Indígenas - Domínio Público - Administrativo

FASE ATUAL : 12/03/2020
 14:34 Autos entregues em carga
 COMPLEMENTO :
 ÚLTIMA
 LOCALIZAÇÃO : PROCURADORIA REGIONAL FEDERAL - 5ª REGIÃO

APTE : FUNAI - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
 Representante : PROCURADORIA REGIONAL FEDERAL - 5ª REGIÃO
 APTE : UNIÃO
 APDO : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
 RELATOR : DESEMBARGADOR FEDERAL ROBERTO MACHADO

NÃO EXISTEM PETIÇÕES AGUARDANDO JUNTADA

Em 11/04/2019 09:00
 Julgamento - Sessão Ordinária

11/04/2019 09:00] (M971) A Turma, por maioria, deu provimento à apelação da FUNAI e da UNIÃO, vencido o Desembargador Federal Leonardo Augusto Nunes Coutinho. O julgamento foi suspenso para prosseguir na Turma Ampliada, na forma prevista do artigo 942 do Código de Processo Civil. Participaram do julgamento os Exmos. Srs.: DESEMBARGADOR FEDERAL LEONARDO AUGUSTO NUNES COUTINHO (CONV. ROBERTO MACHADO), DESEMBARGADOR FEDERAL ALEXANDRE LUNA FREIRE e DESEMBARGADOR FEDERAL ÉLIO WANDERLEY DE SIQUEIRA FILHO.

Em 15/05/2019 09:30

Julgamento - Turma Ampliada

15/05/2019 09:30] (M971) TURMA AMPLIADA Prosseguindo o julgamento, a Turma, em composição ampliada, por maioria, deu provimento à apelação, vencidos o Relator e o Desembargador Federal Fernando Braga Damasceno. Lavrará o acórdão o Desembargador Federal Élio Wanderley de Siqueira. Participaram do julgamento os Exmos. Srs.: DESEMBARGADOR FEDERAL ROBERTO MACHADO, DESEMBARGADOR FEDERAL TÉRCIUS GONDIM MAIA (CONV. ALEXANDRE LUNA FREIRE), DESEMBARGADOR FEDERAL ÉLIO WANDERLEY DE SIQUEIRA FILHO, DESEMBARGADOR FEDERAL FERNANDO BRAGA DAMASCENO e DESEMBARGADOR FEDERAL ROGÉRIO DE MENESES FILHO.

Em 23/08/2019 15:06

Acórdão Desembargador(a) Federal Relator(a)

[Publicado em 27/08/2019 00:00] [Guia: 2019.000311] (M5041) EMENTA: CONSTITUCIONAL E ADMINISTRATIVO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. DEMARCAÇÃO DE TERRA INDÍGENA DOS KANINDÉ DE ARATUBA. MUNICÍPIO DE ARATUBA/CE. FIXAÇÃO DE PRAZO PARA QUE A FUNAI CONCLUA O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE OCUPAÇÃO. NÃO CABIMENTO. REMESSA OFICIAL E APELAÇÕES PROVIDAS.1. Remessa oficial e apelações da FUNAI e da União, em face da sentença que julgou procedente o pedido da ACP ajuizada pelo MPF, condenado a FUNAI a realizar o procedimento de identificação e de delimitação da área de ocupação dos índios Kanindé de Aratuba, localizada no Município de Aratuba/CE, no prazo máximo de um ano, a contar da intimação da sentença.2. Não cabe ao Poder Judiciário a fixação de prazo para que a FUNAI conclua os procedimentos administrativos de identificação e reconhecimento das terras pertencentes à Comunidade Indígena Kanindé de Aratuba, localizada no Município de Aratuba/CE. É cedo que a decisão de implementar os procedimentos é matéria inserida no âmbito do poder discricionário da Administração. Ao Poder Judiciário não cabe substituir os Poderes Legislativo e Executivo no exercício de atribuições que lhes são próprias e indelegáveis, sob pena de vulnerar o princípio da separação dos Poderes, de base constitucional.3. O STF já se manifestou no sentido de que há situações excepcionais a demandar atuação do Poder Judiciário, ainda que nesse agir envolva a aplicação de recursos públicos em favor de certa demanda social. É o caso, por exemplo, em que a omissão do Poder Competente seja de tal monta em cumprir os encargos político-jurídicos que o não agir comprometa seriamente a eficácia e integridade de direitos individuais e/ou coletivos (cf. STF, ADPF 45 MC/DF, Relator Ministro CELSO DE MELLO, julgado em 29.4.2004, DJ 4.5.2004). No caso, não se vislumbra essa excepcionalidade, uma vez que há por parte do ente público responsável uma eleição de prioridade nas demarcações, executadas de acordo com a

disponibilidade orçamentária do órgão, consoante demonstrado às fls. 391/392, no Memorando nº 405/DPT/2014.4. Informou a FUNAI que a priorização dos procedimentos se pauta pelos critérios de antiguidade do procedimento administrativo, vulnerabilidade social do grupo indígena, inexistência de terra demarcada pelo mesmo povo na mesma região, impacto de grandes empreendimentos, interesse manifesto do INCRA na área para criação de assentamentos ou comunidades quilombolas e interesse manifesto de órgãos ambientais na área para criação de unidades de conservação. 5. Ademais, não se pode obrigar o ente público a cumprir a obrigação em prazo incompatível com a complexidade que o procedimento específico exige. O Decreto nº 1.775/96 prevê um procedimento longo, contabilizando cinco etapas para a finalização e concreção do reconhecimento da área como território indígena, de maneira que se exige um lapso de tempo considerável até a conclusão de todo o procedimento. 6. Assim, não se torna possível ao Poder Judiciário impor à FUNAI/União a obrigação de executar a medida postulada pelo MPF em determinado prazo específico e ainda em desrespeito à ordem e aos critérios estabelecidos pelo órgão para a demarcação da terra indígena. 7. Remessa necessária e apelações providas. A C Ó R D Ã O Decide a Primeira Turma do Tribunal Regional Federal da 5ª Região, em composição ampliada, por maioria, dar provimento à remessa oficial e às apelações, nos termos do voto do condutor, na forma do relatório e notas taquigráficas constantes nos autos, que ficam fazendo parte integrante do presente julgado. Recife, 15 de maio de 2019. Desembargador Federal ÉLIO SIQUEIRA FILHO RELATOR P/ACORDÃO.

Um marco na história das reivindicações do povo Kanindé, na sua organização étnica e histórico-social, aconteceu, no ano de 2000, quando foi realizada na aldeia Sítio Fernandes, em Aratuba, a VI Assembleia Estadual dos Povos Indígenas no Ceará, organizado pela Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo, APOINME – MICRO REGIÃO CEARÁ, durante os dias 22 a 25 de novembro de 2000.

Em seguida, compartilhamos um pouco do relatório final que encontramos no acervo do Museu Kanindé, onde descreve que,

Neste ano a Assembléia Realizou-se na Aldeia dos Fernandes, Terra do povo Kanindé, em Aratuba, uma serra em plena região central do Ceará. Esse povo indígena também se localiza em algumas comunidades no sertão do Canindé, município vizinho. Na preparação desta Assembleia a comissão organizadora se articulou em diversos momentos, tanto nos Fernandes, em Aratuba, como em Fortaleza, desde o mês de julho passado através da APOINME – Micro região Ceará. O tema escolhido foi: Terra e Vida, Cultura e Resistencia. Uma comissão de lideranças Kanindé coordenou junto com as famílias locais os trabalhos de apoio na alimentação, na hospedagem dos quase (100) cem indígenas dos povos participantes, assim como convidados, entidades de apoio, estudantes e amigos da região. A abertura da 6ª Assembleia contou com um ritual de espiritualidade dos povos presentes e também uma apresentação de crianças Kanindé, animados pelos professores das

escolas indígenas locais. Os cantos e a dança muito bonitos. O dia foi desenvolvido com manifestações individuais sobre os temas e a tarde grupos de trabalho para aprofundamento das realidades específicas, seguidos de uma grande plenária e a definição dos encaminhamentos de cada tema. As noites foram destinadas as manifestações culturais, brincadeiras, cantorias, piadas, teatro, uma grande animação a partir do toré e do torém. No sábado dia 25 foi destinado a avaliação e definição dos encaminhamentos. Informações sobre os apoios recebidos, avaliação e prestação de contas das despesas realizadas e da destinação dos alimentos que sobraram (dividida entre as cozinheiras e duas escolas na aldeia). Foi escrita uma carta aberta, assinada pelas lideranças de todos os povos presentes. O termino da assembleia foi antecipado para a tarde do sábado, devido ao frio que estava muito forte para quem não tem costume com a temperatura da região, sobretudo a noite, e as pessoas não dispunham de agasalho suficiente para se protegerem. Também o trabalho se desenvolveu muito bem, tendo sido possível cumprir todo o programa previsto em menor espaço de tempo. (Trecho do relatório final da 6ª Assembleia dos Povos Indígenas no Ceará – Realizado durante os dias 22 a 25 de novembro de 2000).

A terra para o povo Kanindé é um lugar da coletividade, além disso, é uma mãe, uma arte familiar, fonte de vida e de sobrevivência. Sem a terra claramente perdemos a existência da vida. Esse lugar onde nascemos e vivemos, por isso cuidar da terra tem uma grande importância na história e na resistência do povo. Coletividade é um fator importante para a vida em aldeia e deve estar presente em todas as lutas, em busca do fortalecimento dos direitos da igualdade da população indígena. Tudo que a gente realizar, deve ser no coletivo, pois todas as tomadas de decisão são tomadas em grupo.

Sendo um lugar sagrado para os Kanindé, a luta pela terra se torna fundamental na preservação da cultura, objetivando-se como um lugar de fé, de esperança, de união entre parentes e de agradecimento aos encantados e ao pai tupã na conexão com as encantarias da natureza, onde a mãe terra se torna uma grande interlocução entre e para além do povo.

A terra partindo do princípio da coletividade se torna de grande importância na afirmação étnica do povo Kanindé, principalmente na preservação das memórias dos antepassados, enfatizando sempre a importância da juventude dentro desse processo de sentidos com as cosmologias dos valores entre o povo.

3. – MUSEU KANINDÉ: NARRATIVAS DA MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA ÉTNICA.

3.1 – CACIQUE SOTERO: UM MESTRE DA CULTURA KANINDÉ E DA MUSEOLOGIA INDÍGENA.

A história que eu vou contar é tudo aquilo que eu já sei e aprendi dentro da história da nossa comunidade. O que meu avô contava para minha mãe que era mais inteligente na história indígena, é que a minha mãe pegava a história que o meu avô contava pra ela, e foi desse jeito que nós sabemos da nossa história que a nossa mãe contava tanto para gente, para mim, como um índio, como cacique, eu acho muito importante aquilo ali. Para quem? Principalmente, para o mais novo, os alunos, que aquilo ali é uma aula que, quando eles vão com os professores consultar, eu sei explicar ou também alguma liderança mais velha sabe explicar o que é e quem utilizou aqueles couros ali. A gente comia a carne e fazia do couro, costura, come, deixa o tamanduá, o tejo, que mesmo que está olhando para ele vivo, para mostrar que tinha e tem ainda pouquinho, mas ainda tem aquela caça ali. Porque se a gente não mostrar aquilo ali, pode, hoje, o mais novo dizer “ou papai, ou vovô ou tataravô, dizia que comia isso, pegava aquilo e a gente nunca viu um couro ou uma figura, da onde ele disse que tinha no museu. (Cacique Sotero)

José Maria Pereira dos Santos, nome de batismo do Cacique Sotero, de 78 anos, nasceu no dia 15 de novembro de 1943, no Sítio Fernandes, zona rural do município de Aratuba, localizado no maciço de Baturité, uma “quebrada” de serras a cerca de 130 quilômetros de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Cresceu em meio às matas, acompanhando os pais, desde pequeno, nas caçadas e nos trabalhos agrícolas nas terras que herdaram de seus antepassados. Sotero é criador de uma linguagem museológica própria, que coloca a serviço da luta dos povos indígenas seus objetos, memórias e patrimônios culturais enquanto ferramentas de luta e afirmação étnica.

Em 1995, liderou um movimento de afirmação étnica e luta por reconhecimento como povo indígena, assumindo a função de cacique do povo “Kanindé de Aratuba”, etnônimo com o qual passaram se auto identificar coletivamente. No mesmo ano, foi aberto à população do Sítio Fernandes o Museu dos Kanindé, com o objetivo de “contar a história do índio no meio da sociedade” (Cacique Sotero). Inspirado em suas vivências como caçador e agricultor em meio aos resquícios de Mata Atlântica, que há na serra de Baturité. Reinterpretando os saberes, conhecimentos e técnicas herdadas de seus ancestrais, o cacique Sotero criou um “sistema da mata”, fundamento de sua Museologia Indígena: concepção de objetos e patrimônios vinculada às ideias e categorias de seu povo

- “coisas dos Índios¹⁹”, “coisas dos velhos²⁰” e “coisas das Matas²¹” - noções com que classificam as coleções de objetos – tradução de modos de vida e cosmologias - que foram reunidas por ele ao longo da vida e que deram origem ao Museu dos Kanindé.

FIGURA 29 – CACIQUE SOTERO EM SUAS TÉCNICAS DE COLECIONAR OBJETOS NO MUSEU KANINDÉ – NESTA IMAGEM ESTÁ A SUA CRIATIVIDADE E TRABALHO DE SUAS COLEÇÕES DAS COISAS DAS MATAS IMPORTANTE E SIGNIFICATIVA COLEÇÃO DAS COISAS PROVINDAS DA NATUREZA.



Foto: Alexandre Gomes – 2011

Eu nasci e mim criei aqui, tenho 78 anos. O meu bisavô se chamava Manoel Damião, a minha avó se chamava Calorina e o vovô era Zeca Isabel, a minha avó chamava ela de Rola do Zeca porque ela tinha esse apelido e os meus avós são da Balança no pé da serra, se lembro muito do meu bisavô que mim contava a história dele de como ele chegou aqui na aldeia dos Fernandes. Quando eu era novo, eu andava sempre no

¹⁹ Cacique Sotero classifica como “Coisas dos Índios” tudo aquilo que os Kanindé atribuem como pertencente aos índios, seja do passado ou do presente.

²⁰ Cacique Sotero classifica como “coisas dos Velhos” tudo aquilo que os Kanindé atribuem ser aquilo dos seus antepassados mais próximos como: parentes, tios, avós e bisavós, os que fizeram as gerações se declararem índios de novo.

²¹ Cacique Sotero classifica como “Coisas das Matas” tudo aquilo que é usado para classificar o que é proveniente e simbolicamente das matas, da natureza, da floresta.

mato, como índio, que meu avô sempre mim contava e a minha mãe sempre mim chamava de índio e eu gostava sempre de andar nos matos atirando de baladeira pra matar passarinho e comer o coração da beija flor pra ficar bem acertador nos passarinhos. Isso é uma história que eu vejo dos nossos antepassados e eu ouvi muita história do índio que o meu avô contou pra mim. A minha trajetória antes não foi nada boa, tive uma parte de saúde muito ruim, nos meus 14 anos eu já me queixava de uma dor que eu sentia no meu estomago, depois vim descobrir que era uma ulcera e mim operei, até que passou mais voltou de novo e tornei a mim operar, fiz seis operação mais com todas essas doença que eu tive sempre eu trabalhei no roçado ajudando os meus pais e dá dicomer para os meus filhos. Eu comecei a trabalhar com 8 anos de idade acompanhando o meu pai e a minha mãe para ir trabalhar no roçado. A gente saia de casa muito cedo e só chegava à noite. Me lembro que o meu pai sempre mim colocava pra trabalhar na agricultura, carregando as coisas pesadas pra poder conseguir os alimentos. Era desse jeito que a gente vivia aqui. Quando eu tinha 25 anos de idade, eu resolvi me casar com a Tereza em 1966, ela é da família dos Soares, mais nós somos misturados e casemos entre as famílias aqui na aldeia dos Fernandes, nossa vivencia até hoje está sendo boa com a nossa família. Quando a gente foi se casar ela era mais nova do que eu, na época ela tinha 14 anos, aí foi preciso tirar 4 anos da minha idade e colocar na dela pra gente poder se casar, isso pode porque no cartório existia esse tipo de coisa de tirar a idade do marido para completar a idade da esposa, ai quando nós se casemos começamos a trabalhar junto no roçado e na agricultura.(Cacique Sotero, 2021).

Cacique Sotero empreendeu etnicamente, através de seus saberes, uma arquitetura dos sentidos e dos saberes sobre o passado dos seus antepassados. Estabeleceu uma relação entre a memória e seus objetos; constituindo numa junção de um conjunto de coisas/objetos, que se tornou a formação de um acervo e a construção de um espaço museológico próprio, salvaguardando todo um processo de identidade dos Kanindé, que permanece estabelecido em torno dos significados desses objetos.

Esforçando-se para manter, por conta própria, o espaço físico e as atividades do Museu dos Kanindé durante 25 anos, o cacique Sotero reverteu saberes apreendidos e acumulados em sua experiência como caçador e agricultor, na criação de uma "expografia caleidoscópica", que reflete as múltiplas temporalidades e formas de vida e cultura. Dono de uma oratória singular, arquivista e memorialista de seu povo, seleciona o que deve ser lembrado, arquitetando memórias para a construção de uma história Kanindé, demonstrativa da íntima relação entre o passado e o presente, conectada ao processo de reelaboração cultural que vivenciam desde 1995.

Construtor de sentidos, narrador da história do povo, a Museologia Indígena do cacique Sotero fundamenta-se em saberes e conhecimentos sobre as matas, os seus encantos, os seus mistérios e segredos, incorporados nos sentidos dos objetos. As técnicas

associadas à atividade da caça bem como o material cinegético utilizado (armadilhas) possuem um lugar especial dentre os saberes museológicos indígenas que compartilha. Sua forma de fazer o museu indígena se relaciona aos conhecimentos herdados de seus ancestrais sobre as coisas, a natureza e os seres que nela habitam: bichos, plantas e Encantados, por um lado; e, por outro, as técnicas de produção material associadas à fabricação de objetos da cultura material de seu povo, tal como o trançado em palha, a cerâmica, os artefatos em madeira e a fiação manual de algodão.

FIGURA 30 – CACIQUE SOTERO, NA ANTIGA SEDE DO MUSEU KANINDÉ, EM 2011, DURANTE A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO. LIMPEZA DOS OBJETOS EXISTENTES NO LOCAL, DENTRE OS QUAIS PODEMOS DESTACAR: JARRA DE CERÂMICA, TELHAS DE CERÂMICA E AS VELHAS BOLSAS DE PALHA. OBJETOS QUE POR MUITO TEMPO FEZ PARTE DAS ARTES E OFÍCIOS DO POVO KANINDÉ, OS TRABALHOS EM BARRO E PALHA.

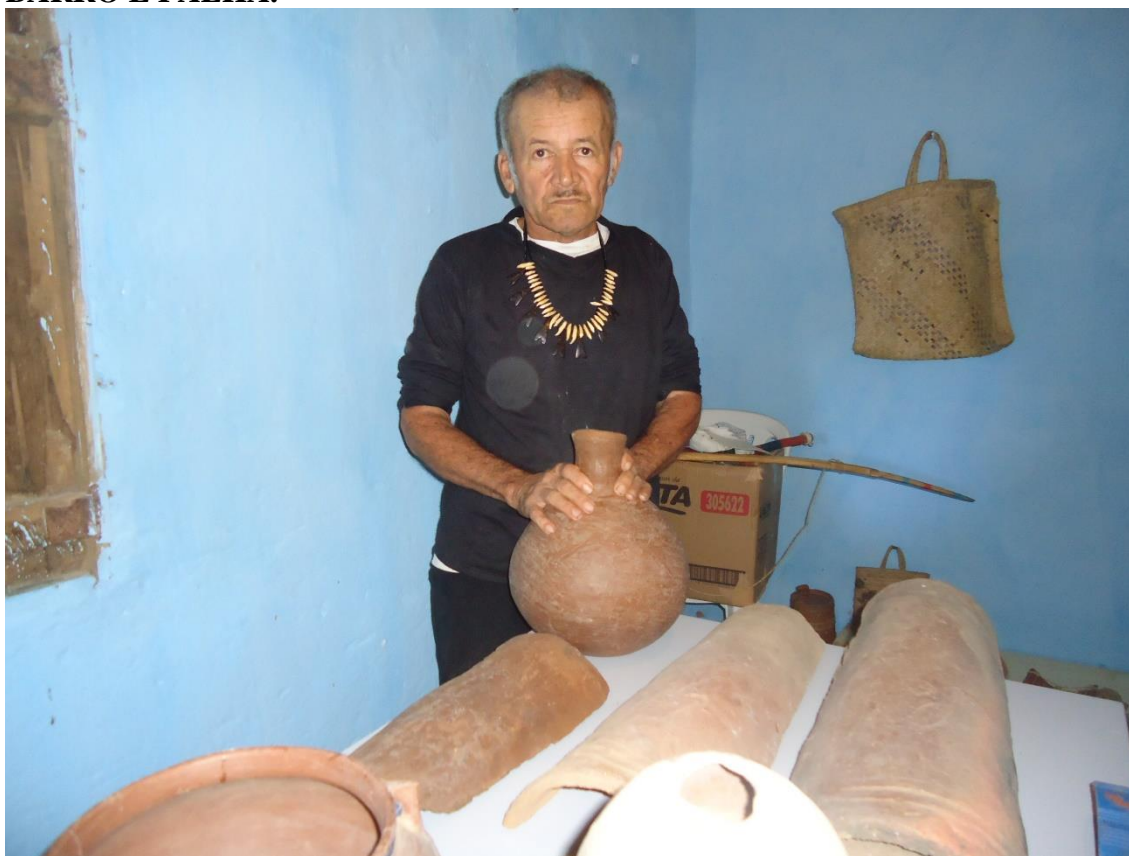


Foto: Alexandre Gomes – 2011

Ao ser um dos mestres criadores da Museologia Indígena no Brasil, o cacique Sotero atualizou as tradições e histórias de seus antepassados para as novas gerações, em contextos de mobilização étnica, nos quais o museu se configura como um lugar de construção social dos sentidos, do pertencimento, da escrita, da história e da formação de

novas lideranças.

Para mim, como um índio, como cacique, eu acho muito importante aquilo ali. Para quem? Principalmente, para o mais novo, os alunos, que aquilo ali é uma aula que, quando eles vão com os professores consultar a gente o que é aquele, eu sei explicar ou também alguma liderança mais velha sabe explicar o que é e quem utilizou aqueles couros ali. A gente comia a carne e fazia do couro, costura, come, deixa o tamanduá, o tejo, que mesmo que é está olhando para ele vivo, para mostrar que tinha e tem ainda pouquinho, mas ainda tem aquela caça ali. Porque se a gente não mostrar aquilo ali, pode, hoje, o mais novo dizer “ou papai, ou vovô ou tataravô, dizia que comia isso, pegava aquilo e a gente nunca viu um couro ou uma figura, da onde ele disse que tinha no museu”. Mas lá tem essa história e tem as coisas para quem quiser ver ou viver. Eles não estão vivos, eles estão mortos, mas é um morto-vivo. Para a sociedade, a gente mostrar à sociedade, que existia aquilo ali. E é um livro, nós não vê um aluno hoje, não estuda num livro? Nós também ensina o mais novo naquela coisas, que tem todo naquele quartozinho no nosso museu Kanindé, lá em Aratuba, no Ceará. Era isso. (Cacique Sotero)

O cacique Sotero Kanindé é um mestre da museologia indígena. O cacique se tornou uma das maiores referências em relação aos processos de apropriação, na qual lideranças indígenas têm construído, através de uma criação ocidental, os museus; e atribuído traduções e recriações de sentidos a partir de suas próprias realidades. Criador do primeiro museu indígena no estado do Ceará e o segundo do Brasil, o cacique Sotero conjuntamente a Nino Fernandes²² (povo Tikuna do Amazonas), criador do museu Maguta (fundado em 1991), o primeiro museu indígena do Brasil, são dois pioneiros do movimento dos museus indígenas no Brasil e na América do Sul.

²² Nino Fernandes foi o fundador do museu Maguta do povo Tikuna do Amazonas, e teve grande relevância na sua trajetória, pois fundou o I Museu Indígena do Brasil, constituído por lutas e ideologias coletivas em torno da vida de seu povo e dos povos indígenas do Brasil. Nino participou de vários encontros nacionais de museus representando seu espaço museológico como ponto de memória nos fóruns nacionais de museus do Instituto Brasileiro de Museus IBRAM. Nino nos deixou para o mundo dos encantados em fevereiro de 2018, logo após sua participação no III Fórum Nacional de Museus, realizado no povo Tabajara no Piauí, em outubro de 2017.

FIGURA – 31 – REPRESENTANTES DE MUSEUS INDÍGENAS NO I ENCONTRO DE MUSEUS INDÍGENAS DE PERNAMBUCO, REALIZADO DURANTE OS DIAS 13 A 15 DE DEZEMBRO DE 2012. NESTA OPORTUNIDADE FOI O PRIMEIRO ENCONTRO ENTRE OS CRIADORES DO PRIMEIRO E SEGUNDO MUSEU INDÍGENA DO BRASIL. NESTA MESA ESTÃO OS REPRESENTANTES INDÍGENAS: VASCO PANKARARU – CASA DE MEMÓRIA TRONCO VELHO PANKARARU; HAGUGE PATAXÓ – MUSEU MUKA MUKAU; HERALDO ALVES “PREÁ” – MUSEU INDÍGENA JENIPAPO KANINDÉ; NINO FERNANDES – MUSEU MAGUTA DO AMAZONAS – PRIMEIRO MUSEU INDÍGENA DO BRASIL; E CACIQUE SOTERO – MUSEU INDÍGENA KANINDÉ, SEGUNDO MUSEU INDÍGENA DO BRASIL.



Foto: Alexandre Gomes – Recife – 2012

José Maria Pereira dos Santos, o cacique Sotero, ou simplesmente o “Potrofó”, como é popularmente conhecido, tem seu nome de batismo dado pela devoção que sua família tinha a São José e a Santa Maria. O apelido Sotero foi colocado por seu avô, desde quando o mesmo tinha três anos de idade. Cacique Sotero é um exímio devoto de São Francisco das Chagas de Canindé, tem durante muitos anos acompanhado através do seu movimento de fé e pagado suas promessas ao santo em agradecimento por sua melhora das doenças que teve ao longo de sua vida. Sotero cresceu junto com sua família e aprendeu desde muito cedo muitas técnicas da natureza sobre a caça e sobre os saberes da agricultura, das memórias ancestrais e dos ofícios de seus antepassados.

Aposentado por invalidez devido a uma cirurgia realizada por conta de uma úlcera, Cacique Sotero sempre trabalhou na agricultura de subsistência por toda sua vida. Se dedicou ao longo de sua história aos movimentos sociais e populares da região na qual

se tornou um dos militantes desde a década de 1960, atuando em um processo muito forte dos trabalhos de organização em torno do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Aratuba (STRA), fazendo parte da diretoria e por anos representando, na delegacia sindical sediada no Sítio Fernandes. Teve também enorme atuação nas organizações comunitárias em torno das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) realizadas na comunidade dos Fernandes nas décadas de 1970 e 1980.

Sobre o início de movimento de museologia kanindé, Cacique Sotero nos comenta que,

O que aconteceu é que eu achei uma pedra, eu Sotero, aí a gente chama ela de pedra de rutíl, eu cheguei em casa eu amostrei pra minha mãe aí ela foi e disse: Home Sotero guarde esta pedra, que ela é dos índios, ela é coisa véia dos índio, uma história, uma verdade da nossa etnia, que nós somos índios, aqui na nossa localidade há muitos tempos desde os meus conhecimentos, conhecido pelo meu pai e os meus avô né, eu num entendia bem o que era o índio, mais deixa que eu fui crescendo, fui ficando mais idoso, e aí fomos vendo a história, eu fui vendo a história indígena do índio, o que era no passado e vendo a história do meu avô, da minha avó, do meu pai, da minha mãe, eles dizendo que nós era de um povo indígena, até que aconteceu, que desta pedra que eu achei e guardei, que ela mandou eu guardar, porque um dia ia servir porque essas coisas véias são de índio, disse que quando a gente achava, guardava, pra depois a gente botar num museu, e eu não entendia bem o que era um museu, o que ela dizia era que era coisa antiga que a gente achava, até que enfim, quando foi em 1995, recebi uma carta da missão Tremembé que é da Maria Amélia que trabalhava com os índio Tremembé, pra eu ir uma reunião em Maracanaú em Fortaleza. essa pedra vai ser uma história. Eu fui botei ela em cima de uma mesa na minha casa, na sala, num quarto com aquela mente todinha, eu vou botar ela aqui mim mostrar os meninos e conta uma história né, e aí até que deu certo e ele hoje tá bem formado, ele foi crescendo, crescendo, eu tirei ele da minha casa, foi botado ele lá perto da escola indígena. E a importância deu falar da nossa Escola Indígena, pra mim o museu como cacique e com a minha experiência tem um grande valor porque eu já vi e tou vendo os alunos eles estudando com a história do museu. A força deste museu, aconteceu porque através destas peças que a gente foi achando na nossa localidade, achando pecinha, achando cachimbo, telha grande que a gente achava nos mato, achava corisco, todas essas coisas, essas novidades, e os mais velhos dizendo que tudo isso era coisa velha que a gente achava, era dos índios, que eles passavam por aí e deixavam. (Cacique Sotero, 2021).

FIGURA – 32 – MESA COM OS PRIMEIROS OBJETOS QUE SOTERO COLOCOU NO QUARTO DO MUSEU KANINDÉ. DENTRE ELAS ESTÁ EXPOSTA A PRIMEIRA PEÇA/OBJETO: A PEDRA PRETA QUE A MÃE DO CACIQUE SOTERO PEDIU QUE ELE GUARDASSE PARA BOTAR NO MUSEU. O QUE VIRIA SER A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO MUSEU INDÍGENA NO CEARÁ E O SEGUNDO MUSEU INDÍGENA NO BRASIL: O MUSEU KANINDÉ.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes – Museu Kanindé – 2011

Em 1995, após sua participação na II Assembleia dos povos indígenas no Ceará, que aconteceu na aldeia dos Pitaguary, Cacique Sotero assumiu o cacicado do povo começando a liderar o movimento de afirmação étnica do seu povo, coletivamente junto aos seus parentes Kanindé, na luta pelo reconhecimento como indígena.

O povo mim deu a função de Cacique através da reunião que eu participei em Maracanaú em 1995, quando a gente começou a se reunir para contar a nossa história para os outros povos das outras aldeias indígenas e aí quando aqui já estava bem avançado na história indígena, com as reuniões dos índios eu fui escolhido junto com o Maciel para ele ser o pajé e eu ser o Cacique. A minha função como cacique é de

representar e ter a responsabilidade de levar e trazer as informações dos índios do nosso povo para as reuniões. Isso é a minha vivência aqui dentro da nossa aldeia com o povo Kanindé. Vivo assim como uma liderança nas reuniões e nos encontros e convivo com as outras aldeias indígenas como um responsável pela comunicação, essa é minha função que eu faço como Cacique, e também trabalho nos projetos indígenas, trabalho também na agricultura do roçado. Hoje eu já estou mim tornando velho, eu num posso mais trabalhar na agricultura do roçado, num estou mais viajando como eu fazia antes para levar as informações para as outras aldeias, vou deixar esse cargo agora para o meu filho Suzenilson, que agora já está sendo capacitado, está viajando bem e está fazendo as coisas bem, tem o conhecimento da escola, sabe lê e sabe dar a história do índio, eu creio que ele vai ser um cacique mais inteligente porque tem a escola, sabe as coisas do branco e sabe lutar para o povo. (Cacique Sotero)

No ano de 1995, o cacique Sotero abriu, à população da aldeia e da região o museu dos Kanindé que segundo o mesmo seria para “contar a história do índio na sociedade” (Cacique Sotero). Foi na inspiração das suas vivências enquanto caçador e agricultor, no meio das quebradas dos Fernandes, na serra de Baturité; reinterpretando todos os seus saberes, conhecimentos e técnicas que herdou da sua ancestralidade, que pensou na criação desse espaço. Dessa forma, tendo na sua máxima inteligência a criação de um sistema próprio provindo das matas, o que fundamenta todo o seu conhecimento na sua museologia indígena. Dentre suas concepções sobre os objetos, que estão vinculados à sua materialidade e imaterialidade, percebemos um modelo de classificação própria, em torno dos objetos, para observarmos as categorias Kanindé e São esses objetos que reúnem a cosmologia em torno dos saberes do mestre cacique Sotero, assim fazendo parte da vida do povo e do museu Kanindé.

Mestre cacique Sotero estudou apenas até a segunda série do ensino fundamental, mas apesar de não ter tido oportunidade de estudo, o mestre da museologia indígena, é de causar inveja pelo seu nível e conhecimento sobre os saberes das matas e do cotidiano. Com isso, tornou-se um especialista nas artes e ofícios de uma tradução que constrói o seu próprio modo de construção da sua museologia indígena. Todo o conhecimento do cacique é um modo próprio que aprendeu para implementar as suas diversas formas de saberes em torno do museu Kanindé, visando a salvaguarda, a comunicação e a pesquisa sobre a história, a memória e o patrimônio cultural Kanindé; ao mesmo tempo que o cacique Sotero fez a abertura deste espaço para visitação pública difundindo seus saberes.

O modo como o cacique Sotero criou para representar seus saberes ancestrais a respeito da sua museologia indígena passou a representar para o povo Kanindé um sistema

próprio de classificação dos objetos existente no museu, que sejam elas: “As Coisas dos Índios”, “As Coisas dos Velhos” e “As Coisas das Matas”, pois todas elas estão relacionadas ao processo de conhecimento do cacique Sotero sobre as matas, os encantos, os segredos e os mistérios que traduzem e dão sentidos aos objetos.

Os conhecimentos do cacique Sotero estão entrelaçados entre seus saberes e suas técnicas, que estão envolvidas em torno de atividades sobre a caça e os seus modos de armadilhas, que criam um sentido especial na difusão da sua museologia indígena, pois é através dela que o mesmo reelabora os saberes dos seus ancestrais, envolvidos com a natureza e com os seres que nela estão presentes, como os bichos, os animais, as plantas e os encantados. O que deixa viva a interpretação do cacique sobre as coisas das matas.

A museologia indígena do cacique Sotero traz na sua presença uma essência própria através de saberes e modos de contribuição com a continuidade da luta, que não é somente dos Kanindé, mas dos povos indígenas. Ela pode chegar a estabelecer relações concretas na reescrita da história numa perspectiva indígena que, através das narrativas dos guardiões da memória, se torna importantíssimas para as gerações vindouras.

Cacique Sotero tem empreendido, ao longo de vários anos, e principalmente aperfeiçoando suas práticas e técnicas em torno da sua museologia indígena; ele vem compartilhando e ensinando seus saberes e técnicas com as mais novas gerações do seu povo e de outros povos indígenas também, que desde a sua ideia de criação do museu Kanindé tem sido realizadas formação em torno das gerações contemporâneas. Com isso, um grupo de alunos da escola indígena Manoel Francisco dos Santos que já está na sua formação de 3ª geração de monitores do museu kanindé desenvolveu várias atividades.

O tejo, o gato maracajá, o casco do peba, a gente fazia um modelo, eu fiz um modelo, e botei no museu pra quem vinhece visitar eu dizer que aquela história que eu conto é uma história verdadeira, que a gente gostava de caça e tinha caça mesmo, o museu ta formado e a história tá feita, é aquilo que eu contei lá em 1995 eu tou contando agora nesta idade, daquilo que nós gostava, eu na minha inteligência quando nós comia a caça, a carne nós tirava o couro, enxia e butava no museu. No meu conhecimento é o meio ambiente, é as matas, o conhecimento da nossa história, é o que nós vamos deixar pra população mais nova, porque nós mais velhos, eu não tive uma escola como eu hoje tou vendo dos alunos, só que dentro dessa escola não era como a nossa, porque a nossa foi um dom, essa minha foi um dom que deus mim deu pra mim se desenvolver na minha história. Agradeço demais a vocês estão se reconhecendo, eu fico satisfeito de ensinar, jogar as minhas palavras, aquilo que eu aprendi, aquilo que eu conheci, e o que vou deixar pra vocês. Peço que nunca se esqueçam de zelar o nosso museu indígena, pra mim ele é uma história que vai ficar pro colégio, vai ficar pros

índios, que mora aqui no nosso território, isso é muito importante. (Cacique Sotero,2021).

FIGURA – 33 – IMAGEM DA CAPA DO PORTFÓLIO DO CACIQUE SOTERO ELABORADA PARA APRECIÇÃO SOBRE SUA HISTÓRIA PARA CONCORRER COMO TESOUREIRO VIVO NO CEARÁ 2018 E SE TORNAR MESTRE DA CULTURA NO ESTADO.

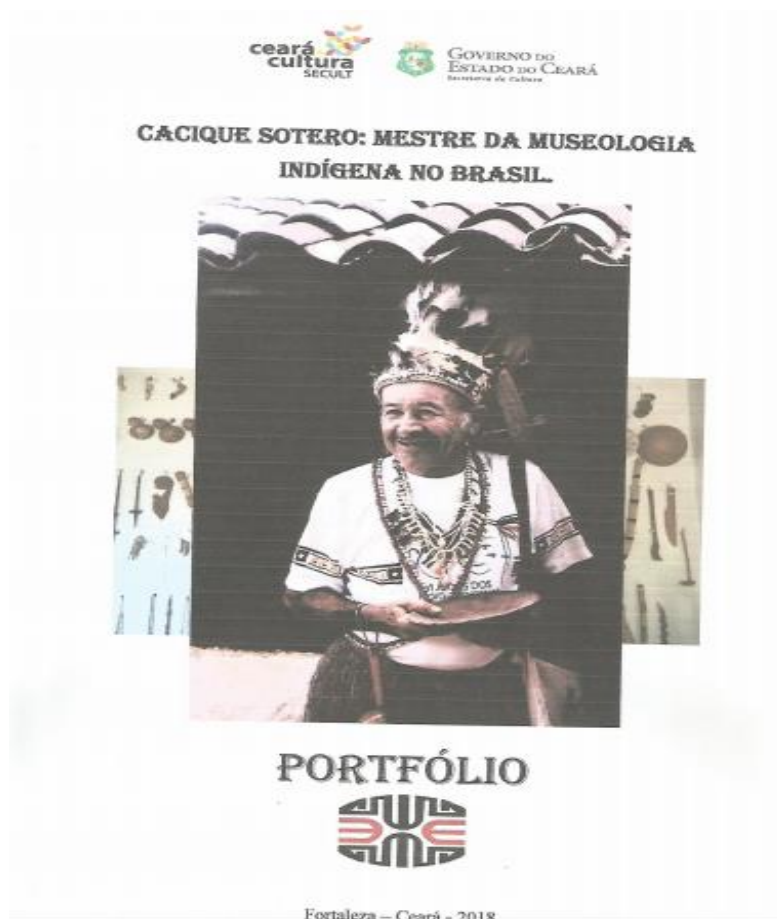


Foto: Arquivo Museu Kanindé 2018

De forma complementar, destacamos ainda o depoimento do cacique Sotero na solenidade de entrega do diploma de mestre da cultura em 2018, diz ele assim,

Meus companheiros, vocês todos, boa tarde! Fiquei até um pouco assim impressionado, e as nossas aldeias indígenas aqui no Ceará, vocês iam ficando sem o cacique, que eu ia mim bora pras outras terras. Mas é assim mesmo, sempre tem essa enganação. Pois é primeiramente deus que acompanha nós todos e agradecer a mesa pra não dizer nome por nome, mais agradeço de coração esta mesa, importante, e depois a importância nossa, neste momento que estamos recebendo este título da nossa luta, do nosso trabalho, do nosso conhecimento, que é uma coisa importante né, eu desde onti a noite eu vinha pensando assim, a importância de nós nessa nossa idade, que a minha idade, entrei pros 76

anos, é uma coisa importante né que desde os conhecimentos do meu pai, da minha mãe, do meu avô que a gente tem esse valor, mais não era conhecido né, mais é um conhecido, é um valor que nós tem dentro desta terra do Brasil, principalmente nós somos índios, eu tou falando por todos, pelos índio e não índio que estão presente aqui também, nós como um povo lutador das nossas terras, da nossa verdade, dos nosso conhecimento, isso é muito importante né. Quero agradecer a secretaria de cultura, que veio reconhecer nós de certos tempos pra cá, que tá sendo bem assim, que este nosso deus, este nosso pai tupã dê forças a eles pra reconhecer os outros também. Nós receber esse título pra nós mostrar pro povo novo, pra esses alunos novos, pra essas crianças, pra eles que tem um conhecimento por letra que nós não tivemos. Eu não tive né, tou falando porque eu só tenho um dom de falar e isso é uma coisa importante pra gente deixar essa lembrança pra eles, pra eles prestarem atenção, quem é esse povo novo e eles bem pensar e não tirar da memória um direito que nós só ganha com luta, com a verdade, agradeço de todo coração esse povo que faz a força e que nós continue a nossa luta, os nossos saberes que nós vamos deixa. Vou fechar minha história pedindo a vocês pra cantar um cântico do nosso jeito que representa a verdade do índio, assim: Quem deu esse nó não soube dá, quem deu esse nó não soube dá, esse nó ta dado eu desato já, esse nó tá dado eu desato já, oi desenrola essa corrente e deixa os índios trabalhar, oi desenrola essa corrente e deixa os mestre trabalhar”. (Depoimento do mestre da cultura cacique Sotero na solenidade de entrega do diploma de mestre da cultura em 2018 na cidade de Sobral durante o encontro mestres do mundo).

FIGURA – 34 – FALA DO CACIQUE SOTERO NA ENTREGA DO TÍTULO DE NOTÓRIO SABER AOS MESTRES E MESTRAS DA CULTURA. O CACIQUE FOI ESCOLHIDO POR TODOS OS OUTROS MESTRES E MESTRAS DA CULTURA PARA REPRESENTÁ-LOS NA FALA DE RECEBIMENTO COM A REITORIA DA UECE.



Foto/imagem: Site SECULT/CE 2018

Cacique Sotero recebeu o título de notório saber em cultura popular, por ser reconhecido como um dos mestres da cultura do estado do Ceará, concedido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Uma iniciativa da Secretária de Cultura do Estado do Ceará em parceria com a universidade, dando assim dado o título ao Mestre Cacique Sotero como o mestre da museologia indígena, motivo de muito orgulho para o povo Kanindé e para os povos indígenas no Ceará.

3.2- A CRIAÇÃO DO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ.

O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu o tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque ali tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do peba, tem a imagem do pote que foi feito antigamente. Tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de que construiu aquela história. (Cícero Pereira – Liderança Indígena Kanindé)

O Museu Indígena Kanindé foi o primeiro museu indígena a ser criado, no Ceará, em 1995, e, concomitantemente, o segundo museu indígena, no Brasil, pelo seu fundador, cacique Sotero. O criador do museu tinha como objetivo mostrar o índio à sociedade. Desde então, meados de 2011, o cenário do museu dos Kanindé vem chamando atenção principalmente por suas atividades realizadas em torno da educação escolar indígena e sua museologia indígena numa perspectiva coletiva.

O Museu dos Kanindé foi formado a partir da grande paixão do Cacique Sotero em guardar e colecionar objetos que fizessem referência aos seus antepassados, seus costumes e modos de vida. O processo de formação do acervo se inicia ainda na década de 1990; portanto concomitantemente ao processo de afirmação étnica dos Kanindé (1995). É anterior a criação da Associação Indígena Kanindé de Aratuba - AIKA (1998) e da luta por uma educação diferenciada (1999). Poderíamos afirmar que entre os Kanindé, foi uma das primeiras experiências de afirmação da indianidade, pois foi criado “*para contar a história do índio na sociedade*”. (Cacique Sotero).

Sobre a formação do seu acervo Alexandre Gomes nos diz que,

O acervo começou a ser coletado antes, mas foi principalmente após 1995, os primeiros anos de mobilização étnica, que se foi avolumando com mais rapidez, como vestígio desse processo. Compreendemos a constituição deste acervo como parte do processo de mobilização por reconhecimento. Foram se acumulando objetos representativos das vivências em um

presente indígena (participação em atos, reuniões, viagens, materiais de eventos e mobilizações, objetos rituais, adornos corporais, jornais, fotografias etc.) e das investigações documentais que começaram a fazer, das seleções e descartes, das apropriações e invenções, das ações voltadas para a construção de um passado no qual falam dos ancestrais, de suas migrações e territorialização, resistência e sofrimento, perseguições e lutas para manter a posse das terras. (GOMES, 2012, p. 103)

FIGURA – 35 – PINTURA DA FRENTE DA PRIMEIRA SEDE DO MUSEU KANINDÉ, QUANDO FICAVA NA CASA DO MESTRE CACIQUE SOTERO. ERA UM PEQUENO QUARTO QUE ACOMODAVA TODO O ACERVO KANINDÉ – ESTA IMAGEM É DE UMA PINTURA REALIZADA NO ANO DE 2011, APÓS O ESPAÇO PASSAR POR UMA ORGANIZAÇÃO E LIMPEZA DOS OBJETOS DO ACERVO.



Foto/imagem: Alexandre Oliveira Gomes - 2011

Dando continuidade a história, o Museu Kanindé só foi aberto ao público em 1996, após o acirramento da luta pela terra da Gia. Trata-se de um espaço de memória que retrata a história do povo indígena Kanindé, através dos seus objetos e da memória

indígena local. Foi criado com o objetivo de contar as memórias dos troncos velhos para as novas gerações. Em seu acervo, há objetos representativos do modo de vida do povo Kanindé, que classifica aquilo que de fato é importante para a sua vivência em comunidade e coletividade. Os objetos estão individualmente ligados a significados e interpretações que remetem a um passado comum e, sobretudo, de organização étnica.

Sobre isso, Sotero no aponta que,

Cada vez que o tempo passava eu fui amadurecendo e fui achando e ganhando mais coisas, fui pensando que era uma cultura nossa, por exemplo, a caça que nós gostava muito de caça e ainda hoje nós gosta, só que elas tão mais difícil por causa das matas que foram muito acabada... Mais era eu pensar que aquilo ali era uma cultura nossa, como o milho e as outras coisas, tudo era coisa que ia ser bem difícil pra gente, por isso que eu guardava pra mostrar como era, porque quando eu fui vendo as coisas mudando eu pensei em guardar àquelas coisas pra gente ver a diferença de hoje pra o tempo passado. E comparava aquelas coisas como um museu, eu disse: eu vou guardar que são coisas velhas que nossos filhos talvez num alcance, pros meus netos e meu povo que não conhece, eu vou mostrar as coisas velhas antigas que diziam que tinha índios. – (Cacique Sotero)

Essa experiência se tornou referência no Brasil diante das diversidades de experiências museológicas não somente dos povos indígenas, mas de outras experiências também como fundamental na discussão de construção de uma museologia indígena. Desde 1995, quando cacique Sotero criou o museu Kanindé, o mesmo passou a ser um elemento essencial da identidade indígena do povo, numa perspectiva de construção coletiva, ao mostrar o próprio olhar do índio Kanindé sobre sua versão da história.

O Museu Indígena Kanindé funcionou a princípio em um pequeno quartinho ao lado da casa de seu fundador. Cacique Sotero sempre apresentava com muita emoção os objetos guardados dentro daquele pequeno espaço físico, mas de muita importância para os Kanindé. Foi através dele que as principais ações, relacionadas à memória e ao patrimônio, foram sendo desenvolvidas. Foi no antigo espaço do Museu Kanindé que tudo começou: as formações, a limpeza dos objetos, a marcação e as outras atividades relacionadas ao museu e à escola diferenciada.

Nesse processo de reorganização do Museu dos Kanindé nasce o desejo de que as ações pudessem ser mais eficazes para contribuir, inclusive, com formação dos jovens estudantes da escola diferenciada. Pensando nessa perspectiva, foi discutido a criação de

um Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé com o objetivo de delinear ações para o crescimento do papel educativo do museu.

O Museu Indígena Kanindé tem sido fundamental nos aprofundamentos sobre a existência de museus indígenas no Ceará, no Nordeste e no Brasil chamando a atenção principalmente para a sua formação de acervo, sua representação acerca do falar sobre si mesmo: “ dos índios para os índios”, e, acima de tudo, seu processo de classificação dos objetos, que mostra uma etnografia própria de fazer e de realizar um museu com a contextualização dos seus processos de apropriação de ações pelos Kanindé através do Museu Indígena.

FIGURA – 36 – CACIQUE SOTERO NA ANTIGA SALA DE EXPOSIÇÃO DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ COM SUAS TÉCNICAS DE PRESEVARÇÃO E SALVAGUARDA DOS SEUS OBJETOS, QUE REPRESENTAM AS COISAS DA NATUREZA, DOS ENCANTADOS E DAS SUAS COSMOLOGIAS.



Foto/imagem: Alexandre Oliveira Gomes - 2011

Desde sua criação, em 1995, o MK, como é mais conhecido, tem desenvolvido muitas atividades em torno da preservação da memória indígena. Foi também a primeira

estrutura educacional do povo Kanindé, onde a maior parte da população indígena aprendeu e aprende por meio do contato com os objetos uma forma de classificar suas categorias nativas, que são conhecidas por: “coisas dos índios”, “coisas dos velhos”, “coisas das matas”, “coisas do mar”²³ e as novidades²⁴ que iremos desenvolver mais profundamente em nossa pesquisa.

Cacique Sotero, ao narrar os trabalhos da museologia Kanindé, assim diz,

A gente bota na parede desse museu tudo da cultura da gente. A gente guarda tudo que representa nossa nação, seja caça, armas, plantas nativas e documentos. Aqui a gente vive de agricultura. Planta o milho, feijão, a fava, a mamona, a mandioca. E principalmente a gente se alimenta da caça. Isso aqui é a peba! Nós temos muito peba aqui na nossa quebrada. O pé do gavião estragador de galinha. Ele é muito danado! Tem o pé do jacu. Esse é um pé de um veado. Nós temos muito ainda na nossa quebrada. Essa é a cabeça de um cassaco e esse outro é o tejo. Nós temos muito ainda e é muito gostoso! Esse é um gato maracajá. Essa é uma coruja. Isso aqui é um serra pau. Ele derruba tudo que é galho. Ali é a cabeça de um bode. Isso aqui é uma casa de abelha. Isso ali é uma casa de formiga. Esse é um couro de mocó. Isso é uma asa de gavião. E isso é o nosso artesanato de madeira imburana”. (Cacique Sotero).

Em 2020, o Museu dos Kanindé completou 25 anos e, em 2021, o Núcleo Educativo da instituição está completando 10 anos de existência. Premiada nacional e estadualmente, é uma referência dentre os museus indígenas do Ceará e uma das principais instituições museológicas comunitárias brasileiras. O museu Kanindé é o primeiro museu indígena do Estado do Ceará e o segundo do Brasil. Tal fato é um motivo de orgulho para a população do Sítio Fernandes.

O Museu dos Kanindé foi a primeira organização educacional e cultural aberta ao povo da Aldeia Fernandes, entre os anos de 1995 e 1996. Com o acirramento da luta, principalmente pela terra, surgiu a AIKA e se iniciou o movimento por uma educação escolar diferenciada, em 1999. Ao longo da última década, nos tornamos uma referência nacional em relação aos museus indígenas brasileiros, fazendo também parte da Rede

²³ As “Coisas do Mar” começam a aparecer na classificação dos objetos do museu Kanindé, elaborada pelo cacique Sotero a partir da participação e envolvimento do Cacique junto aos Tremembé de Almofala, que contribuíram na resistência junto com o povo na luta da terra da Gia, nas pessoas do Cacique João Venâncio e do Pajé Luís Caboclo dentre outros Tremembé. Foram nessa intinerância de intercâmbios entre os dois povos que nasce às coisas do mar, uma variedade de objetos provindo do mar que Sotero colecionou e expôs no MK.

²⁴ Sotero classifica de novidades aquilo que não é coisa de índio, seriam “coisas de Branco” mais que serve na revigoração dos componentes identitários dos Kanindé.

Indígena de Memória e Museologia Social, organizada em 2014, da qual somos uma das instituições formadoras.

O Museu dos Kanindé conjuntamente a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos são espaços de transformação e afirmação étnica para o povo Kanindé. São espaços voltados à reunião, incentivo, resgate e difusão da memória. São fontes de estudos e inspirações para as novas gerações, locais onde compartilhamos as conquistas concebidas através de projetos e parcerias. Além do caráter de espaços educativos, neles preservamos e divulgamos importantes informações da cultura do povo.

FIGURA – 37 – FACHADA DA ATUAL SEDE DO MUSEU DOS KANINDÉ, DESENHOS REALIZADOS EM PINTURA PELOS PRÓPRIOS JOVENS MONITORES DO NÚCLEO EDUCATIVO. ESSES OBJETOS EM DESTAQUE SÃO MAIS UMA AÇÃO DE EXPOSIÇÃO DO CACIQUE SOTERO QUE, NÃO SE CONTEVE EM EXPOR OBJETOS SÓ DENTRO DO ESPAÇO, FEZ UMA EXPOSIÇÃO POR FORA TAMBÉM.



Foto: Suzenilson Kanindé – 2021

O Museu dos Kanindé foi a primeira organização educacional e cultural aberta ao povo da Aldeia Fernandes, entre os anos de 1995 e 1996. Com o acirramento da luta, principalmente, pela terra, surgiu a AIKA e se iniciou o movimento por uma educação escolar diferenciada, em 1999. Em 2005, a nossa escola indígena foi construída através de recursos públicos. Ao longo dos anos, organizados nessas instâncias – associação, museu e escola - desenvolvemos vários projetos voltados para o fortalecimento da cultura, da educação e da história do nosso povo, em prol de uma trajetória histórica de luta pelo direito ao bem-viver.

FIGURA 38 – VISTA DA ENTRADA DO MUSEU DOS KANINDÉ. AO LADO A OCA QUE FOI CONSTRUÍDA PARA RECEPÇÃO DOS VISITANTES QUE VEM DE OUTROS LUGARES VISITAR A COMUNIDADE E QUE A MESMA SERVE TAMBÉM COMO APOIO AOS PROFESSORES KANINDÉ QUE DESENVOLVEM SUAS AULAS NESTE LOCAL.



Foto: Suzenilson Kanindé - 2021

Um dos aspectos mais importantes de nosso trabalho no museu diz respeito à formação de novas gerações em prol do fortalecimento da identidade e da cultura Kanindé. O museu é como uma grande árvore de conhecimentos na qual há raízes, troncos

e folhas com muitas flores e frutos que já dão novas sementes. Constitui um espaço onde jovens e crianças fazem pesquisas e se aprofundam no conhecimento sobre a nossa história e as origens do nosso povo, em estreito e permanente diálogo com troncos velhos e lideranças tradicionais. A parceria entre o museu e a escola é fundamental na realização das diversas atividades com o patrimônio e com a memória. Estas duas instituições educacionais são espaços onde se expressam de maneira mais dinâmica nossa relação com as tradições e os modos de ser e estar no mundo do povo Kanindé.

3.3 - TRAJETÓRIAS DO NÚCLEO EDUCATIVO E SUAS RELAÇÕES ENTRE MUSEU E ESCOLA.

3.3.1 - A PRIMEIRA GERAÇÃO (2011 - 2016).

A Criação do Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé foi sempre um sonho do Cacique Sotero, que desde o início idealizava a formação de um grupo que pudesse dar continuidade ao seu trabalho. A proposta foi discutida na comunidade concomitantemente à pesquisa de campo realizado pelo antropólogo, Alexandre Oliveira Gomes (UFPE), durante sua dissertação de mestrado, na aldeia dos Kanindé. Na ocasião, foi pensando em se criar uma equipe que pudessem dar conta de atividades de formação, mediação e gestão.

FIGURA 39 – TRABALHO DA ELABORAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA DOS OBJETOS DO MUSEU DOS KANINDÉ REALIZADO PELA PRIMEIRA TURMA DE FORMAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU DOS KANINDÉ. NESTA IMAGEM ESTÃO: EVANILSON KANINDÉ – VALDERLAN KANINDÉ – WAGNER KANINDÉ – RITA KANINDÉ – NAYARA KANINDÉ – JOSUELDO KANINDÉ E ANTONIA KANINDÉ.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes – 2011

Em 2011, foi desenvolvido um trabalho de elaboração da documentação museológica do Museu Indígena Kanindé. O principal objetivo naquele momento era inventariar as peças, realizando a identificação bem como sua classificação e marcação dos objetos do acervo. Para esse trabalho foi formado um grupo de trabalho - GT que posteriormente culminou no Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé. Este era composto por estudantes da escola indígena Manoel Francisco dos Santos²⁵, que possuíam faixa etária entre 13 e 17 anos, coordenado por um professor da Escola Kanindé, Suzenilson Santos, que assumiu a organização.

Em entrevista sobre esta experiência, Antônia Kanindé, diz que,

Vivenciar essa experiência de contato com o museu indígena, potencializando os saberes, possibilita para a juventude uma percepção, uma autoafirmação da nossa identidade pra dizer que eu sou Kanindé, tenho um museu indígena na minha comunidade que tá muito mais próximo da gente, que conta a história do próprio povo, as vivências, os saberes, os conhecimentos, com tudo isso o diálogo se estabelece e transforma – (Antônia Kanindé, 2020).

²⁵ A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos foi fundada em setembro de 1999, no entanto, sua inauguração oficial se deu apenas no dia 05 de agosto de 2006. Está localizada na aldeia Sitio Fernandes, zona rural do município de Aratuba. É a realização de um sonho coletivo que demandou muita luta resistência e perseverança das lideranças indígenas Kanindé onde sempre acreditaram numa educação diferenciada como uma importante estratégia para o fortalecimento da identidade indígena Kanindé desenvolvendo o bem viver local. Surgiu da necessidade de toda comunidade por uma educação diferenciada que respeitasse as singularidades culturais dos jovens indígenas que vivem na comunidade, mas que tinham que ser educados nas escolas da cidade sem quem as mesmas tivessem um planejamento pedagógico adequado para atender as especificidades étnicas. Uma escola que pudesse contribuir com continuidade da cultura do povo Kanindé e oferecer a alfabetização para os jovens indígenas, para que todos tivessem possibilidade de conhecer a história da comunidade, as suas origens, por meio do acesso à educação escolar dentro da própria aldeia, provendo oportunidade e visão de futuro as futuras gerações Kanindé.

FIGURA 40 – COMPONENTES MONITORES DA PRIMEIRA TURMA DOS MONITORES DO MUSEU KANINDÉ, EM 2011, NA ANTIGA SEDE DO MUSEU DOS KANINDÉ, AO LADO DA CASA DO CACIQUE SOTERO. ESTE ERA UM TRABALHO DE PESQUISA DO ACERVO. NA IMAGEM ESTÃO: RITINHA KANINDÉ, RILDELENE KANINDÉ, CAMILA KANINDÉ, BRENO KANINDÉ, ALEXANDRE GOMES, JOSUELDO KANINDÉ, JASIEL KANINDÉ, ANTONIA KANINDÉ E NAYARA KANINDÉ.



Foto: Suziany Santos Kanindé – Monitora MK – 2011

Complementarmente, sobre este processo formativo, Antônia Kanindé, pondera que,

Enquanto núcleo educativo durante a formação de Alexandre atuei dentro das diversas áreas do processo de inventário do MK. Dentre elas estão identificação do acervo, higienização, catalogação, marcação, e reorganização das peças. Posteriormente atuei como monitora recebendo os visitantes no MK, e viajando enquanto representante do mesmo. (Antônia da Silva Santos – Monitora do Museu Kanindé).

Como vemos, os jovens estudantes passaram por uma capacitação antes de iniciar os trabalhos de documentação no acervo do museu. Houve a partir desse momento uma verdadeira formação técnica para os integrantes do GT.

A este respeito, Breno Rocha Santos, nos diz assim,

Tivemos várias oficinas como museologia, antropologia e entre outras, eu participei de tudo, pois a formação dele teve o intuito de capacitar jovens da comunidade pra da continuidade a nossa história, aprendemos e repassamos nossa história e também que ajuda muito na nossa educação e com isso temos facilidades de ingressar na área que gostamos que pra maioria dos jovens que participaram do núcleo é a museologia e facilitará muito nós no futuro e no agora também. (Breno Rocha Santos – Monitor do MK em 2011 a 2015)

FIGURA 41 – FORMAÇÃO SOBRE OBJETOS DO MUSEU DOS KANINDÉ REALIZADA PELO ANTROPÓLOGO ALEXANDRE OLIVEIRA GOMES COM A TURMA DE MONITORES: ANTONIA KANINDÉ, NAYARA KANINDÉ, CAMILA KANINDÉ, RITA KANINDÉ. NESTA IMAGEM ESTÃO PRESENTES PARTE DOS MONITORES, POIS OS OUTROS ESTAVAM EM OUTRO GRUPO DE TRABALHO.



Foto: Breno Kanindé – Monitor MK 2011

O aprendizado dos Monitores do núcleo educativo do Museu Kanindé sempre foi um desejo do cacique Sotero para que pudesse dar sustentabilidade a cultura e a

memória dos Kanindé. Diante das ações de formação desenvolvidas pelo Museu os estudantes/monitores se tornaram homens e mulheres de grande conhecimento e futuras lideranças.

Estas formações foram de suma importância, como podemos constatar nas palavras da monitora Antônia da Silva Santos.

:

A experiência adquirida durante o processo de inventário, me permitiu aperfeiçoar os conhecimentos nas áreas de memória e patrimônio, e dentro do campo das ciências sociais de modo mais amplo. Na área profissional pude identificar uma nova área de formação acadêmica, cuja qual, futuramente pretendo aprofundar-me. Na área de educação, pude aperfeiçoar as áreas de conhecimento dentro das ciências humanas, melhorando consideravelmente minhas notas nessa área. Na área pessoal pude adquirir maior maturidade intelectual e pessoal, além de desenvolver maior simpatia pelos aspectos históricos do meu povo. (Antônia da Silva Santos – Monitora MK)

FIGURA 42 – SAÍDA DO CACIQUE SOTERO PARA UM ENCONTRO DO MOVIMENTO INDÍGENA, EM 2011. ESTA IMAGEM MOSTRA A PASSAGEM DELE NO MUSEU PARA SE DESPEDIR DOS MONITORES QUE ESTAVAM REALIZANDO SEUS PROCESSOS DE PESQUISAS



Foto: Alexandre Oliveira Gomes - 2011

Muitos desses alunos que participaram do Núcleo Educativo atualmente passaram na universidade em cursos como gastronomia, administração, biologia, entre outros. A vontade dos alunos bem como da comunidade no geral é de que os mesmos voltem e deem sustentabilidade e continuidade à educação e cultura do povo Kanindé.

A primeira geração dos monitores do museu kanindé durou entre os anos de 2011 a 2016 e durante todo esse percurso foi formado por: Antônia da Silva Santos²⁶, Antônia Leila Souza Costa Santos²⁷, Antônia Dhessica Barroso da Silva²⁸, Camila Gomes da Silva²⁹, Rildelene dos Santos Silva³⁰, Samara Lourenço dos Santos³¹, Nayara Sousa dos Santos³², Rita de Cássia Gomes Nascimento³³, Antônio Josuelo Aprígio de Souza³⁴, Breno Rocha Santos³⁵, Francisco Evenilson da Silva Vieira³⁶, Francisco Nedson Gomes Batista³⁷, Francisco Vagner Pereira Lopes³⁸, Francisco Valdelan Pereira dos Santos³⁹, Jasiel Cruz da Silva⁴⁰, Paulo Sergio Santos Silva⁴¹ e Suziany dos Santos Lourenço⁴².

²⁶ **Antônia da Silva Santos** terminou o ensino médio, ingressou na universidade, atualmente faz graduação em museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

²⁷ **Antônia Leila Souza Costa Santos** casou-se com um professor indígena Kanindé constituiu família na aldeia sitio Fernandes, onde reside atualmente.

²⁸ **Antônia Dhessica Barroso da Silva** terminou o ensino Médio e ingressou na universidade em Letras/português pelo Instituto Federal do Ceará – Baturité – Ceará.

²⁹ **Camila Gomes da Silva** – terminou o ensino médio, ingressou no curso técnico em Hotelaria pelo Instituto Federal do Ceará – Baturité – Ceará.

³⁰ **Rildelene dos Santos Silva** – terminou ensino médio, concluiu graduação em gastronomia e atualmente é mestrande em SocioBiodiversidade pela UNILAB – Ceará.

³¹ **Samara Lourenço dos Santos** – Terminou ensino médio, ingressou na universidade, faz graduação em administração pela UNILAB – Ceará.

³² **Nayara Sousa dos Santos** – terminou ensino médio, constituiu família na comunidade.

³³ **Rita de Cassia Gomes Nascimento** – terminou o ensino médio, constituiu família e foi morar na cidade de Fortaleza – capital do Ceará.

³⁴ **Antonio Josuelo Aprígio de Sousa** – Terminou o ensino médio, ingressou na Licenciatura Intercultural LII Pitakajá – UFC – Ceará, atualmente é Coordenador social na secretaria de assistência social do município de Aratuba – Ceará.

³⁵ **Breno Rocha Santos** - terminou o ensino médio, ingressou na universidade, formou-se em educação física, é estudante da licenciatura intercultural LII ITAKAJÁ – UFC – Ceará, atualmente é professor indígena na Escola Expedito Oliveira Rocha na aldeia Gameleira dos Kanindé de Canindé.

³⁶ **Francisco Evenilson da Silva Vieira** – terminou o ensino médio, foi embora pra Fortaleza onde se tornou vendedor de frutas na CEASA/Fortaleza.

³⁷ **Francisco Nedson Gomes Batista** – terminou o ensino médio, realizou curso e formação em segurança, atualmente é segurança/vigilante da Universidade Federal do Ceará/UFC.

³⁸ **Francisco Vagner Pereira Lopes** – terminou o ensino médio, ingressou na universidade, no curso de Humanidades pela UNILAB/Ceará.

³⁹ **Francisco Valderlan Pereira dos Santos** – terminou ensino médio – formou família e reside na aldeia Fernandes.

⁴⁰ **Jasiel Cruz da Silva** – foi embora para a cidade de fortaleza.

⁴¹ **Paulo Sérgio Santos Silva** – Terminou ensino médio – formou família e trabalha como pedreiro em construção de obras.

⁴² **Suziany dos Santos Lourenço** – é a mascote da turma, na época da formação desta primeira geração ela tinha apenas cinco anos de idade, hoje é estudante da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, faz a primeira série do Ensino Médio e continua como monitora desde a primeira geração em processo de formação, pois já estamos na formação da terceira geração.

Esta foi a equipe que começou todo o processo de documentação museológica do museu dos Kanindé, realizando todo o seu processo de inventário, escrituração e tombamento das peças no livro de tombo. São esses também os responsáveis por várias ações educativas no direcionamento para estabelecer o diálogo com o trabalho do museu e com o cacique. Foi a partir de 2016, quando vários desses alunos terminaram o seu ensino médio e tiveram que sair da comunidade para seguir outros caminhos, que nasceu a vontade de criar um ensino a um novo grupo, o que nós chamamos de segunda geração.

Acerca desse processo, temos a seguinte fala de Nedson Gomes,

Foi através do MK que consegui crescer tanto na comunidade quanto fora, em relação à vida profissional e educacional contribuiu bastante para meus conhecimentos. Em relação ao início onde e como tudo começou, não participei exatamente do início, entrei em um segundo momento de criação do livro de tombo e inventário participativo e fui uma das monitoras, o MK é de suma importância para a comunidade pelo simples de que ele mantém viva a história, cultura e identidade.” (Nedson Gomes– Monitor do Museu Kanindé de 2013 a 2016).

Este foi o núcleo educativo do museu dos Kanindé responsável por todo um planejamento pedagógico do museu. Passou por toda uma capacitação museológica desde os conhecimentos do cacique Sotero e demais lideranças da comunidade até conhecimentos da academia. Foram capacitados através dos cursos⁴³, oficinas⁴⁴, encontros, estudos, intercâmbios⁴⁵, exposições⁴⁶ e todo um processo de formação entre a comunidade e a sociedade envolvente.

⁴³ Dentre os cursos realizados para formação da primeira geração podemos destacar: curso de inventário participativo em museus, Curso de Antropologia, Curso de Museologia, Curso de Arqueologia, Curso de Áudio Visual, Curso de Fotografia, Curso de Patrimônio Cultural.

⁴⁴ Dentre as oficinas realizadas podemos destacar: Museologia Social, Educação Intercultural, A Pedagogia dos Objetos, Saberes Indígenas e Saberes Museológicos.

⁴⁵ Realizamos durante a formação da segunda geração uma atividade de intercâmbio entre o povo Kanindé e o povo quilombola da serra do Evaristo, localizado na comunidade do Evaristo no Maciço de Baturité, esta atividade foi denominada “Da Aldeia ao Quilombo” com a metodologia de criação de inventários participativos entre as duas comunidades, uma etapa aconteceu na aldeia e a outra no quilombo sob a facilitação do historiador João Paulo Vieira Neto coordenador do projeto Historiando e Assessor da Rede Indígena de Memória e Museologia Social.

⁴⁶ Realizamos em Parceria com o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza – CDPDH – uma exposição conjunta e em parceria com a escola indígena Manoel Francisco dos Santos intitulada Povos Indígenas no Ceará voltado a uma metodologia sobre o material do CDPDH sobre os povos indígenas Cearense.

FIGURA 43 – PESQUISA SOBRE O ACERVO COM OS SIGNIFICADOS DOS OBJETOS – ESTA PREPARAÇÃO FOI REALIZADA NA ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM 2011. COMEÇÁVAMOS OS PRIMEIROS TRABALHOS EM RUMO À UMA DISCUSSÃO EM TORNO DE PROCESSOS PRÓPRIOS DE CONHECIMENTO SOBRE OS OBJETOS DA MEMÓRIA.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes – 2011

FIGURA 44 – PROCESSO DE LIMPEZA DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ. NESTA IMAGEM A MONITORA ANTONIA KANINDÉ SE PREPARA PARA DÁ ÍNICIO AO SEU PROCESSO DE TRABALHO NO ACERVO QUE CULMINOU NA INVENTARIAÇÃO DOS OBJETOS. NESTA IMAGEM A MESMA SE PREPARA PARA COMEÇAR O ACERVO FOTOGRÁFICO DO MK.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes – 2011

FIGURA 45 – PROCESSO DE LIMPEZA DOS OBJETOS.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes - 2011

3.3.2 - A SEGUNDA GERAÇÃO MK (2017 -2019).

A segunda turma de formação do núcleo educativo do museu Kanindé se deu por motivos de garantir a implementação dos conhecimentos museais próprios e pelo fato de que alguns jovens foram buscar novos horizontes em suas vidas, pois os mesmos faziam parte do ensino médio e começaram a adentrar à universidade.

A segunda geração de monitores do museu Kanindé foi realizada durante os anos de 2016 a 2020 e teve os seguintes componentes: Antônia da Silva Santos⁴⁷, Francisco Valderlan Pereira dos Santos⁴⁸, Isaiás Cruz da Silva⁴⁹, Francisco Thomas dos Santos Silva⁵⁰, Cleisuan Fidelis da Costa⁵¹, Elvys da Silva Brito⁵², Francisco Maykon Pereira Mendes⁵³, Viviane dos Santos Bernardo⁵⁴, Jacyle Pereira Mendes⁵⁵, Camila Margarida dos Santos da Silva⁵⁶, Thaís Pereira da Silva⁵⁷, Antônia Beatriz Silva Lourenço⁵⁸, Suziany dos Santos Lourenço⁵⁹.

⁴⁷ **Antônia da Silva Santos** - Atualmente estudante de graduação bacharelado em museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

⁴⁸ **Francisco Valderlan Pereira** - Constituiu Família na aldeia Fernandes – povo Kanindé – Aratuba-Ceará.

⁴⁹ **Isaias Cruz da Silva** – terminou o ensino médio – constituiu família na aldeia Fernandes – povo Kanindé – Aratuba Ceará.

⁵⁰ **Francisco Thomas dos Santos Silva** – terminou ensino médio, ingressou na universidade, está cursando administração pela UNILAB – Ceará.

⁵¹ **Cleisuan Fidélis da Costa** – atualmente é monitor MK e estudante da terceira série do ensino médio na escola indígena Manoel Francisco dos Santos.

⁵² **Elvys da Silva Brito** – terminou ensino médio, atualmente trabalha no núcleo de comunicação da informação da prefeitura municipal de Aratuba.

⁵³ **Francisco Maykon Pereira Mendes** – terminou o ensino médio – ingressou na universidade no curso de Musica pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE – Canindé – Ceará.

⁵⁴ **Viviane dos Santos Bernardo** – terminou o ensino médio – ingressou na universidade no curso de Humanidades pela UNILAB – Ceará.

⁵⁵ **Jaciely Pereira Mendes** – terminou o ensino médio – ingressou na universidade no curso de Sociologia da UNILAB – CE.

⁵⁶ **Camila Margarida dos Santos Silva** - Atualmente é estudante do ensino médio, desistiu da monitoria no MK.

⁵⁷ **Thaís Pereira da Silva** - Atualmente é estudante do ensino médio, desistiu da monitoria no MK.

⁵⁸ **Antônia Beatriz Silva Lourenço** – terminou o ensino médio, ingressou na universidade no curso de Hotelaria pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE – Baturité – Ceará.

⁵⁹ **Suziany dos Santos Lourenço** – atualmente monitora do MK e estudante da primeira série do ensino médio da escola indígena Manoel Francisco dos Santos.

FIGURA 46- FORMAÇÃO DA SEGUNDA GERAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU KANINDÉ COM ANTONIA KANINDÉ RELATANDO AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO e COMPARTILHANDO SEUS SABERES SOBRE A MUSEOLOGIA. EVENTO REALIZADO NA OCA AO LADO DO MK.



Foto: Nilton Kanindé – 2016

Esta turma passou por várias formações dentre elas a oficina inventariando os Kanindé pelas trilhas da memória, ministrada pelo historiador João Paulo Vieira Neto, com o intuito de conhecer os locais de memória do povo, para estabelecer como essas relações se dão nas dinâmicas dos Kanindé em torno de seu território, como pratica de aprender a museologia Kanindé e os Saberes do Cacique Sotero como metodologia de ensino e aprendizado das formas de pensar modos próprios de construir pensamentos.

Em síntese, o Relatório da oficina inventariando os Kanindé pelas trilhas da memória, realizado em 20 de setembro de 2016, traz o seguinte,

A oficina inventariando os Kanindé pelas trilhas da memória, ministrada pelo historiador João Paulo Vieira Neto, ocorreu em parceria entre a escola indígena Manoel Francisco dos Santos, o museu indígena Kanindé e o Núcleo de Estudos e Pesquisas Indígena Kanindé (NEPIK). Na ocasião participaram da oficina alunos, professores e lideranças da comunidade com a finalidade de discutir sobre os lugares de memória do povo Kanindé. A oficina foi dividida em duas etapas, na primeira realizada na manhã do dia 20 houve uma breve apresentação dos participantes seguida de uma dinâmica e uma posterior apresentação do nosso projeto. No decorrer da manhã também realizamos uma exposição de projetos de inventários participativos voltados ao patrimônio cultural, material e imaterial de inúmeras regiões do país. No período da tarde realizamos a oficina de cartografia social, onde os participantes ilustraram por meio de mapas os lugares tidos como importantes para o desenvolvimento local e cultural da comunidade, após a conclusão dos mapas foram feitas as suas apresentações e uma avaliação da oficina”. (Relatório da oficina inventariando os Kanindé pelas trilhas da memória, realizado em 20 de setembro de 2016) – Escrito pela monitora Antônia da Silva Santos.

Como se percebe a pesquisa sobre a história e a memória social dos Kanindé foi desenvolvida em todo o tempo dentro do processo de formação do núcleo educativo do museu desde a primeira geração, assessorados sempre por profissionais do campo do conhecimento conjuntamente com o cacique Sotero e as lideranças do povo Kanindé, estas não poderiam e nem podem ficar de fora deste processo. Foi adentrando sobre as temáticas das potências de aprofundamento sobre a história dos Kanindé que nossas formações foram em torno dos objetos do acervo do museu, elevando saberes e modos de fazer sobre os conhecimentos da caça, da fauna e da flora local.

FIGURA 47 – FORMAÇÃO DA SEGUNDA GERAÇÃO DO MUSEU KANINDÉ COM O FACILITADOR JOÃO PAULO VIEIRA NETO ASSESSOR DA REDE INDÍGENA DE MUSEUS. NA OCASIÃO REALIZAVAMOS UMA FORMAÇÃO SOBRE PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NA OCA DO MUSEU KANINDÉ COM A PRESENÇA ALÉM DOS MONITORES DE PROFESSORES DA ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, GESTÃO DA ESCOLA E AS LIDERANÇAS INDÍGENAS LOCAIS.



Foto: Suzenilson Kanindé – 2017

FIGURA 48 – DIÁLOGO NA ESCOLA INDÍGENA – LUGARES DE MEMÓRIA



Foto: Suzenilson Kanindé - 2017

A segunda geração de monitores do museu Kanindé seria responsável na época entre os anos de 2016 a 2019, por inúmeras atividades de cunho educativo e cultural envolvendo a população local dos Kanindé envolvendo várias gerações. Destacamos nesta turma a tentativa de construir como na primeira geração um processo de formação que condicionasse a nosso ver todo um trabalho de organização em torno do trabalho museal. Esta turma participou da formação intitulada Saberes Indígenas e Saberes Museológicos: Formação para a Ação Educativa no Museu dos Kanindé, ministrada pelo antropólogo Alexandre Gomes, que voltava novamente a aldeia a convite do povo Kanindé para contribuir com a formação de uma nova geração.

A vinda de Alexandre a nossa comunidade, sempre foi um momento de muito entusiasmo entre o povo Kanindé, pois o mesmo sendo uma pessoa de fora da aldeia conseguiu fazer durante o tempo que passou na aldeia um laço de amizade muito grande com as gerações de todas as idades, inclusive se tornando um grande amigo no meu desenvolvimento quanto acadêmico e enquanto militante da causa indígena, a qual tenho um grande laço de amizade até os dias atuais, tenho ouvido das lideranças Kanindé que o mesmo é mesmo que ser um de nós, ou seja, tem se tornado um militante das causas Kanindé. Foi durante a volta de Alexandre a comunidade em 2017 que experimentamos logo no começo de nossa formação uma experiência que tínhamos já experimentado na geração anterior, mais desta as vozes foram cada vez mais sistemáticas do que a primeira.

Estávamos preparados para realizar duas atividades durante a vinda de Alexandre a nossa comunidade, a primeira como já mencionado seria a formação saberes indígenas e saberes museológicos com a turma e a segunda seria a reinauguração do museu Kanindé, após uma reforma estruturante de duas salas para maior acondicionamento do acervo. Bom vou contar porque acho que será necessário, não somente porque vai fazer parte desta escrita, mais porque se há necessidade das outras gerações ouvir o sentido das próprias encantarias, dos momentos onde aquilo que não pode passar tem que está presente para construir a nossa mentalidade e dizer que o invisível faz parte do nosso saber e de nossa arte de pensar.

Digo isso porque tudo começou, quando uma sexta feira a tarde professor Alexandre chegou até a mim e fez um convite: “Nelson vocês teriam interesse de antes de começar a atividade dos meninos, irem conhecer a experiência dos Pitaguary? Levo vocês”, de prontidão já aceitei o convite, pois sabia e tinha conhecido a experiência dos Pitaguary nas andanças com Rosa Pitaguary durante nossas articulações com os pontos de memória no movimento museológico nacional. Articulamos três representantes do

museu que foram: a Antônia, o Elvys e o Thomas além de mim e fomos a Munguba, aldeia dos Pitaguary.

Saímos da aldeia cedo da manhã envolvidos por um tipo de música mexicana que Alexandre colocou no som do carro que os meninos adoraram e gostaram tanto que ouviram na ida e na volta de nosso intercambio e descemos a serra de Aratuba, chegando na aldeia Munguba nos Pitaguary por volta de umas nove horas da manhã, onde fomos direto para a atual casa do pajé Barbosa que localizava-se dentro de uma área que eles tinham acabado de fazer uma retomada, e onde os mesmos tinha acabado de construir o museu Pitaguary. Chegamos à aldeia e fomos recebidos pelo pajé e sua filha Francilene que solicitou que entrássemos e sentasse para tomar um café, feito por sua mãe dona Liduina a esposa do pajé.

Na sequência, Pajé Barbosa começou então uma conversa que nos envolveu numa grande conversa coletiva ao longo da manhã, assim começou nosso dia,

Pajé Barbosa: Fazer duas perguntazinhas pro Suzenilson aqui: o dia de domingo caindo no dia primeiro do ano, significa que santo? Oxalá cara, ó. Porque se você refletir, rapaz, esse ano tá prometendo, cara, quiser ser rico esse ano, enrica. Se você for pros signos sabe quem vai mandar na humanidade esse ano? Os velhos, cara, ó. Se é velho é os bruxos, tá entendendo? E aí? O capricorniano é que vai governar esse ano, cara. E capricorniano é os velhos, cara. É interessante. E aí novamente, quem é o homi mais velho do mundo? Deus de novo, cai em cima do cara de novo. Quem é o maior feiticeiro do mundo, quem é, quem é? Deus, cara! O cara criou a vida do barro, o cara é cientista, olha a ciência do cara. Quando a gente fala esse negócio de feitiço, de feiticeiro, num tem um feiticeiro maior que o Pai Eterno não, cara. Pensa aí, você pegar um bolão de barro e soprar a vida, pense aí, o cara tem é ciência, cara! Só que aí, a coisa do catolicismo, o lado do mal é do esquerdo. O coração tá onde porra? O que é que tem nesse coração aí? Tem só bondade, amor, perdão? Por que é que o lado esquerdo é tão ruim? “Não, é porque é o lado das trevas”. Cara, eu prefiro dormir uma noite e me carregar pro ano todinho. **Alexandre:** Pajé esse pessoal aqui é do museu, os meninos mais novos, esses dois aqui são mais novos, estão em processo de formação, Toinha já é mais velha, e o Nalson o senhor sabe, né?

Pajé Barbosa: Graças a Deus, graças a Deus! Vamos acordar! Permitam-me um carão. Ou, uma história. Eu fui pros Kapinawá, os jovens de lá era a força. A pisada dos jovens, mago véi assim que nem tu, mais seco, o cara pisava e estrondava o chão. Diabéisso, cara. Enquanto aqui no Ceará, adolescentes do nível de vocês tudo tem vergonha de puxar um toré, de dançar um toré, tem vergonha de botar uma saia, de se pintar, e aí vem um desafio vocês sabem quem é a Globeleza, né? Vocês já ouviram falar isso, né? Pois esse ano a Globeleza vai ser eu, fui convidado pra desfilar pela Beija-flor. E aí, se

eu tivesse vergonha da minha cultura, de mim mesmo, eu num ia. Como é que eu sou o pajé, que o pajé é um líder religioso, pajé num dança, pajé num samba, pajé é todo fuleragem, besta, trancado. Quem perdia? Nós, cearenses. Eu vejo a oportunidade hoje na cultura nossa nós mostrar pro mundo que nós somos donos do Brasil, e que nós num vamos envergonhar nossos antepassados, nossos pais, porque eles num puderam ter os mesmos direitos que vocês têm hoje. Por que? Uma, num existia constituinte? Segundo quem mandava era os coronéis. Quem era besta de se levantar contra os coronéis? Levar uma pisa grande ou ser morto. Ou então, eles fazer um lazer com a gente. Então ele mandava um olheiro na aldeia e descobria a cor do seu cocar, e aí cara... Então, que nem vocês brincam de videogame eles brincava de verdade, perseguindo a gente. E a arma, era o rifle 22, por que? Ele atirava em cantos onde ia só doer em nós. Como era o jogo? O jogo era que se gastasse uma caixa de bala num índio sem matar, quer dizer que ele era profissional nesse ponto, ele ia atirar só pra ofender, mas num pra matar! Uma caixa de bala é 100 bala, cara! Quem escapa dum negócio desse?! E aí eles iam fazer esse videogame deles. Há umas conversas, eu num sei é verdadeira, que eu tô contando, esse tipo de lazer, que eles vinha, observava os cocar daqueles índios e eles vinha fazer esse videogame deles, cara. Isso são conversa aqui dos mais véi, eu nunca presenciei uma coisa dessa. Mas a gente tem noção porque acaba a gente ouvindo do antepassado, essa palavra fica muito suave né, a gente acaba ouvindo da boca das alma, vixi, aí já fica pesado né? Mas os espíritos eles num morre, cara, só sai do corpo, leva a inteligência. E aí, um belo dia estava um homi conversando com Elias e Moisés e aquilo me chamou atenção, porque Moisés fazia 500 anos que tinha morrido, cara. Quer dizer, que a arte da espiritualidade do índio já aparece na escrita que é a bíblia, já aparece na escrita lá atrás, mas lá na frente existe um livro, eu tô esquecido o nome desse livro. Havia uma dúvida, uma briga mesmo. Porque aquela aldeia fazia parte, aliás, era vizinha da outra, e eles tinha um piquete. Que é que acontece? Uma febre amarela, que tá até aí pertinho né, ela eliminou “os cabeça”, ou as lideranças. E ninguém sabia mais, os jovens, os jovens num sabia onde era o piquete, cara, ninguém sabia onde era o piquete e isso trazia era uma encrenca. E o que é que acontece? Eles convidaram o pajé, e o pajé invocou o cacique falecido num espelho, e aí ele veio. O cara vem e diz de fato aonde era o marco daquela terra. Quer dizer que novamente no histórico, ou na história, aparece um fenômeno parecido com o da bíblia que a gente fica imaginando, será que é difícil a gente se distanciar da espiritualidade assim? Não é, é muito é fácil. Só que a minha preocupação enquanto Kanindé, os Kanindé e Kanindé de Aratuba, é que vocês são medrosos, vocês têm medo do desconhecido, e o desconhecido tudo é família. Vamo dizer um nome aqui conhecido. Qual é o nome mais conhecido de caboclo aqui que vocês conhecem? É o nome de uma tribo, que é tupinambá. Existe um nome de um índio, que é uma tribo, é tupinambá. Existe esse nome de Tupinambá que é um índio e é uma tribo. Mas o que é interessante é que cada aldeia tem o seu povo espiritual. É que nem mata, cada mata tem seus Encantados. E aí, o que é que eu queria fazer? O que é que eu imagino em fazer? Vamos pelo menos pesquisar a espiritualidade, já que nós num entende,

já que nós num tem mestre, eu num tenho mestre, vocês num tem mestre. E começar a pesquisar na internet. A internet tem, assim, 40% de todas as histórias. Mas num tem ninguém interessado nisso. Interessante, Aratuba tá acontecendo uma coisa muito assim de prejuízo, é um prejuízo por cima do outro: os ancião de vocês estão morrendo, assim, quase, toda semana um. E aí, eu pergunto: quem é que sabe do lambedor, dela, da tia? Quem é que sabe a oração do pai do Maciel, de alguém bem parecido, lá? E essa coisa tá me deixando, eu tô com medo da gente perder, coisas que foi escondida, que foi escondida e ninguém se interessava em ser rezador, cara, ninguém.

Se você observar aí eu consegui dar um carão em vocês num sentimento de preocupação minha. Então se eu tô me preocupando e eu guardo essa minha preocupação, e se eu num espalho, quem é que vai querer ser pajé? Quem é que vai querer ser rezador, macumbeiro, curandeiro, feiticeiro, sábio, cientista, doutor, professor? Sabe porque que ninguém quer ser isso? Porque o nome “letrado” já diz tudo. Então, “ele aí é um letrado”, pronto, aí já disse tudo, né. E aí o que é que você vai ver detrás dessa palavra, o que é que você vai ver? A palavra letrado, o que é você vai ver, atrás dessa palavra? Ou o que é que a pessoa é? É a mesma coisa: pajé. O que é que você vai ver atrás de um pajé? Ela reduz a nada, a quase um nada. “Pajé é um rezadorzim”, “pajé é um líder espiritual”, pronto, fecha aspas aqui. Ele é letrado, pronto, fecha. Agora eu pergunto aqui pro Alexandre: o que é um letrado, Alexandre? **Alexandre:** É uma pessoa que tem letra, né? **Pajé Barbosa:** Letra?! Ciência?! Eu queria assim, em quase todos os pontos, né, mas essa palavra ela fecha, ela é muito assim, “fulano de tal tá sentado na academia de letras, ele foi formado em bacharel de letras, ele é letrado”, pá! É quem fechasse né, pá, fecha! Então, eu tô querendo que as pessoas observem que não interessa a profissão, não interessa a religião, para que vocês cultivem a ciência da espiritualidade. Onde é que tá a ciência? Nas letras, cara. Vocês sabiam que a letra ela é quase da idade do homem, interessante. A letra é muito antiga. E a ciência? A ciência é o que a gente aprende. E a cultura? É o que a gente faz. Então é muito fácil você pegar os dois e conjugar! Se a cultura é o que a gente faz e a ciência é o que a gente aprende, por que e que nós tamos deixando a espiritualidade? Por que é que nós tamos deixando os nossos curandeiro, as nossas raizeira escapar das nossas mãos que nem água?! Vamo fazer um projeto pra resgatar isso. E aí eu fiz esse projeto, eu acredito que ele vai chegar lá, eu acho que já chegou lá, pra vocês trabalhar plantas medicinais. Eu tentei colocar assim, bem simplezinho, nós tentamos colocar, porque esse medo da espiritualidade, esse medo de alma, espiritualidade, visagem, fantasma, caboclo, orixá, encantaria, nos apavora ainda hoje. Mas, se a planta tem vida, então tem espírito lá, né? Então a gente começa a entrar no sentimento da espiritualidade bem suave, você vai tá trabalhando com planta, com o povo, com aquela química vai pegar você, vai pegar você. Daqui há pouco eu vou perguntar a você: lambedor pra cansaço, você sabe fazer não? Olha aí viu, como a coisa tá bem facinho. Vamo fazer um lambedor pro cansaço bem rapidinho? Vamo!! Você vai cortar três beterrabas, colocar no açúcar e bota num vidro. É difícil? Mas num é mesmo!(Relatos durante o encontro de intercâmbio entre

representantes do museu indígena Kanindé e o museu indígena Pitaguary, nesta ocasião logo no começo da manhã onde fomos recebidos pelo pajé Barbosa do povo Pitaguary onde estavam: Suzenilson, Antônia, Elvys e Thomas do povo Kanindé, Alexandre e além do pajé Barbosa, sua filha Francilene).

Após esta breve reunião com o pajé, o mesmo recebeu um recado e falou que iria resolver um problema na aldeia, nos deixando sua filha Francilene na nossa companhia, a mesma nos levou para outro local do outro lado do alpendre onde estávamos ao lado do museu. Em baixo de um pé de árvore, ao som do vento suave naquele dia, a mesma começou uma conversa em que nós três Kanindé escutávamos atentamente, falava de novo sobre o medo que tínhamos quando falávamos em relação à espiritualidade.

Ficamos atentos o tempo todo, pude vê no semblante de Antônia, Elvys e Thomas que de hora em quando eles se arrepiavam com a história contada pela Francilene. Mais o que eu não sabia e nem tinha notado, era que quem estava alí naquele momento não era mais a filha do pajé, porque foi mudando ao longo da conversa pelo tom e o jeito da voz, uma voz serena e puxada, diferente daquela que nos recebeu na chegada, mais tudo bem, estava tudo certo, ela falando sobre as encantarias do nosso povo. Esse diálogo durou por volta de uma hora e meia de conversa. Na tarde nos juntamos em uma roda de conversa para conversarmos sobre as nossas experiências do museu Kanindé e do museu Pitaguary, tinham jovens, lideranças que eram os monitores do museu Pitaguary e estavam alí para contar suas coisas, conversa vai e conversa vem, quando Francilene a filha do pajé Barbosa lhe indagou perguntando se iria ter mesmo o ritual naquele dia. O pajé respondendo sua filha com um sorriso maroto falou “claro que sim, porque não teria se temos os convidados especiais hoje”.

FIGURA 49 – REPRESENTANTES DO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ E DO MUSEU INDÍGENA PITAGUARY NO INTERCÂMBIO SABERES INDÍGENAS E SABERES MUSEÓLOGICOS, REALIZADO NA ALDEIA MUNGUBA, PACATUBA, CEARÁ, POVO PITAGUARY EM JANEIRO DE 2017.



Foto: Autor desconhecido - 2017

Não sabíamos ainda que os convidados que o pajé falava, éramos nós os Kanindé, deixamos passar despercebido o momento, ao final de nossa conversa tiramos fotos, nós ficamos no local e os Pitaguary se dispersaram na aldeia, enquanto Alexandre foi para a cidade de Fortaleza vê sua família. No final da nossa roda de conversa tínhamos marcado também de nos sentarmos à noite em frente a uma fogueira e comer um peixe assado com o pajé e os demais presentes. As seis da noite saímos eu e pajé Barbosa pra um mercadinho do outro lado da rua conversando sobre a saúde do cacique Sotero que na época esteve muito doente passando por um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

Conversa vai e conversa vem e lembrei-me que tinham dito no encontro da tarde que iria ter um ritual naquele dia, então indaguei ao pajé se ele não iria para o ritual e ele olhando para mim disse: “Tem sim, mais tenha calma, cada tempo no seu tempo, eles esperam por nós né? Eu fiquei quieto no meu canto, estava bom demais, então nos

despedimos do rapaz do mercadinho, o pajé ao sair falou ao mesmo que ainda íamos fazer um trabalho, e eu pensava que era tratar o peixe e assar pra gente comer.

Ao chegarmos à casa do pajé na volta, tivemos uma surpresa, um indígena do povo Pitaguary tinha vindo ao nosso encontro dá um recado, que fossemos para o ritual que eles estavam esperando. Subimos ao local onde estava acontecendo o momento ritualístico que ficava ao lado da casa da filha mais velha do pajé, a Nádia. Chegamos o pessoal já tinha dado início ao ritual, tinha várias pessoas indígenas e não indígenas vestidos com roupas brancas, às mulheres com vestidos alvos. Na chegada encontramos três assentos com três cadeiras de madeira um ao lado da outra, onde fomos solicitados a sentar. Mais porque só tinha três cadeiras de assento naquele local e que fomos justamente os escolhidos para sentar no local? Confesso que de medroso passei eu e meus outros três colegas Kanindé aos mais corajosos do mundo, aquilo que a gente via era nova, pois nosso experimento com aquela forma de espiritualidade chegava aos poucos com a gente, pois já tínhamos experimentado um episódio muito forte na nossa comunidade meses antes fato ocorrente na escola indígena Kanindé que mobilizou toda uma ação em torno da comunidade.

Essa seria uma das primeiras experiências de contato com essa agência dos encantados, com os ancestrais. Eu pessoalmente já tinha experimentado um episódio de relação com os encantados quando fui anos atrás na mesma aldeia dos Pitaguary juntamente com o cacique Sotero, o meu pai, que se desdobrou em uma ritualística muito forte naquele momento. E então passou a ser constantemente nossa relação com os encantados, mim parece que depois do acontecido e do ocorrido entre nós os que tinham receio desse contato começaram a respeitar mais os momentos.

Foi através da experiência que estivemos juntos ao povo Pitaguary que podemos estabelecer cada vez mais nossa aproximação com as relações com a natureza dos encantados, pois outros acontecimentos ainda estavam por vim para vim darem seus recados através das suas vozes, isto aconteceu várias vezes também durante atividades do próprio movimento museológico indígena que participamos nos últimos anos.

Chegamos à aldeia, a primeira atividade que realizamos foi contar toda aquela história que tínhamos passado lá com os Pitaguary, pois isso a primeira coisa que os encantados que estavam lá no nosso encontro pediram pra fazer na nossa chegada, era pra contar para os outros, pois nós éramos os mensageiros escolhidos pelos encantados que tem na nossa aldeia para tirar o medo do povo, para receber o contato com a nossa espiritualidade.

Nossa chegada à comunidade foi no domingo à noite, na segunda feira começaríamos uma atividade em torno da formação dos monitores do museu Kanindé que era a oficina saberes indígenas e saberes museológicos o que iria culminar ao seu final com a reinauguração do museu dos Kanindé, naquela época realizamos a reforma de mais duas salas de exposição no museu, além de uma oca de recepção que é para receber os visitantes. Iremos nos ater novamente a uma passagem da tese de Alexandre Gomes, que no dia da apresentação se ateu em fazer a gravação, onde a gente não nos preocupou com essa ação, pois nossa grande intenção naquele momento era narrar o fato ocorrido e repassar para o restante da comunidade.

Então nesta noite, conforme relatado o relato que segue, começamos assim:

Certo, eu vou fazer das minhas palavras o que o pajé Barbosa disse na minha cara, na minha cara mesmo, parece que eu tô ouvindo ele falar na minha frente, eu tô me cagando de medo até agora, todo dia quando vou dormir eu fico com isso, e a Francilene também falou quase dessa forma né, quando a gente tava conversando lá de baixo daquele cajueiro, e me pediram também pra mim fazer isso, e eu vou fazer senão da próxima vez eu levo uma carão também, só não sei se eu vou fazer direito que eu vou começar agora, mas me mandaram fazer e tenho que fazer. É obrigação, é um rapaz que chegou lá, vou ter que fazer. Nós fomos pra um intercâmbio, lá na Pacatuba, né, eu, Antônia o Elvis medroso, e o Thomas, mas corajoso um poquim, aí a gente chegou, saiu daqui de manhazinha cedo né, 7 horas, 7 e 30, vocês riem no começo mas daqui a pouco, vocês vão ver como é o negócio, a gente desceu né a serra juntamente com o Alexandre. Descemos, descemos, descemos, tomamos um café, lá depois da Aracoiaaba, na senhora do caldo, chegamos no pajé Barbosa, né, ele e seus montes de cachorros, que são uns cachorros que tem lá, uma tropa, danada, contei mas de 20, mais de vinte cachorro tinha mais lá em cima. E ai a gente começou a conversar né, eu não sou muito de papo, e fiquei mais escutando e a gente instigando, instigando a conversa e eu queria falar principalmente porque o pajé está aqui e a gente falou ontem né, e ai ele começou a falar sobre espiritualidade, construção da cultura, da educação. De repente ele olhou pra nós assim, nos olhos realmente, nos olhos: “vocês são uns medrosos, digo e provo! Vocês não têm coragem de terem contato com aqueles que estão todos os dias ao lado de vocês, os ancestrais de vocês! Vocês têm medo de usar a espiritualidade que vocês têm em cima da serra, que é muito forte pra estarem dando continuação pra cultura de vocês”. E ai conversa vai e conversa vem, ele disse que ia buscar uma carne de porco, num sei aonde né, e essa carne de porco não deu certo por que, não conseguiu sair e ele mandou o filho dele o filho dele teve que ir buscar a carne de porco, por que ele não conseguiu sair, ele saiu pra casa dele pra fazer num sei o que, pouco mais lá se vem a filha dele: “papai foi ali conversa agora é comigo”. Sério falando sério, assim como dá um carão. “A nossa conversa né aqui não, é lá debaixo do pé de cajueiro. Vão andando”. Deixa que nós saímos um na frente do outro né, chega lá, se senta, lá tem um sofá debaixo do cajueiro, né. Pouco mais lá se vem ela com um bocado de

rede debaixo do braço. Ela armou as redes, assim no lado, debaixo, e começou a conversar. “Vocês não foram convidados pra vim pra cá, pra nossa terra”, falando sério. Aí foi que eu me assustei. “Vocês não foram convidados pra vim pra cá, vocês foram intimados pra vim pra cá, uma obrigação, e vocês vão passar por uma experiência”. E aí foi que nós nos assustamos mais ainda. E aí conversa vai, conversa vem né, eu também num sei que era que tava ali naquela hora. Sou bem sincero pra dizer isso, porque a gente não conhece tá bom. E aí começou a conversa: “Vocês têm muitos guardiões na serra de vocês, um exemplo é uma cobra grande, existe uma grande cobra” - que eu não vou dizer aonde é tá bom, só disse para o Sotero, o Maciel e pro Senhor que tava aqui e peço pra vocês não falarem pra ninguém também, só quem pode ficar sabendo é vocês. “Existe uma grande cobra na comunidade de vocês que é a guardiã, uma das guardiãs do território de vocês. Além da grande cobra, pra baixo um pouquinho, tem uma criança, é a Caipora, ela é outra protetora de vocês também, que já protegeu muitos de vocês. Existe outros também, é o pássaro branco. Até a Antônia disse que era o mocó-reis. Aí depois disse: “não, é um animal branco, os bichos de vocês são os animais brancos”. A gente falou até nas borboletas, que nossos ancestrais tomam conta das borboletas, que eu tou com medo que aqui tem um bocado de borboleta. Aí conversa vai, conversa vem, o gordim chegou, o marido da Nádia né, que é o Cleiton. Ele disse: “olha, mais tarde vai ter um ritual lá em casa”. Eu disse, “puta que pariu vão levar nós pra lá”, “vocês tão convidado, se vocês quiserem participar”. Aí antes dele fechar a boca a Francilene, “não eles vão, vocês vão. Eles vão com a gente. Aí vai, se vai, passou o tempo, passou o tempo todo, né. Jantamos, a gente foi lá no mercadinho comprar uns peixes mais o pajé, que era nossa janta da noite. Depois que a gente voltasse do ritual, a gente pensava que nem ia mesmo. Mas chegou o recado: “bora, vocês têm que subir”, e tudo a gente ouvindo né. Ficamos com medo desse negócio, e aí pessoal pelo incrível que pareça, mas parece uma coisa é impressionante, cheio de gente lá no terreiro do pessoal lá, que tava fazendo o ritual, mais impressionante, tinha quatro cadeiras: uma, duas, três, quatro. Quatro cadeira para Kanindé, pra nós quatro. Mandaram nós sentar né, aí eles tava fazendo o ritual deles lá do outro lado, né. Ai ritual vai, caboclo baixa, caboclo vai, outro vem, né, pessoal de Pernambuco, tinha outros que vinham da Bahia. Vocês conhecem né, os rituais que se fazem e todo Encantado que descia, também era outra coisa interessante, ele saia lá do canto dele e vinha lá da frente, ele ia e vinha e cumprimentava nós quatro Kanindé, né. Teve uma hora que deu uma mijadeira também lá no Elvis né. E aí, chegou um certo momento né, no finalzinho, que o aconselhador do negócio lá, que era a festa do Oxóssi né, desceu, aconselhou um monte de pessoas lá. E pouco mais o rapaz se levanta né, eu pensei que ele ia finalizar o negócio pra gente ir pra casa, mas ele fez assim, pensei que ele ia chamar os meninos, mas chamou foi eu. Aí fazer o que, já tava lá tinha que ir né. Olha a conversa que ele contou,: “como é que tá o cacique velho? Seu pai”. Aí eu disse: “tá bem”. “Pois o cacique velho, ele, chegue lá e conte essa história pro seu povo, muito deles vão pensar que é mentira, porque é uma coisa nova pra vocês, porque - mas disse de novo do jeito que o pajé disse, do jeito que a Francilene disse - que “vocês são uns medrosos e tem medo de tocar nesse negócio né”? O cacique velho só ta vivo hoje por que eu me transformei em carne e entrei no corpo dele e salvei ele, quando ele tava nos aparelhos lá naquele hospital”. Ele sabe desse negócio né. Aí o recado que ele me

mandou, que eu vou diretamente com o Alexandre também que ele me mandou fazer isso aqui, só que eu não ia contar pros meninos não, nos mandaram tá bom e aí agora a missão que eu trago é a nossa parte enquanto Kanindé: é fortalecer esse nossos momentos de espiritualidade. Foi o que o rapaz pediu lá, seja católico, seja evangélico, respeite sua religião mais respeitem aqueles também que todos os dias estão aos seus lados que são nossos ancestrais. Mesma coisa que ele falou pra mim lá, e eu todo me tremendo de medo. E aí, “existe um rapaz que tá no meio de vocês” - que tava até me lembrando da conversa me deu vontade de te dizer isso ontem cara, sabia? Mas eu não te disse porque eu não queria te experimentar também, pediram isso. “Também existem pessoas que estão no lado de vocês que tem uma missão muito grande”, a mesma história que ele contou pra ti, aproximar os povos indígenas uns dos outros, tá bom?” O que trouxe vocês vai levar vocês e quando chegar lá - parece que eu tou é ouvindo a conversa que ele me disse - um guerreiro de vocês vai estar a um lado do grande presente que vocês vão dar. Seu Maciel sentou-se. Entregue uma coisa de vocês que pra sempre ele vai ficar protegido. E aí eu me lembrei das palavras do pajé, que vou levar diretamente a ti, tu não veio pra cá convidado, tu veio pra cá intimado, tu tem uma missão com esse povo aqui, que ainda não acabou, não só com esse povo, mas com todos os povos por onde tu anda, seja em qualquer canto, tá bom? Passei lá na mãe, né, tá aqui, eu não sou a pessoa ideal pra te entregar, vou pedir pra que o guardião que tava aqui guardando ele, possa te entregar porque daqui pra frente, tu vai tá protegido pelo povo Kanindé, tá bom? Aí eu acho que o nosso recado foi dado né, Tonha, Thomas, Elvis, tá bom? E a partir de agora, pelo-amor-de-Deus, façamos a nossa parte porque todas as vezes onde nós formos nós vamos levar carão, tá bom? Independentemente de religião, foi o que pediram. (Fala minha Suzenilson Kanindé na chegada a nossa aldeia vindo depois do acontecido nos Pitaguary, este dia foi na reinauguração do museu dos Kanindé, realizado em janeiro de 2017).

Após essa experiência, na segunda feira logo a nossa chegada seria dada largada a formação com os guardiões da memória Kanindé sobre os saberes do povo que contemplava os conteúdos abordados no museu. Dentre os formadores estiveram o cacique Sotero contando a história do museu, o Valdo Teodósio com os saberes do plantio, dona Tereza Soares com saberes do artesanato, tia Odete Soares com os saberes sobre a medicina caseira, os saberes do parto, da rezadeira e das plantas, o Cicero Pereira com os saberes do movimento indígena no Sítio Fernandes, tia Luzia Aprígio sobre as histórias dos Fernandes de antigamente, Antônia Santos sobre a história do núcleo educativo, o Sinhô Bernardo falando sobre a religiosidade e por fim o pajé Maciel que falou sobre os saberes dos lugares e os lugares de memória, envolvendo os locais: Gia, Quebra Faca, Arame, Fernandes, Saco da Onça, Rajado, Mapinguim, Catolé, João Amorim, Camas de Varas e Balança. Todos esses temas foram realizados como roda de conversa entre os guardiões e os monitores do museu Kanindé segunda geração.

FIGURA 50 - FORMAÇÃO SABERES INDÍGENAS E SABERES MUSEOLÓGICOS FOI UMA FORMAÇÃO REALIZADA COM OS MONITORES DO MK, SEGUNDA GERAÇÃO. NESTA IMAGEM TEMOS A RODA DE SABERES INDÍGENAS COM O PAJÉ MACIEL E COM A LIDERANÇA SINHÔ BERNARDO NA OCA DO MUSEU KANINDÉ. AO FUNDO PODEMOS VER OUTROS ALUNOS REALIZANDO A PINTURA DA FACHADA DO MUSEU.



Foto: Alexandre Oliveira Gomes – 2017

O objetivo, ao criar a segunda turma de gerações de monitores do museu dos kanindé, era continuar as ações e atividades que contribuíam no fortalecimento da organização comunitária do povo indígena Kanindé. Dessa forma, trabalhando as diversas maneiras de socializar as memórias e as práticas culturais, difundindo e mostrando a história do povo através da busca da autonomia e da formação dos indígenas na gestão museológica. Assim, fortificando a luta pela demarcação da terra.

FIGURA 51 - FORMAÇÃO SABERES INDÍGENAS E SABERES MUSEOLÓGICOS FOI UMA FORMAÇÃO REALIZADA COM OS MONITORES DO MK, SEGUNDA GERAÇÃO. NESTA IMAGEM TEMOS A RODA DE SABERES INDÍGENAS COM AS LIDERANÇAS SINHÔ BERNARDO, CACIQUE SOTERO E PAJÉ MACIEL.



Foto: Alexandre Gomes, 2017.

Essa equipe museológica sempre teve na sua ação de formação uma perspectiva social da memória difundida entre os papéis do museu, da escola e da comunidade. Assim, transgredindo as observações em torno do desenvolvimento local tendo em vista o patrimônio, a memória e a identidade com a construção de um relevante processo educativo as futuras gerações, esse seria esta a missão do grupo além de conhecer sua própria história.

Neste sentido, Camila Margarida, assim comenta sobre o processo formativo,

Nossos encontros (NEPIK) foi muito legal, pois o nosso encontro foi uma coisa bem generosa e criativa, pois nós passeamos, entrevistamos e etc. Eu fui muito participativa, só faltei duas vezes, mais com muita atenção aprendi. A feira de ciências foi muito legal, pois fizemos várias coisas interessantes como as plantas medicinais, o Quixó, os desenhos e algumas informações em jornais. Mais tudo foi divertido com muita alegria e também agradeço ao nosso professor Antônio Nilton, pois ele nos ensinou várias coisas como fazer reportagem, entre outras coisas. (Camila Margarida – Monitora do Museu Kanindé 2016 – 2019).

Para Dulce Maria Rodrigues,

Os encontros que eu participei foram muito interessantes, pois podemos ter mais contato com os mais idosos da comunidade, particularmente eram poucos que eu conhecia, mais através de reuniões e entrevistar pude conhecer melhor. Não foi todos os encontros que eu pude participar mais esse pouco foi um começo da minha aprendizagem tanto no museu quanto na escola e também na comunidade, porque um assunto leva ao outro. Também adorei as trilhas feitas por nós na comunidade que foi através da mesma que eu pude mim conhecer nas coisas interessante que a comunidade nos oferece, portanto eu gostei de tudo que foi aplicado nos encontros. (Dulce Maria Rodrigues – Monitora do Museu Kanindé 2016 – 2019).

Ao também ser entrevistado sobre esta experiência formativa, Cleysuan Fidélis da Costa, diz assim,

A avaliação que eu faço dos encontros do grupo é que foram bons, pois soubemos mais sobre a comunidade, e sobre nós e o cotidiano das pessoas da comunidade. O que eu achei bom foi às pesquisas de campo e a pesquisa com as pessoas importante da comunidade, e as pesquisas sobre os lugares e pontos de memória da comunidade. A avaliação das pessoas do grupo é que teremos um grande desenvolvimento, perderam a vergonha de falar e trabalhar em grupo, a minha avaliação é que melhorei muito no aspecto de não ter mais medo de falar, mais tenho que evoluir no trabalho individual. (Cleysuan Fidélis da Costa – Monitor do Museu Kanindé 2016 – 2019).

De forma complementar, Isaias Cruz, comenta que,

Nós aprendemos muito sobre nossos pontos da aldeia, nós aprendemos muita coisa que nós não sabia muito da história de alguns pontos de memória na aldeia e agora nós estamos sabendo. Nós também fomos para aula de campo no taiado do gavião foi muito produtivo, nós tiramos fotos para a feira científica, também o nosso maior objetivo era ir para a regional, e nós conseguimos, mais não só por causa disso também aprofundar o nosso conhecimento sobre as coisas da escola e do museu, da associação e de vários pontos importantes para nossa comunidade, isso foi muito interessante para cada um de nós que estamos no grupo (NEPIK), isso foi muito gratificante para os alunos que estão no grupo”. (Isaias Cruz – Monitor do Museu Kanindé 2016 – 2019).

A este respeito, Viviane Bernardo, também comenta que,

No decorrer dos nossos encontros eu tive o prestígio de aprender um pouco da nossa cultura, os lugares de grande história, fizemos entrevistas, registramos fatos importantes, conhecemos um pouco da história de antigamente, gostei muito de aprender por meio das rodas de conversa com as lideranças, a nossa participação na feira científica a partir de documentário, fotos das lideranças livros que fizeram parte da nossa pesquisa e plantas medicinais. Sobre mim eu vim vi como uma pessoa que estava com o intuito de aprender e repassar pros meus colegas o que eu sei sobre minha comunidade. (Viviane Bernardo – Monitora do Museu Kanindé – 2016 – 2019).

Por fim, Elvys Silva, comenta que,

Bem no que eu consegui entender sobre nossa comunidade e nossa cultura é muito interessante porque eu não sabia muito da nossa comunidade e cultura, porque não sabia que existia nenhuma armadilha de pedra para matar animais e também achei muito interessante as histórias dos mais velhos e tive o prazer de ouvir a minha avó falando sobre suas histórias do passado, ela contou muito sobre os forrós de antigamente que eu achei maravilhoso e muito interessante, o que eu achei também muito legal foi o nosso passeio para o taiado do gavião e a feira científica foi muito interessante, que mostrou o nosso trabalho, que ficou maravilhoso e melhor ainda foi nosso projeto ser aceito para ir para a feira regional, isso mim deixou muito alegre porque eu também participei do projeto e foi apresentado para a toda região. Agradeço muito ao Toim e ao Nalson por me deixar participar desse grupo maravilhoso”. (Elvys Silva – Monitor do Museu Kanindé 2016 – 2019).

FIGURA 52 – EXPOSIÇÃO NO MUSEU KANINDÉ NA REINAUGURAÇÃO, APÓS O ESPAÇO MUSEOLÓGICO TER PASSADO POR UMA REFORMA NA SUA ÁREA EXPOSITIVA. NESTA REABERTURA ESTIVERAM PRESENTES TODA A COMUNIDADE KANINDÉ ENVOLVENDO ALUNOS, PROFESSORES, LIDERANÇAS, PAIS DE ALUNOS, JOVENS E TAMBÉM PESSOAS NÃO INDÍGENAS DA REGIÃO DE ARATUBA.



Foto: Alexandre Gomes – 2017

Como se aprende pelas falas acima, a segunda geração seria também responsável por realizar atividades em torno do patrimônio e da memória em parceria com a escola indígena Manoel Francisco dos Santos. Diante das diversas atividades desenvolvidas pelo Museu Indígena Kanindé surgiu à necessidade de ampliação do espaço do museu.

Deste modo, iniciamos uma parceria com a Associação Desenvolvimento Local Có Produzido (ADELCO) para realização de uma ampliação do Museu Kanindé como parte das atividades estruturantes do Projeto Etnodesenvolvimento⁶⁰ – Ceará Indígena. O referido projeto tinha como perspectiva a melhoria da qualidade de vida de comunidades

⁶⁰ Para saber mais sobre o projeto Etnodesenvolvimento – Ceará Indígena, consultar o link: <http://adelco.org.br/categoria/projetos/etnodesenvolvimento/>

indígenas do Ceará por meio da dinamização a economia solidária local e do fortalecimento de uma proposta de turismo de base comunitário.

TABELA – 5 – TEMAS DE ESTUDO SOBRE A CRIAÇÃO DO INVENTÁRIO PARTICIPATIVO KANINDÉ.

Atividades	Local
Da aldeia ao quilombo - inventário participativo em museus nas comunidades tradicionais do maciço de Baturité.	Serra do Evaristo – Baturité Comunidade Indígena Fernandes - Aratuba
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares Mobilizadores da Identidade Étnica Kanindé: Escola Indígena.	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares de memória na oralidade kanindé: Chapada do Vento, Catolé, Arame, Balança: Casa de Farinha.	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Pesquisa em patrimônio e memória Lugares mobilizadores da identidade étnica kanindé: Associação Indígena Kanindé de Aratuba – AIKA	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares na oralidade kanindé: Serra do Rajado.	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu MK- Aldeia Fernandes

Fonte: Arquivo Museu Kanindé/2016

3.3.3 - A TERCEIRA GERAÇÃO MK (2020).

Com a pandemia da COVID19, aceleraram-se os processos de comunicação em ambientes virtuais por meio de ferramentas digitais entre o povo Kanindé. A paralisação das aulas da escola indígena e das atividades da associação junto ao fechamento do museu provocou mudanças drásticas em nossa vida comunitária.

FIGURA 53 – MESTRE CACIQUE SOTERO NA ABERTURA DE SUA AULA DE SABERES NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DA TERCEIRA GERAÇÃO DE MONITORES DO MUSEU KANINDÉ INTITULADA: GESTÃO MUSEOLÓGICA INDÍGENA.



Foto: Suzenilson Kanindé – 2021

As atividades escolares e museais passaram a acontecer prioritariamente por meio de plataformas de videoconferência. Dessa maneira, o uso das redes sociais, que já era bastante disseminado, principalmente entre a juventude, passou a ter cada vez mais uma função educativa.

Rapidamente, uma realidade, que parecia distante, passou a fazer parte de nosso cotidiano. Ao longo de 2020, um dinâmico ciclo de atividades educacionais por meios digitais tornou as interações no espaço virtual o formato comunicacional predominante.

A fala do Mestre da Cultura e Cacique do povo Kanindé, Sotero durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé em março de 2021, diz assim,

Boa tarde, vocês! Senhores e senhoras! Eu sou o cacique Sotero, sou indígena e sou mestre da cultura, um prazer da gente tá junto num momento deste, embora a gente esteja vendo só a cara, num é como a gente tá ao vivo mesmo, presente mesmo, um perto um do outro, mais é isso mesmo, por tudo isso, a gente tem que passar. Primeiramente agradecer a deus, e agradecer a deus por tudo isso que ele faz por nós, que nós merece, e nós ta aqui nesse momento junto, fazendo esta abertura, deste assim, nas minhas palavras, né, desse encontro que a gente, por exemplo, um momento desse, só com as pessoas maduras. Esse momento é para os novos, os jovens, assim, conhecer quem somos nós mesmo, quem era o passado mesmo, e eu sempre não digo só o passado, digo também o presente, a diferença, que é uma das coisa que eu Sotero, desejo demais que quando falo do passado, o meu destino é também dizer o presente né, mais o presente num vai ser agora não, nós estamos fazendo aqui essa abertura, muito linda, obrigado vocês todos, eu nunca pensei num momento desse tá conhecendo vocês todos, o homem do cachorro tá bem aqui que é o Alexandre. Há cadê o cachorrão heim? Graças que nós vamos conversar muito, dei só essas palavras, mais quando chegar a minha vez eu quero contar assim uma passagem do museu indígena, que a história hoje vai ser muito dele e o aprendiz que ele tem dado, a esses jovens, este povo, que a gente descobriu essa ideia, que eu mesmo como cacique descobri uma coisa que eu nunca pensei que fosse tão importante na vida da gente, mas é, vamos pensar que é uma das heranças maior que nós vamos deixar para os nossos filhos, nossos parentes, é uma história dessas que é uma educação, assim eles queira levar essa experiência que nem o Suzenilson está fazendo hoje, nós estamos juntos, é muito importante, a gente vendo essa experiência para os alunos a gente tá deixando uma educação para eles se educar. Se hoje não tivesse essa escola e o museu, quem era nós os índios Kanindé, que tanto já vinha sofrendo, e hoje ainda está amarrado e tá sujeito a outras pessoas né. Eu posso até abrir a boca e dizer que é o homem branco, que só faz do jeito dele e do jeito que quer.

FIGURA 54 – PAJÉ MACIEL ATENTO NA ABERTURA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOS MONITORES TERCEIRA GERAÇÃO DO MUSEU KANINDÉ. SUA PARTICIPAÇÃO NA ABERTURA FOI FUNDAMENTAL PARA O ENVOLVIMENTO DA TURMA NO ENTENDIMENTO DOS SABERES.



Foto: Antônia Santos Kanindé – março de 2021

Destacamos que o Programa de Formação Continuada da terceira geração está em curso e acontecendo através do desenvolvimento de Ciclos Formativos de duração variável, executados por meio de projetos interligados⁶¹ coordenados por uma equipe

⁶¹ Neste processo de conhecimento foram integralizados os seguintes projetos junto ao programa de formação do museu Kanindé: **1. Projeto Aquilo é uma Coisa de Índio:** Cultura Digital & Bricolagem interativa virtual transmídia nos Kanindé de Aratuba/CE, projeto apresentado e aprovado na convocatória 02/2020 da escola pública de arte e cultura digital da vila das Artes – EPACD, equipamento da secretária de cultura de Fortaleza/ Secultfor, aprovado na categoria: Exposição Virtual. **2. Programa de pesquisas colaborativas virtuais no museu dos Kanindé:**

multidisciplinar, composta por formadores indígenas do próprio povo Kanindé e profissionais, professores/as, técnicos e parceiros/as indicados para tratarem de temáticas específicas.

De forma complementar ao nosso raciocínio, vejamos a fala do Pajé dos Kanindé, o senhor Manoel Constantino dos Santos (Pajé Maciel) durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé em março de 2021,

Boa tarde! Eu sou o pajé Maciel, por apelido Maciel, estou aqui presente a todos vocês, os amigo e amigas, como eu sou o pajé, antigo, interei 89 anos e dou tanto graças a deus, eu hoje tá vivendo essa idade, com mais doença do que saúde, mais eu agradeço a deus tá com vocês, e hoje nós temos uma grande felicidade, a todos que tão na minha presença e alguns que tão ausente, que nós tenha muitos e muitos anos de vida, e outra é que nós temos o museu, que foi conservado por nós e tamo hoje resistindo com esse museu, cada vez mais pra frente e vamos ter mais força e mais coragem pra gente lutar, com essa jovarada nova, se deus quiser, muitos e muitos anos de vida e muita felicidade a todos. Eu num vou conversar demais porque eu não posso, que eu tou meio cansado, vou deixar a palavra aqui para os outros e eu vou tomar um folego. Muito obrigado.

Educando Gerações/ Laboratório de Pesquisa da Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural Bom Jardim/2020 – Proponentes: Suzenilson Kanindé, Nilton Kanindé e Samuel Gomes sob a orientação de Alexandre Oliveira Gomes. **3. Projeto museu dos Kanindé – 25 anos** – História, Educação e Mobilização Étnica, aprovado no I Prêmio Culturas Indígenas no Ceará edição 2019 da Secretária de Cultura do estado do Ceará – projeto proposto pela Associação Indígena Kanindé de Aratuba – AIKA em parceria com o museu indígena Kanindé. **4. Projeto programa de formação continuada do núcleo educativo do museu dos Kanindé:** Inovação Tecnológica, Comunicação Virtual e Pesquisas Colaborativas da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, Secult pela lei Aldy Blanc – projeto do edital patrimônio cultural. **5. Projeto programa de formação continuada do núcleo educativo do museu dos Kanindé:** Reforma estrutural, apoio técnico e formação em rede do edital cultura viva da secretaria da cultura do estado do Ceará lei Aldy Blanc.

FIGURA 55 – PARTICIPAÇÃO DA LIDERANÇA INDÍGENA CÍCERO KANINDÉ DURANTE A ABERTURA DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DO MUSEU KANINDÉ. RELATA SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS SABERES DO POVO NO PROCESSO DE FORTALECIMENTO DAS MEMÓRIAS ANCESTRAIS.



Foto: Rildelene Kanindé – março 2021

Neste mesmo sentido, se alinha a fala da liderança Kanindé Cicero Pereira durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé em março de 2021, vejamos,

Boa tarde, companheiras e companheiros, né! É cacique Sotero, pajé Maciel, compadre Sinhô, esse pessoal que tão aí nesse momento né. Esse é um momento muito importante. O museu eu sempre digo, o museu é uma grande história das pessoas antigas, das pessoas que já se foram né. E começou tudo de um nada e esse nada deu um bocado de coisa hoje né? Que vocês vê as formações que nós temos hoje, de jovens passando pela aquele museu, aquele museu é uma casa de história, ela tem a cara dos Kanindé de Aratuba. O museu é a parte que tem mais importante dentro da comunidade, aqui dentro da aldeia indígena né, ela é a mãe, pai, criador de todos nós aqui da aldeia né, principalmente dos índios que estão por aqui e que já passaram por aqui.

Estas ações formativas da formação da terceira geração está sendo coordenadas sob minha coordenação, Suzenilson com a orientação do Cacique Sotero e de outras lideranças tradicionais, com assistência de Antônia Santos e assessoria técnica de Alexandre Gomes. Foram realizadas formações em diferentes áreas com o objetivo de promover o crescimento destas mais novas sementes que afloraram nestes 10 anos de trabalhos do Núcleo Educativo do Museu – Núcleo MUKA, Museologia Kanindé.

Aula de Abertura do Programa de formação do museu dos Kanindé contou com a palestra do mestre cacique Sotero intitulada: “Museologia Indígena: Autogestão Museológica, Narrativas da Memória e História Kanindé”, que aconteceu dia 10 de março de 2021, numa quarta-feira, pelo Google e teve início, às 13h30min da tarde. Estiveram presentes neste momento também da abertura do evento os alunos, professores indígenas e lideranças indígenas da escola indígena Manoel Francisco dos Santos.



PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORES 2021/2022

Programação realizada dia 10 de março de 2021

Falas de Abertura:(Coordenação – Suzenilson Kanindé)

Cacique Sotero – Cacique Kanindé e Mestre da Cultura.

Pajé Maciel – Pajé Kanindé

Mesa de Diálogos “falas I” – (Coordenação – Antônia Kanindé)

Fabiano Piúba – Secretário de Cultura do Ceará;

Cicero Pereira – Presidente da AIKA;

Senhor Bernardo – Liderança Kanindé;

Valdo Teodósio - Liderança Kanindé;

Tia Luzia – Liderança Kanindé;

Evânia Lima – Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos;

João Paulo Vieira – Projeto Historiando;

Diego Barros – Supervisor CCBJ – Cultura Digital.

José Carlos Levinho – Antropólogo/Indigenista;

Roberto Kennedy Gomes Franco – GEPI/UNILAB;

Nivaldo Cajú – UECE

Jurema Machado – Antropóloga / UFRB;

Mesa de Diálogos “Falas II” - (Coordenação – Alexandre Gomes)

Reginaldo Kanindé – Mestrando Antropologia UNILAB/UFC
 Elenilson Kanindé – Presidente do Conselho Local de Saúde;
 Nilton Kanindé – Mestrando em Humanidades – UNILAB;
 Ronaldo Kapinawá – Arqueólogo – Museu Indígena Kapinawá;
 Daniele Melo – Formadora / Jornalista;

Mesa de Diálogos “Falas III” - (Coordenação – Coletiva)

Suzenilson Kanindé – Coordenador do Museu Kanindé;
 Antônia Kanindé – Assessora Técnica do Museu dos Kanindé;
 Alexandre Gomes – Assessor Pedagógico do Museu Kanindé;
 Dayana Sampaio – Monitora;
 Douglas Silva – Monitor;
 Clarissa Brito – Monitora;
 Nalison Martins; Monitor;
 Thainá Santos – Monitora;
 Suziany Santos – Monitora;
 Beatriz Santos – Monitora;
 Valeria Gomes – Monitora;
 Cleyssuan Fidelis – Monitor.

Mesa Final – Coordenação – Alexandre Gomes

Palestra – Aula Inaugural - Cacique Sotero
 Museologia Indígena: Auto-Gestão Museológica, Narrativas da Memória e História Kanindé.

Foi denominado a formação da terceira geração de monitores o nome de NUTIK (Núcleo Tecnológico da Informação Kanindé). NUTIK⁶² é a expressão nascida de um projeto de memória originário das matas do Sítio Fernandes, constituindo uma iniciativa de âmbito étnico-tecnológico voltada ao desenvolvimento de formatos inovadores de apropriação de ferramentas digitais e à implementação de processos comunicacionais virtuais de âmbito comunitário.

⁶² Foi pensado em sua criação como uma incubadora de projetos e ideias para as quais convergem o protagonismo político indígena e as ferramentas e tecnologias da informação e comunicação virtual tendo em vista o avanço e aperfeiçoamento da auto gestão do território e dos processos de reivindicação de conhecimentos tradicionais visando a promoção da diversidade étnica e da educação intercultural.

FIGURA – 56 – AULA DE SABERES COM O GUARDIÃO DA MEMÓRIA SINHÔ BERNARDO COM O TEMA: A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR, COMUNITÁRIA E RELIGIOSA DO POVO KANINDÉ. COMEÇAMOS COM ESSA ATIVIDADE POR CAUSA DO MÊS DE MARÇO SER UM MÊS RELIGIOSO ENTRE OS KANINDÉ. DENTRE OS CONTEÚDOS ESTUDADOS FORAM: OS TRONCOS VELHOS: FRANCISCO E OS BERNARDO; ORIGEM DAS FAMÍLIAS DO POVO KANINDÉ; CASAMENTOS ENTRE FAMÍLIAS; FAMÍLIAS ATUAIS E A LOCALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO; MOVIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE/CEB'S EM ARATUBA; CALENDÁRIO E FESTEJOS RELIGIOSOS DA ALDEIA: A FESTA DE SÃO JOSÉ, NOVENAS, ROUBO DA SANTA, FESTEJOS EM DEVOÇÃO À SANTA MARIA E OUTROS; E ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E RELIGIOSIDADE.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ
“Multiplicadores de Saberes Ancestrais”

Convida para a “Roda de Saberes em Diálogos Interdisciplinares”
 COM:

Sinhô Bernardo Kanindé
 “ Organização Familiar, Comunitária e Religiosa no Povo Kanindé”.
 Data: 17/03/2021
 Local: Google Meet
 Horário: 14:00 as 15:00 horas.

Realização: PUNTO DE MEMÓRIA & CULTURA
MUSEU KANINDÉ
 ALDEIA SÍTIO FERNANDES - ARATUBA - CEARÁ

Apoio: LEI ALDIR BLANC CEARÁ, A IKA, GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, BRASIL, 1º Prêmio Culturas Indígenas do Ceará 2019

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal nº 14.067, de 20 de junho de 2002.

Foto/Card: Suzenilson Kanindé – março de 2021

As ações formativas têm o objetivo de aperfeiçoar a formação crítica dos jovens para atuação nos campos da memória e do patrimônio, por meio do museu indígena, junto à população do povo Kanindé no território do Sítio Fernandes. A partir dos objetivos e metodologia do Programa de Formação, considera-se que pesquisa e a formação são

praticadas de maneira integrada, como parte de processos de formação e construção colaborativa de saberes que atuam diretamente na produção de novos conhecimentos e no aprendizado e reinvenção de técnicas, métodos e conceitos voltados à potencialização da ação comunitária museológica a nível local.

Merece destaque, neste contexto, a fala da liderança Kanindé Francisco Bernardo da Silva o Sinhô durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé em março de 2021, ao afirmar que,

Pois é, vou falar agora um pouco vendo. O meu nome é Francisco Bernardo da Silva, apelido é sinhô, muita gente mim conhece só por sinhô mesmo. Tamo aqui junto e até na maior alegria, de ver que vai se formar outro grupo de jovens, porque desde o primeiro que nós acompanha e tamo vendo uma grande vantagem, porque eles se preparam pra ajudar noutras passagem nossa, isso é muito bom, porque é um estudo que a gente sabe que é um estudo que a gente sabe que ta começando, e começo lá atrás, e já vai nos três grupos ali, e a gente fica morto de alegre porque sabe que eles estão aprendendo, como hoje a história nossa, muitos deles sabe, se não fosse isso que vinhece acontecendo, tava ainda com nós. E nós vamos ficando bem idoso, aí chega um tempo aí que num é mais com nós já é com eles e isso é muito bom que é a história, a cultura velha que tá passando toda para eles, pros jovens, isso é uma alegria pra nós. Por isso que hoje nós já estamos alegre porque já vai nos três grupo e nesses dois que já passou, já tamo vendo um grande resultado, e nisso esse outro grupo vai também, vai ser a mesma história, a gente vai saber que eles vão ajudar muito lá na frente, como hoje essas pessoas que tão acompanhando junto com nós, o que nós dizia, o que nós conversava nós mais idoso lá atrás, e hoje já está com eles, que hoje nós tamo acompanhando eles, sendo assim eles acompanha nós e nós acompanha eles.

Complementarmente, realçamos a fala da liderança Kanindé Valdo Teodósio, durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé em março de 2021, quando afirma assim,

Boa tarde pessoal! Eu sou Valdo Teodósio Araújo, tou muito grato pelo convite e agradeço a deus primeiramente, não posso tá pessoalmente, tou aqui, eu ouvi que causaram estranhamente, não tou estranhando não, tou com saudade de tá cara a cara olhando, de olho a olho, mais num é possível. Eu quero dizer o seguinte, eu falando sobre o museu, o museu é uma experiência fundamental, educativo pra nossa vida, porque eu não entendia o que era o significado do museu, aí nuns anos atrás eu tive a oportunidade de mim sentar, juntos, que nós precisa se educar, aprofundar mais, ser mais diferenciado do que nós já somos, tem muita coisa que mora aqui junto com nós, que é preciso nós renunciar, tem coisa que é preciso nós mudar, se transformar pra melhor. A educação é preciso que a gente aprenda, de escutar, perdoar aquelas pessoas que são mais fraco do que nós, que tem momentos que a gente precisa perdoar as pessoas. Num é nem só uma vez, então nós precisa se educar

baseado nesse nível, nessa ocorrência, nesse encaminhamento. É uma coisa que o museu me tem trazido, muita reflexão, tem gente que diz, quem vive do passado é museu, num é verdade isso aí não. O que a gente vive é do museu, traz muita consequência de aprendizado, traz aprofundamento da nossa da nossa educação, traz a gente aprender a ser mais humilde, a gente aprende a ser mais irmão, a gente saber dispensar os defeitos de uns para os outros, diminuir as diferenças, tudo isso o museu traz a memória para nossa vida, nossa consciência, agora é preciso que a gente receba, com muito amor, com muito carinho essa realidade e reconhecer nosso museu de braços abertos.

FIGURA 57 - AULA DE SABERES II, QUE ACONTECEU NO DIA 31 DE MARÇO, INTITULADA “DO MUSEU AO MONDÉ”: A MATERIALIDADE DA CAÇA E DOS ENCANTADOS NOS CONHECIMENTOS KANINDÉ TEVE COMO MINISTRANTE: PAJÉ MACIEL. NESTA RODA DE SABERES BUSCAMOS CONHECER NOS CONHECIMENTOS DO PAJÉ SOBRE: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E TERRITÓRIO; ENCANTOS DAS MATAS E ENCANTOS DOS BICHOS; ARTES DE FAZER DO ARTESANATO EM MADEIRA;

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DA 3ª GERAÇÃO DE MONITORIA DO MUSEU KANINDÉ
"Multiplicadores de Saberes Ancestrais"



RODA DE SABERES

“Do Museu ao Mondé” – A Materialidade da Memória da Caça e dos Encantados nos Conhecimentos Kanindé”

Local: **Google Meet**
 Data: **31/03/2021**
 Horário: **14:00**

Realização: **MUSEU KANINDÉ**
 ALDEIA SÍTIO FERNANDES - ARATUBA - CEARÁ

Apoio:



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual de Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.007, de 09 de junho de 2009.

1º Prêmio Culturas de Artes 2019

Foto/Card: Suzenilson Kanindé - 2021

A prioridade dos processos formativos estão sendo em promover um contínuo diálogo intergeracional, envolvendo lideranças tradicionais, guardiões/guardiãs da memória, professores/as e outras pessoas do povo Kanindé junto aos/as integrantes do

Núcleo MUKA. Portanto, os “troncos velhos” serão os/as principais formadores/as deste percurso, especialmente, desse ciclo inicial de atividades.

FIGURA 58 - AULA DE SABERES “PEDAGOGIAS DA FOGUEIRA” - PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO E O MOVIMENTO INDÍGENA KANINDÉ. MINISTRANTE: CÍCERO KANINDÉ, QUE DESENVOLVEU, ATRAVÉS DE UMA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, ASSUNTOS COMO: TRADIÇÕES ORAIS: MODOS PRÓPRIOS DE NARRAÇÃO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E VIVÊNCIAS DO POVO KANINDÉ; MOVIMENTOS SOCIAIS, SINDICALISMO RURAL E MOVIMENTO INDÍGENA NO SÍTIO FERNANDES; LUTAS E CONQUISTAS DO POVO KANINDÉ: A TERRA DA GIA; ORGANIZAÇÃO DA AIKA; EDUCAÇÃO DIFERENCIADA E A ESCOLA INDÍGENA; MUSEU DOS KANINDÉ; HISTÓRIA E AFIRMAÇÃO ÉTNICA: PASSADO, PRESENTE E OS DESAFIOS PARA O FUTURO DAS NOVAS GERAÇÕES.



Foto/print: Antônia Kanindé – abril 2021

O Depoimento de Cicero Kanindé durante sua oficina de saberes: pedagogias da fogueira: processos de comunicação e o movimento indígena Kanindé no programa de formação dos monitores da terceira geração do museu dos Kanindé realizada no dia 07

de abril de 2021, traz em sua essência elementos fundamentais para nossa pesquisa, ao comentar assim,

É, boa tarde todos vocês, meus professores, que vocês todos são meus professores, apenas sou aluno também né, é esse momento de conhecimento, é essa troca de experiência né, essa roda de conversa ela só é boa quando todos falam um pouquinho, qualquer pouquinho que a gente falar é bem aproveitado e ajuda a abrir a mente de cada um. Essa palavra de conhecimento, dos antepassados, de antigamente, que a palavra pedagogia né, foi feita pelo homem branco, vocês sabem que até minha linguagem muitos momentos é diferente de quem estuda bem, de quem faz faculdade, que esse conhecimento, descobrimento pra gente se comunicar antigamente. A comunicação que a gente fazia era a palavra, a gente é, avisar ou perguntar como era que tava fulano ou sicrano ou nossos parentes que tavam distantes da gente. Porque essa comunicação e essa palavra fogueira né? Que sempre a gente se reúne né, porque a fogueira primeiramente pra nós povos indígenas, pra nós que mora na mata, pra nós que mora na oca, primeiramente é uma luz, certo, e essa luz naquele tempo era uma fonte de comunicação já que a gente não tinha como se comunicar, a gente já traçava nas reuniões, a gente morava distante, as aldeias antigamente nós sempre morava nos pés de serra ou em cima de serra onde tinha água e aonde a gente podia se comunicar e amostrar o que nós queria, a necessidade, o que nós podia se comunicar e fazer nesse tempo? A gente, a aldeia naquele local tava com uma necessidade de saber como estava os parentes, a gente fazia uma grande fogueira né, cortava madeira, era muita madeira nesse tempo, as casas eram poucas né, e a gente já se comunicava, antigamente não existia energia, só existia duas luz, o sol e a lua e as estrelas pra ajudar a clarear a noite. Qualquer um fogo que a gente fizesse em uma chapada, numa casa da gente, num terreiro da gente era se comunicar com outra comunidade que tava distante da gente muitas léguas, porque a noite a gente via o clarão quando via aquele claro, já era uma coisa planejada pelas pessoas antigas e aí as pessoas já se dirigiam a ele pra vê o que tava acontecendo, ou era uma festa de uma criança que tinha nascido ou era uma festa de uma pessoa que ia fazer um casamento e iam traçar essa conversa, por isso que tinha esse tipo de comunicação da gente né, pelas histórias dos mais antigos né. Aí vem a parte da comunicação dos Kanindé, num tem nenhuma diferença, quando nós começamos a nossa luta, principalmente em 1968, a gente começou a se reunir e começar a traçar as nossas ideias também, nós como trabalhador rural né, que era trabalhador da agricultura né, e a gente já tinha essa comunicação e engraçado que a gente não sabia que a gente antigamente já tinha esse tipo de comunicação do jeito da gente, do jeito da cultura da gente, do jeito que a gente era e a linguagem. Aí vem depois os movimentos sociais, com esses movimentos, com essas experiências em 1968, a gente criou aqui em Aratuba o sindicato dos trabalhadores rurais, também no Ceará foi criado uma federação. O Sotero passou 40 anos sendo delegado sindical do sindicato dos trabalhadores rurais de Aratuba né, e eu passei também um ano sendo diretor do sindicato. Aí o que nós descobrimos através dos movimentos sociais foi que veio a aldeia começando a crescer, a ver a história do nosso território né, que a gente começou a criar coragem, porque antigamente, os nossos avôs e nossos bisavôs, pais, tios, aqui mesmo na

comunidade isso era grande esse nosso território. Os posseiros que viviam aqui ao nosso redor avançaram e tomaram a nossa terra né, sabe que hoje a nossa grande luta é pela nossa mãe terra né, é a demarcação da nossa terra. Em 95 nós começamos o nosso movimento indígena, aí foi outra etapa que a gente teve, pra gente dá um avanço, principalmente numa terra, um território diferente, um território que a gente luta até hoje, uma terra que a gente luta por ela, que é ser livre, vocês sabem que antigamente todas as terras eram nossas, eram dos índios né, depois que inventaram essa burguesia de querer comprar terra. Aí em 2000 quando a gente fez nossa primeira Assembléia⁶³ aqui na aldeia junto com os outros povos indígenas, que nós tivemos reunidos, foi quando nós começamos a ver essa outra parte social né, que ela é a mesma coisa, que ela lá de traz da primeira luz vem alumando a gente. A gente começou os trabalhos né, começamos a discutir a necessidade que a aldeia tinha né, que nós não tinha colégio, não tinha estudo, apenas nós era umas pessoas muito inteligentes né, com muita sabedoria, dada pelo pai tupã, tudo isso através das rodadas de conversa, que a gente abre a mente da gente, por isso importante essa parte de abrir a mente porque a gente vai puxando um pouquinho de cada um.

Ações como esta primam pelo contato direto dos/as jovens com os/as pessoas que são detentores/as dos saberes, histórias e tradições do povo, como os mais velhos, a exemplo do Mestre Cacique Sotero, do Pajé Maciel e de d. Luzia Bernardo.

⁶³ A presente assembleia aconteceu na aldeia Kanindé de Aratuba, no Sítio Fernandes e foi a 6ª Assembléia dos Povos Indígenas do Estado do Ceará realizada nos dias 22 a 26 de novembro de 2000 e estiveram presentes os povos: Tremembé, Tapeba, Pitaguary, Jenipapo Kanindé, Tabajara Potyguara, Kariri, Tupinambá, Kalabaça e Kanindé.

FIGURA 59 - AULA DE SABERES: O QUE OS NOVOS PODEM APRENDER COM OS MAIS VELHOS? HISTÓRIAS E NARRATIVAS DAS VELHAS GERAÇÕES DO POVO KANINDÉ - FERNANDES E GAMELEIRA DE ANTIGAMENTE REALIZADA, EM ABRIL DE 2021, COM A MINISTRANTE LIDERANÇA KANINDÉ: TIA LUZIA BERNARDO.



Foto/print: Antônia Kanindé – maio 2021

Em cada uma das oficinas de saberes foram realizadas ações educativas, culturais e formativas específicas de caracteres teóricos e práticos, que objetivaram estimular a construção de diferentes conhecimentos, que promoveram nos/as monitores/as distintas habilidades, saberes e aptidões. Além do conjunto de trocas intergeracionais, as ações formativas do primeiro ciclo estão associadas à realização de pesquisas individuais e coletivas em diferentes áreas do conhecimento, como História, Antropologia, Arqueologia, Museologia, Cultura Digital, Cartografia Social e Genealogia, entre outras.

**FIGURA 60 - MINI-CURSO: “CUIDADOS COM A MEMÓRIA”:
SALVAGUARDA E CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DOS OBJETOS DO
MUSEU KANINDÉ. MINISTRANTE: ANTÔNIA KANINDÉ. CONTEÚDOS
TEMÁTICOS: INTRODUÇÃO AOS MUSEUS E A MUSEOLOGIA – NO BRASIL
E NO MUNDO; MUSEOLOGIA INDÍGENA, MUSEOLOGIA TRADICIONAL E
NOVA MUSEOLOGIA; MUSEOLOGIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO;
MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA; SALVAGUARDA MUSEOLÓGICA E
PRESERVAÇÃO DE ACERVOS.**



Foto/Print: Antônia Kanindé – março de 2021

Fica perceptível a fertilidade de toda essa prática pedagógica da museologia, o comentário de Antônia Kanindé, ex-monitora e agora palestrante do minicurso cuidados com a memória: salvaguarda e conservação dos objetos do museu dos Kanindé realizado no dia 13 de março de 2021, ao falar que,

Então, essas coisas aqui eu acho que Suzenilson já colocou pra vocês na última aula que ele fez com vocês, se ele não colocou no dia da aula dele, que é justamente sobre a criação do museu né, que é de 95, o Sotero que cria, é considerado uma primeira organização na comunidade e aí tem essa função de preservar os objetos que são de importância pra memória e pra história do povo Kanindé, e aí acho que isso já foi colocado um pouquinho pra vocês, então se vocês tiverem visto vão vê de novo como era o museu dos Kanindé lá em 2011, né

que era justamente é onde hoje é a casa do Suzenilson, é eu tenho uma dúvida se é atrás ou é na frente aí, eu acho que é a frente, é era ali, era só uma portinha do lado direito que vocês estão vendo aí, e aí o acervo no interior do museu e foi assim que a gente viu o museu dos Kanindé pela primeira vez. E aí começa lá em 2011 com a vinda do Alexandre, o que a gente chama de processo formativo, do GT que é o grupo de trabalho que vai atuar no museu dos Kanindé e que vai depois ser o primeiro núcleo educativo e assim como o Suzenilson selecionou vocês para participar dessa formação da terceira geração, naquela época a gente também foi selecionado para participar, foi um ou dois alunos de cada sala, e aí a gente passou por umas formações teóricas com o Alexandre, a gente recebeu uma apostila que ele preparou, aí nessa apostila possui também alguns conceitos desses que eu passei para vocês hoje, e aí a gente teve uma entrevista com ele, todo mundo se tremendo mais do que vara verde na entrevista, aí depois a gente foi para o ambiente do museu, pra uma capacitação prática e pra realizar um inventário, e aí alguns desses momentos foram ocorridos na escola, de formação teórica e uma parte das formações práticas, onde participavam o Breno, o Josueldo, o Valderlan, a Nayara, a Camila, a Rita, o Jasiel, a Rildelene, o Evanilson, eu não sei nessa foto mais eu fiz parte também dessa geração de formação no museu dos Kanindé. Esse foi um momento também que a gente foi começando a ter contato com os objetos do museu no princípio de nossa formação prática, a gente tava descrevendo, é as fichas sobre os objetos que tavam aqui em cima da mesa, essa senhora que ta com essa câmera aqui ela foi uma figura emblemática porque logo no começo, ela era da prefeitura, ela ocasionou umas cenas engraçadas no nosso processo formativo. Aqui claro Sotero esteve sempre com a gente né, conversando, apresentando também essas narrativas que ele colocou pra vocês naquele dia da aula, conversando sobre os objetos, falando do museu e a gente tava também sempre atento fazendo as anotações necessárias, buscando sempre aprender do Sotero o máximo possível nesse processo. Aqui foi o dia em que a gente foi visitar pela primeira vez o acervo do museu, se vocês perceberem quase todo mundo está com uma apostilazinha ou rosa ou lilás na mão, essa foi a apostila que a gente recebeu pro processo formativo, e aí todo mundo recebeu essa apostila que trazia orientações sobre museus, como organizar o acervo, sobre a numeração que os objetos iriam receber, os processos, os procedimentos, essas coisas. E aqui todo mundo curioso né, nunca tinha ido no museu e se tinha ido não era com o olhar que a gente estava indo agora, então a gente foi observar o que tinha e começar a anotar algumas coisas do que a gente conhecia e que tava ali exposto, essa é a foto oficial que inclusive está na dissertação do Alexandre e aí a gente entra depois dessa primeira visita ao museu nas etapas do inventário participativo, e aí quais são essas etapas. Primeiro, identificar o acervo que é identificar o que é que tem o que tinha ali no espaço do museu, depois a gente passa pra higienização que é a limpeza dos objetos, depois a gente foi preencher as fichas de identificação desses objetos e fazer o procedimento de marcação. Na identificação, basicamente a gente observou o que tinha e depois a gente anotou esses objetos que tinha ali exposto naquela parede que tavam nas mesas e tal, depois a gente começou a desmontar o museu literalmente e limpar objeto por objeto, é importante destacar que a gente sempre usou máscara e luvas pra esse procedimento, porque os materiais eles contem muita poeira, muita sujeira e pra evira a contaminação tanto da gente, quanto do objeto a gente sempre utiliza

luva e máscara, isso também acontece dentro da universidade quando a gente vai para os laboratórios a gente sempre usa luva e máscara, dependendo do material que a gente vai utilizar a gente utiliza aquelas toucas pra não cair o cabelo e utiliza o jaleco também, são materiais exigidos no trabalho em laboratório para os museólogos. E aí a gente foi limpando objeto por objeto, a gente utilizou pincéis bem macios pra limpar e aí toda a poeira ia sendo armazenadas nos sacos que tem aqui do lado dessas caixas pra depois a gente jogar fora. A gente também fez essas caixas de papelão, a gente usou um material improvisado e na parte de traz tinha esses sacos plásticos, eram justamente para armazenar essa poeira que a gente retirava no processo de limpeza. E aí a gente parte pro processo de preenchimento das fichas que eu acho que esse foi o processo que mais demorou, onde cada objeto do museu ele foi ganhando uma ficha de identificação. Essa ficha contém as principais informações do objeto, é o nome dele, o tamanho, no caso as dimensões que são chamadas, possuem um pouquinho da história desse objeto daquele que a gente conseguiu identificar, possuem as informações mais gerais do objeto, a coleção que ele está inserido, a categoria que ele está inserida, tudo isso, todas essas informações contém nessas fichas, foi um bom tempo fazendo esse preenchimento dessas fichas, uma outra coisa que eu acabei esquecendo de falar pra vocês mais que a gente usava também, tem que usar na realidade é o óculos de proteção para evitar poeira nos olhos. E aí a gente parte pro processo de marcação, cada objeto do museu se vocês pegarem um desses objetos e procurarem num cantinho mais escondido deles vocês vão encontrar essa marcação. Nessa marcação tem uma numeração, então pro museu dos Kanindé é MK: 011 que é o ano e o número da peça. Então essa é a numeração padrão do museu dos Kanindé, e aí tem dois tipos de marcação né, essa primeira ela é feita no próprio objeto, e aí como é que a gente faz? A gente passa uma camada de base, essa base de unha, depois da base secar a gente faz a numeração com a caneta nanquim e depois passa novamente a base. Esse procedimento ele tanto é feito na museologia quanto na arqueologia. E aí tem esse segundo modelo de marcação que é um modelo de marcação em etiqueta, quando o objeto é muito pequeno ou é muito frágil e não tem lugar onde a gente possa aplicar a base e fazer com que a tinta fique visível, a gente usa as etiquetas, que normalmente é um papel mais grosso que a gente utiliza com um cordãozinho de algodão. Depois que a gente fez todo aquele processo lá de limpeza, preenchimento das fichas e marcação, ainda em 2011 o Alexandre e o Sotero remontaram o museu dos Kanindé, organizaram novamente as peças do museu nas paredes daquela antiga sede né, e aí o museu ficou assim, bem mais organizadinho né, se vocês prestarem atenção já tem algumas divisões, por exemplo, aqui no lado esquerdo a gente já começa a vê alguns pés de animais, rabos, essas partes menores né da categoria zoológica, mais em cima a gente já vê algumas ferramentas do trabalho, aqui no meio os itens de madeira, aqui os adornos corporais que são os colares e as caças mais organizadas aqui em baixo e na lateral direita, então já começa a ter uma organização por categorias né do acervo. E aí como vocês estão tendo agora um processo formativo, a gente também teve algumas formações iniciais sobre antropologia, arqueologia, etnoconstrução, patrimônio, fotografia, cartografia social. E o próprio processo é um processo contínuo de formação em museologia né. A partir da nossa formação a gente montou a planta do museu. Bom essa é um pouco da nossa experiência que a gente fez no nosso processo de

formação e que é importante a gente aprender para preservar a memória que existe no nosso museu.

O público-alvo prioritário dos processos formativos são os jovens que compõem a 3ª- geração de monitores/as do Museu dos Kanindé. Além deles/as, as ações envolvem a comunidade escolar da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Dessa maneira, busca-se que estas atividades sejam realizadas junto a toda população Kanindé do Sítio Fernandes, atingindo públicos de distintas faixas etárias.

FIGURA 61- IMAGEM DOS COMPONENTES DA 3ª GERAÇÃO DOS MONITORES DO MUSEU DOS KANINDÉ, QUE PARTICIPARAM E ESTÃO PARTICIPANDO DAS FORMAÇÕES JUNTO AO PROGRAMA DE FORMAÇÃO MK.



Foto: Suzenilson Kanindé - 2021

Fazem parte do grupo da 3ª geração (2021) – NÚCLEO MUSEOLOGIA KANINDÉ - MUKA: Beatriz Silva Lourenço⁶⁴, Maria Clarissa da Silva Brito⁶⁵, Cleysuan Fidelis da Costa⁶⁶, Douglas Isac⁶⁷, Nalison Martins⁶⁸, Suziany dos Santos Lourenço⁶⁹, Thainá Lima dos Santos⁷⁰, Valéria Gomes⁷¹ e Dayana Sampaio⁷² todos são alunos da escola indígena Manoel Francisco dos Santos e compõem o novo grupo de formação do museu dos Kanindé, nesta 3ª geração onde desenvolvemos atividades de rodas de saberes⁷³ e mini cursos⁷⁴ no desenvolvimento do programa de formação que envolveu várias lideranças Kanindé.

⁶⁴ **Beatriz Silva Lourenço** – Monitora MK 2016 – 2019 – Terminou ensino médio e ingressou no curso de hotelaria pelo Instituto Federal do Ceará – Campos Baturité – Ceará.

⁶⁵ **Maria Clarissa da Silva Brito** – Monitora MK 2020 – 2021 – Estudante da 3ª série do ensino médio da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Sítio Fernandes - Aratuba – Ceará.

⁶⁶ **Cleissuan Fidélis da Costa** – Monitor MK 2016 – 2021 – Estudante da 3ª série do ensino Médio da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes – Aratuba – Ceará.

⁶⁷ **Douglas Silva** - Monitor MK 2020 – 2021 – Estudante da 3ª série do ensino médio da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Sítio Fernandes – Aratuba – Ceará.

⁶⁸ **Nalison Martins** – Monitor 2020 – 2021 – Estudante da 3ª série do ensino médio da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Sítio Fernandes – Aratuba – Ceará.

⁶⁹ **Suziany Santos** – Monitora MK 2011 – 2021 – Estudante da 1ª série do ensino médio da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Sítio Fernandes – Aratuba – Ceará.

⁷⁰ **Thainá Lima** – Monitora MK 2020 – 2021 – Estudante do 8º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Sítio Fernandes – Aratuba – Ceará.

⁷¹ **Valéria Gomes** – Monitora MK 2020 – 2021 – Estudante da 1ª série do ensino médio da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.

⁷² **Dayana Sampaio** – Monitora MK 2020 – 2021 – Estudante do 9º ano do ensino fundamental da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos. Tivemos durante a realização das desistências do núcleo Muka dos seguintes componentes: Camila Margarida, Thaís Pereira e Samuel Cruz.

⁷³ Durante o primeiro ciclo de formação da 3ª geração de monitores do MK que aconteceu durante os meses de março a setembro de 2021 foram realizadas as seguintes Rodas de Saberes com Guardiões da Memória: **1: Aula Inaugural de abertura:** Museologia indígena: Auto Gestão Museológica, Narrativas da Memória e História Kanindé com Mestre Cacique Sotero dia 10 de março de 2021. **2: Aula de Saberes:** Organização Familiar, comunitária e religiosa no povo Kanindé com Francisco Bernardo “Sinhô” em 17 de março de 2021. **3. Aula de Saberes:** “Do Museu ao Mondé” a materialidade da memória da caça e dos encantados nos conhecimentos Kanindé com Manoel Constantino “Pajé Maciel” em 31 de março de 2021, **4. Aula de Saberes** Pedagogias da fogueira: processos de comunicação e o movimento indígena Kanindé com Cícero Pereira Kanindé em 7 de abril de 2021, **5. Aula de Saberes:** Movimentos Políticos, Agricultura familiar e saberes do plantar entre o povo Kanindé com Valdo Teodósio em 15 de abril de 2021, **6. Aula de Saberes:** O que os novos podem aprender com os mais velhos? Histórias e narrativas das velhas gerações do povo Kanindé – Fernandes e Gameleira de antigamente com Luzia Aprígio “Tia Luzia” em 22 de abril de 2021, **7. Oficina de Saberes:** Saberes, artes e modos de fazer objetos do povo Kanindé com José Constantino “José Maciel” vice Pajé Kanindé em 12 de junho de 2021. **8. Oficina de Saberes:** Saberes tradicionais e modos de fazer das artes Kanindé com Tereza Soares Kanindé em 19 de junho de 2021.

⁷⁴ **Mini Curso 1.** Cuidados com a Memória: Salvaguarda e Conservação dos Objetos do Museu Kanindé com Antônia Kanindé em 13 de março de 2021, **2. Mini Curso:** Museu Kanindé: Narrativas da Memória e Consciência Étnica com Suzenilson Kanindé em 20 de março de 2021, **3. Mini Curso:** A Antropologia Indígena do Povo Kanindé: Conhecimentos Tradicionais, Território e Memória com Reginaldo Kanindé em 26 de junho de 2021, **4. Mini Curso:** Interculturalidade e Processos Diferenciados no Povo Kanindé: Um Balanço de 20 Anos com Elenilson Kanindé nos dias 10 e 24 de julho de 2021, **5. Mini Curso:** Museu e Escola Indígena: Diálogos Interdisciplinares com Nilton Kanindé nos dias 17 e 31 de julho de 2021.

Na sequência, trazemos alguns desses relatos, como por exemplo, o depoimento do monitor do museu Kanindé Cleyssuan Fidélis na abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada dia 10 de março de 2021, ao afirmar o seguinte,

Boa tarde pessoal, boa tarde a todas as lideranças, cacique Sotero, Reginaldo, Elenilson, Pajé, Antônia, Alexandre, Suzenilson, não vou falar o nome de todo mundo não talvez eu esqueça de alguém, é primeiramente satisfação por participar da 3ª geração do núcleo educativo e dizer pro pessoal que estão chegando agora, isso contribui muito com a nossa vida, não só dentro do movimento indígena, mais também com seres humanos, eu quando estava no 6º ano eu era uma pessoa muito tímida, eu não gostava muito de falar. Na verdade, eu era muito tímido depois que eu resolvi entrar para o movimento indígena, que eu recebi o convite do Toim pra participar do núcleo educativo, na verdade foi um convite coletivo, o Toim passou nas salas convidando para participar do núcleo que estava funcionando. Eu pensei que eu não ia participar, aí eu comecei a pegar o gosto pelas ciências humanas, pela história, pela museologia, gostei e mim enturmei com o pessoal e resolvi mim manter e hoje eu mim sinto realmente realizado por fazer parte dessa equipe do museu e por ajudar o meu povo, é uma satisfação imensa sabe, de está participando da 3ª geração e vamos lá pessoal, diga ao povo que avance.

Já o depoimento da monitora do museu Kanindé Beatriz Lourenço, traz a seguinte fala,

É boa tarde gente, boa tarde a todos, queria saudar a mesa, dizer que estou morrendo de saudade e eu como a segunda geração eu tou me sentindo um pouco velha. Já aqui queria dizer boas-vindas para os novos integrantes que se juntaram a nós e dizer que a gente está junto e que estamos aí e falar também que no começo eu não gostava muito da questão da museologia, de museu, mais eu comecei a obter o gosto, hoje em dia não quero cursar a questão do museu mais eu quero me tornar uma grande jornalista pra divulgar a minha aldeia ou os trabalhos dos meus colegas com questão de reportagem, essas coisas, e dizer que eu estou aqui para contribuir e para o que precisar de mim e utilizar as mídias sociais. Eu mim sinto uma mestra na questão da tecnologia, aprendi muitas coisas nessa pandemia e falar que estamos juntos. Obrigado! (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

Já na narrativa de Suziany Santos, monitora do museu Kanindé, ao comentar sua participação, temos o seguinte depoimento,

É, boa tarde a todos! É um prazer está novamente estudando sobre o meu povo. É eu sou Suziany tenho 15 anos eu estudo na 1ª série do ensino médio e desde pequena que mim interesse pelo museu, pela museologia e estou muito feliz de está novamente estudando sobre a história do meu povo. (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

De forma complementar, o depoimento de Daiana Sampaio, diz assim,

Boa tarde! Meu nome é Daiana Sampaio, eu tenho 14 anos, tou no 9º ano do ensino fundamental, quero dizer que é uma honra participar da 3ª geração de monitores do museu Kanindé, e vou dá o meu melhor assim como todo mundo vai dá né, quero adquirir conhecimento para mim pra repassar esse conhecimento para outras pessoas, tou muito feliz de participar, uma honra imensa, obrigada. (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

Já o depoimento de Clarissa Brito, sobre sua participação no programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé, diz,

Primeiramente boa tarde! É meu nome é Maria Clarissa da Silva Brito, eu tenho 17 anos, estou cursando a 3ª série do ensino médio e é uma satisfação imensa tá podendo participar da 3ª geração do núcleo do museu e vou dá o meu melhor, nesse projeto que vai muito mais além do que a gente imagina porque ele vai dá bons frutos e para fortalecer mais ainda a nossa cultura, as nossas raízes e que o nosso conhecimento possa ser mais avançado para que podemos no futuro está passando o que aprendemos, o que a gente aprendeu para outras pessoas e é isso. Obrigado. (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

Douglas Silva, em suas palavras vem a público dizer,

Boa tarde a todos! Eu mim chamo Douglas, eu estudo na 1ª série do ensino médio e é um prazer imenso está trabalhando isso com vocês, ao lado dos meus amigos, tem pessoas aqui que eu já conheço que vou conhecer daqui pra frente também, mais nunca esperava isso já que eu tinha entrado numa escola diferente, esperava só ser como era antes, mais acabei entrando nesse mundo à frente, novos saberes, fiz novos conhecimentos junto com outras pessoas que eu não conhecia, mais aprendemos muito mais culturas, viagens, aprendendo mais um pouco da nossa história, do nosso povo, também do museu que guarda nossas culturas de antigamente, que também foi muito bom ouvir as palavras dos troncos velhos, nossas lideranças, muito obrigado!. (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

Thainá Lima, também fez seus comentários, ao pontuar assim,

Boa tarde! Eu sou Thainá Lima eu tenho 11 anos faço o 8º ano do ensino fundamental, eu tou fazendo parte deste grupo porque eu quero saber mais sobre o museu e com a importância dele eu tou gostando de

participar, eu quero ter muito aprendizado pra quando eu aprender repassar para outras pessoas. (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

Finamente, a monitora Valéria Gomes nos diz,

Oi gente, boa tarde! Meu nome é Valéria, faço a 1ª série do ensino médio e pra mim está sendo um prazer enorme fazer parte da 3ª geração que para mim vai ser excelente porque eu irei aprender coisas que hoje eu não sei, é ainda não sei sobre os nossos antepassados, estudar a história da luta do nosso povo, e assim, as conquistas. É isso! (Abertura do programa de formação da 3ª geração do museu Kanindé realizada no dia 10 de março de 2021).

A narrativa da juventude indígena Kanindé expressa nos diálogos deste trabalho nos leva a enxergar o espaço do museu, como um espaço de formação, espaço educativo e político envolvendo situações sociais diversas em torno das lutas no território e na territorialidade. Este grupo de monitores em torno destas formações são conjuntamente a equipe de coordenação do museu responsáveis por toda a gestão e ação educativa envolvendo os processos de construção social em torno das memórias do povo Kanindé. Aprenderam e aprendem com o mestre cacique Sotero e os demais guardiões da comunidade a serem também construtores de sentidos sobre o tempo, se formando dentro das novas gerações e é partindo nesta análise que percebo que este trabalho vai ter a função de formar outras novas gerações de intelectuais Kanindé, que também serão formados na Universidade das matas no sítio Fernandes partindo dos saberes e fazeres do museu Kanindé que traz na sua essência os saberes e formas de ensinar e de aprender de uma ancestralidade do mestre cacique Sotero ao longo do tempo apreendida pelos seus antepassados e ensinados por ele para as novas gerações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (Davi Kopenawa, 2015).

É pensando na possibilidade da reescrita da nossa história indígena, por nós e sobre nós, que trazemos essa experiência de escrita com o povo Kanindé para convidar outros parentes a se juntar ao nosso sonho na terra e sermos protagonistas. Os pesquisadores mestrandos Kanindé⁷⁵, que surgirão após esta experiência, terão também que desempenhar um grande papel de resistência na história indígena coletiva, que represente não somente o nosso povo, mas os povos indígenas em sua totalidade.

Se a nossa história indígena permaneceu durante muito tempo no anonimato, diante de uma apologia colonizadora; nos dias atuais, podemos confrontá-la e dar sentido à nossa história, estabelecendo forças em uma versão indígena sobre vida durante milhares de séculos e reescrevendo ao nosso modo próprio de aprender e ensinar na construção de nossos saberes e na garantia dos nossos direitos.

A constituição Federal do Brasil de 1988 nos garante o direito à terra, principalmente no seu Artigo 231 quando diz que “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e todos os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam competindo a união demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens”. (Brasil, 1988).

⁷⁵ Atualmente, além de mim **Suzenilson Kanindé**, temos na comunidade os seguintes indígenas Kanindé que estão estudando mestrado: **Antônio Nilton Gomes** (Nilton Kanindé) estudante do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB – Redenção Ceará. A **Rildelene Santos** (Rildelene Kanindé) estudante do mestrado em Sociobiodiversidade e tecnologias Sustentáveis pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB – Redenção Ceará. O **Reginaldo Santos** (Gina Kanindé) estudante do mestrado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB – Redenção – Ceará em parceria com a Universidade Federal do Ceará – UFC. A **Josilane Lima** (Josy Kanindé) estudante do mestrado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira – UNILAB – Redenção – Ceará em parceria com a Universidade Federal do Ceará – UFC.

A convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), através de lei, ratifica o autoconhecimento da identidade indígena ou tribal como critério fundamental para determinação de grupos étnicos, quando diz que “A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos que se aplicam da presente convenção”. (OIT, 2009)

O museu indígena Kanindé, ao ser criado em 1995 pelo seu fundador o mestre da cultura indígena cacique Sotero, tornou-se um espaço de excelência entre os povos indígenas, por suas diversas maneiras de apropriação em torno dos objetos, tendo em vista suas práticas tradicionais da identidade estabelecidas de acordo com suas realidades, o que primam suas operações em torno das narrativas da memória e da consciência étnica dos povos, das suas especificidades e das suas diversidades, pois segundo Gomes e Vieira Neto (2009, pg. 21),

A educação histórica e museológica se constrói de inúmeras maneiras. As formas como a memória se apresenta na sociedade são matéria prima para as nossas intervenções, seja em formas de ações educativas sistematizadas de pesquisas, análise e recriação das reflexões históricas, seja por meio da atuação política junto às comunidades. Busca-se a partir da memória local e do conhecimento de nossa história, lutar por interesses concretos, partindo sempre das demandas do presente, reconstruindo o pretérito baseando-se em projetos sociais autônomos, coletivos e alternativos ao modelo dominante.

O museu Kanindé, em suas mais magníficas atividades, certamente é uma experiência, um modelo em torno da criação de espaços museológicos indígenas, no qual os próprios indígenas se apropriam desse equipamento de criação do colonizador ao dinamizar as suas práticas museológicas próprias em torno de sua identidade étnica. Não existe um tipo concreto de museu indígena entre os povos indígenas, pois esses espaços, além de suas diversidades e especificidades, na sua essência, existem entre os mesmos como forma de traduzir uma apropriação de seus objetos de acordo com suas realidades.

Nosso objetivo, ao descrevermos este trabalho, foi traduzir como o museu dos Kanindé, ao longo de 25 anos de sua criação, pode estabelecer suas relações com os mais antigos por meio das memórias narradas no presente. Isso possibilitou e muito na organização da afirmação étnica dos Kanindé, pois o museu é uma possibilidade de expressão do próprio povo de uma forma de apropriação em torno de seu patrimônio para estabelecer relações entre as gerações sobre suas tradições de contar e narrar sua própria história.

Fundamental na caminhada para afirmação étnica Kanindé, sem dúvida, o Museu Kanindé com sua parceria junto à escola, com suas filosofias e metodologias de educação diferenciada, tem contribuído para o enriquecimento cultural e valorativo da cultura do povo Kanindé. Suas ações educativas e práticas de formação cultural buscam sempre formação de novas lideranças, possibilitando conhecimentos que garantam nossa sustentabilidade e bem viver na comunidade.

Os Kanindé sempre demonstraram ao caminhar por ser um povo forte, guerreiro, que sempre buscou formas de sobrevivência para se sobressair das dificuldades, dos preconceitos e das diversas perseguições dos opressores. Os mesmos são responsáveis por contar e refazer sua própria história, retirando de suas vidas os entraves que hoje servem como aprendizados de luta por afirmação indígena. Os guardiões da memória estão conseguindo fortificar, solidificar e enriquecer o movimento, a cultura e a afirmação étnica.

A presença dos artefatos e dos objetos sempre existiu dentro do museu; mesmos antes de se constituírem, já existiam nos seus gabinetes de curiosidades, os espaços nos quais reinava o exótico. Tudo era exposto para as pessoas ao mesmo tempo e aqueles locais, tempos depois, iriam ser chamados de museus e serviriam como espaço de estudo científico.

Portanto, neste trabalho, descrevemos sobre o trabalho de um espaço museológico, que está muito mais próximo da gente; por ser um museu que conta e relata a história do próprio povo em primeira pessoa. Neste espaço, no qual nos relacionamos, não existe o domínio do ele na narrativa do outro, por ser um espaço museológico que dialoga sobre si mesmo e sobre a própria realidade da comunidade.

Pensando o museu dos Kanindé numa construção e perspectiva coletiva com outras experiências museológicas indígenas, o território passa a ter um sentido no pensar indígena sobre a sua própria sobrevivência. A própria presença do museu e da comunidade se torna território de vivências, saberes e ofícios, que são conhecimentos que se interligam entre as gerações e seus processos próprios de ver o mundo com suas cosmologias.

Existe um diálogo entre as várias instâncias do povo Kanindé, que, partindo do próprio museu, envolve a escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, a Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA) e principalmente a comunidade, sendo algo que se caracteriza para além do território, compondo um “território da museologia indígena Kanindé”. Ou seja, o museu, para além do espaço físico, se torna uma esfera fundamental

como ferramenta que se soma a luta do povo Kanindé e, para, além disso, soma-se e contribui à luta de todos os povos indígenas, diante de seus processos de auto identificação étnica, organização social e preservação do patrimônio e da memória indígena.

Cacique Sotero, ao criar o museu dos Kanindé, em 1995, e no ano seguinte abrir ao público, estava pensando justamente em criar uma ferramenta política, social e cultural para dar sustentabilidade a própria identidade de seu povo, para preservar as suas autonarrativas e seu território sagrado. Com isso, estando presente no próprio museu seja nas referências do artesanato, da caça ou das próprias pessoas que circulam no território, pois tudo se caracteriza dando sentido ao entendimento dos saberes museológicos próprios dos Kanindé e suas apropriações.

A este respeito, (GOMES; VIEIRA NETO, 2009, p. 41), comentam que,

Suas memórias são interpretadas de forma a justificar, no presente, a conduta da comunidade em assumir-se herdeira de uma tradição que não se rompeu. Portanto, quais aspectos destas identidades em reconstrução serão (re) apropriados pelos indígenas como portadores de uma cultura ancestral? Uma dança o toré/torém, um saber fazer (o artesanato de tucum, a produção de objetos em cerâmica, as armadilhas de caça e pesca), uma origem comum (uma índia mateira, a terra do aldeamento ou de uma igreja), aspectos da religiosidade (presença de rezadeiras, rituais de pajelança, cantos de chamado para os caboclos da mata, a mediunidade á flor da pele).

A experiência aqui descrita do museu Kanindé potencializa saberes científico e saberes tradicionais, possibilitando assim a apropriação principalmente da juventude, dando possibilidades de representação de seus próprios conhecimentos e da sua coletividade indígena. É problematizando o próprio conceito de museu, que podemos estabelecer relações entre os povos indígenas, assim como podemos realizar através da formação do museu, na perspectiva dos museus indígenas, a desconstrução da imagem do índio estereotipado, assim traduzirmos a própria visão do indígena. O povo Kanindé tem usado muito bem a ferramenta museológica para auto afirmar sua identidade, para dizer que são Kanindé, e que têm um museu indígena na comunidade, pois o museu se relaciona com as esferas da comunidade e também com outros sujeitos da sociedade.

Isto se articula com a fala de Davi Kopenawa (2020, p.426), quando assim diz,

Em outra ocasião, levaram-me para visitar uma grande casa que os brancos chamam de museu. É um lugar onde guardam trancados os rastros de ancestrais dos habitantes da floresta que se foram há muito

tempo. Vi lá uma grande quantidade de cerâmicas, cabaças e de cestos, muitos arcos, flechas, zarabatanas, bordunas e lanças e também machados de pedra, agulhas de osso, colares de sementes, flautas de taquara e uma profusão de adornos de penas e de miçangas. Esses bens que imitam os do xapiri, são mesmo muito antigos e os fantasmas dos que os possuíram estão presos neles. Pertenceram um dia a grande xamã que morreu há muito tempo. As imagens desses antepassados foram capturadas ao mesmo tempo que esses objetos foram roubados pelos brancos, em suas guerras. Por isso digo que são posses dos espíritos.

Tais reflexões de Davi Kopenawa são elementos importantes para a discussão de uma museologia indígena que se tornou fato real entre os diversos povos indígenas no Brasil, com a criação da Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil em 2014 abriu-se no horizonte dos povos que possuem iniciativas voltadas a memória e ao patrimônio museológico nos seus territórios a possibilidade de não somente discutir os significados em torno dos sentidos, mais também dialogar em torno da criação de políticas públicas em torno dessas memórias.

Esta é a visão de um indígena Kanindé. Vendo a nossa própria história como uma resistência étnica dos diversos povos que habitaram e continuam habitando até hoje o nosso território. Este meu protagonismo de contar a nossa própria história, na nossa visão, na nossa versão se torna também uma forma de resistência. Foi nesse processo de luta que nós povos indígenas descobrimos a importância da memória e o seu papel enquanto ferramenta na apropriação sobre uma criação que não foi nossa, o museu ocidental, pois já percebemos como esta apropriação se tornou uma ferramenta e que pode ser muito importante no nosso reconhecimento e na escrita de nossas próprias interpretações sobre a história coletiva dos povos indígenas.

Por fim, este trabalho foi pensado na interdisciplinaridade que dialogam e se cruzam em três diálogos centrais entre a História que podemos chamar de uma nova história indígena que conta a história numa visão indígena. É também um trabalho antropológico, não por simplesmente se tratar de indígenas, mais por ser uma antropologia que estabelece um olhar indígena sobre uma perspectiva antropológica e por fim, é, sobretudo um trabalho de museologia indígena capaz de demarcar os aspectos políticos de afirmação, de não só de um conceito, de uma prática, de uma forma, mais que está dentro de um horizonte que dialogam e se cruzam a História – Antropologia e Museologia de forma interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio**. Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

ATHIAS, Renato. **A noção de identidade étnica na Antropologia Brasileira**. De Roquete – Pinto a Roberto Cardoso de Oliveira. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

ATHIAS, Renato. **Coleções Etnográficas, Museus Indígenas e Processos Museológicos** / Renato Athias e Alexandre Oliveira Gomes – Recife: Editora UFPE, 2018 (Coleção Étnico Racial).

BEZERRA, Antônio. **Algumas Origens do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 (Edição Fac- similar de 1918).

BROW, Alexander Dee. **ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO**. A dramática história dos índios norte – americanos; tradução de Geraldo Galvão Ferraz – Porto Alegre: L & PM, 2006.

CAMPOS, José Arimatéia Lima. **Aspectos Históricos – Econômicos Geo – Ambientais e Ecológicas do Maciço de Baturité**. Fortaleza: Fundação Cepema, 2000.

CUNHA, Manuela Carneiro Da. Introdução a uma História Indígena. In: CUNHA, Manoela Carneiro Da (Org). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 9-24.

CUNHA, Manuelina Carneiro Da. **ÍNDIOS NO BRASIL**. História, Direitos e Cidadania / Manuelina Carneiro da Cunha – 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CURY, Marília Xavier. Museologia e Conhecimento, Conhecimento Museológico – Uma Perspectiva dentre muitas. In: **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Vol. 1, II, Nº 5, maio/junho de 2014.

_____. (Org.). **Direitos Indígenas no Museu** – Novos Procedimentos para uma nova Política: A Gestão de Acervos em Discursão. Brodowski, São Paulo: ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 2016.

_____. Museus e Indígenas – Saberes e Ética novos Paradigmas em Debate: Introdução. In: (Org.). **Museus e Indígenas: Saberes e Ética, novos Paradigmas em Debate**. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

Dossiê: Denúncia sobre a situação territorial dos povos indígenas no Ceará. Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza – CDPDH. Fortaleza: Arte Visual Gráfica, 2015.

FEITOSA, Padre Neri, MARTINS, Raimundo Nonato Pereira. **De Cuhyté (Sesmaria) a Aratuba**. Canindé: Gráfica e Editora Canindé, 2011.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A Descoberta dos Museus pelos Índios. In: **Cadernos de Etnomuseologia**. Nº 01. Rio de Janeiro: Programa de Estudos dos Povos Indígenas, Departamento de Extensão – SR – 3, UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998, p. 5 – 29. (Circulação Interna).

GOMES, Alexandre Oliveira; VIEIRA NETO, João Paulo. **Museus e Memória indígenas no Ceará: Uma proposta em construção** / Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto – Fortaleza: Secult, 2009.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Aquilo é uma coisa de Índio: Objetos, Memória e Etnicidade entre os Kanindé do Ceará**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

GOMES, Alexandre Oliveira. **Museus Indígenas, Mobilizações Étnicas e Cosmopolíticas da Memória: Um Estudo Antropológico**. Tese (Doutorado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

_____. Por uma Antropologia dos Museus Indígenas: Experiências Museológicas e Reflexões Etnográficas. In: **Museus e Indígenas: Saberes e Ética novos Paradigmas em Debate** (Org. CURY, Marília Xavier). São Paulo: Secretaria da Cultura/ACAM Portinari, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016, p.133 – 155.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A TERRA DOS MIL POVOS**. História Indígena do Brasil contada por um Índio / Kaká Werá Jecupé; ilustrado por Taisa Borges. 2ª ed. – São Paulo: Petrópolis, 2020.

KRENAK, Ailton. **TEMBETÁ. Trajetória de pensadores indígenas no Brasil**. Lisboa, Portugal: OCA EDITORIAL, 2020.

KRENAK, Ailton. **A VIDA NÃO É ÚTIL** / Ailton Krenak; Pesquisa e Organização Rita Carele – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o Fim do Mundo** / Ailton Krenak – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Lidiane Damasceno. Museu Akãm Orãm Krenak: História, Informação, Exposição e Atividade. In: **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**. vol.10, nº 19, janeiro/junho 2021.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. **A QUEDA DO CÉU: Palavras de um xamã Yanomami** / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone Moisés -; prefacio de Eduardo Viveiros de Castro – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEAL, Vinicius Barros. **História de Baturité**. Época Colonial. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1981.

MARTINS, Suerdo Gomes; SANTOS, Suzenilson da Silva. **Pelas Veredas da Memória: História, Afirmação Étnica e Organização Comunitária entre os índios Kanindé**. 2016. Monografia (Licenciatura Intercultural Indígena PITAKAJÁ) – Universidade Federal do Ceará – UFC – Fortaleza – Ceará.

O Ensino da Temática Indígena: Subsídios didáticos para o estudo das socio biodiversidades indígenas / Juliana Alves da Silva e Tarcísio Augusto Alves da Silva (Org.). Prefacio Edson Silva – Recife: Edições Rascunhos, 2017.

OLIVEIRA, João Pacheco De. **O Nascimento do Brasil e Outros Ensaio**. “Pacificação”, Regime Tutelar e Formação de Alteridades / João Pacheco de Oliveira – Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

Padre Neri. **Origens do Canindé**. Escolar e Turístico (Monografia nº 5). Canindé: Instituto Memória de Canindé, 2002.

PALITOT, Estevão Martins (Org.). **Na Mata do Sabiá**. Contribuições sobre a Presença Indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará: IMOPEC, 2009.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu. MELO, Susilene Elias De. Museu Worikg e as Mulheres Kaingang. In: **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, vol.10, nº 19, janeiro/junho 2021.

PINHEIRO, Francisco José. História do Conflito. Os Povos Nativos e os Europeus no Ceará. In: PINHEIRO, Joceny (Org.). **Ceará: Terra da Luz, Terra dos Índios**. História, Presença, Perspectivas. Fortaleza: IPHAN: FUNAI: MPF, 2002, p.37 – 48.

Povos Indígenas no Ceará, Organização, Memória e Luta. Fortaleza: CDMAC (Memorial da Cultura Cearense), 2007.

PUNTONI, PEDRO. **A Guerra dos Bárbaros**. Povos Indígenas e a Colonização do Sertão do Nordeste do Brasil, 1650 – 1720. São Paulo: HUCITEC: Editora da USP: FAPESP, 2002.

SANTOS, Antônio Nilton Gomes Dos; SANTOS, Terezinha Gomes Dos. **A Importância do Ensino Indígena para o Desenvolvimento da Criança Kanindé**. 2016. Monografia (Licenciatura Intercultural Indígena PITAKAJÁ) – Universidade Federal do Ceará – UFC – Fortaleza – Ceará.

SANTOS, Suzenilson da Silva. Museu Kanindé: Fórum de Conhecimentos á ancestralidade Indígena. In: **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, vol.10, nº 19, janeiro/junho 2021.

SILVA, Aracy Lopes Da; GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi (Org.). **A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus.** Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SILVA, Aracy Lopes Da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.) **Antropologia, História e Educação: A Questão Indígena e a Escola.** 2ª ed. São Paulo: Global, 2001.

VARINE, Hugues De. **As Raízes do Futuro.** O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

DOCUMENTOS:

Assento de pazes com os Janduís de 10/04/1692. In: PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros. Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil.

ACERVO MUSEU KANINDÉ:

Carta Convite da II Assembléia dos povos indígenas do Ceará – 1995.

Certidão autêntica de transcrição referente ao imóvel denominado Fernandes localizado no lugar “São Francisco de Paula” sobre a serra hoje município de Aratuba. Data: 12 de março de 1884.

Depoimento da tia Judite, já falecida, na época com 76 anos setembro de 1996. Acervo do MK.

Escritura Pública de compra e venda assinada por Joaquim Rodrigues dos Santos e sua esposa Francisca Clara de Azevedo de um pedaço de Terra no lugar denominado Fernandes distrito de Coité, termo de Baturité datado de 15 de abril de 1874.

Jornal O Povo, 27 de outubro de 1995.

Jornal o Povo, 04 de agosto de 2006.

Jornal Diário do Nordeste, 14 de janeiro de 2002.

Jornal Diário do Nordeste, 17 de abril de 2002.

Jornal da Serra Edição março de 2001.

Qualificação de reivindicação da Terra Indígena Kanindé de Aratuba, 2011.

Registro de data e sesmaria aos tapuios da nação Canindé de 17 de agosto de 1734. Arquivo Público do Estado do Ceará: Livros de datas de sesmarias, vol.12, nº 108.

Relatório da 6ª Assembléia indígena no Ceará.

Sociedade Indígena Kanindé (Depoimentos de José Maria Pereira dos Santos-Sotero). Setembro de 1996.

DEPOIMENTOS/ENTREVISTA:

Depoimento de **Breno Rocha Santos**, (Breno Kanindé) monitor do Museu Kanindé 1ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Antônia da Silva Santos** (Antônia Kanindé) monitora do Museu Kanindé 1ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Francisco Nedson Gomes** (Edim) monitor do Museu Kanindé 1ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Camila Margarida dos Santos**, monitora do Museu Kanindé 2ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Dulce Maria Rodrigues** (Dulce Maria) monitora do Museu Kanindé 2ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Cleysuan Fidélis da Costa**, Monitor do Museu Kanindé 2ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Isaias Cruz** (Isaias Kanindé), monitor do Museu Kanindé 2ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Viviane dos Santos Bernardo**, monitora do Museu Kanindé 2ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **Elvys da Silva Brito**, monitor do Museu Kanindé 2ª Geração. Arquivo Museu Kanindé.

Depoimento de **José Maria Pereira dos Santos** (Mestre Cacique Sotero Kanindé), em outubro de 2018 durante palestra no III Fórum Estadual de Museus Indígenas do Ceará. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Antônia da Silva Santos** (Antônia Kanindé), durante o evento promovido pela Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e o Museu Indígena Kanindé em junho de 2020, intitulado: Ciências Tradicionais do povo Kanindé e a Relação com o Território. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Cícero Pereira dos Santos** (Cicero Kanindé – Liderança indígena), durante a Oficina: Território e Territorialidade do povo Kanindé em setembro de 2020. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **José Maria Pereira dos Santos** (Mestre Cacique Sotero) em 10 de março de 2021 na abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Manoel Constantino dos Santos** (Pajé Maciel) em 10 de março de 2021 na abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Francisco Bernardo da Silva** (Sinhô Bernardo – Liderança Kanindé) em 10 de março de 2021 durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Valdo Teodósio Araújo** (Valdo Kanindé – Liderança Kanindé) em 10 de março de 2021 durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Cícero Pereira dos Santos** (Cícero Kanindé – Liderança Kanindé) em 10 de março de 2021 durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Cleyssuan Fidélis da Costa**, monitor do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Antônia Beatriz da Silva Lourenço** (Bya Kanindé), monitora do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Suziany dos Santos Lourenço** (Suziany Kanindé), monitora do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Daiana Sampaio**, m monitora do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Maria Clarissa da Silva Brito**, monitora do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Douglas Silva**, monitor do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Thainá Lima**, monitora do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Valéria Gomes da Silva**, monitora do Museu Kanindé 3ª geração durante a abertura do programa de formação da 3ª geração de monitores do Museu Kanindé em 10 de março de 2021. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Antônia da Silva Santos** (Antônia Kanindé), durante o minicurso Cuidados com a Memória: Salvaguarda e Conservação dos Objetos do Museu Kanindé. Realizado no dia 13 de março de 2021 em atividade do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **Cícero Pereira dos Santos** (Cícero Kanindé) Durante a aula de saberes Pedagogias da Fogueira: Processos de Comunicação e o Movimento Indígena Kanindé, realizado no dia 07 de abril de 2021 em atividade do programa de formação da 3ª geração de monitores do museu dos Kanindé. Transcrito por Suzenilson da Silva Santos.

Depoimento de **José Maria Pereira dos Santos** (Mestre Cacique Sotero) no dia 21 de abril de 2021 durante entrevista no curso de comunicação digital do museu dos Kanindé.

ANEXOS:

ANEXO 1 – FICHAS E INVENTÁRIO PARTICIPATIVO E CLASSIFICAÇÃO DOS OBJETOS DO MUSEU KANINDÉ.

“AS COISAS DOS ÍNDIOS”

PONTO DE MEMÓRIA
Museu Indígena Kanindé



Memória – cultura – Identidade
Aratuba – Ceará – Brasil
I museu indígena do Ceará
II museu indígena do Brasil.

FICHA DE INVENTÁRIO

1. Coleção: Objeto "COISAS DOS ÍNDIOS"
2. Categoria: Artifatos
3. Subcategoria: Objetos materiais
4. Técnica-material: Escultura em madeira
5. Número de inventário: MK.011.104
6. Designação (nome do objeto, termo, nome popular e científico):
Caçado
7. Descrição do objeto (características iconográficas, estilísticas, marcas, inscrições, legendas):
Escultura de madeira com borbulado, com o nó grande no na ponta, algumas fendas nele, e ponta feita
8. Estado de conservação (bom, regular, ruim): Bom
9. Memória (época, origem, procedência, dados históricos, função, uso):

10. Localização-movimento: _____
11. Dimensões: _____
12. Observações (particularidades da peça e outras informações não contempladas):

13. Responsável pelo preenchimento da ficha de registro temporária (nome, data):
Conelia Gomes
14. Responsável pelo preenchimento da ficha de inventário (nome e data):
Antonio José - 01-07-2014

“AS COISAS DOS VELHOS”

PONTO DE MEMÓRIA
Museu Indígena Kanindé



Memória – cultura – Identidade
Aratuba – Ceará – Brasil
I museu indígena do Ceará
II museu indígena do Brasil.

FICHA DE INVENTÁRIO

1. Coleção: 13) objeto "COISA DOS VELHOS"
2. Categoria: (1) Artefato
3. Subcategoria: Equipamento musical
4. Técnica-material: taboca
5. Número de inventário: MK. 611 226
6. Designação (nome do objeto, termo, nome popular e científico):
Pifano
7. Descrição do objeto (características iconográficas, estilísticas, marcas, inscrições, legendas):
objeto musical meio amarelado, com 7 furos grandes e 1 pequeno, furo por dentro e tem 1 cordão amarrado ~~na~~ em uma das pontas.
8. Estado de conservação (bom, regular, ruim): Regular
9. Memória (época, origem, procedência, dados históricos, função, uso):

10. Localização-movimento: _____
11. Dimensões: _____
12. Observações (particularidades da peça e outras informações não contempladas):

13. Responsável pelo preenchimento da ficha de registro temporária (nome, data):
Francisco Nedson Gomes Batista 01/07/2014
14. Responsável pelo preenchimento da ficha de inventário (nome e data):
Francisco Nedson Gomes Batista

“AS COISAS DAS MATAS”

PONTO DE MEMÓRIA
Museu Indígena Kantindé



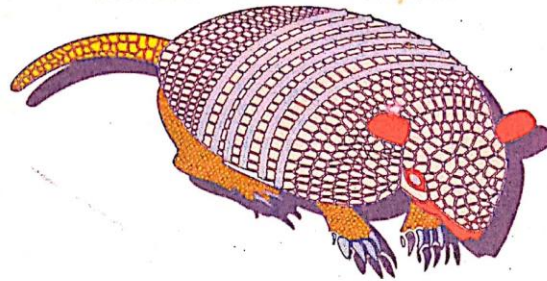
Memória – cultura – Identidade
Aratuba – Ceará – Brasil
I museu indígena do Ceará
II museu indígena do Brasil.

FICHA DE INVENTÁRIO

1. Coleção: 3. objetos "COISAS DAS MATAS"
2. Categoria: Zootaxifera
3. Subcategoria: Maknyfens
4. Técnica-material: Pelo, crânio, e ossos
5. Número de inventário: MK.011.361
6. Designação (nome do objeto, termo, nome popular e científico):
Puta de onça
7. Descrição do objeto (características iconográficas, estilísticas, marcas, inscrições, legendas):
Puta de onça de cor levemente alaranjada em seu pelo, os dentes são brancos com seus tons de preto.
8. Estado de conservação (bom, regular, ruim): Regular
9. Memória (época, origem, procedência, dados históricos, função, uso):

10. Localização-movimento: _____
11. Dimensões: 6 x 3 cm
12. Observações (particularidades da peça e outras informações não contempladas):
fechada com plástico
13. Responsável pelo preenchimento da ficha de registro temporária (nome, data):
Antonio Sorelde Aprijo de Souza 16/06/2014
14. Responsável pelo preenchimento da ficha de inventário (nome e data):
Antônio da Silva Santos 01/07/2014

PONTO DE MEMÓRIA
 Museu Indígena Kanindé



Aratuba – Ceará – Brasil
 I Museu Indígena do Ceará
 II Museu Indígena do Brasil.



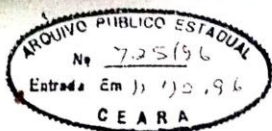
O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui. O museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu do tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque ai tem um pouco do retrato, da imagem de tudo. Tem a imagem do peba, do pote que foi feito antigamente, tudo ali foi um retrato dos nossos antepassados, retrato de quem construiu aquela história (Cícero Pereira – liderança dos Kanindé, de Aratuba/CE).

Livro
De
Tombo



2					
	Nº de inventário	Nome	Procedência	Est. de Conservação	Obs.
01	MK.OM.001	Pedra de pedra	Bom de Pedra	Regular	moada
02	MK.OM.002	Pedra	Pagada	Bom	zi. De
03	MK.OM.003	Pedra de larga	Pagada	Bom	
04	MK.OM.004	Fragmento de cerâmica	Pagada	Bom	
05	MK.OM.005	Pedra formada de cerâmica	Pagada	Regular	
06	MK.OM.006	Pedra formada de cerâmica	Pagada	Bom	
07	MK.OM.007	Pedra formada de cerâmica	Pagada	Bom	
08	MK.OM.008	Alça de cerâmica	Bom de cerâmica Judite	Bom	
09	MK.OM.009	Fragmento de cerâmica		Regular	
10	MK.OM.010	Cerâmica de cerâmica		Bom	
11	MK.OM.011	pedra lítica polida	Pedra	Bom	
12	MK.OM.012	Pedra formada de Pedra	Arqueológica	Bom	
13					
14	MK.OM.014	lamina de Mantendo e cerâmica	Serra de Pindá	Bom	
15	MK.OM.015	lamina de Mantendo e cerâmica	Quilombo Joca	Bom	

ANEXO 2 – CARTA DE SESMARIA DOADA AOS KANINDÉ EM 1731.



ESTADO DO CEARÁ

ARQUIVO PUBLICO DO ESTADO DO CEARA

Associação Missionária
 Brasileira, residente em Fortaleza,
 vem respeitosamente, solicitar, a V. S. se digno fornecer
 na Certidão, Sesmarias, realizada no ano, 1734
 na cidade de, Fortaleza,
 Fortaleza, 11 de Outubro do 1996

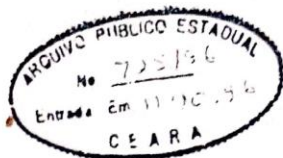
CERTIFIQUE-SE

Em 15 de Outubro de 1996

[Assinatura]
 DIRETORA

CERTIDÃO: - Em cumprimento ao despacho supra da Sra. Diretora desta Repartição, Certifico que, dando busca nos Livros de DATAS DE SESMARIAS, Volume 12º, Nº 108, foi encontrado o teor seguinte: - Registro de data e sesmaria dos tapuios da nação Canindé, posso do pello governador de Pernambuco, de uma sorte de terra de duas leguas, em Oxoju, concedida pelo Duarte Sodre Pereira Sibão, em 17 de Agosto de 1734, das paginas 81 a 82, do Livro n.11 das Sesmarias. Rezisto de data e sesmaria dos tapuyos da nação canindes, posso do pello governador de Pernambuco. Duarte Sodre Pereira Sibão donatario da villa de agoas Bellas do Conselho de sua Mage. qe. Deus gde. / governador e Capitão gnl. de Pernambuco e mais capitancias anexas etta. Fasso saber aos qe. esta carta de doaçam e sesmaria, virem qe. por parte dos Indios da nação caninde se me Representou a petição do thior seguinte; snr. general, Diz o principal da naçam canindês, qe. está vivendo no gremio da Igreja a mais de vinte annos/ sem terem tido Missionario e qe. por ôra Recorrem a vxca. e a Illmo. Sr. Bispo pa. lhe permitirem dar missionario pa. se aldiarem nas cabesseiras do xoro donde tem / terras de plantas, dizertas e desaproveitadas dOnde morarão os olandezes, paragem/ chamada muxio, Conçeder-lhe huã Legoa de terra, fazendo piam em hum olho de agoa, / na dita paragem o xuju, pa. fazerem a sua Aldeya e viverem com o seu Missionario, / outro Sy por detras da serra dos macacos está hum olho de agoa que fas campos com / palmeiral capas de se poderem Aldeyar, e ter campos de sustentaçam pa. o gado do / seu Missionario no dito olho de agoa pedem outra Legoa, por tanto; Pedem a vexca. / lhe faça mce. em nome de sua Mage. conceder duas Legoas de terra nas partes con- / frontadas por estarem dezertas, e desaproveitadas pa. se aldiarem em qualquer das /

SG 301 01



ESTADO DO CEARÁ

partes, onde for mais conveniente ao seu Missionario pa. elles e toda a sua dessem-
 dencia, e Recebeam mee. Despacho Informe o Capitam Mor Joan de Barros Braga decla-
 rando, a Capitania mor, a que pertence estas terras, se estas vagas, e que qualida-
 de de gentio hê este, e se foi ja Aldeado, olinda vinte e sete de favereiro de ///
 1731||Rubrica || Resposta,, Exmo. a Informaçam qe. posso dar a vexca., hê qe. es-/
 tes tapuyos da naçam Canindês, Sam naçidos e Criados na Ribeira de Jagoaribe e nun-
 ca tiveram Missionario, proprio, mas por caridade sam todos Bantizado e vivem no /
 gremio da Igreja, e as terras que pertendem por mee. de vxca. estas dezertas,, e /
 desaproveitadas, e não prejudicam aos moradores, antes hem utilidade e fazenda Re-
 al; por serem terras de plantas, onde se podem Lavrar mtas. farinhas, e servir a-/
 quella Aldeia de grande bem aos povoadores de quixeremobim, por lhe ficar a matris
 mais de sincoenta Legoas, vexa. mandara o qe. for mais conveniente e asertado||Jo-
 am de Barros Braga||Despacho||o mesmo Capitão mor declare quantos cazais sam os //
 Sptes. e se havera Missionario, qe. queira hir assistir cOm elles, por não haver or-
 dem pa. da fazenda Real fazer esta despeza, olinda 3 de mço. de 1731.||Rubrica|| /
 Resposta exmo. sr. os Cazais dos tapuyos canindes sam sincoenta pouco mais ou me-/
 nos, o Missionario que se oferresse hir assistir com ellø na Missam, mora na çidade/
 de olda. dizem hê sobrinho do padre Marcos frra. de vascos., o qual dizem quer hir,
 como as mais que tem hido sem adjutorio da fazenda Real, sô nessecita de ornamen-/
 tos, e huã Imagem pa. o Altar, e o padre se pode utilizar com porçam dos moradores,
 como dotos costumão fazer naquellas paragens e assim não dispende a fazenda Real /
 nada, sô sim nos ornamentos qe. hê couza Limitada, vexa. mandara o que for servida
 Re. 17 de mço. de 1731||Joam de Barros Braga|| oltimo despacho||Passe carta de sis-
 maria pa. os Suptes. de huã Legoa de terra somente qe. será a primeira qe. pedem,/
 sem prejuizo de tersseiro, e sem pençam por ser pa. os ditos Indios,, Re. 17 de //
 mço. de 1731||Rubrica||em vertude da faculdade que sua Magde. me Conçede no Capo./
 15 do Regimento deste go. atendendo a Suplica e nesseçidade dos Suptes., Hey por/
 bem de lhes dar, como pella presente o fasso, huã Legoa de terra em coadra no lu-/
 gar a sima confrontando na beira do Rio xoro, chamad Muxio, fazendo piam no olho /
 de agoa, o xoyai, sem foro, nem pençam alguã, exçeto dizimo a Deos, pa. se aldia-/
 rem, a qual terra, Lograram elles, e seus dessedentes, não prejudicando a terssei-
 ro, com todas as suas pertenças, e Logradouros, e daram por ellas Caminhos Livres/
 pa. fontes, e pedreiras, e pontes do Conselho, qe. por firmeza de tudo lhe mandey/
 passar a presente por mim assignada e sellada com o Signete de minhas armas, em ver-
 tude da qual ordeno aos Menistros de Justissa, e fazenda a qe. tocar,, lhes dam //
 posse affectiva, Reais e actual na forma costumada, e este se Rezistarã nos Livros



ESTADO DO CEARÁ

da Secretaria deste governo e mais a que tocar; Dada nesta praça de Pernambuco. aos treze dias do mes de março, Bento Soares Pera. a fim, anno de mil e setecentos e trinta e hum, o Secretario Joseph Duarte Cardoso a fim estava o Sello de Duarte Sodre Pra. / tibão e não continha mais a dita data ve. Rezistey nos Los. desta Secretaria do Ceará aos dezeseite dias de agosto de 1734 o escrivão das datas Simão gls. de souza. / Simão Gls. de souza. Rgda. na Secretaria de Pernambuco. no Lo. do Rezisto a fls. 103 v. 13 de março de 1731. Joseph Duarte Cardozo. É o que contém em dito livro, que foi copiado e datilografado fielmente. Eu, Clevindina Vasconcelos Rodrigues, Clevidina Rodrigues, dei a busca. Eu, Liduina Queiroz de Vasconcelos, Liduina Queiroz de Vasconcelos, datilografei. E eu, Nádia Pinheiro Silva, Nádia Pinheiro Silva, conferi. Arquivo Público do Estado. Fortaleza, 15 de outubro de 1996. Vai com o visto da Sra. Diretora.

AUTENTICAÇÃO

Em conformidade com o original
Fortaleza, 15 de outubro de 1996

WALDA WEYNE
Diretora

ANEXO 3 – ESCRITURAS DA TERRA DO POVO KANINDÉ – 1884 – 1885

Escritura Pública de compra e venda que faz e assinam JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS e sua mulher FRANCISCA CLARA DE AZEVEDO de um pedaço de terra no lugar denominado Fernandes destrito de Cuité termo de Baturité do que pagou siza e tudo como abaixo _____ os instrumentos de escritura pública. De compra e venda verem que sendo no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1874 aos 15 dias do mês de Abril, do dito ano neste sítio Marés destrito de Cuité termo de Baturité, provincia do Ceará, em casa de Joaquim Rodrigues dos Santos, aonde EU, escrivão de paz servindo de tabelião fiz visita por ser chamado, em minha presença compareceram partes justas e contratadas a saber de uma como venda _____ JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS e sua mulher FRANCISCA CLARA DE AZEVEDO e de outra como compradores, JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, RAIMUNDO FRANCISCO DOS SANTOS, e JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, todos conhecidos de mim tabelião e das testemunhas abaixo nomeados, no fim assinados do que dou fé. Por eles _____

e das mesmas testemunhas que são Senhores e possuidores de um pedaço de terra de plantar nas quebradas da serra do Baturité no lugar denominado Fernandes no destrito de Cuité do termo de Baturité provincia do Ceará. Cujos pedaço de terra estrema da forma seguinte: para o nascente extrema no Riacho denominado ALBINO, à cima do Olho d'água que tem no mesmo Riacho na confrontação de uma massaranduba que tem no aceiro do Roçado do falecido Manoel dos Santos. Para o Norte extrema com as terras dos mesmos vendedores MAJOR SIMÃO BARBOSA CORDEIRO, ficando os compradores com um roçado que ali tem um. Para o poente, extrema por detrais da serra do Rajado, daí extrema na Barra do Riacho Albino e Cassundé, torna para o nascente de onde começarão as referidas extremas. Assim extremados, vendem como de fato tenham de hoje para sempre aos senhores JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, RAIMUNDO FRANCISCO DOS SANTOS e JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, pelo preço e quantia de hum conto de réis, em moeda corrente que declaram já haver recebido dos compradores portanto disso pagavam-se de todo direito por posse _____ que em dito pedaço de terra tenham transferido na pessoa dos compradores para si, e seus herdeiros e que dela podiam tomar posse corporal, civil natural e Judicial como _____ constituam possuidores em nome dos compradores pela clausula constituinte que contra esse instrumento não vinham em tempo algum com dúvidas ou embaraços e vindo não queriam ser atendidos em juizo ou fora dele e que se obrigavam em todo o tempo fazerem esta venda, firme e valiosa e defendiam aos compradores em Juizo ou fora deles sendo chamados autoria em ação nos últimos julgados e se para a validade deste público instrumento lhe faltar algumas cláusulas todás as haviam por os preços co-

cont...pgg.2.

mo se de cada uma o fizessem declarada menção pelos compradores por dito/
 que o escrito vão este instrumento com todas as cláusulas e condições ne-
 le estipulado e logo pelos compradores me foi pelos compradores apresenta
 do o bilhete de siza o qual é do teor seguinte: " N^o 93 Coleturia do Muni
 cípio de Canindé, Imposto de Transmissão de Propriedade em exercício de /
 1873 a 1874 à folha do livro de receita fica lançado um débito ao atual /
 coletor a quantia de 60 mil réis , que pagou JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS
 do Imposto de Transmissão de Propriedade na razão de 6%, correspondente a
 Hum conto de réis, importância por que comprou a Joaquim Rodrigues dos San
 tos e sua mulher a um pedaço de terra no lugar denominado **Fernandes** , des
 te município . Em 02 de Abril de 1874. Coletor JOSÉ CORDEIRO DA CRUZ. É /
 o que consta do dito bilhete de siza ao qual me reporto e dou fé em teste
 munho da verdade assim disseram e outorgaram e aceitaram que fosse feito/
 o presente instrumento que depois de lhe ser lido, assinaram com as teste
 munhas, assinando a rogo dos compradores JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS , /
 JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, por não saberem escrever. JOÃO FRANCISCO DE SOU
 ZA, com as testemunhas MANOEL SEVERIANO DA SILVA e JOSÉ RIBEIRO DE FREITAS
 todos maiores da excessão conhecidos de mim escrivão da paz servindo de /
 tabelião LUIZ FRANCISCO DE MELO SILVA, que o escrevi. JOAQUIM RODRIGUES /
 DOS SANTOS a rogo de FRANCISCA CLARA DE AZEVEDO, JOAQUIM RODRIGUES DOS /
 SANTOS a rogo de JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, JOÃO FRANCISCO DE SOUZA /
 a rogo de JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS, JOÃO FRANCISCO DE SOUZA, RAIMUNDO /
 FRANCISCO DOS SANTOS, MANOEL SEVERIANO DA SILVA, e , JOSÉ RIBEIRO DE FREI
 TAS. E não mais nem menos se consistem em dita escritura a qual me repor
 to copiei do próprio original e neste me assino com o meu sinal público e
 dou fé que em uso o qual é.

Em fé e testemunho de ;

GOVERNO DO ESTADO CEARÁ
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA



DOCUMENTAÇÃO DE TERRENO
COMUNIDADE DE FERNANDES
PROPRIETÁRIO: RAIMUNDO FERREIRA DA
SILVA

UNIDADE ESTADUAL DO SISTEMA NACIONAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO CEARÁ

COMARCA DE BATURITÉ

CARTÓRIO "NÉLSON LIMA" - 2º OFÍCIO
 =REGISTRO IMOBILIÁRIO=

ANTÔNIO NÉLSON DE LIMA-Oficial de Imóveis
 ANTÔNIO NILSON CAVALCANTE LIMA-Suboficial

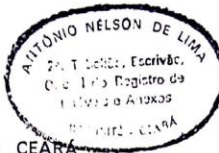
NATUREZA: CERTIDÃO autêntica da transcrição nº 968, às fls.76, do Livro 3-B(de Transcrição das Transmissões)-antigo e arquivado, referente ao imóvel denominado "Ferreirandês", localizado no lugar "São Francisco de Paula", sobre a serra, neste Município e Comarca, hoje, Município de Aratuba, da Comarca de Mulungú-Ceará.

BATURITÉ(CE), 20 DE JUNHO DE 1985.

(Handwritten signature)
 ANTÔNIO NILSON CAVALCANTE LIMA
 Substituto legal da ausência eventual do Titular



CARTÓRIO "NELSON LIMA" 2º OFÍCIO
 Av. Dom Bosco, 653—Fone: 347-03-06
 CEP—62.760 — CX. POSTAL 005
 BATURITÉ—CEARÁ



ESTADO DO CEARÁ
 COMARCA DE BATURITÉ

ANTÔNIO NÉLSON DE LIMA, Titular e Oficial de Imóveis, Títulos e Documentos, Protestos de Títulos, Tabelião de Notas, e anexos, do Cartório do Segundo Ofício da sede da Comarca de Baturité-Ceará, por nomeação legal, na forma da lei, etc.,
 ANTÔNIO NILSON CAVALCANTE LIMA, Escrevente Substituto, por nomeação legal, na forma da lei, etc.,

C E R T I D ã O III ---

CERTIFICO para fins e efeitos legais que, às fls.76, do Livro 2-B, antigo(arquivado) consta a transcrição nº 968, do imóvel denominado "Fernandes", localizado na Freguezia de São Francisco de Paula, hoje denominada "ARATUBA"-(cidade), datada de 12 de março de 1884, pertencente a Joaquim Francisco dos Santos e outros, o que passo a transcrevê-la fielmente, da forma seguinte:---

"Freguezia do imóvel: São Francisco de Paula.Denominação do Imóvel: Um pedaço de terra de plantar no lugar Fernandes.Característicos e confrontações do imóvel: Um pedaço de terra de plantar, no lugar denominado Fernandes nas quebradas, na serra de Baturité no Districto de Coité, extremado para o Nascente no riacho denominado Albino do Olho D' Água, que tem no mesmo riacho na confrontação vinte maçaranduba que tem no aceiro do roçado do falecido Manoel dos Santos; para o Norte com terras dos mesmos moradores e do Major(illegível)...Barbosa Cordeiro, ficando os compradores com os roçados que ali tem; ao Poente, por detraz da serra Rajada e dahi a extremar na boca do riacho e retorna para o nascente onde começamos as referidas extremas.Nome e domicílio dos adquirentes: Joaquim Francisco dos Santos; Raymundo Francisco dos Santos, e João Francisco dos Santos, residentes neste termo. Nome e domicílio dos transmitentes: Joaquim Rongis Santos e sua mulher, residentes neste termo.Título: Compra e venda. Forma do Título e Tabelião que o fez: Escritura pública. Tabelião-Francisco de Melo Silva.Valor do Contracto: Um conto de réis(1:000:000).Condições do Contracto: Não ha."

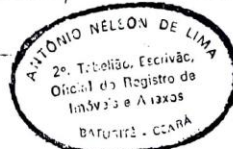
PROTOCOLO:---

"Nº 1617-Pág.78-Protocolo. Apresentada das 6 às 12 horas do dia .. 12 de março de 1884.-o Official(a) ISRAEL BEZERRA DE MENEZES."---

Está fiel ao original. Dou fé.-Certifico finalmente que, dado o estado, pelo tempo de existência do livro respectivo, a presente transcrição apresenta algumas palavras ilegíveis. Dou fé. Eu (ANTÔNIO NILSON CAVALCANTE LIMA), Suboficial, a datilografei, SUBS CREVO E ASSINO.

BATURITÉ(CE), 20 DE JUNHO DE 1985.

ANTÔNIO NILSON CAVALCANTE LIMA
 Substituto eap. a ausência eventual do Titular



...ano de 1707... para...
...de 1707... para...
...de 1707... para...

...de 1707... para...
...de 1707... para...
...de 1707... para...

...de 1707... para...
...de 1707... para...
...de 1707... para...

...de 1707... para...
...de 1707... para...
...de 1707... para...

...de 1707... para...
...de 1707... para...
...de 1707... para...

intende
criada

vidos
tam

Triguera do Emmanuel

João Francisco de Gante

Comunidade do Emmanuel

Non posso e não se planta em logar
denominado Tamariz -
Condições e condições de terra
Non posso e não se planta em lo-
gar denominado Tamariz em
quibras do lado e distante em Ter-
ra do lado extremamente fundo e nos
canto em Rocha denominada Alho e
cabo ergua que tem em comum com



tem em comum e locais de
Terra do lado e distante em Ter-
ra do lado extremamente fundo e nos
canto em Rocha denominada Alho e
cabo ergua que tem em comum com
Terra do lado e distante em Ter-
ra do lado extremamente fundo e nos
canto em Rocha denominada Alho e
cabo ergua que tem em comum com
Terra do lado e distante em Ter-
ra do lado extremamente fundo e nos
canto em Rocha denominada Alho e
cabo ergua que tem em comum com

Nome em comum em adquireto
João Francisco de Gante, Raymundo

ANEXO 4 – RELATÓRIO DA 6ª ASSEMBLÉIA INDÍGENA NO CEARÁ REALIZADA NA TERRA KANINDÉ DE ARATUBA EM NOVEMBRO DE 2000.

Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará
"TERRA DEMARCADA - VIDA GARANTIDA"
6ª Assembléia Indígena no Ceará
Terra dos Kanindé - Aldeia Fernandes - Aratuba
22 a 25 de novembro de 2000

R E L A T Ó R I O

1. Histórico

Os Povos Indígenas no Ceará, a partir do ano de 1982, iniciaram uma movimentação no sentido de se reorganizarem e recuperarem seu espaço vital no meio da sociedade cearense. Nesse movimento os Tapeba de Caucaia foram apoiados publicamente pela Arquidiocese de Fortaleza, na pessoa do Arcebispo Metropolitano, Dom Aloísio Lorchieder.

Em 1986/87 começa a articulação dos Tremembé do São José/Capim Açú e dos Tremembé de Almofala/Varjota, em Itarema/Acarau. Em seguida, os Pitaguary, em Maracanaú/Pacatuba; os Jenipapo-Kanindé, em Aquiraz e os Povos Indígenas localizados na região da Diocese de Crateús: Kalabaça, Kariri, Potiguara, Tabajara e Tupinambá. Por fim os Kanindé em Aratuba/Canindé.

O Movimento Indígena no Ceará se caracteriza, como em todo o Nordeste Brasileiro, na luta pela Identidade Étnica e pela Terra Indígena desses Povos. Como diz um ancião Tremembé : **"Onde tem o Torém tem o Índio, onde tem o Índio tem a Terra"**.

Essa luta pela reivindicação dos seus direitos tradicionais (artigo 231 da Constituição Federal de 1988) tem revelado a grande capacidade organizativa desses Povos, apesar dos sofrimentos resultantes da opressão de que sempre foram vítimas. E, na medida em que se organizam, enfrentam dificuldades e ocupam novos espaços públicos numa sociedade marcada pelo preconceito racial, de classe, mais eles crescem, ressurgem, renascem, se tornam visíveis. E, nessa animação, passam a manifestar-se, publicamente, reivindicando direitos tradicionais, depois de séculos de silêncio.

2. Campanha de Demarcação das Terras Indígenas

A partir de janeiro de 1993 o Movimento Indígena no Ceará se articulou pela primeira vez, entre si, em função da realização da Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará - "Terra Demarcada - Vida Garantida", movimento também organizado a nível regional e nacional, decidido e assumido pelos Povos Indígenas nas diversas regiões no Brasil.

Essa Campanha fez parte de um movimento internacional que se chamou "Ano Internacional dos Povos Indígenas no Mundo", iniciativa dos povos indígenas reunidos no plano mundial e apoiada pelo Centro dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas-O.N.U., no período de julho de 1993 a julho de 1994.

Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará
 6ª Assembléia Indígena no Ceará
 6ª Assembléia indígena - 22 a 25 de novembro de 2000

Durante esse tempo, que ainda continua (atualmente a proposta é o Decênio dos Povos Indígenas no Mundo, também apoiado pela O.N.U. em plano internacional), inúmeras atividades vêm sendo desenvolvidas, o que significou, apesar das dificuldades e entraves oficiais e da própria sociedade, um passo importante nesse esforço de serem conhecidos, re-conhecidos, apoiados.

Essa Campanha no Ceará tem contado com a realização de várias atividades: - umas já assumidas e outras novas, que foram marcando esse tempo de movimentação pública, coletiva, articulada, priorizando a luta pela demarcação da terra indígena e suas culturas.

Podemos mencionar algumas dessas atividades:

- as comemorações conjuntas na Semana dos Povos Indígenas, anualmente em abril, a partir de 1993, e de 1998 para cá a participação de eventos culturais em suas regiões, suas terras, na perspectiva de ampliar alianças e parcerias;
- as Assembléias Indígenas também anuais, cada vez em uma aldeia, a partir de 1994;
- a participação em eventos diversos, aproveitando momentos relacionados diretamente com a sua vida, sua cultura e necessidades, como:
 1. "Campanha Contra a Fome entre os Povos Indígenas" (1994);
 2. "Seminário sobre o Decreto 1775, de 1996" que alterou todo o processo de demarcação da terra;
 3. "Simpósio sobre Saúde, Terra e Educação Indígenas", em março de 2000;
 4. Exposições de fotografias, de desenhos e pinturas, painéis com a realidade indígena, em ocasiões e locais diversos;
 5. Momentos fortes de reivindicação, de denúncia, de solidariedade, individuais ou coletivos;
 6. Encontros de Formação de Lideranças novas, a pedido dos Tremembé. Em 1999 como o tema foi "A demarcação da terra indígena e a legislação indigenista", em julho, e as "Experiências de demarcação da terra no Nordeste", em dezembro, por solicitação dos Tapeba esses Encontros passaram a ser realizados em conjunto com Lideranças Indígenas no Ceará;
 7. II Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará, lançada em outubro de 2000, durante a Bienal Internacional do Livro, em Fortaleza;
 8. Um "2º Encontro de Experiências de Demarcação das Terras Indígenas no Nordeste", no final deste mês de dezembro, com assessoria de Lideranças Truká, da Ilha da Assunção, Cabrobó, Pernambuco.

3. 6ª Assembléia Indígena no Ceará

Neste ano a Assembléia realizou-se na Aldeia dos Fernandes, Terra do Povo Kanindé, em Aratuba, uma serra em plena região central do Ceará. Esse Povo Indígena também se localiza em algumas Comunidades no sertão do Canindé, município vizinho.

Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará
 "Terra Demarcada - Vida Garantida"
 6ª Assembléia indígena - 22 a 25 de novembro de 2000

Na preparação desta Assembléia a Comissão organizadora se articulou em diversos momentos, tanto nos Fernandes, Aratuba, como em Fortaleza, desde o mês de julho passado através da APOINME-Micro Região Ceará.

O tema escolhido foi: "Terra e Vida, Cultura e Resistência".

Uma Comissão de Lideranças Kanindé coordenou junto com as famílias locais os trabalhos de apoio na alimentação, na hospedagem dos quase 100 (cem) indígenas dos Povos participantes, assim como convidados, entidades de apoio, estudantes e amigos da região.

A abertura da 6ª Assembléia contou com um Ritual da Espiritualidade dos Povos presentes e também uma apresentação de crianças Kanindé, animados pelos professores das Escolas Indígenas locais. Os cantos e a dança muito bonitos.

O dia foi desenvolvido com manifestações individuais sobre os temas e à tarde grupos de trabalho para aprofundamento das realidades específicas, seguidos de uma grande plenária e a definição dos encaminhamentos de cada tema. As noites foram destinadas às manifestações culturais, brincadeiras, cantorias, piadas, teatro, uma grande animação a partir do Toré e do Torém.

No sábado, 25, o dia foi destinado à avaliação e definição dos encaminhamentos. Informações sobre os apoios recebidos, avaliação e prestação de contas das despesas realizadas e da destinação das sobras de alimentos (dividida entre as cozinheiras e duas escolas na aldeia).

Foi escrita uma Carta Aberta, assinada pelas Lideranças de todos os Povos presentes, e um Relatório elaborado por uma Comissão de Jovens que estamos aguardando nos sejam repassados.

O término da Assembléia foi antecipado para a tarde do sábado, 25, devido ao frio que estava muito forte para quem não tem costume com a temperatura na região, sobretudo à noite, e as pessoas não dispunham de agasalho suficiente para se protegerem. Também o trabalho se desenvolveu muito bem, tendo sido possível cumprir todo o programa previsto em menor espaço de tempo.

4. Outros Informes. Encaminhamentos

A Assembléia contou com uma coordenação formada pela Comissão da APOINME-Micro Região Ceará, composta de 07 membros, homens e mulheres de diversos Povos, divididos em pequenas equipes que se revezaram cada dia.

Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará
 "Terra Demarcada - Vida Garantida"
 6ª Assembléia indígena - 22 a 25 de novembro de 2000

A data da Assembléia quase coincidiu com um evento grande, acertado às vésperas, a 1ª Conferência do Distrito Sanitário Indígena, dia 20, em Fortaleza, e a Conferência de Saúde do Estado do Ceará, dias 21 e 22. Vários participantes da Assembléia também estavam envolvidos nessas Conferências de Saúde, por isso alguns Povos vieram desde o dia 19 e ficaram dois dias em Fortaleza, viajando para Aratuba no dia 23 de manhã cedo. Outros também tinham viajado para Campina Grande - aniversário dos 30 anos da Comissão Pastoral de Pescadores-CPP e de lá foram para o Recife, onde estava acontecendo um Curso sobre o Estatuto do Índio, a convite do Conselho Indigenista Missionário-CIMI-Nordeste, para Lideranças na região. Mas a grande maioria viajou para a terra dos Kanindé no dia 22, município de Aratuba, nos ônibus fretados.

Também aconteceu um evento importante nesses dias, uma Audiência Pública na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, em Fortaleza, sobre 03 assassinatos de trabalhadores rurais (Tremembé) ocorridos no Distrito de Patos, em Itarema, desde 1985, 1987 e 1989, em conflito de luta pela terra e há mais de 15 anos sem Julgamento pelo Fórum de Justiça do Estado do Ceará. Lideranças Tremembé participaram dessa Audiência Pública.

Para a Assembléia, os Povos Indígenas contaram com uma boa colaboração da Prefeitura local, um dos raros Prefeitos que está de fato ao lado deles. Cedeu um carro para ficar à disposição nas necessidades e casos de emergência durante todo o tempo em que estiveram reunidos; e atendeu a uma solicitação dos Kanindé sobre alimentos para as refeições nesses dias. A Secretaria de Cultura registrou, através de vídeo, boa parte da Assembléia. As Instituições e Entidades como: a FUNAI, o IDACE, a Escola-Creche Vila em Fortaleza, a Igreja Metodista, a IIª Região Metropolitana de Fortaleza, a Missão Tremembé, através do DED e Broederlijk Delen, o CDPDH-Pastoral Indigenista, a Comunidade Kanindé dos Fernandes, a vizinhança, colaboraram de diferentes maneiras.

As Assembléias Indígenas são marcadas, sempre, pela realidade desses Povos, por grande animação cultural e isso foi muito importante no momento atual para os Kanindé cuja terra ainda não reconhecida oficialmente pela FUNAI. Daí a importância desse momento não só para essa Etnia como para outras na mesma região que ainda não têm a decisão de se identificar publicamente.

Estiveram presentes :

- Vice-Presidente da FUNAI, Dr. Dinarte Madeiro, que visitou outras 03 terras indígenas: Tapeba em Caucaia, Pitaguary em Maracanaú e Jenipapo-Kanindé em Aquiraz, antes de se deslocar para Aratuba. Estava acompanhado do Petrônio Machado, Administrador Regional da Paraíba/Ceará, e do "Capitão" Potyguara, da Paraíba. . Depois das denúncias e reivindicações das Lideranças presentes o Dr. Dinarte fez referência ao avanço das lutas indígenas no Ceará, em tão poucos anos já com 04 terras indígenas reconhecidas oficialmente pela FUNAI. Prometeu a possibilidade de um Núcleo da FUNAI em Fortaleza, dada a dificuldade, segundo informou, de uma Administração Regional, que é uma reivindicação antiga dos Povos Indígenas no Ceará;

Campanha de demarcação das terras Indígenas no Ceará
 "Terra Demarcada - Vida Garantida"
 6ª Assembléia Indígena - 22 a 25 de novembro de 2000

- 02 assessores representando o Sr. Superintendente do IDACE-Instituto de Desenvolvimento Agrário no Ceará se ofereceram para apoiar os trabalhos de demarcação da terra indígena Tremembé do Córrego do João Pereira, em Itarema, desde que a FUNAI solicite oficialmente;
- Isabelle Braz, Socióloga, atualmente Doutoranda em Antropologia na UNICAMP, Professora na UFC, e Regina de Almeida, Historiadora da UFRJ, em visita à Fortaleza, para um evento realizado há poucos dias na Semana de Estudos Sociais do Curso de Ciências Sociais na UFC;
- Entidades Indigenistas - Associação Missão Tremembé e CDPDH-Pastoral Indigenista da Arquidiocese de Fortaleza; Silas e Solange, membros da Igreja Metodista;
- Estiveram também, além do Prefeito local, o Secretário de Cultura, o Médico do PSF-Programa Social da Família nos Fernandes, inúmeros professores e estudantes de Colégios de Aratuba, vizinhança, comunidades;
- Dra. Meire Fontes, Chefe do DSEI-Distrito Sanitário Especial Indígena no Ceará. O doutorando em Educação-UFC, - Babi Fonteles, a Diretora do IPREDE, Ana Maria Norões e uma Engenheira Florestal alemã, Sra. Guerda.

No final ficou confirmado pela Assembléia a realização das seguintes atividades propostas para o novo período de realização da Campanha de Demarcação:

- Encontro sobre "Experiências de Demarcação das Terras Indígenas no Nordeste", nos dias 26 a 29 deste mês de dezembro, em Fortaleza;
- Encontro de Pajés, Caciques e Lideranças dos Povos no Ceará, sobre a "Sabedoria e a Espiritualidade Indígenas", com a assessoria do Pajé Zequinha Xukuru (uma proposta antiga dos Povos no Ceará);
 - 4º Encontro de Professores Indígenas de Pernambuco, promovido pelo CODIPE, que será realizado na Aldeia do Povo TRUKÁ, Cabrobó-Pernambuco, nos dias 15, 16 e 17 de dezembro/00, do qual vêm participando Professores Indígenas no Ceará;
- O local da próxima Assembléia de 2001, proposto pelo Cacique João Venâncio e apoiado por todos os presentes, foi Poranga - Terra dos Kalabaça, dos Potiguara e Tabajara, a mesma Comunidade onde se iniciou esse movimento das Assembléias Indígenas no Ceará, em 1994.

Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará
 "Terra Demarcada - Vida Garantida"
 6^a Assembléia Indígena - 22 a 25 de novembro de 2000

5. Dificuldades e Avanços

5.1. Dificuldades

- A dificuldade mais reclamada da parte dos indígenas foi o clima, a situação geográfica (uma quebrada de serra muito íngreme e de difícil acesso para quem não tem costume e vive em terreno plano, clima quente, sem grandes variações);
- Outra dificuldade foi a alimentação, de forma diferente do costume da maioria: fava, alimento à base do milho, toucinho.... Sobretudo para os que vivem na praia era bem diferente. Tinha muita banana e bananas deliciosas, amadurecidas naturalmente, muita verdura, suco de frutas;
- Outra dificuldade é que nesses encontros, assembleias, geralmente os que vêm de outras aldeias ficam juntos, entre si. E desta vez não foi possível porque as casas são pequenas, já encontraram a divisão entre todas as famílias e certamente que uns tinham que andar mais, subir e descer em caminhos cheios de pedras, de difícil acesso, e não dava para ficar muita gente numa casa só;
- O fato de na mesma ocasião acontecerem vários eventos, de que não tínhamos conhecimento antecipado, criou muito problema nas aldeias porque tinha uma data acertada para viajarem para Fortaleza e na última hora mudou tudo (a realização das Conferências : Distrital de Saúde Indígena e Saúde Estadual mudaram de data quase interferindo no período da própria Assembléia Indígena). Para os que moram mais distante, sem facilidade de comunicação, foi muito difícil e eles mesmos se chatearam com essa mudança, que é uma complicação grande para eles aceitarem. A maior parte já chegou no dia 19 e foi uma despesa maior de hospedagem que não estava prevista;
- Apesar de as lideranças terem visitado todos os Jornais, TVs e Rádios, nada foi registrado pela imprensa que também não chegou até lá. Às vezes o fato de se situar a uma certa distância, fica mais difícil o deslocamento Mas nunca deixaram de fazer o registro. Talvez faltou uma outra comunicação nas vésperas como sempre fazemos.

5.2. Avanços, fatos novos

- Foi tudo muito bem pensado, preparado, planejado. Fazia tempo que as Lideranças não se articulavam tão bem, entre eles mesmos, com representação dos vários Povos. Isso garantiu que todo o processo da realização da 6^a Assembléia saísse sem dificuldades;
- A carta que eles escreveram convidando as Entidades, órgãos Públicos, ainda que muitos não tenham comparecido, teve um bom resultado com a participação inclusive do Vice-Presidente da FUNAI. A presença dos Assessores do IDACE, a disponibilidade para apoiar os trabalhos na demarcação das terras indígenas, as contribuições em alimentos, foi muito positivo;
- Não faltou nada em termos de alimentação, transporte, organização. O apoio da Broederlijk Delen, solicitado por nós da Missão, chegou na hora, ainda que o dinheiro só foi recebido depois;

Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará
"Terra Demarcada - Vida Garantida"
6ª Assembléia Indígena - 22 a 25 de novembro de 2000

- As entidades participaram numa colaboração mútua apesar de algumas sem dinheiro - a Pastoral Raízes Indígenas de Crateús assumiu as despesas de transporte dos representantes dos povos localizados naquela região, garantindo assim que o dinheiro que dispusemos (praticamente a Missão assumiu a grande maioria das despesas com o apoio financeiro dessa Entidade e da B.D.) tenha sido exatamente o que se precisou;
- A Comissão das Lideranças dividiu muito bem as parcerias que eles precisaram. E nessa proposta a Prefeitura de Aratuba contribuiu com toda a solicitação feita pelos Kanindé, o que foi inédito entre eles: alimentação, uma kombi durante os 04 (quatro) dias que durou a Assembléia, material para os crachás, cartazes, grupos de trabalho e registro em vídeo, com proposta de um documentário brevemente;
- Os dias da Assembléia Indígena foram de grande movimentação na região dos Kanindé, participantes de vários colégios (estudantes e professores), de comunidades, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da Prefeitura Municipal, da Secretaria de Cultura Municipal, do P.S.F.- Programa de Saúde da Família na área dos Kanindé;
- Os Kanindé estavam com muito receio - se achando pequenos demais para o tamanho do evento, um primeiro movimento grande com muita gente de fora. Mas ficaram muito satisfeitos, apesar de acharem que teve muitas falhas entre eles e da parte dos parentes de outras aldeias. Já se reuniram e fizeram uma avaliação e ficaram de vir deixar nesta semana em Fortaleza;
- Pelas conversas que tivemos por telefone com o Missionário que reside em Aratuba, e as informações das Lideranças que se comunicaram conosco, é possível que mais grupos Indígenas se assumam naquela região - temos conhecimento de um Grupo Jenipapo-Kanindé e outras Comunidades Kanindé - aparentemente até agora muito silenciosos. Agora se referem à "nossa assembléia" e isso pode representar um futuro maior para eles. E para esse sentimento tão forte referente à identidade étnica contribuiu, certamente, a grande animação cultural, seja nos momentos de espiritualidade, seja nos momentos das danças do Toré, do Torém, os rituais dos diversos Povos Indígenas no Ceará.

Fortaleza, 05 de dezembro de 2000